

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANDREA KNÖPFLE

RESULTATIVAS EM LÍNGUAS OCIDENTAIS  
GERMÂNICAS: GENERALIZAÇÕES  
DESCRITIVAS, DESCOBERTAS EMPÍRICAS E  
QUESTÕES ANALÍTICAS

CURITIBA  
Março de 2014

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ANDREA KNÖPFLE

RESULTATIVAS EM LÍNGUAS OCIDENTAIS GERMÂNICAS:  
GENERALIZAÇÕES DESCRITIVAS, DESCOBERTAS EMPÍRICAS E  
QUESTÕES ANALÍTICAS

Tese apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Letras, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Maximiliano Guimarães

CURITIBA  
Março de 2014

Catálogo na publicação  
Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607  
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Knöpfle, Andrea

Resultativas em línguas ocidentais germânicas : generalizações descritivas, descobertas empíricas e questões analíticas / Andrea Knöpfle – Curitiba, 2014.

236 f.

Orientador: Prof. Dr. Maximiliano Guimarães

Tese (Doutorado em Letras) – Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

1. Gramática comparada e geral - Sintaxe. 2. Gramática comparada e geral - Morfologia. 3. Construções Resultativas. 4. Predicação secundária. 5. Línguas ocidentais germânicas. I. Título.

CDD 415





## PARECER

Defesa de tese da doutoranda ANDREA KNÖPFLE para obtenção do título de **Doutora em Letras**.

Os abaixo assinados MAXIMILIANO GUIMARÃES, CILENE APARECIDA NUNES RODRIGUES, SÉRGIO DE MOURA MENUZZI, MARIA JOSÉ FOLTRAN e MARIA CRISTINA FIGUEIREDO SILVA arguiram, nesta data, a candidata, a qual apresentou a tese:

“RESULTATIVAS EM LÍNGUAS OCIDENTAIS GERMÂNICAS: GENERALIZAÇÕES DESCRITIVAS, DESCOBERTAS EMPÍRICAS E QUESTÕES ANALÍTICAS”

Procedida a arguição segundo o protocolo que foi aprovado pelo Colegiado do Curso, a Banca é de parecer que a candidata está apta ao título de **Doutora em Letras**, tendo merecido os conceitos abaixo:

Banca	Assinatura	APROVADA Não APROVADA
MAXIMILIANO GUIMARÃES		APROVADA
CILENE AP. NUNES RODRIGUES		APROVADA
SÉRGIO DE MOURA MENUZZI		APROVADA
MARIA CRISTINA FIGUEIREDO SILVA		APROVADA
MARIA JOSÉ FOLTRAN		APROVADA

Curitiba, 04 de abril de 2014 .

Prof. Dr. Rodrigo Tadeu Gonçalves  
Vice-Coordenador

## AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Prof. Dr. Maximiliano Guimarães, pelo apoio, oportunidade, confiança e dedicação. Agradeço o envolvimento com o trabalho e os valiosos ensinamentos.

Ao meu orientador de estágio de doutorado sanduíche (PDSE), Prof. Dr. Marcel den Dikken, por ter me aceitado na Cuny e me integrado na equipe, mas, sobretudo, pela grande atenção que teve com meu trabalho de pesquisa.

À banca examinadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cilene Rodrigues, Prof. Dr. Sérgio Menuzzi, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria José Foltran e Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Cristina Figueiredo Silva, pela atenção, sugestões e comentários. Agradeço também à banca suplente, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia Rodrigues, pela disponibilidade e comentários, e ao Prof. Dr. Roberlei Alves Bertucci, pela disponibilidade.

À banca de qualificação, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria José Foltran e Prof. Dr. Marcus Vinicius da Silva Lunguinho, pela atenção, sugestões e comentários.

Aos professores do departamento, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria José Foltran, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Cristina Figueiredo Silva, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ligia Negri, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Patrícia Rodrigues e Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Teresa Wachowicz, por estarem presentes e contribuindo com o meu trabalho.

Aos amigos e colegas do curso, pelo trabalho juntos, pela convivência e pela amizade. Especialmente, Mariana Trautwein, Marcos Carreira, Marina Legroski, Karen Duek, Christen Madsen II, Livy Maria Real Coelho, Flavio Martins de Araújo, Luana de Conto, Gesoel Mendes Junior, Beatriz Pires Santana, Álvaro Kasuaki Fujihara, Euna Cho, Kevin Patrick Guzzo e Corbin Neuhauser.

Aos meus informantes, especialmente os Knöpfles.

Ao secretário Odair Rodrigues, pela atenção e presteza.

Ao programa de pós-graduação em Letras da UFPR, sobretudo pela indicação do meu projeto de pesquisa à bolsa de doutorado sanduíche (PDSE).

À Capes, pelo apoio financeiro.

À minha família, Franz, Elzinir, Klaus e Sharon Eliza, pelo amor e apoio de sempre.

## RESUMO

Esta tese de doutorado investiga as construções resultativas em línguas ocidentais germânicas, tomadas com exemplos nos dados do alemão, inglês e holandês. Trata-se de um tipo de construção com leitura causativa, em que o verbo denota uma ação, e o resultado desta ação é expresso por uma sequência (tipicamente não descontínua) contendo um DP seguido de um AP (ou um PP). O AP/PP denota o estado alcançado pela entidade denotada pelo DP como resultado da ação verbal. Como exemplo, segue o dado (do alemão): *Er raucht Lungen kaputt* – ELE FUMA PULMÕES ESTRAGADOS – ‘*Ele fuma de forma que pulmões ficam estragados*’, em que ‘pulmões’ pode ser entendido como sendo os pulmões do próprio fumante e mais os pulmões dos que estão à sua volta. A primeira questão levantada se refere ao estatuto do DP enquanto theta-marcado ou não pelo verbo, tendo como base seu comportamento de poder ou não ser interpretado como argumento (semântico) do verbo. A base empírica que ilustra essa e outras questões é levantada na primeira parte da tese – que expõe as generalizações empíricas da literatura técnica, submete-as a exame minucioso e levanta novos dados, como forma de ora corroborar, ora questionar e ora refutar tais generalizações. Uma questão paralela também abordada diz respeito à variação translinguística, trazendo sobretudo dados do português brasileiro (língua reconhecida como não apresentando resultativas, assim como as outras línguas românicas); dados de outras línguas também são trazidos para ilustrar o fenômeno e questões a ele relacionadas. A hipótese de trabalho central é a de que a sequência DP+AP/PP forma um constituinte do tipo *Small Clause* (SC), que representa sintaticamente uma relação de sujeito e predicado, cuja estrutura é tomada nesta tese como sendo uma instância da projeção R(elator)P(hrased) (seguindo os trabalhos em den Dikken, 2006, 2007a, 2007b, bem como a teoria de localidade subjacente). Outra hipótese de trabalho toma o licenciamento da SC como sendo do tipo lexical-aspectual, com base nos trabalhos de Hoekstra (1988, 1992, 2004). A análise segue investigando as possibilidades de encaixe da SC no esqueleto da sentença como uma estrutura de adjunção ao VP ou como complemento do verbo, argumentando a favor da segunda, com base em suporte empírico e comparação com resultativas do coreano. Na sequência, o trabalho expõe construções com verbos de partícula e predicado adicional (onde se demonstra e se argumenta pela ocorrência de resultativas nesse ambiente), levantando e

testando novos dados, como forma de melhor compreender a organização interna das construções resultativas; adicionalmente, esses dados dão suporte para a hipótese de que existe um núcleo funcional de natureza aspectual, responsável por licenciar as resultativas. A generalização empírica de que o DP da SC é sempre objeto afetado (Hoekstra, 1988) é retomada e serve de base quando da análise estrutural. Sintaticamente, a análise propõe que o verbo toma como complemento uma projeção de natureza aspectual, que, por sua vez, toma a SC resultativa como complemento.

**Palavras-chave:** sintaxe, resultativas, papel temático, aspecto, mini-orção.



## ABSTRACT

This dissertation investigates resultative constructions in West Germanic languages, exemplified here with data from German, English and Dutch. Resultatives are known as a kind of causative construction, where the verb denotes an action and the result of this action is expressed by a (typically non discontinuous) sequence containing a DP followed by an AP (or a PP). The AP/PP denotes the state reached by the entity denoted by the DP as a result of the verbal action. Here follows an example (taken from German): *Er raucht Lungen kaputt* – HE SMOKES LUNGS RUINED – ‘*He smokes (in such a way) that the lungs end up damaged*’, in which ‘lungs’ can be interpreted as being the lung of the smoker itself plus the lungs of people around him. The first research question to be raised refers to the thematic status of the DP as being theta-marked by the verb or not, based on the (im)possibility of the DP being interpreted as a (semantic) argument of the verb. The empirical basis that illustrates this and other questions is presented in the first part of the thesis. Along with this presentation, new data are brought, and the well known generalizations from the technical literature are submitted to close scrutiny in order to either support, question and also refute some generalizations. On top of that, the issue concerning the crosslinguistic variation is addressed, exemplified with data from Brazilian Portuguese, a language which (like other Romance languages) is known for not having resultatives. Resultatives from other languages are also presented to illustrate the phenomenon and related questions. The central working hypothesis is that the sequence DP+AP/PP forms a *Small Clause* (SC) constituent, which syntactically encodes a subject-predicate relation. The SC syntactic structure is taken to be a R(elator)P(hrase) (following the work by den Dikken, 2006, 2007a, 2007b, and the associated theory of locality in there). The second working hypothesis assumes the licensing of the SC as being lexical-aspectual in nature, following the steps of the work proposed by Hoekstra (1988, 1992, 2004). The analysis proceeds by investigating how the SC fits in the larger syntactic structure, whether it is an adjunct to VP or a sister to the verb. The conclusion is that the latter possibility has more empirical and conceptual support, especially when we take resultatives in Korean as a basis for comparison. The dissertation then looks into complex particle constructions (in which it is argued/demonstrated that resultatives occur), along with new data and related tests, in order to achieve a better understanding of the inner structure of

resultatives; additionally, these data support the claim that there is a functional head, aspectual in its nature, responsible for the licensing of resultatives. The empirical generalization (Hoekstra, 1988) that the DP is always interpreted as an affected object is taken as an additional key to diagnose the fine details of the structural description. The analysis proposes that, at the syntactic level, the verb takes an aspectual projection as its complement, which in turn takes the resultative SC as its complement.

**Key-words:** syntax, resultatives, thematic role, aspect, small clause.

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	1
<b>CAPÍTULO I – GENERALIZAÇÕES EMPÍRICAS</b> .....	3
1.1 Resultativas: linhas gerais .....	4
1.2 Possibilidades ‘temáticas’ .....	9
1.2.1 Resultativas transitivas, intransitivas e ambíguas.....	9
1.2.2 Verbos transitivos ou morfologicamente complexos? .....	13
1.3 Resultativas, construções médias e passivas.....	19
1.3.1 Resultativas e construções médias.....	19
1.3.2 Uma nota sobre passivas .....	23
1.4 O sintagma resultativo .....	24
1.4.1 Sobre a categoria do sintagma resultativo.....	24
1.4.2 Morfologia do adjetivo.....	30
1.4.2.1 A generalização sobre participios e gerúndios .....	30
1.4.2.2 O adjetivo <i>bare</i> .....	31
1.4.2.3 Resultativas para além das línguas ocidentais germânicas .....	33
1.4.2.4 Retomando participios e gerúndios.....	36
1.5 Resultativas ‘aparentes’: resultativas adverbiais e pseudoresultativas.....	38
1.6 Resultativas inacusativas .....	45
1.7 Resultativas em PB/ línguas românicas.....	51
1.7.1 (Im)possibilidade de resultativas no PB.....	51
1.7.2 A <i>modificação extra</i> no adjetivo.....	55
1.7.3 (Im)possibilidade de resultativas no italiano.....	57
1.7.4 Algumas questões .....	58
1.7.5 Resultativas inacusativas no PB .....	60
1.7.6 Uma nota sobre resultativas no japonês.....	62
1.7.7 Retomando a (im)possibilidade de resultativas em PB.....	64
1.8 Considerações: retomando as generalizações empíricas .....	66
<b>CAPÍTULO II – O CONSTITUINTE [DP AP/PP/NP]</b> .....	69
2.1 Sobre <i>Small Clauses</i> .....	70
2.2 Duas análises para resultativas .....	73
2.2.1 Kratzer (2005).....	73

2.2.2	Hoekstra (1988, 1992, 2004).....	79
2.2.2.1	O sintagma resultativo e DP (afetado) enquanto SC .....	79
2.2.2.2	A SC como complemento do verbo .....	81
2.2.2.3	Licenciamento da SC .....	84
2.2.2.4	Formalização do licenciamento da SC.....	88
2.2.2.5	Sobre verbos ergativos/ inacusativos .....	91
2.3	Questões e considerações.....	95
2.3.1	Primeiras assunções .....	95
2.3.2	Inacusativos .....	96
2.3.3	Atribuição temática: uma alternativa .....	98
2.3.4	VP (infinitivo): uma questão aberta.....	99
2.3.5	Sobre o verbo <i>congelar</i> .....	100
2.3.6	A SC resultativa e sua estrutura: próximos passos .....	103
<b>CAPÍTULO III – A SC RESULTATIVA E SUA ESTRUTURA.....</b>		<b>104</b>
3.1	A estrutura interna da SC.....	105
3.1.1	Linhas gerais e predicação primária .....	105
3.1.2	Predicação secundária e SCs .....	108
3.1.3	Teoria de localidade: <i>Phase Extension</i> .....	110
3.1.4	Sobre a natureza do <i>Relator</i> em SC resultativas.....	118
3.1.5	Papel temático e predicação .....	119
3.2	A SC resultativa na estrutura sintática.....	123
3.2.1	Resultativas e a ordem dos constituintes.....	123
3.2.1.1	Sobre a ordem dos constituintes .....	123
3.2.1.2	A SC adjunta ao VP em alemão .....	125
3.2.1.3	V2 e <i>V-final</i> .....	129
3.2.2	SC adjunto x SC complemento: questões.....	131
3.2.3	A interpretação temporal da predicação: Guéron & Hoekstra (1995).....	133
3.2.4	SC adjunto: resultativas do coreano.....	139
3.2.5	A SC resultativa na estrutura sintática: considerações .....	147
<b>CAPÍTULO IV – LOCATIVAS E PARTÍCULAS VERBAIS.....</b>		<b>148</b>
4.1	Resultativas e locativos.....	149
4.2	Partículas verbais.....	153
4.2.1	Partículas verbais e sintagmas resultativos: distribuição .....	153
4.2.2	<i>Complex particle constructions</i> .....	154
4.2.3	Partículas verbais e resultativas.....	158
4.2.4	Expandindo a base empírica.....	162

4.2.5	Considerações.....	168
<b>CAPÍTULO V – UMA PROPOSTA DE ANÁLISE .....</b>		<b>169</b>
5.1	A questão temática.....	171
5.1.1	Resultativas ‘transitivas’, ‘intransitivas’ e ‘ambíguas’ .....	171
5.1.2	Resultativas inacusativas.....	175
5.2	Projeção aspectual AspP .....	178
5.3	Sobre a composicionalidade semântica.....	181
5.4	Sintaxe .....	188
5.4.1	Descrição estrutural .....	188
5.4.2	Descrição estrutural para as inacusativas.....	195
5.4.3	Sobre a descrição estrutural acima do VP.....	201
5.4.4	As representações estruturais .....	204
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS E DESDOBRAMENTOS.....</b>		<b>210</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>		<b>214</b>

---

## INTRODUÇÃO

Esta tese de doutorado trata das construções sintáticas chamadas *resultativas*, fazendo parte do escopo empírico do trabalho as línguas ocidentais germânicas, representadas aqui pelo inglês, alemão e holandês. O fenômeno estudado, tanto na sua parte empírica quanto teórica, é um recorte do que se costuma chamar na literatura técnica de ‘estruturas de predicação’. Em (01), observamos alguns exemplos:

- (01) a. He hammered the metal flat. (*inglês*)  
Ele martelou o metal plano  
‘Ele martelou e o resultado foi o metal plano/achatado.’/ ‘Ele achatou o metal, martelando-o.’
- b. Er hat das Papier naß geniest. (*alemão*)  
Ele teve o papel molhado espirrado  
‘Ele molhou o papel, espirrando sobre ele./ Ele espirrou, molhando o papel.’
- c. Hij kocht de winkel leeg. (*holandês*)  
Ele comprou o mercado vazio  
‘Ele comprou (tanto/de forma tal) e o mercado ficou vazio.’

Os dados em (01), como amostra da base empírica, constituem apenas a ponta do *iceberg* quando o assunto é a descrição estrutural das resultativas. Então, a proposta é investigar questões sintáticas, principalmente, mas ainda questões morfológicas e semânticas do objeto de estudo, além de apresentar dados inéditos e desafiadores para as análises até então propostas. Nesse sentido, a contribuição da pesquisa tem relação direta com as generalizações empíricas acerca das resultativas: levantando as generalizações (muitas delas tradicionais) na literatura, ora corroborando-as, ora questionando-as.

Ao descrever o objeto de estudo, é preciso delimitá-lo. Nesse ponto, torna-se relevante a comparação das resultativas nas línguas objeto de estudo com outras línguas, sobretudo com línguas românicas. A justificativa é de que existe uma certa polêmica na literatura a respeito da existência ou não da construção nas línguas românicas; a

questão, portanto, será levantada e investigada, tomando como língua base de comparação entre as línguas românicas o português brasileiro (PB).

Resultativas (ou seu equivalente) em coreano, finlandês, húngaro, norueguês, mandarim e japonês serão apontadas no decorrer na tese. A presença de resultativas em outras línguas é necessária, em alguns momentos, como forma de justificar algumas escolhas teóricas e analíticas. Adicionalmente, resultativas em línguas diversas têm como objetivo ilustrar a extensão do fenômeno.

A tese está dividida em cinco capítulos. O primeiro deles apresenta a maior parte da base empírica, com o objetivo principal de descrever o objeto de estudo e levantar/discutir as generalizações empíricas. O capítulo 2 sintetiza abordagens sobre resultativas que servirão de base para a proposta de análise desta tese, levantando algumas questões. O terceiro capítulo apresenta a base teórica que será assumida para a proposta de análise. Adicionalmente, o capítulo 3 traz dados de resultativas em outra língua como forma de também justificar algumas escolhas teóricas para a análise. O quarto capítulo apresenta dados adicionais, que servirão de base para a proposta de análise, assunto do capítulo 5.

A base teórico-metodológica na qual a maior parte do trabalho desta tese se sustenta para traçar generalizações empíricas numa metalinguagem formal explícita advém da Teoria Gerativo-Transformacional, em sua versão de Princípios e Parâmetros pré-minimalista (Chomsky 1981, 1986, 1993, 1995; Chomsky e Lasnik 1993; Rizzi 1990, *inter alia*). A proposta de análise que ofereço ao final na tese parte desta base, acrescentando-se a ela orientações e ingredientes do Programa Minimalista (Chomsky, 1995; den Dikken, 2006), aplicadas a releituras críticas de trabalhos pré-minimalistas, sobretudo Hoekstra (1988, 1992) e Kratzer (2005).

# CAPÍTULO I

## GENERALIZAÇÕES EMPÍRICAS

A proposta deste trabalho, de uma forma geral, é investigar principalmente questões sintáticas (e, em menor escala, questões morfológicas e semânticas) do objeto de estudo conhecido como *resultativas*. Para tanto, o primeiro capítulo compreende a apresentação da maior parte da base de dados, com o objetivo de descrever as resultativas e traçar as generalizações empíricas.

Quando o assunto é resultativas, existem generalizações empíricas tradicionais e bem estabelecidas na literatura, que serão colocadas aqui. Face aos dados já conhecidos e aos novos aqui apresentados, tais generalizações serão ora reforçadas, ora confrontadas e revistas.

O quadro teórico utilizado é o da Teoria Gerativo-Transformacional, na sua versão de Princípios e Parâmetros, seguindo orientações do Programa Minimalista.



## 1.1 Resultativas: linhas gerais

Resultativas são geralmente tratadas como um tipo de construção com semântica causativa, presentes em línguas como o inglês (Carrier & Randall, 1992; Levin & Rappaport, 1995), holandês (Hoekstra, 1988, 1992) e alemão (Kratzer, 2005). Neste tipo de construção, o verbo principal (V) denota uma ação (cujo agente é expresso pelo sujeito (DP<sub>NOM</sub>)), e o estado resultante da ação é denotado pela combinação de um sintagma adjetival (AP) ou ainda preposicional (PP) (aos quais chamarei de *sintagma resultativo*) e um DP Acusativo (DP<sub>ACC</sub>), como mostram os exemplos em (1):

- (1) a. He shot him dead. (inglês)  
 a'. Er schoss ihn tot. (alemão)  
 Ele atirou ele<sub>ACC</sub> morto  
 'Ele o matou, atirando nele.'
- b. He drunk the teapot empty. (inglês)  
 b'. Er trank die Teekanne leer. (alemão)<sup>1</sup>  
 Ele bebeu a chaleira vazio  
 'Ele esvaziou a chaleira, bebendo o seu conteúdo.'
- c. Hij schreeuwde zijn keel rauw. (holandês)  
 c'. He screamed his throat sore. (inglês)  
 Ele gritou sua garganta machucado/inflamado.  
 'Ele gritou (tanto/de forma tal) que sua garganta ficou machucada/inflamada.'
- d. Zij at zich moddervet. (holandês)<sup>2</sup>  
 d'. She ate herself very fat. (inglês)  
 Ela comeu REFL.<sup>3</sup> muito-gordo  
 'Ela comeu (tanto/de forma tal) que ficou muito gorda.'
- e. He painted the house yellow. (inglês)  
 Ele pintou a casa amarelo<sup>4</sup>

<sup>1</sup> Exemplo baseado em Kratzer (2005). Em toda a tese, as glossas e traduções para o PB são minhas, exceto quando indicado.

<sup>2</sup> Exemplos (c-d) do holandês de Hoekstra (1988:116).

<sup>3</sup> Nas glossas, adotarei a abreviação REFL. para reflexivo.

<sup>4</sup> Nas minhas glossas para o PB, o leitor vai notar que os adjetivos estão, aparentemente, na forma masculina e singular. Minha intenção, no entanto, é representar o adjetivo sem marcas de flexão/concordância de gênero e número. Pensando em uma abordagem à *la* Mattoso Camara Jr. (1970), o adjetivo das glossas não tem o sufixo flexional ou desinência *-a* (marcador de feminino) nem *-s* (marcador de plural); crucialmente, esse adjetivo também não teria o morfema zero marcador de singular

‘Ele pintou a casa, que ficou amarela.’

Descritivamente, o DP<sub>ACC</sub> (ou reflexivo) denota a entidade que sofre a ação denotada pelo verbo, e o resultado desta ação é denotado pelo AP ou PP. A maioria dos exemplos usados serão de resultativas formadas com AP, mas a hipótese nula é de que PPs também possam participar de resultativas. Empiricamente, parece haver alguma restrição quanto a resultativas de base PP. Já resultativas de base NP são ainda mais restritas. Resultativas de base VP são impossíveis nessas línguas.<sup>5</sup>

Hoekstra (1988) coloca a generalização empírica de que o DP<sub>ACC</sub> da resultativa é sempre um ‘objeto afetado’ (*affected object*),<sup>6</sup> e não um ‘objeto alcançado’ (*effected object*). Nesse sentido, o ‘objeto afetado’ pré-existe à ação verbal. O autor nota que verbos como *paint* (em *to paint a house*) são ambíguos nesse sentido, por poderem tomar como complemento tanto um ‘objeto afetado’ quanto ‘objeto alcançado’. Porém, em uma resultativa como em (01)e, tal ambiguidade não se coloca, uma vez que o DP *the house* é ‘objeto afetado’ pela ação verbal.

Outra generalização empírica é que o adjetivo (ou sintagma resultativo, de uma forma geral) sempre predica (atribui propriedade) do DP<sub>ACC</sub>, e nunca do sujeito da sentença.<sup>7</sup> Há resultativas em que o DP<sub>ACC</sub> se realiza como um pronome reflexivo, chamado de *reflexivo falso*.<sup>8</sup> Nelas, o adjetivo refere-se à anáfora, que é sempre correferencial com o sujeito ((3)a).<sup>9</sup> A ausência do reflexivo gera um dado agramatical (3(b)), assim como tal reflexivo não é argumento do verbo (3(c)):<sup>10</sup>

---

nem o morfema zero marcador de masculino. A morfologia do adjetivo será tratada na seção 1.4.2 deste capítulo.

<sup>5</sup> Retomarei a questão sobre a categoria do sintagma resultativo na seção 1.4.1.

<sup>6</sup> Beavers (2008) observa que a noção de afetação (*affectedness*), embora muito utilizada em trabalhos sobre sintaxe e semântica lexical, raramente recebe uma definição precisa e linguisticamente motivada. Assim, ‘afetação’ fica restrita a uma noção intuitiva, que seria algo como *uma mudança observada em um participante de evento*. Para esta tese, mantereí a noção intuitiva observada em Hoekstra (1988), que será retomada especialmente no capítulo 5.

<sup>7</sup> Pelo menos nas línguas ocidentais germânicas aqui estudadas. Abordarei o assunto com mais detalhes no capítulo 3. Excluem-se ainda desta afirmação as construções com verbos inacusativos, em que o sujeito de superfície é quem sofre a ação verbal. Nesses casos, o DP que sofre a ação verbal é Nom. Falarei especificamente sobre as resultativas inacusativas na seção 1.6.

<sup>8</sup> Apesar de o termo ‘falso’ ser adequado, uma vez que não existe uma entidade X que pratica e ao mesmo é afetada pela ação, o DP *herself* em (3)a é uma anáfora genuína, e somente assim é que a estrutura fica gramatical.

<sup>9</sup> Essa observação data de Simpson (1983).

<sup>10</sup> Levin & Rappaport (1995) afirmam que se trata de um mecanismo sintático para permitir que o sintagma resultativo seja interpretado como se fosse predicado do sujeito do verbo inergativo, mas ainda estando em conformidade com a *Direct Object Restriction (DOR)* - restrição adotada pelas autoras para garantir que o sintagma resultativo é predicado do NP pós-verbal, e não do sujeito nem do complemento oblíquo.

- 
- (3) a. Dora<sub>i</sub> shouted herself<sub>i</sub> hoarse.  
Dora gritou REFL. rouco  
'Dora ficou rouca por gritar.'
- b. \*Dora shouted hoarse.  
c. \*Dora shouted herself.<sup>11</sup>

Vale notar que resultativas com reflexivos falsos são produtivas. Coloco em (4) alguns exemplos produzidos espontaneamente por informantes nativos alemães:

- (4) a. Sie hat sich (förmlich) krank geschuftet.  
Ela teve REFL. (praticamente) doente trabalhado-pesado  
'Ela ficou doente por ter trabalhado pesado.'
- b. Auf dem Viktualienmarkt kann man sich arm kaufen.  
Sobre o mercado-Viktualien pode a-gente REFL. pobre comprar  
'Ao fazer compras no mercado Viktualien, pode-se ficar pobre.'
- c. Trudel und Egon haben sich tot gebumpst.  
Trudel e Egon tiveram se morto transado  
'Trudel e Egon se mataram de tanto transar.'

Interessantemente, podemos ser bem 'criativos' quando se trata de formar resultativas em holandês e alemão. Vejamos mais alguns exemplos em (5), para o holandês, e (6), para o alemão.

- (5) a. Hij liep zijn schoenen scheef  
Ele correu seus sapatos fora-de-esquadro  
'Ele correu (de forma tal), que seus sapatos ficaram tortos.'
- b. De boorhamer dreunde mij doof  
A britadeira bateu me surdo  
'A batida da britadeira me deixou surdo.'
- c. Hij zeurde mijn kop gek  
Ele choramingou minha cabeça louca  
'Ele choramingou de forma que minha cabeça ficou louca.'
- d. Zij veegden de bezem aan flarden<sup>12</sup>  
Ele varreu a vassoura em pedaços.  
'Ele varreu e por isso a vassoura ficou em pedaços.'

---

<sup>11</sup> Exemplos de Levin & Rappaport (1995:35).

<sup>12</sup> Exemplos de Hoekstra (1988:115,116).

- (6) a. Das Kind hat das Bett voll gekotzt.  
A criança teve a cama cheio vomitado  
'A criança vomitou por toda a cama.'
- b. Er hat das Papier naß geniest.  
Ele teve o papel molhado espirrado  
'Ele molhou o papel, espirrando sobre ele./ Ele espirrou, molhando o papel.'
- c. Der Patient hat das Leintuch schmutzig geblutet.  
O paciente teve o lençol sujo sangrado  
'O paciente sujou o lençol, ao sangrar sobre ele.'
- d. Arbeiten Sie sich gesund!<sup>13</sup>  
Trabalhe 3.p.pl.formal REFL. saudável  
'Fique saudável trabalhando!'

Sobre resultativas nas línguas objeto de estudo, foi apontada na literatura (Hoekstra, 1988) uma possível diferença de 'liberalidade', segundo a qual o holandês é (aparentemente) mais liberal que o inglês quando se trata de resultativas (ou, como coloquei acima, 'mais criativo', referindo-me também ao alemão). Hoekstra (1992) nota que crianças nativas de inglês e em fase de aquisição formam espontaneamente resultativas que são rejeitadas por falantes adultos, mas cujas traduções para o holandês são aceitas por falantes adultos dessa última língua.<sup>14</sup>

Para a presente tese, não encontrei evidência empírica suficientemente robusta para confirmar tal diferença de 'liberalidade' e a partir dela fazer alguma generalização.<sup>15</sup> Assim, para efeitos deste trabalho, vou abstrair essa possível diferença e considerar as três línguas como igualmente produtivas.<sup>16</sup>

<sup>13</sup> Exemplo adaptado de uma propaganda para cadeiras ergonômicas de escritório.

<sup>14</sup> O autor traz em nota (1992:172) exemplos de Bowerman (1990). Reproduzo alguns abaixo (em que 3;8 representa três anos e oito meses, por exemplo):

- (i) 3;8 I pulled it unstapled (pulled stapled booklet apart)  
(ii) 6;3 His doggie bitted him untie (= his dog bit the ropes that tied him, causing him to be untied)  
(iii) 4;0 I'm patting her wet (patting sister's arm after dipping her own hand into a glass of water)  
(iv) 5;10 Feels like you are combing me baldheaded.

<sup>15</sup> Inclusive meus informantes nativos de língua inglesa, uma vez aceitando as resultativas 'mais tradicionais', não apresentaram divergência em aceitar as demais construções. Vale lembrar que em muitos casos é preciso manipular o contexto pragmático para que o dado seja aceito.

<sup>16</sup> Carrier & Randall (1992), em nota, colocam que os julgamentos de aceitabilidade para resultativas (do inglês) variam extensivamente entre os informantes, de forma que os julgamentos apresentados no artigo de 1992 representam os de falantes de dialeto mais liberal. Deixo, assim, em aberto para pesquisa futura uma possível diferença de liberalidade na formação de resultativas entre inglês e holandês/alemão.

O escopo desta tese são línguas ocidentais germânicas, tomando como exemplo dados do inglês, alemão e holandês. Sobre a variação translinguística, i.e. ocorrência ou não de resultativas em outras línguas, o PB e línguas românicas de uma forma geral serão considerados na seção 1.7. Adicionalmente, embora não constituam foco da tese, resultativas aparecem em outras línguas e serão mencionadas no decorrer do trabalho. Alguns exemplos dessas línguas são: coreano, finlandês, húngaro, norueguês, mandarim e japonês. A princípio, trata-se de uma questão empírica o comportamento de resultativas nessas línguas em relação às línguas foco da tese.

## 1.2 Possibilidades ‘temáticas’

### 1.2.1 Resultativas transitivas, intransitivas e ambíguas

Descritivamente, resultativas aparecem em três ‘variedades’ quando se trata de interpretar o DP<sub>ACC</sub> como argumento do verbo: transitivas, intransitivas inergativas (Carrier & Randall, 1992; Levin & Rappaport, 1995<sup>17</sup>) e ambíguas entre uma interpretação transitiva e intransitiva.<sup>18</sup>

Nas *resultativas intransitivas*, o verbo é intransitivo e geralmente não toma um argumento interno. Vale notar que tanto a ausência do sintagma resultativo quanto do DP<sub>ACC</sub> (ou reflexivo) gera agramaticalidade. Em (7) temos alguns exemplos:

- (7) a. She laughed him out of his patience.  
Ela riu ele fora de sua paciência  
‘Ela o tirou do sério por rir.’
- b. Hij schaatste het ijs kapot.<sup>19</sup>  
Ele andou-de-skate o gelo quebrado  
‘Ele deixou o gelo quebrado por andar de skate nele.’
- c. Anna hat sich schlank gehungert.  
Ana teve REFL. esbelta passado-fome  
‘Ana emagreceu, passando fome.’
- d. Maria hat ihren Bruder krank geflötet.  
Maria teve [seu irmão]<sub>ACC</sub> doente flauteado  
‘Maria deixou seu irmão doente, tocando flauta.’
- e. Der Wolf hat das Haus kaputt geblasen.<sup>20</sup>  
O lobo teve a casa estragado assoprado  
‘O lobo estragou a casa, ao assoprar nela.’

<sup>17</sup> As autoras ainda apontam as resultativas com verbos inacusativos, que abordarei na seção 1.6.

<sup>18</sup> Foi Hoekstra (1988) que notou uma possível interpretação transitiva e intransitiva para determinadas resultativas. O autor não classifica nem se detém neste tipo de construção como uma ‘categoria de resultativa’ à parte. A referência à construção como ‘ambígua’ é uma terminologia que eu adoto neste trabalho.

<sup>19</sup> Exemplos (a-b), do inglês e do holandês respectivamente, de Hoekstra (1988:115).

<sup>20</sup> Exemplos (c-d-e) do alemão. O dado em (e) faz alusão ao lobo da história ‘Os Três Porquinhos’.

Existem também as *resultativas intransitivas* formadas com verbos que geralmente tomam um argumento interno. No entanto, o DP<sub>ACC</sub> (ou reflexivo) não é interpretado como argumento de V, i.e. semanticamente selecionado por V.

- (8) a. Hij kocht de winkel leeg.<sup>21</sup>  
 Ele comprou o mercado vazio  
 ‘Ele comprou (tanto/de forma tal) e o mercado ficou vazio.’<sup>22</sup>
- b. Sie haben das Grundstück voll gebaut.  
 Eles tiveram o terreno cheio construído  
 ‘Eles construíram por todo o terreno, que ficou cheio.’
- c. Sie haben die Bäume kahl gepflückt.<sup>23</sup>  
 Eles tiveram as árvores nu colhido  
 ‘Eles colheram todos os frutos das árvores.’
- d. Rainer hat sich satt gegessen.  
 Rainer teve REFL. satisfeito comido  
 ‘Rainer comeu e ficou satisfeito por conta disso.’
- e. Er raucht sich krank.<sup>24</sup>  
 Ele fuma REFL. doente  
 ‘Ele fica doente por fumar.’

As *resultativas transitivas* são aquelas em que o DP<sub>ACC</sub> pode ser interpretado como argumento do verbo, i.e. V semanticamente seleciona o DP<sub>ACC</sub>. Neste caso, é de se esperar que a ausência do sintagma resultativo não interfira na gramaticalidade, ou seja, o dado continua gramatical mesmo na ausência do sintagma resultativo – conforme indicado abaixo por meio dos parênteses.

- (9) a. The gardener watered the tulips (flat).<sup>25</sup>  
 O jardineiro regou as tulipas plano  
 ‘O jardineiro regou as tulipas, que ficaram achatadas.’

<sup>21</sup> Exemplo do holandês de Hoesktra (1988:115).

<sup>22</sup> Em algumas traduções para o PB, farei uso de intensificadores ou expressões gradativas como *tanto/de forma tal*. Trata-se apenas de uma estratégia para facilitar a compreensão do sentido/contexto pragmático. A interpretação gradativa, embora possível em algumas resultativas, não é condição necessária para o licenciamento da estrutura. Para um evento de *hammer the metal flat*, por exemplo, é possível pensar em um contexto em que uma única *martelada* deixa o *metal achatado*. Adicionalmente, a interpretação gradativa não é generalizável para todas as resultativas, haja vista exemplos como (1a) e (6b), com os verbos *atirar* e *esperrar*, respectivamente.

<sup>23</sup> Exemplos (b-c) do alemão de Kratzer (2005:13).

<sup>24</sup> Dado em (d) produzido espontaneamente por informante alemão. Dado em (e) do alemão.

<sup>25</sup> Exemplo de Carrier & Randall (1992:173).

- b. They wiped the table (clean).<sup>26</sup>  
Eles passaram-pano a mesa limpa.  
'Eles passaram pano e a mesa ficou limpa.'
- c. He hammered the metal (flat).  
Ele martelou o metal plano.  
'Ele deixou o metal plano, martelando-o.'
- d. Der Hund hat die Vespe (mausetot) gekratzt.  
O cachorro teve a vespa rato-morto arranhado  
'O cachorro deixou a vespa bem morta, arranhando-a.'
- e. Die Krebse wurden (tot) gekocht.<sup>27</sup>  
As lagostas foram morto cozido  
'As lagostas foram cozidas até ficarem mortas.'

Algumas resultativas permitem tanto a leitura transitiva quanto intransitiva, i.e. o DP<sub>ACC</sub> pode ou não ser interpretado como argumento semântico do verbo; é o que chamo de *resultativas ambíguas*.

- (10) a. Hans hat seine Hand kaputt gehämmert. (alemão)  
Hans teve sua mão machucada martelado  
b. Hans hammered his hand sore.<sup>28</sup>

*leitura 1:* 'Hans martelou sua (própria) mão, que ficou machucada por conta disso.' *leitura transitiva*

*leitura 2:* 'Hans martelou *algo*, e porque ele fez isso (durante horas), sua mão ficou machucada.' *leitura intransitiva*

- (11) Hij heeft de vloer wit geverfd. (holandês)  
Ele teve o chão branco pintado

*leitura 1:* 'Ele pintou o chão e o chão ficou branco.' *leitura transitiva*

*leitura 2:* 'Ele pintou *algo* (o teto, por exemplo), e acidentalmente derrubou tinta sobre todo o chão, que ficou branco.' *leitura intransitiva*

A questão 'temática', analiticamente, é controversa. Hoekstra (1988, 1992, 2004<sup>29</sup>) analisa o DP<sub>ACC</sub> das resultativas como não sendo theta-marcado pelo verbo,

<sup>26</sup> Exemplo de Hoekstra (1988:117).

<sup>27</sup> Dados (d-e) produzidos espontaneamente por informantes alemães. Note que a resultativa passiva (e) é possível. Essa generalização se estende também para o inglês e holandês, e será brevemente ilustrada na seção 1.3.2.

<sup>28</sup> O inglês também apresenta ambiguidade para esse dado; parece que a leitura mais saliente é a intransitiva.



---

mesmo nas construções aparentemente transitivas. O autor defende uma análise de *Small Clause* complemento para as resultativas, e atribui ao nosso conhecimento de mundo o fato de os DP<sub>ACCs</sub> em resultativas transitivas poderem ser interpretados como argumento do verbo.

Kratzer (2005) analisa resultativas (adjetivais) como tendo o verbo matriz obrigatoriamente intransitivo. Nessa abordagem, o verbo das resultativas aparentemente transitivas está se comportando de forma intransitiva (a autora apresenta evidência independente para a possibilidade de comportamento intransitivo desses verbos). A possibilidade de o DP<sub>ACC</sub> ser interpretado como argumento do verbo decorre, nesta análise, da relação de causa das resultativas.<sup>30</sup>

Adicionalmente, existem os dados ambíguos em que o DP<sub>ACC</sub> pode ser interpretado como objeto do verbo ou não. A questão, aqui, é como uma análise (sintática) poderia prever as diferentes interpretações, ou, antes, se essas diferentes interpretações são mesmo relevantes sintaticamente. A questão temática será retomada nos capítulos 2 e 5.<sup>31</sup>

Assim, quando no decorrer do texto fizer referência a resultativas *transitivas/intransitivas/ambíguas*, não estarei fazendo menção à relação estrutural (sintática) entre verbo matriz e DP<sub>ACC</sub> (nem atribuição de papel temático), mas sim à (im)possibilidade de interpretação do objeto como sendo argumento (semântico) do verbo.<sup>32</sup> Como se trata, portanto, de um recurso meramente descritivo e didático, a menção será feita doravante entre aspas.

---

<sup>29</sup> A referência Hoekstra (2004) está no livro “*Arguments and Structure*” - uma coleção de 14 artigos (póstumos) de Teun Hoekstra (e coautorias). Os trabalhos foram escritos, majoritariamente, no final dos anos 80 e início dos anos 90. O tema ‘resultativas’ e SCs está presente em vários dos artigos, especialmente em “*Small clauses everywhere*”.

<sup>30</sup> Abordarei as análises de ambos os autores no capítulo 2.

<sup>31</sup> A análise (capítulo 5) retoma a questão e investiga sua relevância sintática.

<sup>32</sup> Sybesma (1999) adota estratégia semelhante ao tratar resultativas em mandarim – língua que apresenta resultativas transitivas e intransitivas. O trabalho não menciona interpretação ambígua.

## 1.2.2 Verbos transitivos ou morfologicamente complexos?

Carrier & Randall (1992) notam que verbos transitivos que não permitem a omissão de objeto não especificado não podem participar de resultativas cujo DP<sub>ACC</sub> não é (semanticamente) selecionado pelo verbo.

- (12) a. The bombing destroyed \*(the city).  
O bombardeio destruiu \*(a cidade).
- b. \*The bombing destroyed the residents homeless.<sup>33</sup>  
O bombardeio destruiu os residentes sem-teto  
*Sentido pretendido:* ‘O bombardeio causou destruição, de forma que os residentes ficaram se teto.’

Se procurarmos formar uma resultativa do tipo em (12)b com o verbo *zerstören* (o equivalente em alemão de *destroy*), mas cujo DP<sub>ACC</sub> poderia ser semanticamente selecionado pelo verbo, o resultado ainda assim é agramatical.

- (13) Die Bombe hat die Stadt (\*kaputt) zerstört.  
A bomba teve a cidade (estragada) destruída.  
*Sentido pretendido:* ‘A bomba destruiu a cidade, que ficou estragada.’

Na seção anterior, mencionei brevemente análises (Kratzer, 2005; Hoekstra, 1988) em que o constituinte DP<sub>ACC</sub> não é theta-marcado pelo verbo em resultativas. Kratzer (2005) generaliza tal restrição ao afirmar que, em resultativas adjetivais, o verbo é obrigatoriamente intransitivo.<sup>34</sup> De fato, o alemão apresenta ‘pares’ de verbos aos quais a autora se refere como alternância transitiva-intransitiva. Empiricamente, então, Kratzer (2005) corrobora a generalização mostrando que verbos obrigatoriamente transitivos (em alemão) são impossíveis de ocorrer em resultativas (adjetivais). Vejamos alguns exemplos em (14)-(16).<sup>35</sup> Os dados em (a) mostram o comportamento intransitivo dos verbos, que podem participar de resultativas, como nas sentenças em (b). Os dados em (c) mostram o comportamento (obrigatório) transitivo dos verbos, que,

<sup>33</sup> Exemplos de Levin & Rappaport (1995:38).

<sup>34</sup> Hoekstra (1988, 1992, 2004) não impõe restrição sobre a transitividade do verbo para a boa formação de resultativas. O autor defende uma análise ‘SC complemento de V’ para resultativas, e as condições de licenciamento são outras, como, por exemplo, a natureza aspectual do verbo. Essa análise será vista em detalhes capítulo 2.

<sup>35</sup> Exemplos de Kratzer (2005:6-7).

diferentemente das versões intransitivas, não podem formar resultativas, haja vista a agramaticalidade dos dados em (d).

- (14) a. Sie haben **geschossen**.  
Eles tiveram **atirado**  
'Eles atiraram.'
- b. Sie haben ihn tot **geschossen**.  
Eles tiveram ele<sub>ACC</sub> morto **atirado**  
'Eles o mataram, atirando nele.'
- c. Sie haben \*(ihn) **erschossen**.  
Eles tiveram ele<sub>ACC</sub> **atirado-morto**  
'Eles o mataram, atirando nele.'
- d. \*Sie haben ihn tot **erschossen**.  
Eles tiveram ele<sub>ACC</sub> morto **atirado-morto**
- (15) a. Sie haben (unser Geld) **geraubt**.  
Eles tiveram nosso dinheiro **roubado**  
'Eles roubaram nosso dinheiro.'
- b. Sie haben uns arm **geraubt**.  
Eles tiveram nós<sub>ACC</sub> pobre **roubado**  
'Eles nos roubaram, de forma que ficamos pobres.'
- c. Sie haben \*(uns) **beraubt**.  
Eles tiveram nós<sub>ACC</sub> **roubado-de**  
'Eles nos roubaram/ Eles roubaram de nós.'
- d. \*Sie haben uns arm **beraubt**.  
Eles tiveram nós pobre **roubado-de**
- (16) a. Er hat **gekocht**.  
Ele teve **cozinhado**  
'Ele cozinhou.'
- b. Er hat seine Familie magenkrank **gekocht**.  
Ele teve sua família doente-do-estômago **cozinhado**  
'Ele deixou sua família doente do estômago cozinhando para ela.'
- c. Er hat \*(seine Familie) **bekocht**.  
Ele teve sua família **cozinhado-para**  
'Ele cozinhou para sua família'.
- d. \*Er hat seine Familie magenkrank **bekocht**.  
Ele teve sua família doente-do-estômago **cozinhado-para**

A questão sobre a transitividade desses verbos, no entanto, não é tão trivial quanto parece. Em primeiro lugar, note que a semântica da parte ‘transitiva’ não é exatamente igual à da parte ‘intransitiva’ – por exemplo, para o dado (14)c, o verbo *erschliessen* (atirar-morto) já traz a denotação do resultado final (i.e. *morto*) em seu significado. Em segundo lugar, é fato que, para resultativas, existe uma importante generalização empírica segundo a qual é possível apenas a presença de *um* sintagma resultativo (causado/acionado pelo verbo matriz), jamais dois (ou mais), conforme mostram os dados do alemão em (17)c e (18)c.

- (17) a. Rainer hat sich satt gegessen.  
Rainer teve REFL. satisfeito comido  
‘Rainer comeu até ficar satisfeito.’
- b. Rainer hat sich dick gegessen.  
Rainer teve REFL. gordo comido  
‘Rainer comeu e ficou gordo por isso.’
- c. \*Rainer hat sich satt dick gegessen.  
Rainer teve REFL. satisfeito gordo comido  
*Sentido pretendido:* ‘Rainer comeu e ficou gordo e satisfeito por isso.’

- (18) a. Er hämmerte das Metall flach.  
Ele martelou o metal plano.  
‘Ele achatou o metal, martelando-o.’
- b. Er hämmerte das Metall kaputt.  
Ele martelou o metal estragado.  
‘Ele deixou o metal estragado, martelando-o.’
- c. \*Er hämmerte das Metall flach kaputt.  
Ele martelou o metal plano estragado.  
*Sentido pretendido:* ‘Ele deixou o metal plano e estragado, martelando-o.’

Nesse sentido, retomando os dados em (12)b e (13), poderíamos pensar que os verbos *destroy* e *zerstören* (destruir) já trazem a denotação de um estado resultante, fazendo com que os sintagmas resultativos *homeless* (sem-teto) e *kaputt* (estragado) entrem como um segundo predicado secundário – o que forma dados agramaticais de acordo com a generalização.

Hoekstra, Lansu & Westerduin (2004)<sup>36</sup> discutem em detalhes esse tipo de verbo (em holandês), e referem-se a eles como verbos ‘morfologicamente complexos’.<sup>37</sup> Para

<sup>36</sup> O artigo original, escrito em holandês, é de 1987. A citação de referência (2004) é uma tradução para o inglês e faz parte do livro “*Arguments and structure*”.

resultativas (estendo aqui o raciocínio também para o alemão), o argumento é que “be” em *beraubt* (roubar-de) e em *bekocht* (cozinhar-para), assim como “er” em *erschiessen* (atirar-morto) são eles próprios predicados secundários resultativos, impedindo portanto a adição de um outro sintagma resultativo (uma vez que o sintagma resultativo deve ser único por verbo). A diferença aqui é que os predicados resultativos (realizados como afixos verbais) aparecem em posição proclítica ao verbo.<sup>38</sup>

Seguindo essa linha de raciocínio, Hoekstra (1992) observa que verbos morfologicamente complexos do holandês que denotam atividade surpreendentemente não podem participar de resultativas, apesar de a interpretação pretendida ser apreensível. Vejamos um exemplo:

- (19) a. dat ik het huis bewoon.  
que eu a casa be-moro  
'que eu moro na casa.'
- b. \*dat ik het huis vervallen bewoon.<sup>39</sup>  
que eu a casa dilapidada be-moro  
*Sentido pretendido:* 'que eu moro na casa de forma que a deixo dilapidada.'

Adicionalmente, o autor argumenta que esses verbos (morfologicamente complexos) podem se combinar com determinados DPs, e que tal combinação não seria possível sem a presença do prefixo verbal. O mesmo paradigma vale para o alemão.<sup>40</sup>

- (20) a. dat Jan bier drinkt.  
a'. dass Jan Bier trinkt.  
que Jan cerveja bebe  
'que Jan bebe cerveja.'
- b. \*dat Jan zich drinkt.  
b'. \*dass Jan sich trinkt.  
que Jan REFL. bebe

<sup>37</sup> O contexto da discussão vai contra uma análise lexicalista. Os autores defendem que os afixos verbais são sintaticamente relevantes.

<sup>38</sup> Crucialmente (conforme Hoekstra (1992)), a análise se pauta em movimento de núcleo, comparando o movimento do afixo (X<sup>0</sup>) para o verbo com o movimento V-para-I.

<sup>39</sup> Exemplos do holandês de Hoekstra (1988:165). O autor costuma colocar os exemplos do holandês como orações subordinadas para que o efeito V2 da língua não mascare a característica de língua V-final. Abordarei a ordem dos constituintes no capítulo 3.

<sup>40</sup> Os exemplos do holandês são de Hoekstra (2004:166). Os equivalentes em alemão em x' são meus.

- 
- c. dat Jan zich dronken drinkt.  
 c'. dass Jan sich besoffen trinkt.  
 que Jan REFL. bêbado bebe  
 'que Jan bebe e fica bêbado.'
- d. dat Jan zich **bedrinkt**.  
 d'. dass Jan sich **betrinkt**.  
 que Jan REFL. **be**-bebe  
 'que Jan bebe e fica bêbado.'
- (21) a. dat Jan bier drinkt.  
 a'. dass Jan Bier trinkt.  
 que Jan cerveja bebe  
 'que Jan bebe cerveja.'
- b. \*dat Jan z'n problemen drinkt.  
 b'. \*dass Jan seine Probleme trinkt.  
 que Jan seus problemas bebe
- c. dat Jan z'n problemen weg/van tafel drinkt.  
 c'. dass Jan seine Probleme weg/vom Tisch trinkt.  
 que Jan seus problemas além/da mesa bebe  
 'que Jan bebe de forma que seus problemas ficam de lado.'
- d. dat Jan z'n problemen **verdrinkt**.  
 d'. dass Jan seine Probleme **vertrinkt**.  
 que Jan seus problemas **ver**-bebe  
 'que Jan bebe de forma que seus problemas ficam de lado.'

Note que o verbo *beber* no holandês e no alemão, sem a presença do sintagma resultativo, não admite a presença de um complemento não semanticamente selecionado (algo convencionalmente possível de ser bebido), como vemos nos dados agramaticais em (20)b-b' e (21)b-b' comparativamente às resultativas em (20)c-c' e (21)c-c'. Já o verbo *beber* na presença do prefixo admite um complemento (cf. (20)d-d' e (21)d-d') antes não permitido sem o prefixo (cf. (20)b-b' e (21)b-b').

Assim, se a diferença entre os verbos com e sem prefixo fosse meramente relativa à transitividade (obrigatoriedade ou não de complemento), seria mais difícil de explicar por que motivo então os verbos *bedrinken/betrinken* e *verdrinken/vertrinken* aceitam um complemento enquanto os verbos sem prefixo (*drinken/trinken*) normalmente não aceitam. Outro fato curioso refere-se ao sentido dos verbos com prefixo: parece que o prefixo por si só denota o estado resultante – o que corrobora a análise de que tais prefixos seriam o sintagma resultativo (ou o predicado da SC complemento nas análises de Hoekstra (1988) e Hoekstra, Lansu & Westerduin (2004)).

---

Se, portanto, as análises de Hoekstra (1988, 1992) e Hoekstra, Lansu & Westerduin (2004) estiverem corretas, podemos interpretar a agramaticalidade de (14)d, (15)d e (16)d como decorrente da adição de um segundo sintagma resultativo.

A questão, agora, é como dar conta da gramaticalidade do dado em (22)a:

- (22) a. He killed him dead.  
Ele matou ele morto  
'Ele o matou de fato.'
- b. \*Er hat ihn tot getötet.  
Ele teve ele morto matado

O sentido em (22)a, no inglês, é uma espécie de redundância/reforço proposital, impossível para a resultativa equivalente em alemão (cf. (22)b)). Não tenho uma explicação para este contraste. Por hora, especulo que (22)a instancia uma idiossincrasia do inglês, sobretudo em vista da agramaticalidade dos dados em (23).

- (23) a. \*She murdered him dead.  
Ela assassinou ele morto.
- b. \*Sie hat ihn tot ermordet.  
Ela teve ele morto assassinado.

### 1.3 Resultativas, construções médias e passivas

#### 1.3.1 Resultativas e construções médias

Carrier & Randall (1992) e Levin & Rappaport (1995) avançam a generalização empírica de que resultativas ‘transitivas’ podem formar construções médias, ao passo que a formação de médias a partir de resultativas ‘intransitivas’ é impossível.<sup>41</sup> Em (24), temos a formação de médias (em a'-b') a partir de resultativas ‘transitivas’ (em a-b). Já em (25), a formação de médias não é possível a partir de resultativas ‘intransitivas’ (em a-b), como mostra a agramaticalidade dos dados em (a'-b').

- (24) a. He wiped the table clean.  
 a'. This table wipes clean easily.
- b. He pounded the metal flat.  
 b'. This metal pounds flat easily.
- (25) a. He drunk the teapot dry.  
 a'. \*This teapot drinks dry in no time at all.
- b. The clock ticked the baby awake.  
 b'. \*This baby ticks awake easily.<sup>42</sup>

No entanto, den Dikken & Hoekstra (1994) questionam essa generalização, baseando-se nos fatos do holandês. Nessa língua, não há uma assimetria evidente entre a formação de médias a partir de resultativas ‘transitivas’ e ‘intransitivas’, segundo os autores. Em (26), o contraste entre as médias no inglês é evidente, ao passo que no holandês não é (cf.27).

- (26) a. New seedlings water flat easily  
 b. \*Competition Nikes run threadbare easily

<sup>41</sup> Segundo Carrier & Randall (1992), esse seria um dos argumentos contra uma análise SC para resultativas, uma vez que o DP<sub>ACC</sub> de resultativas ‘transitivas’ se comporta como argumento do verbo, e por isso pode ser externalizado para formar uma média. As autoras defendem uma análise com ramificação ternária para resultativas, tanto ‘transitivas’ quanto ‘intransitivas’. A diferença é que nas primeiras o DP<sub>ACC</sub> recebe papel temático do verbo e do adjetivo, ao passo que nas segundas recebe papel temático somente do sintagma resultativo. Adicionalmente, as autoras assumem como condição para a formação de médias (em inglês) a presença obrigatória de um argumento direto interno do verbo; “*M[iddle]F[ormation] applies to a verb only if it has a direct internal argument*” (Carrier & Randall, 1992:189). A questão temática será retomada ao longo da tese, sobretudo no capítulo 5.

<sup>42</sup> Exemplos de médias de Levin & Rappaport (1995:43).



- (27) a. ?Kleine plantjes gieten zo lekker/gemakkelijk plat.  
Pequenas planas regam bem/ facilmente achatadas
- b. ?Goedkope schoenen lopen zo lekker/gemakkelijk scheef.  
Baratos sapatos correm bem/ facilmente puídos

Os autores afirmam em nota que, surpreendentemente, a média formada a partir da resultativa ‘transitiva’ em (27)a soa levemente pior que a média formada a partir de resultativa ‘intransitiva’ em (27)b.<sup>43</sup>

Zwart (1998) analisa construções médias em holandês, língua em que afirma ser possível a formação de ‘médias não argumentais’, diferentemente do inglês.<sup>44</sup> Em (28), a formação da média ‘argumental’ é possível nas duas línguas, diferentemente da formação de média ‘não argumental’, como em (29), em que o inglês contrasta com o holandês.

- (28) a. This book reads \*(easily).  
b. Dit boek leest \*(lekker).
- (29) a. \*This chair sits comfortably.  
b. Deze stoel zit \*(lekker).<sup>45</sup>

Para Zwart (1998), o contraste entre a formação de médias no holandês a partir de resultativas ‘transitivas’ x ‘intransitivas’ é evidente.<sup>46</sup> Em (30), a média formada a partir de resultativa ‘transitiva’ é boa no inglês, mas ruim no holandês. Já em (31), a média formada a partir de resultativa ‘intransitiva’ no inglês é ruim, mas aceita no holandês.

- (30) a. This metal hammers flat easily  
Esse metal martela plano facilmente

<sup>43</sup> Os autores defendem uma análise SC (complemento) para resultativas (*à la* Hoekstra (1988, 1992)), em que o DP<sub>ACC</sub> não é theta marcado por V. Eles afirmam que a gramaticalidade de médias formadas a partir de resultativas ‘intransitivas’ contradiz a generalização de Carrier & Randall (1992) de que somente argumentos theta marcados pelo verbo podem participar do processo de formação de médias.

<sup>44</sup> Zwart (1998), em sua análise, coloca que o sujeito de superfície em médias é frequentemente considerado como sendo alçado ou externalizado a partir da posição de argumento interno do verbo. Com a ocorrência de médias ‘não argumentais’ no holandês, o autor afirma que análises baseadas em operações de alçamento ou manipulação de papéis temáticos torna impossível uma abordagem compreensiva para a formação de médias em línguas ocidentais germânicas.

<sup>45</sup> Exemplos de Zwart (1998:1).

<sup>46</sup> No entanto, o autor aponta que a análise proposta em seu trabalho sobre médias não dá conta do contraste entre a formação de médias a partir de resultativas ‘transitivas’ x ‘intransitivas’ no holandês.

- b. \*Dit metaal hamert gemakkelijk plat  
Esse metal martela facilmente plano
- (31) a. \*These shoes walk threadbare easily  
Esses sapatos andam puídos facilmente
- b. Deze schoenen lopen gemakkelijk scheef<sup>47</sup>  
Esses sapatos andam facilmente puídos

O significado de (31)b é de que *esses sapatos ficam puídos facilmente, ao serem usados para caminhar*. Ou seja, o holandês aceita a formação de médias baseadas em resultativas ‘intransitivas’.

Steinbach (1988) analisa as médias no alemão e afirma que, nesse idioma (diferentemente do inglês e do holandês), a construção média sempre apresenta um reflexivo Acusativo adicional correferencial ao sujeito da sentença média e na posição de objeto direto.<sup>48</sup> Podemos ver o exemplo protípico do autor em (32):

- (32) Dieses Buch liest \*(sich) leicht.  
Esse livro lê REFL.ACC fácil  
‘Esse livro lê fácil.’

Assim, para a formação de uma média baseada em resultativa, devemos prever a ocorrência do reflexivo. Interessantemente, o alemão permite a formação de médias baseadas tanto em resultativas ‘transitivas’ quanto ‘intransitivas’.

- (33) a. Warmes Metall hämmert sich einfacher flach  
Metal quente martela REFL.ACC mais-fácil plano
- c. Kleine Menschen trinken sich schnell unter den Tisch  
Pequenas pessoas bebem REFL.ACC rápido de-baixo a mesa
- d. Solche Schuhe laufen sich gewiß schnell kaputt.<sup>49</sup>  
Tais sapatos andam REFL.ACC certamente rapidamente estragado

Em relação a resultativas ‘ambíguas’, lembro que são possíveis nas três línguas em questão. Mas, devido ao contraste na formação de médias, podemos esperar que a média formada a partir de uma resultativa ‘ambígua’ será também ambígua no alemão

<sup>47</sup> Exemplos do inglês e holandês de Zwart (1998:6,16).

<sup>48</sup> O autor analisa a presença do reflexivo em termos de c-seleção, uma vez que o pronome reflexivo Acusativo adicional não é ligado a um argumento semântico do verbo.

<sup>49</sup> Exemplos de Steinbach (1998:19,79).

(idioma em que a formação de média de resultativas ‘transitivas’ e ‘intransitivas’ é igualmente possível) e não será ambígua no inglês (língua em que o contraste na formação de médias é claro) – o que de fato ocorre.

- (34) a. Hans hat seine Hand kaputt gehämmert.  
Hans teve sua mão machucada martelado
- b. Seine Hand hämmert sich leicht kaputt.  
Sua mão martela REFL.ACC facilmente machucada.
- c. Hans hammered his hand sore.
- d. His hand hammers sore easily.

A média no alemão em (34)b permite tanto a leitura ‘transitiva’, i.e. *a mão de Hans se machuca facilmente quando Hans martela a própria mão*, quanto a ‘intransitiva’, i.e. *a mão de Hans se machuca facilmente quando Hans fica martelando (qualquer coisa martelável, como pregos, por exemplo)*. Já a média no inglês em (34)d permite somente a leitura ‘transitiva’.

Recapitulando, o inglês permite a formação de médias de resultativas ‘transitivas’ e não de ‘intransitivas’; o alemão permite ambas; e o holandês possui um contraste menos claro, sendo que o pêndulo se move mais na direção de aceitar a formação de médias de resultativas ‘intransitivas’ melhor que de ‘transitivas’ – contrariamente ao inglês. À luz desses dados, acredito que analisar resultativas com base na formação de médias é, minimamente, prematuro sem antes realizar (ou ter em mãos) uma análise mais detalhada sobre a formação de médias nessas línguas de uma forma geral (para além das resultativas).<sup>50</sup> Tal estudo poderia se mostrar útil para a análise das resultativas, ou ainda poderia mostrar que o contraste na formação de médias nessas línguas se dá por razões independentes da estrutura das resultativas *per se*. Por razões de escopo deste trabalho, não investigarei as condições de formação de médias nessas línguas. No entanto, com base nos dados desta seção, apoio a posição de den Dikken & Hoekstra (1994), i.e. a gramaticalidade de médias formadas a partir de resultativas ‘intransitivas’ contradiz a generalização de Carrier & Randall (1992) de que somente argumentos theta-marcados pelo verbo podem participar do processo de formação de médias.

<sup>50</sup> Lembro que a formação de médias nessas línguas é uma questão densa, empírica e teoricamente, e envolve uma série de dados e condições para além das resultativas.

### 1.3.2 Uma nota sobre passivas

A formação de passivas (verbais) é possível tanto a partir de resultativas ‘transitivas’ quanto ‘intransitivas’ nas línguas estudadas, conforme já sinalizado em nota (27). O objetivo desta seção é ilustrar empiricamente a generalização. Começando com exemplos do inglês, em (35) observamos passivas formadas de resultativas ‘transitivas’ e, em (36), passivas formadas de resultativas ‘intransitivas’.

- (35) a. The seedlings were watered flat.  
 b. The socks were scrubbed clean (by the laundry attendant).
- (36) a. Her Nikes have been run threadbare.  
 b. By the end of the lecture, the audience had been talked unconscious (by the boring professor).<sup>51</sup>

Vejamos como se comporta a passiva formada a partir de uma resultativa ‘ambígua’, em que o DP<sub>ACC</sub> pode ou não ser interpretado como argumento (semântico do verbo), desta vez com um exemplo do alemão:

- (37) a. Hans hat seine Hand kaputt gehämmert.  
 Hans teve sua mão estragado martelado
- b. Die Hand wurde kaputt gehämmert.  
 A mão AUX(foi) estragado martelado
- Leitura 1: ‘A mão foi (ela própria) martelada de forma que ficou machucada.’  
 Leitura 2: ‘A mão foi machucada porque fez um trabalho (muito intenso, digamos) de martelar (alguma coisa).’<sup>52</sup>

A passiva formada a partir de uma resultativa ambígua (cf.(37)a) mantém as duas interpretações, conforme nos mostra o dado do alemão em (37)b.

<sup>51</sup> Exemplos de Carrier & Randall (1992:191,196).

<sup>52</sup> Para a interpretação intransitiva, é preciso um contexto mais inusitado. Por exemplo: Hans Knopf, um senhor de idade, era artesão e trabalhou a vida inteira martelando cobre, e fez isso tanto, que sua mão ficou comprometida. Agora, ele está no hospital por conta da sua mão machucada. O médico-chefe explica para os residentes a situação, dizendo: *Herr Knopf hat sein Leben lang Kupfer gehämmert, und er hat so viel gearbeitet, dass seine Hand tatsächlich kaputt gehämmert wurde* (O senhor Knopf trabalhou a vida toda martelando cobre, e ele trabalhou tanto, que sua mão foi de fato machucada pela atividade de martelar (o cobre)).

## 1.4 O sintagma resultativo

### 1.4.1 Sobre a categoria do sintagma resultativo

Na primeira seção deste capítulo, sinalizei que a maioria dos exemplos usados seriam de resultativas formadas com AP, mas que a hipótese nula era de que PPs também possam participar de resultativas. De fato, resultativas cujos sintagmas resultativos são de base preposicional existem, como alguns exemplos citados anteriormente. Em (38), podemos ver mais exemplos: em a-a' do alemão e do inglês, em b-b' do alemão e do inglês, em c-c' do holandês e do inglês:

- (38) a. Ich habe mich in den Schlaf geweint.  
Eu tive REFL. em o sono chorado  
a'. I cried myself to sleep.  
'Eu chorei até dormir.'
- b. Ich arbeite mich zu Tode.  
Eu trabalho REFL. para morte  
b'. I worked myself to death.  
'Eu me mato de trabalhar.'
- c. Hij reed zijn auto in de prak.  
Ele dirigiu seu carro em pedaços  
c'. He drove his car to pieces.  
'Ele dirigiu, deixando seu carro em pedaços.'

Considerando as possibilidades lógicas, o sintagma resultativo, que denota o estado resultante da ação, poderia ser AP, PP, NP e VP. Examinemos cada uma delas.

Hoekstra (1992) nota que o sintagma resultativo deve denotar uma propriedade de 'fatias de indivíduo' e não uma propriedade de indivíduo, referindo-se a predicados *stage-level* x *individual-level* (por ex.: *doente* e *inteligente*, respectivamente).<sup>53</sup> Ou seja,

<sup>53</sup> A diferença entre predicados *stage-level* e *individual-level* foi introduzida por Carlson (1977), e posteriormente retomada em Kratzer (1989, 1995). Predicados *stage-level* caracterizam-se por predicarem de 'fatias' de tempo de um indivíduo, enquanto predicados *individual-level* predicam do indivíduo completamente e permanentemente. Ou seja, predicados *individual-level* são verdade para *x* como propriedade característica de *x*/ propriedade definidora de *x*. Já predicados *stage-level* atribuem a *x* uma propriedade de natureza transitória relacionada a alguma instância ou estágio espaço-temporal de *x*.

o sintagma adjetival da resultativa deve ser do tipo *stage-level*, como mostra o contraste em (39).<sup>54</sup>

- (39) a. John laughed himself sick.  
b. \*John laughed himself intelligent.

Resultativas de base PP são possíveis, como já mostrado. No entanto, assim como APs, não é todo e qualquer PP que pode participar de uma resultativa – mesmo quando as condições semânticas não pareçam impedir a plausibilidade da resultativa. Vejamos alguns contrastes (do alemão).

- (40) a. \*Er hat sich **ohne Geld** gekauft.<sup>55</sup>  
Ele teve REFL. **sem dinheiro** comprado  
*Sentido pretendido:* ‘Ele ficou sem dinheiro por fazer compras.’

- b. Er hat sich **arm** gekauft.  
Ele teve REFL. **pobre** comprado  
‘Ele ficou pobre por fazer compras.’

- (41) a. \*Das Kind hat das Bett **mit Schmutz/ mit Dreck** gekotzt.  
A criança teve a cama **com sujeira** vomitado  
*Sentido pretendido:* ‘A criança deixou a cama com sujeira, vomitando nela.’

- b. Das Kind hat das Bett **schmutzig/dreckig** gekotzt.  
A criança teve a cama **sujo/ sujo** vomitado  
‘A criança sujou a cama, vomitando nela.’

As versões em (a) são impossíveis com base PP, diferentemente das versões de base AP em (b). Aparentemente, então, parece haver alguma restrição para resultativas de base PP em relação às de base AP. O contraste em (40) também pode ser visto no inglês. No entanto, essa língua apresenta a possibilidade de formação de uma resultativa com base PP muito similar, como em 42(c).

- (42) a. \*I shop myself without money.  
b. I shop myself poor.  
c. I shop myself out of money.

<sup>54</sup> Exemplos de Hoekstra (1992:162). O autor afirma que identificar de forma fixa duas classes de predicados depende do nosso conhecimento de mundo. Dependendo do contexto, um adjetivo normalmente considerado *individual-level* pode ser tomado como *stage-level* e vice-versa.

<sup>55</sup> Esta sequência (*string*) de palavras é aceitável se tomarmos o reflexivo como um argumento de V, significando que *ele* comprou *a si mesmo* (por exemplo, um escravo que compra a si mesmo para obter a liberdade), e o faz sem dinheiro (por exemplo, ele paga sua liberdade comprometendo-se a não revelar um segredo comprometedor do seu dono). Tal leitura é irrelevante para nossos propósitos.

Resultativas de base NP parecem ser ainda mais restritas, como mostram os exemplos (do alemão) abaixo, em que as resultativas agramaticais de base NP (em (a)) contrastam com as resultativas bem formadas de base AP (em (b)).<sup>56</sup>

(43) a. \*Er hat sich Direktor/Chef gearbeitet.  
Ele teve REFL. diretor/chefe trabalhado  
*Sentido pretendido:* ‘Ele trabalhou (duro) e se tornou diretor/chefe como resultado do trabalho.’

b. Er hat sich krank gearbeitet.  
Ele teve REFL. doente trabalhado  
‘Ele trabalhou de forma tal que ficou doente.’

(44) a. \*Er baute das Dorf (eine) Stadt.  
Ele construiu a vila (uma) cidade  
*Sentido pretendido:* ‘Ele transformou a vila em (uma) cidade, construindo nela.’

b. Er baute das Dorf voll.  
Ele construiu a vila cheio  
‘Ele deixou a vila cheia, construindo nela.’

(45) a. \*Er frisst sich einen Dicke.  
Ele devora REFL. um gordo  
*Sentido pretendido:* ‘Ele come tanto que se torna um gordo.’

b. Er frisst sich dick.  
Ele devora REFL. gordo  
‘Ele come tanto que se torna gordo.’

(46) a. \*Er hat die Kartoffeln (ein) Brei gekocht.  
Ele teve as batatas (um) pure cozinhado  
*Sentido pretendido:* ‘Ele fez das batatas (um) pure, cozinhando-as.’

b. Er hat die Kartoffeln weich gekocht.  
Ele teve as batatas mole cozinhado  
‘Ele amoleceu as batatas, cozinhando-as.’

Apesar de mais restritas, resultativas de base NP são possíveis, como mostram os exemplos do holandês/alemão (cf. (47)a-b) e do inglês (cf.48).

(47) a. dat Jan [een gat [in de dag]] slaap.<sup>57</sup>  
b. dass Jan [ein Loch [in den Tag]] schläft.  
que Jan [um buraco [em o dia]] dorme

<sup>56</sup> Não farei distinção entre NP e DP enquanto sintagmas resultativos, uma vez que tal diferença não parece interferir nos contrastes.

<sup>57</sup> Exemplo do holandês em (a) de Hoekstra (2004:298); o equivalente em alemão em (b) é meu.

‘que Jan dorme dia adentro.’

- (48) a. She painted the barn [a weird [shade of red]].  
Ela pintou o celeiro [um estranho [tom de vermelho]]  
‘Ela pintou o celeiro, cuja cor ficou um estranho tom de vermelho.’
- b. They ran their sneakers [a dingy [shade of grey]].<sup>58,59</sup>  
Eles correram seus tênis [um escuro [tom de cinza]]  
‘Eles correram, deixando seus tênis em um escuro tom de cinza.’

Carrier & Randall (1992) colocam que a maioria dos NPs são inaceitáveis como sintagma resultativo, a menos que venham introduzidos por preposição, como mostra (49)a. No entanto, o dado em (48)b, em inglês, é aceitável somente com NP, sendo inaceitável com PP, como mostra o contraste em (49)b. Já o dado em (49)c é possível tanto com NP quanto com PP.

- (49) a. She pounded the dough \*<sup>NP</sup>[a pancake]/ <sup>PP</sup>[into a pancake]  
Ela bateu a massa uma panqueca em uma panqueca  
‘Ela bateu a massa, transformando-a numa panqueca.’
- b. She painted the barn <sup>NP</sup>[a weird shade of red]/ \*<sup>PP</sup>[(in)to a weird shade of red]  
Ela pintou o celeiro um estranho tom de vermelho / em um estranho tom de vermelho
- c. They ran their sneakers <sup>NP</sup>[a dingy shade of grey]/ <sup>PP</sup>[to tatters]<sup>60</sup>  
Eles correram seus tênis um escuro tom de cinza em farrapos  
‘Eles correram, deixando seus tênis em um escuro tom de cinza/ em farrapos.’

O paradigma em (49) mostra que o sintagma resultativo pode ser tanto PP quanto NP, variando entre a possibilidade de ser somente um ou outro, ou ambos. O mesmo tipo de paradigma é mostrado em Hong (2005:141) em resultativas de base AP e PP.

- (50) a. She danced her feet \*<sup>PP</sup>[to soreness]/ <sup>AP</sup>[sore]  
Ela dançou seus pés para dor dolorido

<sup>58</sup> Dados em (a-b) de Carrier & Randall (1992:183).

<sup>59</sup> Podemos notar que a participação de NPs/DPs como sintagma resultativo é extremamente restrita. Embora não tenha uma explicação para essa restrição, vou me referir (na maioria dos casos, doravante) ao sintagma resultativo como AP/PP, como forma de capturar o comportamento empírico. Quantos aos NPs/DPs, a despeito de a morfossintaxe de superfície ter a aparência de NP/DP, observamos que esses têm um valor adjetival claro. Deixo essa questão/restrrição aberta para pesquisa futura.

<sup>60</sup> Dados de Carrier & Randall (1992:183).



‘Ela dançou de forma que seus pés ficaram doloridos/ de forma a causar dor nos pés.’

- b. John laughed himself <sup>PP</sup>[to death]/ \*<sup>AP</sup>[dead]  
 John riu REFL. para morte morto  
 ‘John se matou de rir.’
- c. Bill laughed himself <sup>PP</sup>[out of a job]/ \*<sup>AP</sup>[jobless]/ \*<sup>AP</sup>[unemployed]  
 Bill riu REFL. fora de o emprego sem-emprego desempregado  
 ‘Bill riu de forma que ficou desempregado.’
- d. Tom laughed himself \*<sup>PP</sup>[out of consciousness]/ <sup>AP</sup>[unconscious]  
 Tom riu REFL. fora de consciência inconsciente  
 ‘Tom riu de forma que ficou inconsciente.’

O contraste de (im)possibilidade de escolha entre uma categoria ou outra como sintagma resultativo também sofre alguma variação entre as línguas. Por exemplo, o dado em (50)b - tanto com base PP quanto com base AP - é perfeitamente possível em alemão.

- (51) Johan hat sich <sup>PP</sup>[zu Tode]/ <sup>AP</sup>[tot] gelacht.  
 Johan teve REFL. para morte morto rido  
 ‘Johan se matou de rir.’

À luz dos dados acima, podemos dizer que, em termos de c-seleção, sintagmas resultativos podem ser AP, PP ou NP. A questão é como dar conta dos contrastes de (im)possibilidades de escolhas entre as categorias. Pensando em alguma restrição semântica, Hong (2005) nota que s-seleção não ajuda a fazer a distinção entre a aceitabilidade do PP [into a pancake] e a rejeição do NP [a pancake] em (49)a, e, reversamente, a impossibilidade do PP [(in)to a weird shade of red] e a aceitabilidade do NP [a weird shade of red] em (49)b. Mais intrincado ainda é o paradigma em (50)b-d, que exhibe o mesmo verbo matriz, i.e. *laugh*. Os dados (50)b-c aceitam somente os PPs, rejeitando os APs. Diferentemente, os dados (50)a,d aceitam o AP, mas rejeitam o PP.<sup>61</sup>

Ao que tudo indica, parece que estamos diante de um contraste idiossincrático. Hong (2005) afirma que nem c-seleção nem s-seleção são suficientemente restritivas para selecionar somente os sintagmas resultativos possíveis. Dessa forma, a autora recorre à seleção lexical (l-seleção) no sentido de Pesetsky (1991, 1995). A l-seleção

<sup>61</sup> Note que também não parece possível entender o contraste em termos de morfologia do adjetivo em (50)c-d, uma vez que todos são derivados. Abordarei a questão sobre morfologia do adjetivo na próxima seção.

requer um item lexical específico para nuclear um complemento, e acontece quando um núcleo lexical se merge<sup>62</sup> com um complemento. De acordo com a l-seleção, a relação de seleção entre um verbo, nome ou adjetivo e a preposição correspondente é simplesmente arbitrária.<sup>63</sup>

Hong (2005) estende a ideia da l-seleção às resultativas como possivelmente a única forma de dar conta da seleção idiossincrática do sintagma resultativo em termos de c-seleção e s-seleção, exemplificada nos contrastes em (49) e (50). Consequentemente, somente um determinado predicado resultativo poderia se combinar com um determinado verbo matriz. A autora coloca (*ibid*:143): “*If lexical selection holds between a matrix verb and a resultative predicate, it does not come as a surprise that we cannot adeptly generalize a semantic type that can segregate dead from to death and sore from to soreness.*”<sup>64</sup>

Finalmente, a possibilidade lógica de termos um VP (infinitivo) como sintagma resultativo não se sustenta empiricamente. Abaixo, seguem alguns exemplos do alemão.

(52) a. \*Er frisst sich (einen) Herzschlag haben.  
Ele devora REFL. (um) ataque-cardíaco ter  
*Sentido pretendido:* ‘Ele come tanto até ter (um) ataque do coração.’

b. Er frisst sich dick.  
Ele devora REFL. gordo  
‘Ele come tanto até ficar gordo.’

(53) a. \*Er tanzt sich Fußblasen haben.  
Ele dança REFL. bolhas-nos-pés ter  
*Sentido pretendido:* ‘Ele dança até ter bolhas nos pés.’

b. Er tanzt sich müde.  
Ele dança REFL. cansado  
‘Ele dança até cansar./ Ele fica cansado por dançar.’

<sup>62</sup> Estou usando o verbo *mergir* como o equivalente a *to merge* do inglês.

<sup>63</sup> São citados como exemplos: os verbos *depend* e *rely* l-selecionam a preposição *on*; o verbo *hope* l-seleciona *for*; o nome *love* l-seleciona *for* ou *of*; o nome *desire* l-seleciona *for*; os adjetivos *proud* e *ashamed* l-selecionam *of*; o adjetivo *different* l-seleciona *from*.

<sup>64</sup> A l-seleção em termos de seleção entre *núcleo* e *complemento* vai ser importante quando a autora comparar (analiticamente) resultativas do inglês e do coreano. O coreano, em comparação com o inglês, é bem mais liberal quando se trata de seleção do sintagma resultativo, o que vai ser um dos argumentos para a análise sintática da autora a respeito das resultativas no coreano. Resultativas no coreano serão abordadas no capítulo 3.

As versões em (a), cujos sintagmas resultativos são VPs, são impossíveis, mesmo com alguma plausibilidade semântica, como mostram os dados bem formados, de base AP, em (b).

## 1.4.2 Morfologia do adjetivo

### 1.4.2.1 A generalização sobre participípios e gerúndios

Existe uma generalização empírica conhecida na literatura (Carrier & Randall, 1992; Levin & Rapaport, 1995; Kratzer, 2005, *inter alia*) de que participípios e gerúndios com denotação equivalente a de adjetivos não são capazes de participar de uma resultativa adjetival. Vejamos os contrastes em (54):

- (54) a. The maid scrubbed the pot shiny/ \*shined/ \*shining.  
A moça esfregou o pote brilhante brilhado brilhando  
'A moça esfregou o pote e ele ficou brilhante/ brilhado/ brilhando.'
- b. The jockeys raced the horses sweaty/\*sweating.  
Os jockeys galoparam os cavalos suado/ suando  
'Os jockeys galoparam de forma que os cavalos ficaram suados/suando.'
- c. The chef cooked the food black/\*blackened/ \*charred.  
O chefe cozinhou a comida preto/ empretecida/ carbonizada  
'O chefe cozinhou a comida e ela ficou preta/empretecida/carbonizada.'
- d. The joggers ran themselves sweaty/\*sweating.  
Os corredores correram REFL. suado/ suando  
'Os corredores correram e ficaram suados/ suando.'
- e. The kids laughed themselves sick/\*sickened.  
As crianças riram REFL. doente/ adoentado  
'As crianças riram e ficaram doentes/ adoentadas (por conta disso).'
- f. The chef cooked the kitchen walls black/\*blackened.  
O chefe cozinhou a cozinha paredes preto/ empretecida  
'O chefe cozinhou de forma que as paredes da cozinha ficaram pretas/empretecidas.'

g. The tourists walked their feet sore/ blistery/ \*blistered.<sup>65</sup>  
 Os turistas andaram seus pés machucado/ com-bolha/ com-bolha  
 ‘Os turistas andaram até seus pés ficarem machucados/ com-bolhas.’

h. \*She knocks herself frightening.<sup>66</sup>  
 Ela bateu REFL. assustado

*Sentido pretendido:* ‘Ela ficou assustada ao bater (na porta).’

Em (54), participios e gerúndios não são possíveis como sintagma resultativo, diferentemente dos adjetivos, os quais Kratzer (2005) chama de *bare*. Para lidar com a agramaticalidade dos dados em (54), Kratzer (2005) propõe uma análise baseada nas propriedades morfológicas dos elementos envolvidos na construção.<sup>67</sup> A relação causal da resultativa seria introduzida por um afixo derivacional foneticamente nulo e afixal [cause], ao qual o adjetivo se incorpora via movimento. Além de o afixo aceitar somente adjetivos *bare*, haveria ainda outra restrição morfológica relativa à ordem afixo derivacional/afixo flexional. Esta restrição de ordem proíbe que [cause] se combine depois de afixos separáveis como *-ed* e *-ing* (quer sejam derivacionais, quer sejam flexionais).

Antes de prosseguir a respeito de gerúndios e participios denotando adjetivos em resultativas, vou abrir um parênteses para falar do adjetivo *bare* e de resultativas adjetivais para além das línguas foco da tese.

#### 1.4.2.2 O adjetivo *bare*

Sobre o estatuto *bare* do adjetivo (especificamente o que Kratzer (2005) classificou como *bare*), Knöpfler (2011) investiga essa questão nas resultativas do alemão, e conclui que *bare* significa a ausência de flexão de gênero/número/caso, *somente*.<sup>68</sup> A base da conclusão é (i) a impossibilidade de resultativas bem formadas em

<sup>65</sup> Exemplos de Carrier & Randall (1992:184).

<sup>66</sup> Exemplo de Nigel Fabb (1982, *apud* Kratzer, 2005).

<sup>67</sup> Para Kratzer (2005), uma regra de *type shift* semântico para combinar o constituinte [DP<sub>ACC</sub> AP] com o verbo (sempre intransitivo, na sua análise) não faria distinção entre um adjetivo *bare* e um participio/gerúndio denotando um adjetivo. Dessa forma, para a semântica das resultativas, a autora descarta uma operação de *type-shift* por dois motivos: (i) não é um princípio de composição ‘ortodoxo’ e (ii) sobregera, i.e não dá conta de descartar a má formação de resultativas adjetivais com participios e gerúndios no lugar de adjetivos. Essa é a base da autora para propor que a restrição na formação das resultativas se dê por questões morfológicas. Para mais detalhes sobre esta análise, ver Knöpfler (2010a).

<sup>68</sup> O adjetivo da resultativa sendo do tipo *predicativo*, tal conclusão não é de todo surpreendente, uma vez que se trata de uma generalização da língua de que somente adjetivos atributivos se flexionam em

que o adjetivo se flexione (gênero/número/caso) em relação ao DP<sub>ACC</sub>, e (ii) a possibilidade de formação de resultativas com adjetivos modificados em grau e ainda adjetivos derivados. O adjetivo em resultativas no alemão não pode ter morfologia flexional (gênero, número, caso), como mostra (55)a, não devendo realizar tal flexão, como em (55)b. No entanto, o adjetivo pode ser modificado em grau, como em (55)c.

- (55) a. \*Sie nieste das Taschentuch naßes.  
Ela espirrou o lenço-de-papel<sub>NEUTRO-ACC</sub> molhado<sub>NEUTRO-ACC</sub>  
*Sentido pretendido:* ‘Ela deixou o lenço de papel molhado, ao espirrar sobre ele.’
- b. Er nieste das Taschentuch naß.  
Ele espirrou o lenço-de-papel **molhado**  
‘Ele deixou o lenço de papel molhado, ao espirrar sobre ele.’
- b. Bei Schnupfen nieste er das Taschentuch noch nasser.  
Em gripe espirrou ele o lenço-de-papel ainda **mais-molhado**  
‘Gripado, ele deixou o lenço de papel ainda mais molhado, ao espirrar sobre ele.’

Independentemente do estatuto que atribuímos à modificação de grau no alemão (flexão ou derivação), *bare* também não pode ser relacionado com a presença de determinados afixos, uma vez que também são possíveis resultativas com adjetivos derivados de nomes e verbos, em que essa derivação é marcada morfologicamente:<sup>69</sup>

- (56) a. Der Gast hat seine Krawatte dreckig gegessen.  
O freguês (do restaurante) teve sua gravata sujo comido  
‘O freguês, ao comer, sujou sua gravata.’
- b. Die Sitterin hat das Kind ängstlich gelesen.  
A babá teve a criança amedrontado lido  
‘A babá deixou a criança com medo, lendo para ela.’
- c. Der Patient hat das Leintuch eigentlich noch waschbar geblutet.<sup>70</sup>  
O paciente teve o lençol na-verdade ainda lavável sangrado  
‘Na verdade, o lençol ainda pode ser lavado, mesmo depois que o paciente sujou o lençol, sangrando no lençol.’

---

gênero/número/caso, ao passo que adjetivos predicativos nunca fazem tal flexão. Essa generalização também se estende ao holandês, i.e. adjetivos predicativos não se flexionam em gênero/número.

<sup>69</sup> Talvez seja necessário criar contextos específicos e manipular as variáveis pragmáticas com algum cuidado para que os dados em (56) sejam aceitos por falantes nativos.

<sup>70</sup> Dados (55)-(56) de Knöpfle (2011).

Os adjetivos *dreckig* (sujo) e *ängstlich* (amedrontado) são derivados dos nomes *Dreck* (sujeira) e *Angst* (medo), e participam de resultativas bem formadas (cf.(56)a-b). O adjetivo *waschbar* (lavável) é derivado do verbo *waschen* (lavar), e também é possível na resultativa (cf.(56)c).

A análise morfológica para resultativas em Kratzer (2005) (incorporação do adjetivo *bare* no afixo [cause]), além de exigir que o adjetivo seja *bare*, baseia-se na distinção entre morfologia flexional/derivacional<sup>71</sup> e ordenação de afixos (em que [cause], foneticamente nulo, não pode aparecer depois de afixos separáveis como *-ed* e *-ing*). Para manter essa análise, é preciso, minimamente, dar conta da ocorrência de resultativas do alemão com os adjetivos desta seção, que apresentam modificação em grau e ou morfologia derivacional. Em outras palavras, temos, de saída, um problema com a definição de *bare*.

#### 1.4.2.3 Resultativas para além das línguas ocidentais germânicas

Interessantemente, resultativas em outras línguas apresentam morfologia afixal no adjetivo. Nas resultativas do finlandês e do húngaro, o adjetivo mostra morfologia de caso: translativo para o finlandês e sublativo para o húngaro.<sup>72</sup>

- (57) Aiti makasi lapsensa kuoliaaksi. *Finlandês*  
 ‘The mother slept the child dead-TRANSLATIVE.’ (Jespersen (1924), *apud* Schein (1995:60))
- (58) Juha nauroi itsensä kipeäksi. *Finlandês*  
 ‘John laughed himself sick-TRANSLATIVE.’ (Simpson (1981), *apud* Schein (1995:60))<sup>73</sup>
- (59) Me maalas-i-mme seinä-n keltaise-ksi. *Finlandês*  
 1PL-NOM paint-PAST-1PL wall-ACC yellow-TRS

<sup>71</sup> Lembro que é polêmica na literatura a distinção morfológica entre afixos flexionais e derivacionais (a esse respeito, ver, por exemplo, Spencer (1993), capítulo 6).

<sup>72</sup> Alguns autores (Shim & den Dikken, 2008; Snyder, 2001, entre outros) também chamam de translativo (e não sublativo) o caso no adjetivo das resultativas no húngaro. Optei aqui por manter a glosa dos textos de referência. Fong (2003, *apud* Matushansky, 2012) aponta que o caso translativo não é interpretável por si só, mas reflete a presença de um componente de mudança de estado para o finlandês. Matushansky (2012) afirma, no entanto, que a distribuição do caso translativo para o estoniano é mais ampla, para além de componentes de mudança de estado. Segundo a autora, no húngaro, o adjetivo da resultativa apresenta caso sublativo, que seria uma forma mais marcada (aparece em ambientes mais restritos) do que o caso translativo. A análise em Matushansky (2012) da distribuição de caso nas línguas fino-húngaras se dá dentro do quadro da Morfologia Distribuída.

<sup>73</sup> O autor não forneceu as glossas, apenas a tradução em inglês.

‘We painted a/the wall yellow.’ (Matushansky, 2012:5)

- (60) Sointu paisto-i kala-n kuiva-ksi. *Finlandês*  
 Sointu-NOM fry-PAST.3SG fish-ACC dry-TRS  
 ‘Sointu fried a/the fish dry.’ (Fong (2003), *apud* Matushansky, 2012:7)
- (61) János apró-ra vág-ta a gombá-t. *Húngaro*  
 John-NOM small-SBL cut-PAST.3SG the mushroom-ACC  
 ‘John cut the mushroom into small pieces.’ (Matushansky, 2012:19)
- (62) János piros-ra fest-ett-e az ajtó-t. *Húngaro*  
 János-NOM red-SBL paint-PAST.3SG the wall-ACC  
 ‘John painted the wall red.’ (Matushansky, 2012:19)
- (63) János beteg-re tanulta magát. *Húngaro*  
 John-NOM sick-SBL learn-PAST.3SG himself-ACC  
 ‘John learned himself sick.’ (Kiss 2002:74, *apud* Matushansky, 2012)
- (64) A munkás lapos-ra kalapácsolta a fémet. *Húngaro*  
 the worker flat-Trans hammer-Pst the metal  
 ‘The worker hammered the metal flat.’ (Snyder, 2001:28)

Levinson (2010) apresenta resultativas no norueguês, língua em que predicados secundários de resultativas não têm marcação de caso. Esses predicados, no entanto, exibem morfologia de concordância adjetival com o argumento (DP<sub>ACC</sub>) que modificam.

- (65) a. Marit drakk flaskene tomm-e.  
 Marit drank bottle-DEF.PL empty-PL  
 ‘Marit drank the bottles empty.’
- b. Marit banket dem flat-e.<sup>74</sup>  
 Marit hammered them flat-PL  
 ‘Marit hammered them flat.’

As resultativas do coreano apresentam o sufixo *-key* no adjetivo.<sup>75</sup> Vejamos alguns exemplos:

- (66) a. John-i mos-ul napcakha-key twutulki-ess-ta  
 John-NOM nail-ACC flat-key pound-past

<sup>74</sup> Exemplos de Levinson (2010:11).

<sup>75</sup> Shim & den Dikken (2008) atribuem ao sufixo *-key* uma semântica de *until*. Hong (2005), em nota, aponta que *-key* no predicado resultativo é geralmente assumido como um morfema de ‘resultado’, segundo K-W Sohn (1995:23) e S-W Kim & Maling (1998:194). Por outro lado, Hong (2005) nota que autores como Y-J Jang & S-Y Kim (2001) assumem *-key* como sendo o núcleo da *small clause*.

‘John pounded the nail flat.’ (Hong, 2005:130)

- b. Jim-i mok-i swi-key wul-ess-ta.  
 Jim-NOM throat-NOM hoarse-key cry-PAST-DECL  
 ‘Jim cried his throat hoarse.’ (Shim & den Dikken, 2008:5)

Nas resultativas do mandarim, os adjetivos coocorrem com o afixo verbal *le*.<sup>76</sup>

Os exemplos seguem em (67):

- (67) a. Zhang San ku-shi-le shoujuan  
 Zhang San cry-wet-LE handkerchief  
 ‘Zhang San cried the handkerchief wet’
- b. Zhang San ku-de shoujuan shi-le  
 Zhang San cry-DE handkerchief wet-LE  
 ‘Zhang San cried the handkerchief wet’
- c. Zhang San-de yanjing zui-hong-le  
 Zhang San-DE eyes drunk-red-LE  
 ‘Zhang San’s eyes got red from being drunk’
- d. Zhang San-de yanjing zui-de hong-le  
 Zhang San-DE eyes drunk-DE red-LE  
 ‘Zhang San’s eyes got red from being drunk’
- e. Zhang San ca-gan-le boli  
 Zhang San wipe-dry-LE glass  
 ‘Zhang San has wiped the glass dry’ (Sybesma, 1999:9,17,69)

Autores como Hong (2005) e Shim & den Dikken (2008), que analisam as resultativas do coreano, atribuem a elas uma estrutura diferente das resultativas de línguas como o inglês, o que pode prever alguma diferença (morfológica) no comportamento do adjetivo nessas línguas. Raciocínio semelhante pode ser feito para as resultativas do mandarim. No entanto, pensando na morfologia do adjetivo, ainda temos que dar conta das resultativas do húngaro e do finlandês (cujos adjetivos apresentam morfologia de caso), as resultativas do norueguês (cujos adjetivos concordam em número com o DP<sub>ACC</sub>), e as resultativas do alemão<sup>77</sup>, cujos adjetivos podem (i) apresentar modificação em grau e (ii) ser adjetivos derivados de nomes e verbos.

<sup>76</sup> Sybesma (1999) coloca que o afixo *le* do mandarim está geralmente associado com as noções de completude, perfectividade e *boundedness*.

<sup>77</sup> O adjetivo em resultativas do inglês também pode apresentar morfologia derivacional e de grau, demonstrado no decorrer desta tese.



Adicionalmente, a generalização referente a participípios/gerúndios em resultativas apresenta contra-exemplos, que serão abordados na próxima seção.

#### 1.4.2.4 Retomando participípios e gerúndios

É fato que gerúndios e participípios com denotação equivalente a de adjetivos geram dados agramaticais nas resultativas do inglês mostradas em (55). Repito algumas abaixo.

- (68) a. The maid scrubbed the pot \*shined/ \*shining.  
 b. The jockeys raced the horses \*sweating.  
 c. The chef cooked the food \*blackened/ \*charred.

A questão é que nem todos os dados desse tipo são agramaticais nas línguas foco da tese, como mostram os dados do alemão e do holandês, em (69)b-c respectivamente, para a versão do inglês de (68)a (repetida em (69)a).

- (69) a. \*The maid scrubbed the pot shining.  
 b. Das Mädchen hat den Topf glänzend geschrubbt.<sup>78</sup>  
 A moça teve o pote brilhando esfregado.  
 ‘A moça esfregou/poliu o pote e ele ficou brilhando.’  
 c. Ik heb de tafel/ de schelp glanzend gewreven.  
 Eu tive a mesa/ a concha brilhando esfregado  
 ‘Eu esfreguei/poli a mesa/a concha e ela ficou brilhando.’

Paralelamente, existem participípios do inglês, não necessariamente com morfologia em *-ed*, que formam resultativas, a exemplo de *bent* (forma participial irregular de *to bend* – ‘dobrar’), como em (70):

- (70) a. He pounded the metal bent.  
 Ele martelou o metal dobrado

Crucialmente, ainda sobre participípios no inglês, Hong (2005) mostra exemplos de resultativas bem formadas cujos adjetivos apresentam terminação em *-ed*.

<sup>78</sup> Além da interpretação resultativa, a sentença apresenta a leitura em que *glänzend* (brilhando) denota o modo como a ação de esfregar/polir foi conduzida.

- 
- (71) a. Mary danced herself tired.<sup>79</sup>  
 Mary dançou REFL. cansado  
 ‘Mary dançou e ficou cansada.’
- b. The boys ran their sneakers ragged.  
 Os meninos correram seus tênis esfarrapados  
 ‘Os meninos correram de forma que seus sapatos ficaram esfarrapados.’
- c. The joggers ran themselves exhausted.<sup>80</sup>  
 Os corredores correram REFL. exaustos  
 ‘Os corredores correram e ficaram exaustos devido à corrida.’

Face a (71) e (68), a autora argumenta que não vê como uma restrição semântica possa diferenciar adjetivos em *-ed* permitidos em resultativas (como *tired*, *ragged* e *exhausted*) dos adjetivos proibidos (como *shined*, *blackened* e *charred*). Lembro que devemos acrescentar ao paradigma a possibilidade de resultativas com morfologia de gerúndio, a exemplo dos dados do alemão e do holandês em (69)b-c.

Sobre a possibilidade de a restrição ser morfológica (como em Kratzer (2005)), acredito que, diante dos fatos em (69)b-c e (71) e dos dados da subseção 1.4.2.2, generalizações com base na morfologia dos adjetivos, especificamente: morfologia de gerúndio, particípio, flexão (grau, número) e derivação, enfrentam problemas. Dessa forma, o objetivo da seção 1.4.2 foi mostrar uma série de dados que enfraquecem uma análise fortemente baseada nas propriedades morfológicas dos predicados secundários envolvidos na construção.

---

<sup>79</sup> As generalizações feitas nesta tese têm como base os rótulos canônicos. É possível, no entanto, que participios como *tired* não sejam participios ‘genuínos’. Poderíamos levantar a hipótese de que, na falta de um adjetivo nu (*bare*), a gramática da língua recorre a um participio. Vou manter a descrição com a terminologia tradicional para efeitos expositivos, deixando essa possibilidade analítica para desenvolvimento futuro. Agradeço à Maria Cristina Figueiredo Silva (c.p.) por levantar essa possibilidade. Mesmo uma hipótese deste tipo estando no caminho certo, vale lembrar que uma análise estritamente morfológica à la Kratzer (2005) ainda precisa dar conta do ordenamento dos afixos, i.e. da boa formação de resultativas adjetivais em que o núcleo do sintagma adjetival apresenta sufixo em *-ed*.

<sup>80</sup> Exemplos de Hong (2005:139).

## 1.5 Resultativas ‘aparentes’: resultativas adverbiais e pseudoresultativas

Existem dados cuja estrutura [V DP<sub>ACC</sub> AP] se assemelha à estrutura das resultativas, porém são analisados de maneira distinta por autores como Parsons (1990), Geuder (2000), Kratzer (2005), Levinson (2007, 2010), *inter alia*. Vejamos alguns exemplos.

- (72) a. I opened the door wide.  
Eu abri a porta amplo  
‘Eu abri a porta escancarada.’
- b. I shut the door tight.<sup>81</sup>  
Eu fechei a porta apertado  
‘Eu fechei a porta bem fechada.’
- c. He chopped the parsley fine.  
Ele picou a salsa fino  
‘Ele picou a salsa fininha.’
- d. He cut the hair short  
Ele cortou o cabelo curto  
‘Ele cortou o cabelo curto.’
- e. She sewed the skirt tight.  
Ela costurou a saia justo  
‘Ela costurou a saia justa.’

Uma das análises para distinguir resultativas de ‘aparentes’ resultativas se baseia na semântica das construções, mais especificamente na ‘função’ dos modificadores. Parsons (1990) argumenta que, apesar da semelhança estrutural com as resultativas, em dados (a rigor, os VPs) como ‘*chop the onions fine*’ e ‘*close the door tight*’, os modificadores ‘*fine*’ e ‘*tight*’ modificam um estado final. Esses adjetivos, então, são analisados (dentro da semântica de eventos neo-davidsoniana) na estrutura como “ (...) *additional conjuncts on the state variables*” (*ibid*:121). Para *x closes the door tight*, o

<sup>81</sup> Exemplos (a-b) de Geuder (2000:69).

adjetivo *tight* modifica um estado de *being-closed*. Esse estado *being-closed* é alcançado pelo verbo matriz causativo. Para *x closes the door tight*, segue a forma lógica:

“(∃e)[Cul(e) & Agent(e,x) & (∃e’) [Cul(e’) & Theme(e’,door) & CAUSE(e,e’) & (∃s)[Being-closed(s) & Theme(s,door) & Hold(s) & BECOME(e’,s) & Being-tight(s)]]].” (PARSONS, 1990:121)

A partir da fórmula, vemos que existe um evento *e*, cujo agente é *x*, e existe um evento *e’*, cujo tema é *the door*, e *e* é o evento que causa (CAUSE) *e’*. Existe um estado *s*, que é *being-closed*, cujo tema é *the door*, e *e’* se torna (BECOME) *s*, ou seja, *the door being-closed*. Isso significa que, em *John closes the door tight*, o evento *e* é *John closes the door* e o fato de ele fazer isso causa *e’*, i.e. o estado resultante da ação de *John closes the door* é *the door being-closed*. Além disso, existe um estado *s*, *being-tight*, que é o resultado final de *e’*. Em outras palavras, *tight* modifica (BECOME) o estado resultante *being-closed*, referente a *the door*.

Nas ‘*resultative-tags*’ (resultativas, na terminologia do autor), a estrutura pode ser analisada como as causativo-incoativas e os operadores CAUSE e BECOME, com a diferença de que traz a informação sobre o tipo de causação do evento (*causing event*), ou seja, o modo pelo qual a ação é realizada. Para *x hammered the metal flat*, temos:

“(∃e)[Cul(e) & Agent(e,x) & Hammering(e) & Theme(e,metal) & (∃e’)[Cul(e’) & Theme(e’,metal) & CAUSE(e,e’) & (∃s)[Being-flat(s) & Theme(s,metal) & Hold(s) & BECOME(e’,s)]]].” (PARSONS, 1990:121)

Vemos na fórmula a existência de um evento *hammering e*, cujo agente é *x* e cujo tema é *the metal*. O tema atinge o estado *s being-flat* na culminação *e’*. Nessa estrutura, o adjetivo denota o estado alcançado pelo tema por meio da ação verbal.

Partindo da mesma linha de raciocínio, Geuder (2000) argumenta que o adjetivo em uma resultativa adjetival como em *hammer the metal flat* nomeia o estado resultante de uma ação de martelar. Já em *resultativas adverbiais* como *open the door wide*, *wide* é um modificador e não o estado resultante *per se*.

Geuder (2000) chama os modificadores em (72) de *advérbios resultativos*, como forma de distinguir os modificadores em (72) de advérbios de modo, e ainda para fazer

menção à modificação relativa ao resultado do evento.<sup>82</sup> O autor acrescenta ao paradigma dados como:

- (73) a. They decorated the room beautifully. → beautiful decoration  
 ‘Eles decoraram o quarto belamente.’ ‘decoreação bonita’
- b. They loaded the cart heavily.<sup>83</sup> → heavy load  
 ‘Eles carregaram o carrinho pesadamente.’ ‘carga pesada’

A ideia é mostrar que em (73)a, além da interpretação de ‘modo’,<sup>84</sup> há a interpretação de que *beautifully* especifica um resultado final, assim como em (73)b, sendo que a especificação desse estado final é parafraseada em *a beautiful decoration* e *a heavy load* (o autor se refere a esse tipo de paráfrase como *nominalização resultativa*). Apesar da ausência de morfologia em *-ly* nos dados em (72), Geuder (2000) trata esses modificadores como advérbios, pertencentes ao mesmo grupo dos modificadores (advérbios) de (73).<sup>85</sup>

Kratzer (2005) argumenta que em resultativas ‘aparentes’ o predicado secundário é, na verdade, um advérbio, e não um adjetivo. A distinção entre advérbios e adjetivos, nota a autora, é mascarada pelo fato de ambos, muitas vezes, não apresentarem distinção morfológica (fato evidente no alemão). Assim, em construções como *She cut her hair short*, *short* é advérbio. Seguem mais alguns exemplos, desta vez do alemão e do (equivalente em) inglês:

- (74) a. Sie haben den Fußballplatz hell beleuchtet.  
 They have the soccer field bright illuminated .  
 ‘They illuminated the soccer field brightly.’  
 ‘Eles iluminaram o campo de futebol claramente.’
- b. Sie haben den Laster schwer beladen.  
 They have the truck heavy loaded.<sup>86</sup>  
 ‘They loaded the truck heavily’.

<sup>82</sup> Na análise do autor, esses modificadores se comportam sintaticamente como predicados de eventos, mas, semanticamente, são modificadores de indivíduo resultante introduzido pragmaticamente.

<sup>83</sup> Exemplos de Geuder (2000:69).

<sup>84</sup> A interpretação de modo não está em (73)b, segundo o autor, para quem o termo *advérbio* não se refere sempre à modificação de modo. Geuder (2000) critica o estudo de modificadores dentro da semântica de eventos por ela analisar advérbios de modo e modificadores relacionados simplesmente como predicados de eventos, sem portanto fazer a devida distinção entre ambos.

<sup>85</sup> Geuder (2000) trata os modificadores em questão como uma instância da variação lexical dentro da área dos adjetivos, e considera a marcação adverbial como um acessório gramatical para os adjetivos em contextos estruturais particulares.

<sup>86</sup> Exemplos em alemão e glossas para o inglês de Kratzer (2005:9). Tradução para o inglês e para o PB minhas.

‘Eles carregaram o caminhão pesadamente.’

Levinson (2007, 2010) analisa os adjetivos em (75) como modificadores de nome,<sup>87</sup> sendo semanticamente distintos dos predicados resultativos; por esse motivo, a autora chama as construções em (75) de *pseudoresultativas*, e argumenta que pseudoresultativas não devem se confundir nem com resultativas adjetivais (*hammer the metal flat*) nem com resultativas adverbiais (*They loaded the cart heavily*).<sup>88</sup>

- (75) a. Mary braided her hair tight.  
Mary trançou seu cabelo firme/apertado  
‘Mary trançou seu cabelo bem firme.’
- b. Mary tied her shoelaces tight.  
Mary amarrou seu laço-de-sapato apertado  
‘Mary amarrou o laço do sapato dela apertado.’
- c. Mary piled the cushions high.  
Mary empilhou as almofadas alto  
‘Mary empilhou as almofadas alto.’
- d. Mary chopped the parsley fine.  
Mary picou a salsa fino  
‘Mary picou a salsa fininha.’
- e. Mary sliced the bread thin.  
Mary fatiou o pão fino  
‘Mary fatiou o pão bem fino.’
- f. Mary ground the coffee beans fine.<sup>89</sup>  
Mary moeu os café grãos fino  
‘Mary moeu os grãos de cafés bem fininhos.’

No exemplo prototípico da autora *Mary braided her hair tight*, o adjetivo não modifica o objeto direto; ou seja, o que se torna *tight* por meio do verbo (*braid*) não é o objeto direto (*the hair*), mas sim *the braid* (a trança), criada pelo evento de *braiding*

<sup>87</sup> Levinson (2007, 2010) se distancia de Geuder (2000) por considerar que esses modificadores não são adverbiais, no sentido de não serem predicados de eventos.

<sup>88</sup> Assim como Geuder (2000) fez para os modificadores de resultativas adverbiais em (72), Levinson (2007, 2010) analisa os adjetivos de pseudoresultativas como modificadores de um indivíduo criado. No entanto, diferentemente de Geuder (2000) nas resultativas adverbiais, o indivíduo modificado nas pseudoresultativas é analisado como sintaticamente ativo e denotado na raiz lexical do verbo.

<sup>89</sup> Exemplos de Levinson (2007:32).

(trançar).<sup>90</sup> Diferentemente, em *hammer the metal flat*, *the metal* se torna *flat* como resultado do evento de martelar.

Quanto às resultativas adverbiais, Levinson (2007, 2010) concorda com Geuder (2000) de que também não parecem modificar o objeto do verbo, mas difere do autor ao observar que exigem morfologia adverbial em *-ly* no inglês, obrigatoriamente. Já as pseudoresultativas em (75) não licenciam modificadores em *-ly*.<sup>91</sup> Nesse ponto, a autora também discorda de Kratzer (2005), que analisou pseudoresultativas (cf. (75)) como adverbiais (como em (74)).

Além da diferença morfológica, Levinson aponta uma diferença semântica nos verbos entre (73)/(74) e (75), que motiva uma análise diferenciada (e, conseqüentemente, uma denominação diferente, i.e. resultativas adverbiais e pseudoresultativas.) Os verbos em dados como (73) (*to decorate*, *to load*) não pertencem ao grupo que a autora denomina *root creation verbs* (em (75)). Os *root creation verbs* exigem uma fonte (*hair*, *cushions*, *parsley*); nesse sentido, em *She braided her hair*, *the hair* seria a ‘fonte’ e *the braid* seria o ‘alvo’. Já nos verbos como *to decorate*, *to load*, *to dress* (*implicit cration verbs*, na terminologia de Geuder (2000)), o objeto do verbo é interpretado como tema afetado e não fonte. O contraste é exemplificado da seguinte maneira: em *She braided her hair*, há a interpretação de que *do cabelo* foi feita *uma trança*, ao passo que em *Mary decorated the string lights*, não é possível a interpretação de que *das luzes* foram feita *uma decoração*. Similarmente, em *They illuminated the soccer field*, não podemos entender que *do campo de futebol* foi feita *uma iluminação*.

Relevante para esta tese é que resultativas (adjetivais) sejam distinguidas de resultativas adverbiais ou pseudoresultativas. Nas resultativas adjetivais, o adjetivo é estado resultante e não modificador. Ou seja, o adjetivo (ou sintagma resultativo) denota o resultado da ação sobre o DP<sub>ACC</sub> (ou tema afetado), e tal resultado não se confunde com modificação de algum outro estado/indivíduo denotado no conteúdo semântico do verbo ou no conteúdo semântico de [V+ DP<sub>ACC</sub>].

<sup>90</sup> Com uma análise morfossemântica e dentro do quadro da Morfologia Distribuída, a autora argumenta que os predicados de pseudoresultativas não modificam nenhuma palavra na sintaxe, mas sim a raiz do verbo em uma configuração licenciada pelo tipo semântico da raiz e pela estrutura de verbos que a autora chama de *root creation verbs*.

<sup>91</sup> Exemplos nos contrastes (Levinson, 2010):

- (i) \*They decorated the room beautiful.
- (ii) \*They loaded the cart heavy.
- (iii) \*Mary braided her hair tightly.
- (iv) \*She piled the cushions highly.

Adicionalmente, o adjetivo nas resultativas adjetivais nunca apresenta morfologia adverbial; ou seja, resultativas adjetivais se distinguem de resultativas adverbiais pelo fato de as últimas apresentarem morfologia em *-ly* para o inglês, segundo Levinson (2007, 2010).

Ainda para distinguir resultativas adjetivais de pseudoreresultativas, Levinson (2010) traz dados do finlandês com o objetivo de apontar uma diferença morfosintática. Nessa língua, resultativas adjetivais apresentam caso translativo no adjetivo.<sup>92</sup> Já o adjetivo das pseudoreresultativas não pode ser marcado com caso translativo; quando é possível a marcação de caso, o caso é ilativo.

- (76) a. Mari joi teekannu-n tyhjä-ksi.  
Mari.NOM drank teapot-ACC empty-TRANSL  
'Mari drank the teapot empty.'
- b. Mari hakkasi metalli-n litteä-ksi.  
Mari.NOM hammered-ACC metal-ACC flat-TRANS  
'Mari hammered the metal flat.'
- c. Mari nauroi itsensä käheä-ksi.  
Mari.NOM laughed herself hoarse-TRANS  
'Mari laughed herself hoarse.'
- (77) a. \*Mari leti-tt-i hiuksensa tiuka-ksi.  
Mari braid-CAUS-PAST hair-ACC.POSS tight-TRANS
- b. \*Jussi satoi kengännauhansa tiuko-i-ksi.  
Jussi tied shoelaces-ACC.POSS tight-PL-TRANS
- c. \*Mari kasasi tyynyt korke-i-ksi.  
Mari piled pillows high-PL-TRANS
- (78) a. Mari leti-tt-i hiuksensa tiukka-an.  
Mari braid-CAUS-PAST hair-ACC.POSS tight-ILL  
'Mari braided her hair tight.'
- b. Mari satoi kengännauhansa tiukka-an.<sup>93</sup>  
Mari tied shoelaces-ACC.POSS tight-ILL  
'Mari tied her shoelaces tight.'

<sup>92</sup> A autora aponta a descrição de Fong (2003) sobre o caso translativo no finlandês, descrevendo-o como um caso que ocorre com verbos de mudança de estado, onde marca o resultado da mudança, e ainda com verbos causativos de mudança de estado, onde marca o estado resultante.

<sup>93</sup> Exemplos de Levinson (2010:8-10).



Em (76), temos resultativas adjetivais cujo adjetivo é marcado com caso translativo. Em (77), as pseudoresultativas não aceitam caso translativo no adjetivo. Quando é possível a marcação de caso em pseudoresultativas, o caso é ilativo, conforme mostra (78).

Levinson (2007, 2010) também traz como argumento para distinguir resultativas adjetivais de pseudoresultativas a variação translinguística. Nesse sentido, línguas românicas, reconhecidas por não apresentarem resultativas adjetivais, licenciam construções pseudoresultativas. O argumento da autora será exemplificado na seção 1.7, em que abordarei resultativas do PB e línguas românicas em geral. Vale mencionar que Barbosa (2008) se baseia em argumento semelhante para dizer que o PB não licencia resultativas. Antes, porém, de discutir as resultativas em línguas românicas, a próxima seção tratará das resultativas inacusativas.

## 1.6 Resultativas inacusativas

Verbos inacusativos também são conhecidos por formarem resultativas (Levin & Rappaport, 1995, *inter alia*). Em resultativas inacusativas, o sintagma resultativo predica do sujeito de superfície. Levin & Rappaport (1995) analisam que o sujeito na estrutura de superfície é o objeto subjacente, ou seja, o objeto da estrutura profunda.<sup>94</sup> Vejamos alguns exemplos das autoras (1995:39):

- (79) a. The river froze solid.  
O rio congelou sólido  
'O rio congelou e ficou sólido.'
- b. The prisoners froze to death.  
Os prisioneiros congelaram para morte  
'O prisioneiros congelaram até a morte.'
- c. The bottle broke open.  
A garrafa quebrou aberto  
'A garrafa quebrou de forma que ficou aberta.'
- d. The gate swung shut.  
O portão balançou fechado  
'O portão balançou até fechar.'

Kratzer (2005) defende uma análise de alçamento para resultativas adjetivais, em que o verbo é sempre intransitivo inergativo. A autora prevê que não devemos encontrar um verbo verdadeiramente inacusativo em resultativas adjetivais. Face aos dados em (79), para o verbo *frieren* (*congelar*, em alemão), a autora aponta que aparece tanto com o auxiliar *sein* (ser) quanto *haben* (ter), mostrando o que Kratzer (2005) chama de comportamento misto em relação à inacusatividade, a exemplo de (80).<sup>95</sup>

- (80) a. Es hat gefroren.  
ES<sub>Expletivo</sub> teve congelado  
'A temperatura estava congelante.'

<sup>94</sup> A questão, para as autoras, é manter a *Direct Object Restriction (DOR)* – generalização segundo a qual o sintagma resultativo é predicado do NP pós-verbal, e não do sujeito nem do complemento oblíquo.

<sup>95</sup> Tradicionalmente, a seleção do auxiliar *sein* (ser) é diagnóstico para inacusatividade. A seleção do auxiliar *haben* (ter) indica que o verbo não é inacusativo.

- b. Ich hab' gefroren.  
Eu tive congelado  
'Eu congelei/ eu passei muito frio.'
- c. Das Wasser ist gestern gefroren.<sup>96</sup>  
A água é ontem congelado  
'A água congelou ontem.'

A contraparte em alemão para *swing* - *schwingen* (balançar, suspender) – seleciona no alemão padrão o auxiliar *haben*, apresentando comportamento inergativo (embora alguns dialetos admitam a versão com auxiliar *sein*). Para dados como em (79)c, o alemão apresenta tanto o adjetivo *offen* quanto a partícula verbal *auf*, sendo que ambos significam *open* em inglês (*aberto* em PB). No alemão, existem ocorrências em que a partícula apresenta comportamento de adjetivo, e em que o adjetivo se comporta como partícula. Kratzer (2005) mostra que o adjetivo *offen* (*open*) em alemão possui categorização incerta enquanto adjetivo ou partícula. Nesse sentido, seu uso se confunde com o da partícula *auf*.

- (81) a. Die Tür ist auf. / Die Tür ist offen.  
a porta é AUF<sub>part</sub> a porta é aberto  
'A porta está aberta.' / 'A porta está aberta.'
- b. Sie hat die Tür aufgelassen. / Sie hat die Tür offengelassen.<sup>97</sup>  
Ela teve a porta AUF<sub>part</sub>-deixado Ela teve a porta aberto-deixado  
'Ela deixou a porta aberta'. / 'Ela deixou a porta aberta'.

A mesma linha de raciocínio é estendida para outros verbos do inglês cujas versões intransitivas são certamente inacusativas em alemão, mas cujo sintagma resultativo é *offen*.

- (82) a. burst (open), pop (open), fly (open), tear (open), rip  
(open), crack (open), slide (open).
- b. platzen (offen), knallen (offen), fliegen (offen), zerreißen (offen), reißen  
(offen), krachen (offen), gleiten (offen).
- c. arrebentar (aberto), estourar (aberto), voar (aberto), rasgar (aberto), romper  
(aberto), partir (aberto), deslizar (aberto).<sup>98</sup>

<sup>96</sup> Exemplos de Kratzer, (2005:16-17).

<sup>97</sup> Exemplos de Kratzer, (2005:17-18).

<sup>98</sup> Exemplos em (a) de Kratzer, (2005:17-18). Tradução para o alemão em (b) minha.

Uma vez que a categorização de *offen* é incerta, a autora o considera tanto partícula quanto adjetivo. E, uma vez podendo ser partícula, a análise das resultativas adjetivais não pode mais se estender a *offen*.<sup>99</sup>

Pensando na argumentação de Kratzer (2005), tomemos o verbo *freeze*. O dado em (79)b, no inglês, pode se realizar de duas maneiras em alemão.<sup>100</sup> Vejamos:

- (83) a. The prisoners froze to death.  
Os prisioneiros congelaram para morte  
'O prisioneiros congelaram até a morte.'
- b. Die Gefangenen **sind** zu Tode/ tot gefroren.  
Os prisioneiros **foram** para morte/ morto congelado  
'O prisioneiros congelaram até a morte.' / 'O prisioneiros congelaram e ficaram mortos por conta disso.'
- c. Die Gefangenen **haben sich** zu Tode/ tot gefroren.  
Os prisioneiros **tiveram REFL.** para morte/ morto congelado  
'O prisioneiros congelaram até a morte.' / 'O prisioneiros congelaram e ficaram mortos por conta disso.'

O verbo *frieren* (congelar) mostra tanto comportamento inacusativo quanto inergativo, como podemos observar na escolha do auxiliar *sein* (ser) (cf. (83b) ou do auxiliar *haben* (ter) e presença (obrigatória) do reflexivo (cf. (83)c). Portanto, faz sentido a argumentação de que *frieren* (congelar) mostra comportamento misto em relação à inacusatividade. No entanto, o sentido dos dados em (83)b-c poderia ser tomado ligeiramente diferente, em que apenas na versão inacusativa não é possível atribuir nenhuma agentividade ao sujeito<sup>101</sup> – o que é previsto pela generalização de Burzio (1986). Essa diferença semântica e a diferença estrutural em si (diferença no uso de auxiliares e Acc) são uma questão para a assunção de que não deveríamos encontrar um verbo verdadeiramente inacusativo participando da construção.<sup>102</sup>

Ainda assim, talvez seja possível separar os dados em (79)a-b de resultativas. Para (79)a, *The river froze solid*, poderíamos pensar no adjetivo como modificador de

<sup>99</sup> A distribuição de partículas e sintagmas resultativos (AP/PP/etc.) parece distinta, embora a questão seja controversa. Segundo alguns autores (Kayne (1984, 1985), den Dikken (1995)), partículas podem coocorrer com resultativas. O tema será abordado no capítulo 4.

<sup>100</sup> A rigor, de quatro maneiras, uma vez que o sintagma resultativo pode ser tanto PP quanto AP.

<sup>101</sup> Com *frieren* inacusativo, pode-se entender que *os prisioneiros* não tiveram nenhuma culpa em congelarem (por exemplo, deixaram eles no pátio, largados à própria sorte, e assim acabaram congelando). Com *frieren* inergativo, *os prisioneiros* podem ser entendidos com alguma agentividade/volição (por exemplo, eles queriam muito respirar ar puro, e por isso foram ao pátio, mesmo sabendo que o risco de congelarem era grande, o que de fato aconteceu).

<sup>102</sup> Note-se que a versão inergativa soa mais 'natural' que a inacusativa.

algum estado resultante denotado no conteúdo do verbo, a exemplo das análises feitas para ‘aparentes’ resultativas, mostradas na seção 1.5. Já para (79)b, a caracterização de que o sintagma resultativo modifica um estado resultante denotado na semântica do verbo soa um tanto vaga.

Vamos, por hipótese, supor que as sentenças em (79) não são contraexemplos para a argumentação de Kratzer (2005), i.e. não temos verbos verdadeiramente inacusativos em resultativas. Dessa forma, ou os dados em (79)a-b (com o verbo *congelar*) não seriam verdadeiramente inacusativos, ou então não seriam resultativas ‘genuínas’; já o dado em (79)c (com o adjetivo-partícula *open*) tem estrutura diferente de resultativas adjetivais.

Mesmo assim, não parece ser fato que resultativas não são possíveis com verbos inacusativos. Em (84)a, no holandês, o verbo é inacusativo (atestado pela presença do auxiliar *zijn*-ser) e o sintagma resultativo denota o estado resultante. Lembro que no verbo em questão, *voar*, não há possibilidade de inferência de criação de algum indivíduo ou estado. Em (84)b, o mesmo verbo apresenta comportamento inergativo (atestado pela presença do auxiliar *hebben*-ter), com a diferença de que nesse dado há a presença do DP<sub>ACC</sub>, mostrado na obrigatoriedade do reflexivo, haja vista o contraste entre (84)b-c.

- (84) a. dat het vliegtuig te pletter **is** gevlogen  
 que o avião em pedaços **é** voado  
 ‘que o avião voou e ficou em pedaços.’
- b. dat het vliegtuig **zich** te pletter **heeft** gevlogen  
 que o avião REFL. em pedaços **teve** voado  
 ‘que o avião voou e ficou em pedaços.’
- c. \*dat het vliegtuig te pletter **heeft** gevlogen  
 que o avião em pedaços **teve** voado

Adicionalmente, encontramos outras resultativas inacusativas, como mostram os exemplos do inglês e do alemão:

- (85) a. The vase fell to pieces.  
 O vaso caiu em pedaços.  
 ‘O vaso caiu e ficou em pedaços.’
- b. Die Vase ist in Stücke gefallen.  
 O vaso é em pedaços caído

‘O vaso caiu e ficou em pedaços.’

- c. Das Flugzeug ist in Stücke geflogen.  
O avião é em pedaços voado  
‘O avião voou e ficou em pedaços.’
- d. Die Teller sind kaputt gefallen.  
Os pratos são estragado caído  
‘Os pratos caíram e ficaram quebrados por conta da queda.’

Notamos, nos dados do alemão, a presença do auxiliar *sein* (ser), mostrando o comportamento inacusativo dos verbos. Para completar o paradigma, coloco abaixo mais alguns dados de resultativas inacusativas (em (a) do holandês e em (b) do alemão).

- (86) a. dat mijn jas nat is geregnet.<sup>103</sup>  
que meu casaco molhado é chovido  
‘que meu casaco ficou molhado por ação da chuva.’
- b. Meine Jacke ist nass geregnet.  
Minha jaqueta é molhado chovido  
‘Minha jaqueta ficou molhada por ação da chuva.’
- c. \*Meine Jacke hat sich nass geregnet.  
Minha jaqueta teve REFL. molhado chovido
- d. Es hat geregnet./ \*Es ist geregnet.  
Expl. teve chovido Expl. foi chovido

Em (86)a, o verbo inacusativo *chover* participa de uma resultativa; o equivalente em alemão é mostrado em (86)b – em ambas, holandês e alemão, o auxiliar é *ser*. A resultativa com o verbo *chover* se comportando inergativamente em alemão não é possível (cf.(86)c), mesmo com a presença do reflexivo (DP<sub>ACC</sub>). Nesse caso, o verbo mostra de fato seu comportamento inacusativo, uma vez que não é capaz de atribuir papel temático de agente ao sujeito da sentença (segundo a generalização de Burzio (1986)). Curiosamente, o verbo *chover*, em alemão, quando usado no sentido de ‘*Choveu*’, seleciona auxiliar *haben* (ter), obrigatoriamente (cf.(86)d), mostrando comportamento inergativo.

<sup>103</sup> Exemplo de Hoekstra (2004:305).

---

Fica claro, portanto, que resultativas inacusativas são possíveis nas línguas objeto de estudo. A questão, aqui, é se resultativas inacusativas têm a mesma estrutura das demais resultativas (‘intransitivas inergativas’, ‘transitivas’ e ‘ambíguas’).

Nas resultativas ‘intransitivas inergativas’, pode-se assumir que o DP(afetado) recebe papel temático do sintagma resultativo, uma vez que o verbo não tem papel temático a atribuir. Diferentemente, espera-se que o verbo inacusativo tenha um argumento interno. Pensando na mesma análise para ‘inacusativas’ e ‘inergativas’ (como, por exemplo, de SC complemento), é preciso levar em conta que em ‘inacusativas’ o DP argumento interno do verbo (que é alçado para a posição de sujeito) também é sujeito da SC, ou seja, receberia dois papéis temáticos: um do sintagma resultativo e um do verbo.<sup>104</sup> Resumidamente, a questão ‘temática’ também se estende a resultativas inacusativas.

Adicionalmente, assumindo então que resultativas inacusativas existem, fica também questão se os dados em (79) com o verbo *congelar* são de fato resultativas ou são pseudoresultativas/resultativas adverbiais ou ainda uma outra classe de construções. Retomarei essa questão na seção 2.3.5 do capítulo 2.

---

<sup>104</sup> Hoekstra (2004) aponta a possibilidade de ‘afrouxamento’ do critério theta, i.e. atribuição de dois papéis temáticos para o DP<sub>ACC</sub> em resultativas. O contexto de discussão é a questão se de fato em resultativas transitivas o verbo também theta marcaria ou não o DP<sub>ACC</sub>. Dessa forma, uma análise SC complemento ainda poderia ser mantida mesmo assumindo que em resultativas transitivas o DP<sub>ACC</sub> recebe (também) papel temático do verbo. O autor, no entanto, não explora essa possibilidade. Retomarei a questão no capítulo 2.

## 1.7 Resultativas em PB/ línguas românicas

### 1.7.1 (Im)possibilidade de resultativas no PB

Existe uma tradição na literatura de que línguas românicas não licenciam construções resultativas como as apresentadas neste trabalho até aqui.<sup>105</sup> Em (87), temos dados negativos exemplificando a impossibilidade de resultativas em PB (diferentemente das línguas foco da tese).

(87) a. \*Ele atirou ele morto.

*Sentido pretendido:* ‘Ele o matou, atirando nele.’

b. \*Ele bebeu a chaleira vazia.

*Sentido pretendido:* ‘Ele esvaziou a chaleira, bebendo o seu conteúdo.’

c. \*Ele martelou o metal plano.

*Sentido pretendido:* ‘Ele martelou de forma que o metal ficou plano.’

d. \*Ele varreu o chão limpo.

*Sentido pretendido:* ‘Ele varreu de forma que o chão ficou limpo.’

e. \*A criança vomitou a cama cheia.

*Sentido pretendido:* ‘A criança deixou a cama cheia e vômito, ao vomitar sobre ela.’

f. \*Ele espirrou o lenço molhado.

*Sentido pretendido:* ‘Ele molhou o lenço, espirrando nele.’

g. \*O paciente sangrou o lençol sujo.<sup>106</sup>

*Sentido pretendido:* ‘O paciente sujou o lençol, sangrando nele.’

Podemos observar que a agramaticalidade vale tanto para resultativas ‘transitivas’ (cf. (87)a-d) quanto ‘intransitivas’ (cf. (87)e-g).

No entanto, referente às construções similares (resultativas ‘aparentes’, resultativas adverbiais e pseudoresultativas), muitas delas são possíveis em PB e foram objeto de estudo de autores como Foltran (1999) e Lobato (2004).<sup>107</sup>

<sup>105</sup> Excluindo-se as construções similares tratadas na seção 1.5 como resultativas ‘aparentes’, resultativas adverbiais e pseudoresultativas, e algumas inacusativas. Retomarei a questão ainda nessa seção.

<sup>106</sup> Nos dados do PB, apresento o adjetivo flexionado em gênero/número com o DP<sub>ACC</sub>. A justificativa é que, em um ambiente desse tipo (a exemplo de construções com adjetivos predicativos depictivos), o predicado secundário orientado para o objeto é flexionado em gênero/número em PB – diferentemente das línguas foco da tese. Para mais detalhes a esse respeito, bem como um comparação entre PB e alemão, ver Knöpfle (2011) e Carreira & Knöpfle (2013).



Foltran (1999), em seu trabalho sobre predicação secundária no PB, divide as estruturas do tipo V NP ADJ (nas quais o ADJ predica sobre o NP) de acordo com o sentido do adjetivo: (i) depictivas, quando o predicado secundário descreve o estado do NP no momento da ação; e (ii) resultativas, quando o ADJ denota o estado no NP como resultado da ação verbal. A autora cita como exemplos de construções com leitura resultativa os dados em (88)a-c; acrescentei ao paradigma em d-f os dados de Lobato (2004):

- (88) a. Ele cortou o cabelo curto.  
 b. Ele desenhou o círculo torto.  
 c. Ele fabricou a cadeira torta.<sup>108</sup>  
 d. Ela costurou a saia justa.  
 e. O engenheiro construiu a ponte sólida.  
 f. Deus criou os homens fracos.<sup>109</sup>

Foltran (1999) aponta que, em PB, os predicados secundários não têm a propriedade de transformar um evento não delimitado em delimitado, diferentemente das resultativas do inglês (como *hammer the metal flat*). Ou seja, a adição do sintagma resultativo nas sentenças no PB não altera a classe aspectual do verbo, sendo que o predicado secundário parece fornecer uma descrição mais exata do estado final. A autora nota que não são encontradas em PB resultativas com verbos de atividade (como *run* e *drink*) com ponto final indeterminado. A ocorrência das resultativas em PB, segundo a autora, está restrita a predicados com verbo matriz de criação, ou seja, o predicado secundário é interpretado como “(...) *descrição de um objeto que passa a existir, apenas, como decorrente da ação do verbo*” (Foltran, 1999:192). Neste ponto, vale lembrar a abordagem de Hoekstra (1988), i.e. em resultativas (genuínas) o DP<sub>ACC</sub> é objeto *afetado*, ou seja, já existia antes da ação verbal.

Para (88)a, *o cabelo* já existia antes da ação verbal, o que poderia comprometer a argumentação da autora de que se trata de verbos de criação. No entanto, a afirmação em Foltran (1999) me parece seguir a mesma linha da argumentação de Geuder (2000) e Levinson (2007, 2010), em que resultativas adverbiais e pseudoresultativas predicam de um argumento implícito pragmaticamente ou da raiz do verbo de criação,

<sup>107</sup> Lembro que nem todas as construções ‘aparentes’ da seção 1.5 foram traduzidas para o PB mantendo a mesma estrutura da língua de origem. Algumas das construções em BP precisavam de um modificador extra.

<sup>108</sup> Exemplos de Foltran, (1999:149-151).

<sup>109</sup> Lobato (2004:158,162,163).

respectivamente. Assim, acredito que ainda poderíamos tomar *cortar* como verbo de criação, inferindo que de *cortar o cabelo* temos a criação de *um corte*. O mesmo vale para *costurar a saia*, em que (i) do tecido criou-se *uma saia* ou (ii) de uma saia (rasgada, por exemplo) criou-se *uma costura*. Nesse sentido, as sentenças em (88) se enquadrariam no que Levinson (2007, 2010) analisou como pseudoresultativas licenciadas por *root creation verbs*.

Lobato (2004) afirma que o PB não é capaz de licenciar estruturas como *hammer the metal flat*, na qual a interpretação de *flat* é a propriedade que o metal adquire após a ação de *hammer*. No entanto, a autora questiona se apenas com base em dados desse tipo se pode fazer a generalização de que as construções resultativas não existem no PB. Lobato (2004) discorda desta generalização e passa a listar as condições para licenciamento da construção resultativa em PB. Segundo a autora, os verbos que participam da resultativa são classificados em verbos transitivos (i) de criação (*criar, construir*), (ii) de criação com especificação lexical do meio de criação (*escrever, desenhar, pintar* no sentido de criar imagem, *retratar*) e (iii) de ação sobre objeto pré-existente com situação resultante (*cortar, costurar, pintar* no sentido de colorir, *colocar, arrumar*). O adjetivo, para permitir a leitura resultativa, pode aparecer nas formas básica, superlativa e superlativa sintética.

Para os sintagmas resultativos preposicionados, Lobato (2004) restringe a construção aos PPs com a preposição *em*, como em (89):

- (89) a. Ela bateu as claras em neve.  
b. Ela cortou o pão em fatias.

Os dado em (90)a não é considerado resultativa pela autora:

- (90) João pintou a casa de amarelo.

Em (90), a informação do adjetivo especifica a cor, e essa informação é redundante para a estrutura temporal do evento, i.e. o predicado secundário não delimita o evento, tornando-o télico (conferir telicidade ao evento é condição para o predicado secundário formar uma resultativa, na concepção da autora.).

Como vimos, a grande maioria dos dados que Lobato (2004) classifica como pertencendo ao grupo das resultativas do PB se parecem com os colocados na seção 1.5 como resultativas ‘aparentes’ ou ainda dados cuja base são as sentenças em (88), as

quais argumentei se enquadrarem como pseudoresultativas. Adicionalmente, para o dado em (89)a, é possível pensar no PP [em neve] como modificador do processo ou do tipo de evento em questão, ou seja *a forma como se batem as claras*. Nesse caso, a partir da leitura de modificação do processo, infere-se que o resultado é o de que *as claras ficaram em neve*.

Partindo então da premissa de que as resultativas do PB apresentadas até agora pertençam ao grupo das resultativas ‘aparentes’, será que podemos afirmar de fato que o PB (e línguas românicas) não apresenta resultativas ‘genuínas’?

Barbosa (2008) argumenta que o PB não apresenta resultativas. O autor, além de seguir a tradição da literatura, baseia-se em dados negativos do tipo em (87) e ainda nas diferenças semânticas apontadas em Parsons (1990) (i.e. diferença de modificador *enquanto estado resultante*, para resultativas, e modificador *de estado resultante*, para resultativas do PB).

No entanto, gostaria de retomar o fato curioso apontado por Lobato (2004), de que a modificação extra pode licenciar determinadas resultativas. Lembro que a autora aponta a forma como o adjetivo aparece de maneira a permitir a leitura resultativa: forma básica, superlativa e superlativa sintética. Os adjetivos na forma básica não são novidade; curioso são os adjetivos que podem licenciar resultativas estando nas formas superlativas ou superlativas sintéticas, ou ainda em iteração ou modificados.

- (91) a. \*João pintou a casa amarela.  
 b. João pintou a casa muito amarela.  
 b. João pintou a casa amarelinha, amarelinha.  
 c. João pintou a casa bem amarelinha.  
 d. João pintou a casa bem amarelíssima.<sup>110</sup>

A forma básica do adjetivo em (91)a não licencia resultativa, i.e. não temos a leitura de que a casa *ficou amarela* como resultado da ação de *pintar*. Porém, para os demais dados, a leitura resultativa é possível.<sup>111</sup> A próxima seção pretende olhar mais de perto a modificação adjetival em dados como (91).

<sup>110</sup> Exemplos de Lobato (2004:152,158-159).

<sup>111</sup> Talvez haja variação na aceitabilidade de alguns dados em comparação ao julgamento da autora. Mostrarei julgamentos ligeiramente diferentes na próxima seção.

### 1.7.2 A modificação extra no adjetivo

A questão empírica aqui é se podemos estender o fato apontado para o dado (91) para outras resultativas. Em (92), listo o tipo de modificação que poderia, por hipótese, licenciar uma ‘resultativa’ do PB; vou me referir a esse tipo de modificação como *modificação extra*.

- (92) a. quantificadores/intensificadores/advérbios/PPs  
 Exs.: toda amarela  
       super amarela  
       amarela pra caramba
- b. iteração do adjetivo  
 Exs.: amarela-amarela
- c. morfologia flexional em grau no adjetivo  
 Exs.: amarelinha  
       amarelona  
       amarelíssima

Vejam os exemplos de modificação extra em alguns dados do PB, construídos com base nas resultativas ‘transitivas’ das línguas como o inglês, alemão e holandês.

- (93) a. \* João pintou a casa amarela.  
 b. João pintou a casa amarelinha, amarelinha.  
 c. João pintou a casa bem amarelinha.  
 d. ?João pintou a casa bem amarelíssima.  
 e. ?João pintou a casa amarela, amarela.  
 f. João pintou a casa toda amarela.  
 g. João pintou a casa amarela pra caramba.  
 h. João pintou a casa quase amarela.
- (94) a. \*Ele martelou o metal plano.  
 b. Ele martelou o metal super plano.  
 c. Ele martelou o metal plano pra caramba.  
 d. Ele martelou o metal completamente plano.
- (95) a. \*Ele martelou o metal achatado.  
 b. Ele martelou o metal super achatado.  
 c. Ele martelou o metal achatado pra caramba.  
 d. Ele martelou o metal completamente achatado.
- (96) a. \*O jardineiro regou as tulipas achatadas.  
 b. ??O jardineiro regou as tulipas bem achatadinhas.  
 c. ??O jardineiro regou as tulipas completamente achatadas.

- (97) a. \*Ele varreu o chão limpo.  
 b. Ele varreu o chão limpinho.  
 c. ?Ele varreu o chão limpo, limpo.  
 d. Ele varreu o chão limpinho, limpinho.  
 e. Ele varreu o chão bem limpinho.  
 f. Ele varreu o chão limpíssimo.  
 g. ??Ele varreu o chão limpão.  
 h. Ele varreu o chão limpo pra caramba.  
 i. Ele varreu o chão quase limpo.

Nos dados (93)-(97), a forma básica não licencia a construção. Se há alguma chance de o dado ser gramatical, o adjetivo precisa de alguma modificação extra. Para (94)b-d e (95)b-d, embora ambos possam ser julgadas gramaticais (com modificação extra), acredito que *achatado* soa melhor que *plano*. Notamos também uma aceitação marginal para (96)b-c, que procurou ser equivalente a um dos exemplos prototípicos da literatura, i.e. *water the tulips flat*. Já as sentenças em (93) e (97) parecem mais naturais, por esse motivo foram testadas com mais possibilidades de modificação. As formas superlativa, aumentativa e iterativa obtiveram julgamentos com alguma marginalidade.

As possibilidades de modificação extra são várias, e nem todas são aceitas. No entanto, restam dados bem formados em que a modificação extra, ao que tudo indica, licencia ‘resultativas’ no PB.

No entanto, todos os dados até agora testados foram de resultativas ‘transitivas’. Para resultativas ‘intransitivas’, a modificação extra não ‘salva’ a construção.

- (98) a. \*Ele bebeu a chaleira vazia.  
 b. \*Ele bebeu a chaleira super vazia/ vazia, vazia/ vazia pra caramba.  
 c. \*Ele bebeu a chaleira vaziazinha/vaziasíssima/ vaziazona.  
 d. \*Ele bebeu a chaleira vaziazinha, vaziazinha/ bem vaziazinha.  
 e. \*Ele bebeu a chaleira toda vazia/ quase vazia.
- (99) a. \*Ele correu os sapatos estragados.  
 b. \*Ele correu os sapatos super estragados / estragados, estragados / estragados pra caramba.  
 c. \*Ele correu os sapatos estragadinhos/ estragadíssimos/ estragadões.  
 d. \*Ele correu os sapatos estragadinhos, estragadinhos / bem estragadinhos.  
 e. \*Ele correu os sapatos todo estragados/ quase estragados.

Adicionalmente, a modificação extra e o licenciamento de (supostas) resultativas não são questões exclusivas do PB, como mostra a próxima seção.

### 1.7.3 (Im)possibilidade de resultativas no italiano

Nesta seção, gostaria de apontar alguns dados do italiano que aparecem na literatura quando o assunto é resultativas.

- (100) Gianni ha martellato il metallo \*piatto/ piatto, piatto.  
(Folli&Ramchand, 2005:15)

Folli & Ramchand (2005) notam que, no italiano, resultativas AP se tornam possíveis se o predicado adjetival é ‘complexo’. Embora não apresentem uma análise para a questão, as autoras colocam que sintagmas adjetivais morfologicamente complexos são igualmente complexos sintaticamente, no sentido de conterem informação funcional e categorial diferentes de adjetivos simples. Assim, especulam que a iteração do adjetivo corresponda a alguma estrutura funcional suplementar; essa estrutura funcional consistiria de um núcleo correspondente ao processo de *achatamento* bem como de um núcleo correspondente ao estado de *achatado*.

Outro dado bem formado do italiano, desta vez com o modificador *troppo*, é trazido em Napoli (1992:82, *apud* Asada, 2012):

- (101) Ho dipinto l’armadio troppo scuro.  
‘Pintei o armário muito escuro.’

Porém, assim como para o PB, a modificação extra não licencia resultativas ‘intransitivas’. O contraste (e posterior análise) é apontado em nota por Mateu (no prelo).

- (102) a. Maria ha martellato il metallo piatto \*(piatto).  
b. \*Il bambino ha danzato gli piedi doloranti (\*doloranti).

O autor analisa os APs em (102) como não ocupando a posição argumental de predicado da SC, mas sim uma posição de adjunto. Primeiramente, o fato de o adjetivo precisar ser reduplicado em (102)a proporciona um ‘sabor’ quantificacional que está completamente ausente em *Mary hammered the metal flat*. Outro ponto é que a reduplicação do adjetivo *doloranti* não é capaz de fornecer resultativas bem formadas como no inglês *The boy danced his feet sore*. Dessa forma, Mateu sugere que estamos lidando com dois tipos diferentes de construção, i.e. dados como (102)a têm estrutura

diferente de resultativas adjetivais. Por esses motivos, o autor assume que (102)a não é um tipo de construção resultativa verdadeira (ou, como já me referi anteriormente, ‘genuína’), uma vez que o AP em (102)a é um adjunto.

Com base na argumentação do autor, podemos pensar então que a agramaticalidade em (102)b não tem relação com resultativas em si, mas sim com atribuição/checagem de Caso: o AP é adjunto e o DP [*os pés*], não sendo argumento do verbo (intransitivo) *dançar*, fica sem Caso (violando Filtro de Caso (Chomsky, 1981)) – na hipótese de que o DP seria argumento de A e estaria dentro do AP adjunto (ilha). Já tomando o AP como adjunto do VP e o DP [*os pés*] como não sendo argumento de A, o DP fica sem receber papel temático (violando o Critério Theta), uma vez que também não é argumento do verbo. Isso poderia explicar o contraste encontrado nas ‘resultativas’ do PB entre (93)-(97) e (98)-(99), em que verbos transitivos geram dados gramaticais ao passo que verbos intransitivos não.

#### 1.7.4 Algumas questões

Assumindo a argumentação de Mateu (no prelo), i.e. o AP (modificado) de ‘aparentes’ resultativas é adjunto, a pergunta agora é por que ‘resultativas’ do PB como as mostradas em (93)-(97) precisam da modificação extra, assim como em dados similares no italiano. Vale lembrar que a mesma questão se coloca para algumas pseudoresultativas, que em PB também somente são licenciadas mediante alguma modificação no adjetivo. Repito aqui alguns dados mostrados na seção 1.5 e o devido contraste.

- (103) a. I shut the door tight.  
Eu fechei a porta apertada
- b. \*Eu fechei a porta justa/apertada/fechada.
- c. Eu fechei a porta bem fechada.
- (104) a. He chopped the parsley fine.  
Ele picou a salsa fino
- b. ??Ele picou a salsa fina.
- c. Ele picou a salsa fininha.

- (105) a. Mary ground the coffee beans fine.  
Mary moeu os café grãos fino
- b. \*Mary moeu os grãos de café finos.
- c. Mary moeu os grãos de café bem fininhos.

Conforme colocado na seção 1.5, as pseudoresultativas não se confundem com resultativas adjetivais. Mesmo assim, alguns dados de pseudoresultativas em PB somente são possíveis quando o adjetivo é modificado, assim como em resultativas adjetivais (ou ‘aparentes’ resultativas adjetivais, assumindo com Mateu que as estruturas são distintas).

Pensando nos modificadores extra, para a iteração do adjetivo acredito fazer sentido que haja envolvimento de quantificação (conforme aponta Mateu); o mesmo valeria para modificadores como *todo*. Já modificadores intensificadores (*muito*), advérbios/PPs (*pra caramba*) e morfologia de grau parecem trazer alguma contribuição aspectual (em termos de conferir telicidade) para a construção, sendo essa a contribuição ‘chave’ para seu licenciamento.<sup>112</sup> A questão, no entanto, permanece: por que determinadas construções precisam da modificação extra?

Adicionalmente, temos ainda a argumentação de Mateu de que a contribuição quantificacional do adjetivo iterado (na ‘resultativa’ do italiano) está ausente na resultativa do inglês. Acredito que esse raciocínio pode ser estendido para a contribuição aspectual dos outros modificadores. Esse é o primeiro argumento a favor de assumir que se trata de construções distintas. O segundo argumento, não menos importante, é de que somente construções ‘transitivas’ (modificadas) são bem formadas, ao passo que as ‘intransitivas’ não, nem mesmo com as mais variadas formas de modificação. Dessa forma, parece fazer sentido pensar que ‘resultativas’ (modificadas) do PB e resultativas ‘genuínas’ tenham estruturas distintas. Assumindo estruturas distintas, a questão é por que então a semântica de estado resultante sobre DP<sub>ACC</sub> é, aparentemente, a mesma.

Se, diferentemente, assumirmos que elas têm a mesma estrutura, a questão latente é por que motivo então somente as resultativas ‘transitivas’ são possíveis no PB e no italiano, diferentemente das ‘intransitivas’. Devemos perguntar ainda por que o PB e o italiano precisam da modificação extra (diferentemente das línguas ocidentais germânicas). Uma terceira questão nesse sentido é como dar conta da contribuição

<sup>112</sup> Outra possibilidade seria tomar a modificação extra como uma espécie de gradação ou escalas de desenvolvimento do evento como licenciadoras da construção.



quantificacional/aspectual das ‘resultativas’ do PB, contribuição essa ausente nas resultativas ‘genuínas’ (não modificadas).

Podemos notar que outras línguas românicas, a exemplo do francês e do espanhol, não parecem formar resultativas, mesmo na presença de modificação.

- (106) a. \*Pierre a peint le mur blanc.  
 b. \*Pierre a peint le mur très blanc/ complètement blanc/ blanc, blanc.  
 c. \*Pedro pintó la pared blanca.  
 d. \*Pedro pintó la pared muy blanca / toda blanca / blanca, blanca.

Face a (106), outra questão seria referente à variação translinguística – embora qualquer conclusão a respeito de variação translinguística apenas com base nos dados em (106) seja prematura. Trata-se, primeiramente, de uma questão empírica.

### 1.7.5 Resultativas inacusativas no PB

A existência de resultativas inacusativas em PB também é apontada por Lobato (2004). A autora coloca que os inacusativos nas resultativas devem vir combinados com a forma superlativa para o adjetivo *sólido*. Já para *torto* não há essa exigência.

- (107) a. \* O rio congelou sólido.  
 b. O rio congelou solidíssimo/ bem sólido / sólido, sólido.  
 c. A manteiga congelou torta.<sup>113</sup>

É curioso observar o contraste em (107), em que o verbo principal é o mesmo. Em (107)c, não há a exigência de nenhum tipo de modificação, e podemos ter a interpretação de que a *manteiga ficou torta por meio da ação verbal: o congelamento*. Lembro ainda que as sentenças com o verbo *congelar*, enquanto inacusativo, podem levantar dúvidas se de fato pertencem ao grupo das resultativas. Ainda sobre *congelar*, mais intrigante é o estatuto do dado em (108)a, perfeito em PB:

- (108) a. Ele congelou até a morte.  
 b. \*Ele congelou morto.  
 c. \*Ele congelou bem mortinho/ totalmente morto/ morto pra caramba/ morto, morto/ morto que só ele.<sup>114</sup>

<sup>113</sup> Exemplos de Lobato (2004:167-168).

<sup>114</sup> São agramaticais na leitura (resultativa) relevante. Na leitura depictiva, os dados são bons.

Sobre (108)a, Lobato (2004) não considera como construção resultativa em PB os dados em que os sintagmas preposicionais são introduzidos pela preposição *até*, afirmando que o PP não adquire leitura de ponto culminante em que resulta a ação, tendo a leitura progressiva. A ideia é que ‘a morte’ não é o resultado da ação verbal, embora a inferência é de que o sujeito, no final das contas, acabou morto. Nesse sentido, ‘até a morte’ é o tempo em que o sujeito ficou congelando.<sup>115</sup> Fato é que o AP ‘morto’ não licencia a construção, nem mesmo com a modificação extra.<sup>116</sup>

*Congelar* à parte, vamos ver como se comportam outros dados com verbos inacusativos, a exemplo das resultativas inacusativas bem formadas do holandês e do alemão, mostradas na seção 1.6.

- (109) a. dat het vliegtuig te pletter is gevlogen  
que o avião em pedaços é voado  
‘que o avião voou e ficou em pedaços.’
- b. \*O avião voou em pedaços.  
c. \*O avião voou totalmente em pedaços/ despedaçado/ completamente despedaçado/ todo em pedaços/ em pedaços, em pedaços.
- (110) a. Die Teller sind kaputt gefallen.  
Os pratos são estragado caído  
‘Os pratos caíram e ficaram quebrados por conta da queda.’
- b. \*Os pratos caíram quebrados.  
c. \*Os pratos caíram quebrados/ completamente quebrados/ todos quebrados/ quebrados, quebrados.
- (111) a. Meine Jacke ist nass geregnet.  
Minha jaqueta é molhado chovido  
‘Minha jaqueta ficou molhada por ação da chuva.’
- b. \*Minha jaqueta choveu molhada.  
c. \*Minha jaqueta choveu toda molhada/ super molhada/ completamente molhada/ molhada, molhada.

<sup>115</sup> Talvez a distinção a que Lobato (2004) se refira fique mais evidente na comparação com os dados do inglês *I froze myself to death* ou *I cried myself to sleep*, em que a presença do reflexivo (DP<sub>ACC</sub>) caracteriza a construção como resultativa de fato. No que diz respeito ao verbo *congelar*, retomarei a questão no capítulo 2.

<sup>116</sup> Diferentemente da resultativa do alemão:

- (i) Die Gefangenen sind tot gefroren.  
Os prisioneiros foram morto congelado  
‘O prisioneiros congelaram e ficaram mortos por conta disso.’

- (112) a. The vase fell to pieces.  
O vaso caiu em pedaços.  
'O vaso caiu e ficou em pedaços.'
- b. ??O vaso caiu em pedaços.
- c. ??O vaso caiu totalmente em pedaços/ todo em pedaços/ em pedaços, em pedaços / completamente despedaçado.

As resultativas inacusativas, boas em alemão/inglês/holandês, não são possíveis em PB, nem com a tentativa de 'salvamento' por meio da modificação extra – embora o dado (112)b-c seja marginal. Podemos ainda tentar formar outras construções inacusativas, a exemplo de (113):

- (113) a. ??A árvore cresceu reta.
- b. ??A rosa brotou murcha.

Para (113)a-b, embora perfeitamente gramaticais na leitura em que o AP modifica 'o processo', tenho dúvidas se seriam boas com a interpretação relevante, em que o adjetivo denota o estado resultante atingido pelo DP<sub>ACC</sub> por meio da ação verbal, a saber: (i) a árvore ficou reta por meio da ação verbal (crescimento), e (ii) a rosa ficou murcha por meio da ação verbal (brotamento).

### 1.7.6 Uma nota sobre resultativas no japonês

O japonês não forma resultativas intransitivas, mas apresenta resultativas transitivas, embora com alguma restrição (segundo Washio, 1997). Vejamos alguns exemplos.

- (114) a. John-ga kabe-o buruu-ni nut-ta.  
J.-NOM wall-ACC blue aint-PAST  
'John painted the wall blue.'
- b. Mary-ga doresu-o pinku-ni some-ta.  
M.-NOM dress-ACC pink dye-PAST  
'Mary dyed the dress pink.'
- c. Kare-wa teeburu-o irei-ni hui-ta.  
he-TOP table-ACC clean wipe-PAST  
'He wiped the table clean.'

- d. ?? John-ga kinzoku-o petyanko-ni tatai-ta.<sup>117</sup>  
 J.-NOM metal-ACC flat pound-PAST  
 ‘John pounded the metal flat.’

Nas resultativas do japonês, o predicado secundário tem sufixo *-ni* (quando a base é nome) ou *-ku* (quando a base é adjetivo). Segundo Sells (2012), o sufixo *-ni*, altamente produtivo, expressa um sentido de transição, e quando afixado a um nome denotando um estado, adiciona um significado incoativo.<sup>118</sup> Já o sufixo *-ku* é restrito a apenas alguns poucos adjetivos.

O fato de o japonês apresentar resultativas transitivas, mas não intransitivas, é tomado por Washio (1997) como uma característica que aproxima o japonês de línguas românicas, a exemplo do francês.

Tanto o japonês quanto as línguas românicas apresentam pseudoreresultativas (ou *spuriuos resultatives*, na terminologia de Washio, 1997). Outro fator que aproxima o japonês das línguas românicas é a impossibilidade de formação de resultativas intransitivas. Washio (1997) nota, porém, que as línguas diferem no sentido de o japonês aceitar a formação de determinadas resultativas transitivas (como em (114)), ao passo que a possibilidade desse tipo de formação é questionável em francês.

Pensando nas ‘resultativas’ (modificadas) do PB, essas estruturas apresentam diferenças em relação ao japonês (cf.(114)). Primeiramente, existe uma diferença morfológica afixal no adjetivo, presente no japonês e ausente no PB. Segundo, o PB licencia construções como as em (114) apenas na presença de modificação extra no adjetivo – o que me levou a questionar (seção 1.7.4) se de fato se trata de resultativas em PB. Outra diferença é que o PB não parece apresentar um contraste tão grande entre os verbos como acontece no japonês (cf. (114)a-c e (114)d). Curiosamente, alguns dados do japonês aparecem com adjetivo modificado.

- (115) a. John-ga kabe-o massiro-ni nut-ta  
 John-NOM wall-ACC **pure** white-NI paint-past  
 ‘John painted the wall white.’ (Takezawa, 1993, *apud* Asada, 2009:02)

<sup>117</sup> Exemplos de Washio (1997:05).

<sup>118</sup> Asada (2012) analisa, em resultativas do japonês, o sufixo *-ni* como núcleo da SC complemento de V (a SC é instanciada como PredP, no sentido de Bowers, 1993), esquematicamente:  
 $VP [{}^{PredP} [wall {}^{PredP} [red -ni]] V]$ .

- b. John-ga kabe-o makka-ni nut-ta.  
 John-NOM wall-ACC very red-NI paint-PAST  
 ‘John painted the wall very red.’ (Asada, 2012:02)

Os autores não comentam a questão da modificação para o japonês. Porém, à luz da gramaticalidade de (114)a-c, a modificação não parece condição necessária para o licenciamento da construção, diferentemente do PB (e do italiano).

### 1.7.7 Retomando a (im)possibilidade de resultativas em PB

Na seção 1.7.4, questionei se as resultativas transitivas (modificadas) no PB seriam do mesmo ‘tipo’/teriam a mesma estrutura das resultativas foco da tese. A argumentação a favor de estruturas distintas se pauta em (i) necessidade de modificação extra no PB, ausente nas línguas ocidentais germânicas; (ii) contribuição quantificacional/aspectual do modificador extra nas resultativas do PB, ausente nas línguas ocidentais germânicas; (iii) impossibilidade de resultativas ‘intransitivas’ modificadas em PB, diferentemente das línguas ocidentais germânicas.

Existe, porém, a hipótese de que se trataria do mesmo tipo de resultativa, baseada na semelhança semântica de o sintagma resultativo denotar estado resultante sobre o DP<sub>ACC</sub>. Diante desse provável impasse, vejamos mais alguns dados comparativos entre PB e alemão.

- (116) a. João varreu o chão bem limpinho.  
 → *João varreu o chão, e o chão ficou bem limpinho.*
- b. \*João varreu o chão bem sujinho. (na leitura resultativa)  
 ≠→ *João varreu o chão, e o chão ficou bem sujinho.* (porque o João usou uma vassoura suja, que acabou lambusando o chão, que ficou mais sujo do que estava antes de ser varrido.)
- (117) a. Hans hat den Fussboden sauber gefegt.  
 Hans teve o chão limpo varrido.  
 ‘Hans varreu o chão, e o chão ficou limpo.’
- b. Hans hat den Fussboden schmutzig gefegt.  
 Hans teve o chão sujo varrido.  
 ‘Hans varreu o chão, e o chão ficou sujo.’

Em PB, o dado (116)b é agramatical na leitura em que *o chão* resulta *sujo* como consequência do ato de *varrer*, diferentemente da resultativa em (117)b no alemão. Ou seja, se tivéssemos o mesmo tipo de estrutura em (116) e (117), esse contraste não seria esperado.

Assim, o paradigma em (116)-(117) reforça a ideia de que, em PB, o AP é uma espécie de modificador, diferentemente de resultativas, em que denota o estado final. Diante dos fatos em (116)-(117), a conclusão é a de que ‘resultativas’ transitivas modificadas em PB têm estrutura distinta das resultativas ‘genuínas’.

## 1.8 Considerações: retomando as generalizações empíricas

O objetivo desta última seção é retomar as (principais) generalizações empíricas, que fundamentarão a escolha da base teórica, bem como a análise para resultativas.

Resultativas nas línguas ocidentais germânicas, tomadas aqui com exemplos do inglês, alemão e holandês, caracterizam-se pela formação de uma construção<sup>119</sup> em que DP<sub>ACC</sub> (ou reflexivo) sofre a ação do verbo matriz, e o resultado desta ação é denotado por um sintagma resultativo. A ação do verbo matriz sobre o DP<sub>ACC</sub> é entendida como algum tipo de afetação sobre o DP já pré-existente, no sentido de Hoekstra (1988). O sintagma resultativo sempre predica (atribui propriedade) do DP<sub>ACC</sub>, nunca do sujeito da sentença. Adicionalmente, é possível apenas um sintagma resultativo na construção.

As resultativas aparecem de três formas quanto à possibilidade de o DP<sub>ACC</sub> ser interpretado como objeto (semântico) do verbo: resultativas ‘transitivas’, ‘intransitivas’ e ‘ambíguas’. Refiro-me a essas possibilidades como uma ‘questão temática’. Não tenho conhecimento de nenhum trabalho que se proponha a tratar da questão das resultativas ‘ambíguas’ – ainda questiono se essa ambiguidade é, de fato, relevante sintaticamente.

Sobre a obrigatoriedade de o verbo ser intransitivo (inergativo) em resultativas adjetivais (conforme Kratzer, 2005), argumentei que a questão é controversa, com base no trabalho de Hoekstra, Lansu & Westerduin (2004) sobre verbos morfologicamente complexos do holandês (onde também mostrei que essa última análise se estende para os dados do alemão). Sobre a impossibilidade de verbos genuinamente transitivos participarem de resultativas (Carrier & Randall, 1992), considerei a possibilidade de a restrição em alguns dados, ora caracterizada em termos de transitividade, ser na verdade atribuída à generalização de que é possível apenas um sintagma resultativo (um estado final) na construção.

A formação de construções médias resultativas no inglês é permitida para resultativas ‘transitivas’, mas não para ‘intransitivas’ (conforme Carrier & Randall, 1992). Essa generalização não se estende para o alemão, língua que permite a formação de médias tanto para resultativas ‘transitivas’ quanto ‘intransitivas’. Já o holandês possui um contraste menos claro, sendo possível que a aceitação de médias resultativas

---

<sup>119</sup> Excluem-se da afirmação deste parágrafo as inacusativas.

‘intransitivas’ seja maior que de ‘transitivas’ – contrariamente ao inglês. Dessa forma, concluí que uma análise para resultativas que leve em conta as construções médias não pode se basear apenas nas generalizações feitas para o inglês. Por outro lado, a formação de resultativas passivas é permitida a partir de resultativas ‘transitivas’, ‘intransitivas’ e ‘ambíguas’, nas três línguas.

Sobre a categoria do sintagma resultativo, explorei as quatro possibilidades lógicas, i.e. AP, PP, NP e VP. Apesar de a maioria dos exemplos ser de resultativas de base AP, resultativas de base PP também são possíveis. Resultativas de base NP, embora bem restritas, também são possíveis. Sobre uma explicação para a seleção de determinada categoria em detrimento da outra, à luz do dados e dos contrastes, apresentei a argumentação de Hong (2005) de que a seleção lexical (l-seleção) seria possivelmente a única forma de dar conta da seleção idiossincrática do sintagma resultativo em termos de c-seleção e s-seleção. Resultativas de base VP (infinitivo) são impossíveis.

Em resultativas de base AP, mostrei que generalizações calcadas na morfologia do adjetivo apresentam uma série de contraexemplos. Para tanto, explorei as possibilidades morfológicas em termos de flexão (gênero, número, caso, grau), derivação (de nomes e verbos), morfologia de particípio e gerúndio – inclusive trazendo exemplos de resultativas para além das línguas ocidentais germânicas. Para essas últimas, a generalização que se sustenta é que o adjetivo não pode apresentar flexão de gênero, número e caso, *apenas* – fato que está em concordância com os demais usos do adjetivo predicativo em alemão e holandês (o inglês não mostra marcas morfológicas de flexão de gênero, número e caso para adjetivos predicativos e atributivos de uma forma geral).

Resultativas foco da tese – a que certas vezes me referi didaticamente como resultativas ‘genuínas’ – não se confundem com resultativas adverbiais ou pseudorelativas. Nas resultativas adjetivais, o adjetivo é estado resultante e não modificador, de forma que o sintagma resultativo denota o resultado da ação sobre o DP<sub>ACC</sub> (ou tema afetado), e tal resultado não se confunde com modificação de algum outro estado/indivíduo denotado no conteúdo semântico do verbo ou no conteúdo semântico de [V+ DP<sub>ACC</sub>]. Adicionalmente, o adjetivo nas resultativas não apresenta morfologia adverbial em *-ly*.

Nas resultativas inacusativas, o DP afetado é realizado como sujeito de superfície. O estatuto de resultativas inacusativas foi questionado por Kratzer (2005).



---

No entanto, demonstrei que, apesar de os supostos contraexemplos colocados pela autora poderem de fato não ser considerados como resultativas, ainda existe uma série de dados em que um verbo inacusativo participa de uma resultativa. A questão que eu coloco é se a estrutura de resultativas inacusativas é a mesma das resultativas ‘transitivas’, ‘intransitivas’ e ‘ambíguas’. O motivo do questionamento refere-se à questão temática, já que nas resultativas inacusativas se assume que o sujeito de superfície é argumento interno do verbo.

A seção 1.7 foi dedicada à (im)possibilidade de resultativas no PB. Nessa língua (assim como nas línguas românicas em geral), assume-se a impossibilidade de formação de resultativas. A grande maioria dos dados analisados como resultativas no PB pode ser caracterizado como resultativa adverbial ou pseudorelativa. No entanto, exploro a possibilidade (apontada em Lobato, 2004) de que a modificação extra no adjetivo possa formar resultativas no PB, como já apontado no italiano. No entanto, questiono se de fato essas resultativas modificadas são de fato resultativas ‘genuínas’, com base na argumentação de Mateu. O autor coloca uma diferença semântica importante entre as resultativas modificadas e as suas equivalentes em inglês (sem modificação), e nota ainda a incapacidade de a modificação gerar resultativas ‘intransitivas’ bem formadas no italiano (e no PB, conforme apresentei). Com base em mais dados, concluí que ‘resultativas’ transitivas modificadas do PB teriam uma estrutura distinta das resultativas ‘genuínas’. Quanto às resultativas inacusativas em PB, não pude concluir se de fato elas existem ou não. Se existirem, são significativamente restritas, uma vez que não são possíveis em PB as resultativas inacusativas do alemão/holandês/inglês que não levantaram questões acerca da inacusatividade do verbo (como, por exemplo, os verbos inacusativos de atividade). Lembro, aqui, que está sob investigação se a estrutura das resultativas ‘transitivas’, ‘intransitivas’ e ‘ambíguas’ é a mesma das inacusativas nas línguas ocidentais germânicas.

Dentre todas essas generalizações, a proposta desta tese é capitalizar numa descrição estrutural de resultativas do inglês/alemão/holandês que leve em conta a questão temática, sem, no entanto, perder de vista as outras generalizações colocadas.

Mais intrigante, porém, é a questão acerca da variação translinguística, i.e. de que consiste a variação paramétrica entre as línguas, especialmente em relação ao PB (e as línguas românicas) em comparação ao inglês/alemão/holandês. Embora não seja meu objetivo responder a essa questão, a base empírica aqui reunida pode apresentar subsídios interessantes para uma investigação futura nesse sentido.

## CAPÍTULO II

### O CONSTITUINTE [DP AP/PP/NP]

A resultativa é caracterizada por uma construção cujo verbo principal denota uma ação e o estado resultante desta ação é denotado na combinação do sintagma resultativo com o DP. Como mostrado no capítulo 1, o sintagma resultativo pode ser um AP ou um PP, ou, mais restritamente (embora possível), um NP.

O objetivo deste capítulo é investigar a combinação [DP AP/PP/NP], que expressa o resultado da ação, bem como mostrar abordagens a respeito do tema resultativas. Para tanto, essa parte do trabalho se propõe a revisar a bibliografia relevante como forma de justificar algumas escolhas teóricas que serão importantes na análise das resultativas. Mais especificamente, a proposta é fundamentar a assunção de que a combinação [DP AP/PP/NP] forma um constituinte do tipo *Small Clause* (SC). Assim, o capítulo aborda os trabalhos de Kratzer (2005) e Hoekstra (1988, 1992, 2004), cujas análises servirão de base para a análise proposta nesta tese, ora corroborando a assunção dos autores, ora questionando alguns pontos.

---

## 2.1 Sobre Small Clauses

Dados de resultativas foram usados em abordagens (clássicas) sobre *Small Clauses*, sobretudo como suporte empírico na discussão acerca da existência não ou de tal constituinte. Dentro do debate acerca das SCs, relevante é a discussão (para resultativas) acerca das possibilidades temáticas, ou seja, as assunções a respeito da (in)transitividade do verbo e da atribuição de papel temático.

Esta seção exemplifica dois trabalhos que se concentraram no estudo das *Small Clauses* (SCs). Ao analisar as SCs, esses estudos usaram como base empírica (entre outros) dados de resultativas. A proposta não é entrar em detalhes acerca das análises, mas sim apresentar as questões levantadas, com o objetivo de contextualizar as discussões dos autores cujas análises servirão de base para este trabalho. Sobre essas análises de base, a seção 2.2 aborda dois autores que trataram especificamente de resultativas. O objetivo é apontar como o constituinte [DP AP/PP/NP] foi analisado nessas construções, para em seguida justificar a escolha teórica assumida nesta tese, i.e. a sequência [DP AP/PP/NP] forma um constituinte SC.

O debate em torno das SCs - sua representação e inclusive sua existência ou não dentro da gramática - é vasto. A definição (a rigor, generalização) que se encontra na literatura é que SCs são construções que expressam uma relação de predicação (ou uma relação de sujeito-predicado) e que não apresentam marcas/flexão de tempo. Se elas apresentam ou não alguma estrutura funcional, ou, ainda, se formam ou não um constituinte, é questão para debate. A esse respeito, Cardinaletti e Guasti (1995) apresentam uma coleção de trabalhos que discutem o assunto.

Dentre esses trabalhos, Schein (1995) argumenta contra a análise de SC que requer que um predicado XP e seu sujeito NP formem um constituinte distinto, representado como  $\alpha$ , em (01):

(01)  $^{\alpha}$ [NP XP].

Uma das bases para justificar tal argumentação são os dados de resultativas em que o verbo matriz é intransitivo, ou seja, dados em que o DP<sub>ACC</sub> (ou reflexivo) não é argumento semântico do verbo. Tomemos como exemplo os dados do alemão em (02)

- (02) a. Er hat die Augen rot geweint.<sup>1</sup>  
 Ele teve os olhos vermelho chorado  
 ‘Ele chorou e os olhos ficaram vermelhos por conta do choro.’
- b. Marcos hat sein Gehirn kaputt gesoffen.  
 Marcos teve seu cérebro estragado bebido  
 ‘Marcos estragou seu cérebro com a bebedeira.’

Se existir um constituinte  $\alpha$  como (01), o autor considera então duas estruturas possíveis para os dados em (02), conforme vemos em (03):

- (03) a. [V  $\alpha$ [NP XP]]  
 b. [V NP  $\alpha$ [PRO XP]]

Schein (1995) argumenta, no entanto, que ambas as estruturas em (03) são problemáticas. Para (03)a, o verbo sendo intransitivo,  $\alpha$  é um adjunto não theta-marcado (opaco). O adjunto sendo opaco, o NP não teria como receber Acc, violando o Filtro de Caso (Chomsky, 1981). Outra possibilidade seria configurar o NP como complemento do verbo, instanciando  $\alpha$  como adjunto cujo sujeito é PRO (não recebe Caso) correferente com o NP. Mas, como o verbo é intransitivo, a estrutura viola o Critério Theta (Chomsky, 1981), uma vez que o NP não tem como receber papel temático nem do verbo nem do XP.<sup>2</sup>

Diferentemente, Stowell (1981, 1983, 1991, 1995) defende a formação do constituinte SC para a relação de predicação entre sujeito e predicado. Para o autor, a SC é uma projeção XP, formadora de um constituinte cujo ‘rótulo’ SC seria, na verdade, uma projeção AP (por exemplo). Pensando em resultativas (transitivas) como em (04)a, o autor pondera inicialmente uma estrutura do tipo [V NP<sub>i</sub> <sup>AP</sup>[PRO<sub>i</sub> <sup>A</sup>[A]]] – nas mesmas linhas de (03)b. Stowell (1995) assume, no entanto, a incompatibilidade entre uma análise de controle e resultativas com verbos intransitivos ou resultativas em que o sintagma acusativo não é argumento semântico do verbo, como em (04)b-c:

<sup>1</sup> Dado modelado a partir de exemplo em Schein (1995). O autor apresenta dados similares a (02) em inglês, alemão, dinamarquês, islandês e finlandês.

<sup>2</sup> A proposta defendida pelo autor como alternativa ao constituinte  $\alpha$  envolve ramificação ternária. O texto de referência de Schein, publicado em 1995, é uma versão de um artigo escrito em 1982. Conforme apontado em nota na seção 1.3.1 (capítulo 1), Carrier & Randall (1992) também defendem uma análise envolvendo ramificação ternária para resultativas, rejeitando uma análise SC. Uma das bases para a argumentação é a possibilidade de formação de médias (em inglês) apenas em resultativas transitivas – generalização que não se sustenta para línguas como o holandês e o alemão. Den Dikken & Hoekstra (1994), em *reply*, argumentam em prol de uma análise SC (com base em Hoekstra (1988, 1992)). Os autores demonstram que as evidências empíricas ora apontadas em Carrier & Randall (1992) não se verificam para o holandês. Uma amostra desses dados foi colocada na seção 1.3.1 do capítulo 1.

- 
- (04) a. John hammered the nail flat.  
b. John walked his shoes bare.  
c. John drank himself senseless.<sup>3</sup>

Stowell (1995) pondera que, entre uma análise ECM ou de controle para as resultativas, a questão é se o DP<sub>ACC</sub> é complemento do verbo (ligando um sujeito PRO dentro do AP) ou se é o sujeito sintático do AP (com uma posição temática dentro). O autor aponta uma possível solução para o impasse em termos de uma teoria de VP-shell (Larson, 1988, 1990). Isso porque em construções de objeto duplo (como: *João mandou o pacote para o Canadá* e *João colocou o livro sobre a mesa*), o DP pós verbal parece ter um estatuto ‘duplo’ de objeto do verbo e sujeito do sintagma preposicional.<sup>4</sup>

Hoekstra (1988, 1992, 2004) defende e desenvolve uma análise SC complemento do verbo para resultativas, tanto para resultativas ‘transitivas’ quanto ‘intransitivas’. Kratzer (2005) também propõe uma análise unificada para resultativas ‘transitivas’ e ‘intransitivas’, em que a sequência [AP DP] forma um constituinte instanciado como irmão do verbo, mesmo V sendo intransitivo (em uma versão larsoniana (Larson, 1988, 1990)). As abordagens serão assunto da próxima seção.

---

<sup>3</sup> Exemplos de Stowell (1995:278-279).

<sup>4</sup> Den Dikken (2006) desenvolve uma análise nesses moldes, sem no entanto assumir o VP-Shell larsoniano. Retomarei a proposta quando falar da estrutura interna da SC assumida neste trabalho, no capítulo 3.

---

## 2.2 Duas análises para resultativas

Esta seção aborda as análises para resultativas em Kratzer (2005) e Hoekstra (1988, 1992, 2004). Conforme já sinalizado no capítulo 1, os autores propõem uma análise unificada para resultativas ‘transitivas’ e ‘intransitivas’, sendo que o constituinte formado pelo sintagma resultativo e o DP é instanciado como irmão do verbo.

A partir dessas análises, levanto algumas questões que farão parte da motivação da análise oferecida para as resultativas nesta tese.

### 2.2.1 Kratzer (2005)

Kratzer (2005) analisa as resultativas (adjetivais) e assume que, nessas construções, o verbo é sempre intransitivo inergativo.<sup>5</sup> Nos verbos aparentemente transitivos, em que o DP<sub>ACC</sub> pode ter leitura de argumento semântico do verbo, o que acontece é um comportamento intransitivo desses verbos – a autora coloca evidências independentes para a possibilidade de comportamento intransitivo dos verbos. A previsão, portanto, é de que verbos obrigatoriamente transitivos não possam participar da construção.<sup>6</sup>

O verbo sendo intransitivo, o DP<sub>ACC</sub> é então analisado como argumento do adjetivo. Da posição de argumento do adjetivo, o DP é alçado para checar traço Acc. Ou seja, assim como Hoekstra (1988, 1992, 2004), a autora adota uma análise de alçamento do DP<sub>ACC</sub>, em que esse constituinte não é complemento do verbo.

No entanto, diferentemente de Hoekstra (que assume uma análise para SC *à la* Stowell (1981, 1983), i.e. <sup>AP</sup>[DP <sup>A'</sup>[A]]), Kratzer não analisa o constituinte formado por [DP<sub>ACC</sub> AP] como uma SC. Seguindo Kratzer (1996), a autora assume que adjetivos não

---

<sup>5</sup> Lembro que a autora não considera que verbos inacusativos possam participar da construção, por esse motivo coloco o DP como ‘Acc’, uma vez que ele não seria sujeito de superfície (‘Nom’) nesta abordagem. A questão sobre resultativas inacusativas foi colocada na seção 1.6 do capítulo 1.

<sup>6</sup> A questão empírica sobre a obrigatoriedade da intransitividade dos verbos, referente aos exemplos apontados em Kratzer (2005), foi discutida na seção 1.2.2 do capítulo 1.

tem *voice*. O núcleo *voice* é o responsável pela introdução da agentividade/argumento externo.<sup>7</sup> Dessa forma, o DP é instanciado como argumento interno do adjetivo, uma vez que adjetivos, na concepção da autora, não podem projetar argumentos externos.

A assunção de que o DP<sub>ACC</sub> é o argumento interno do adjetivo, no entanto, levanta questões. Existem adjetivos do tipo *stage-level*<sup>8</sup> que tomam um complemento, e ainda participam de resultativas. Vejamos alguns exemplos do alemão:

- (05) a. Sie haben den Laden [leer von Waren] gekauft.  
Eles tiveram o mercado [vazio de produtos] comprado  
'Eles fizeram compras, de forma que o mercado ficou [vazio de produtos].'
- b. Sie haben das Grundstück [voll mit Häuser] gebaut.  
Eles tiveram o terreno [cheio de casas] construído  
'Eles construíram e o terreno ficou [cheio de casas].'
- c. Sie haben die Bäume [kahl von Äpfel] gepflückt.  
Eles tiveram as árvores [nu de maçãs] colhido  
'Eles colheram de forma que as árvores ficaram sem maçãs.'
- d. Hans hat seine Hand [wund mit Blasen] gehämmert.  
Hans teve sua mão [ferida de bolhas] martelado  
'Hans martelou de forma que sua mão ficou ferida de bolhas.'

Nos dados em (5), percebemos dois argumentos relacionados aos adjetivos: o DP (afetado) e ainda um complemento de natureza preposicional. Uma possibilidade (seguindo Kratzer (1996)) seria analisar ambos os argumentos como internos, a exemplo de estruturas de complemento duplo. Outra possibilidade seria tomar o DP (afetado) como argumento externo/'sujeito' do adjetivo e o complemento de natureza preposicional como argumento interno de A.

Pensando em estruturas de complemento duplo (por exemplo: '*dar flores para Maria*' e '*pendurar o quadro na parede*'), observamos uma relação semântica estreita entre os dois argumentos internos – relação essa ausente nos argumentos dos adjetivos em (5).<sup>9</sup> Essa ausência de relação semântica entre os argumentos do adjetivo sugere que

<sup>7</sup> Nessa análise, *voice* está necessariamente relacionado com flexão verbal e portanto pode ser construído somente acima de projeções verbais. A ideia é de que 'argumentos externos' não são argumentos de verbos. Aponto que a análise da autora é demonstrada em domínios verbais, e não adjetivais. Para a argumentação completa, bem como todos os detalhes técnicos acerca de *VoiceP* e *voice*, remeto o leitor a Kratzer (1996, 2003 (cap. 1)).

<sup>8</sup> Conforme colocado no capítulo 1, os adjetivos que participam das resultativas são do tipo *stage-level*.

<sup>9</sup> Uma possível relação entre os argumentos de A para os dados em (5)a e (5)c pode ser circunstancial aos itens lexicais, ou seja, podemos tomar outros itens de forma que a relação seja desfeita. Por exemplo, para

não sejam analisados como sendo ambos argumentos internos de A.<sup>10</sup> Ou seja, face a (05), a sugestão é a de que o DP (afetado) não possa também ser analisado como argumento interno.

Sobre a possibilidade de o DP<sub>ACC</sub> poder ser interpretado como argumento semântico do verbo em resultativas ‘transitivas’ (como em *hammer the metal flat*), Kratzer (2005) interpreta tal leitura como consequência da ‘relação de causa’ das resultativas, definida semanticamente com base em cadeias causais. Tomando como base o VP *drink the teapot empty*, existe uma diferença entre (i) uma ação de beber que causa (*causes*) a chaleira ficar vazia, e (ii) uma ação de beber que é um evento de causa (*causing*) da chaleira ficar vazia. Como exemplo para o primeiro caso, a autora coloca um evento em que beber toda a água do poço causou a chaleira ficar vazia: sem água no poço, não há mais como se fazer chá para a chaleira. A relação de causa é indireta porque toda a cadeia causal que conduz a ação de beber ao estado de vaziez da chaleira não faz parte da atividade de beber.<sup>11</sup> Já o segundo caso é justamente o exemplificado com *drink the teapot empty*; na resultativa, a relação causal é direta, uma vez que o efeito de vaziez da chaleira faz parte da ação de beber. Até aqui, a análise parece mais pragmática que semântica.

Para a formalização da relação de causa direta em resultativas, Kratzer se baseia nas noções de *causação (causation)* e *dependência causal* entre eventos conforme Lewis (1973). Sobre *dependência causal*, tomando *e* e *c* como dois eventos distintos que ocorrem no universo de eventos E, *e* depende causalmente de *c* somente no caso em que, se *c* não ocorrer, *e* também não ocorre. A dependência causal é reduzida a *dependência contrafactual (counterfactual)*. Ainda, dependência causal não é uma relação *transitiva*.<sup>12</sup> A relação ‘*e* é causado por *c*’ somente é obtida a partir do

---

(5)a, ao invés de *mercado*, pode-se ter um *pátio* (em que excepcionalmente esteja ocorrendo uma feira); ao invés de *produtos*, pode-se ter *livros*. Nesse caso, para *pátio vazio de livros*, não temos uma relação semântica entre *pátio* e *de livros*.

<sup>10</sup> Resultativas à parte, observamos outras construções em que adjetivos apresentam mais de um argumento:

(i) João é fiel à mulher.

(ii) O funcionário leal ao chefe denunciou a corrupção.

(iii) Este tipo de encomenda não é entregável em hotéis pelos Correios.

Em (i)-(ii), não há relação semântica entre os argumentos do adjetivo. Em (iii), parece que o adjetivo está relacionado a três argumentos, de forma que um deles seria o argumento externo ou ‘sujeito’.

<sup>11</sup> Poderíamos questionar o exemplo acima: uma ação de *beber* que causa *o poço ficar vazio* não causaria *a chaleira ficar vazia* no sentido de *esvaziar a chaleira*, mas sim causaria *a chaleira permanecer vazia*.

<sup>12</sup> “A relation R is transitive if and only if for all ordered pairs <x,y> and <y,z> in R, the pair <x,z> is also in R.” (PARTEE *et alii*, 1993:41).



*fechamento transitivo (transitive closure)*<sup>13</sup> da relação de dependência causal entre *e* e *c*. Dessa forma, a relação de *causação* é definida como sendo o fechamento transitivo da relação de dependência causal.<sup>14</sup>

Para a relação de causa das resultativas, a autora vai precisar que essa relação não seja indireta, mas também vai precisar que uma cadeia de eventos faça parte dessa relação. Nesse sentido, coloca *E* como o conjunto de todas as eventualidades possíveis. A partir de *E*, toma um subconjunto convexo *C* que representa uma cadeia causal.<sup>15</sup> Os eventos em *C* precisam estar linearmente ordenados, e essa ordem linear é dada pela relação de causação.<sup>16</sup> Do ponto de vista da relação de causação, *C* é dito convexo como forma de assegurar que nenhum membro (evento participante) relevante da relação de causação seja omitido.

A autora, no entanto, não define quais causas intermediárias são relevantes e quais causas intermediárias são irrelevantes. A meu ver, é nesse ponto que existe uma pragmática que, de certa forma, ainda é obscura.

Kratzer (2005) define a relação de causa presente nas resultativas como: “**Events of causing other events:** An event *c* is an event of causing other event *e* iff *c* is the sum of all the members of some causal chain with maximal element *e*.” (ibid, 2005:29). A ideia é que, na relação causal das resultativas, temos um evento que é a soma de todas as eventualidades de uma cadeia causal, cujo elemento máximo é o estado resultante denotado pelo adjetivo. Em *drink the teapot empty*, o evento de *beber* (não o item lexical *beber*) é interpretado como uma soma de eventualidades integrantes de uma cadeia causal (linearmente ordenada pela relação de causação), cujo elemento máximo é o estado de vaziez da chaleira. Trata-se de uma propriedade de ações que é verdadeira

<sup>13</sup> Kratzer (2005:28) coloca como definição para *transitive closure*: “Where *R* is a binary relation, then *Trans(R)* is the smallest set satisfying (i) and (ii): (i) *R* is a subset of *Trans(R)*, (ii) if  $\langle a,b \rangle$  and  $\langle b,c \rangle$  are in *Trans(R)*, then  $\langle a,c \rangle$  is, too.”

<sup>14</sup> Em analogia, tomemos as relações de paternidade e ancestralidade. Se *c* é pai de *b*, e *b* é pai de *a*, não podemos dizer que *c* é pai de *a*, uma vez que a relação de paternidade não é transitiva. A relação de ancestralidade pode ser construída com base na relação de paternidade, de modo que se *z* é pai de *y*, e *y* é pai de *x*, então *z* é ancestral de *x*. Assim, a relação de ancestralidade é o fechamento transitivo da relação de paternidade.

<sup>15</sup> Um conjunto *X* é convexo se e somente se (i) & (ii) & (iii):

(i) Existe um conjunto *Y* tal que *X* é subconjunto de *Y*;  
(ii) Existe uma relação binária *R* tal que,  $\forall w, \forall k$ , se  $\langle w,k \rangle \in R$ , então  $[ [w \in Y] \& [k \in Y] ]$ ;  
(iii)  $\forall a, \forall c$ , tal que  $[ [a \in X] \& [c \in X] ]$ , se existe um *b*, tal que  $[ [ \langle a,b \rangle \in R ] \& [ \langle b,c \rangle \in R ] \& [ \langle a,c \rangle \in R ] ]$ , então  $[ b \in X ]$ .

<sup>16</sup> Para uma ordem linear, a relação precisa ter quatro propriedades: ser (i) assimétrica (não podemos ter um evento *e1* que é causação de um evento *e2*, e, ao mesmo tempo, *e2* ser causação de *e1*); irreflexiva (um evento não é causação de si mesmo); transitiva (se *e1* é causação de *e2*, e *e2* é causação de *e3*, então *e1* é causação de *e3*) e total (para quaisquer dois eventos, *e1* e *e2*, ou *e1* é causação de *e2*, ou *e2* é causação de *e1*) (Partee et alii, 1993, capítulo 3).

para qualquer ação de beber e também para um evento de causa (*causing*) de a chaleira estar vazia.<sup>17</sup>

Assim, se uma ação de beber é idêntica a uma ação completa de causa (*causing*) de a chaleira estar vazia, então o que foi bebido está ligado ao conteúdo da chaleira. Dessa maneira, Kratzer (2005) explica - semanticamente – por que certos DPs podem ser interpretados como argumento semântico do verbo. Da mesma forma, em *The butler wiped the table clean*, *wipe* é entendido como um evento que é a soma de todas as eventualidades de uma cadeia causal, cujo elemento máximo é o estado *clean* (limpo) da mesa. A autora descreve essa resultativa da seguinte maneira (*ibid*, 2005:30):

“(...) a property of actions that is true of any action that is a wiping activity and is also a completed action of causing the table to be clean. We can again infer that if a wiping activity was identical to a completed action of causing the table to be clean, then what was wiped was bound to be the table. This is how a raising analysis (...) can account for the inference that the table was wiped, even though the DP *the table* does not start out as an argument of *wipe*.”

Verbos como *drink* e *wipe*, além de expressarem ações em que não se impõe nenhum tipo de culminação, podem participar de eventos complexos (*event-plus-states complexes*). Se esses eventos complexos forem entendidos como uma cadeia causal, a culminação faz parte do evento, na medida em que é dada pelo elemento máximo da cadeia.

Sintaticamente, o constituinte <sup>AP</sup>[DP<sub>ACC</sub> AP] é instanciado como irmão do verbo. O verbo, porém, não seleciona esse constituinte em termos temáticos, uma vez que é intransitivo. Ao analisar a composicionalidade semântica quando da combinação do AP com V, Kratzer (2005) argumenta que essa combinação não pode ser feita por meio de Identificação de Eventos. Em Kratzer (1996), a autora explica que Identificação de Eventos é um tipo de operação de conjunção por meio da qual é possível se combinar várias condições para o evento descrito pela sentença. Porém, essa operação é somente definida se os dois predicados a serem associados (*conjoined*) tiverem *Aktionsarten* compatíveis. A autora entende *Aktionsarten* como as restrições que predicados possuem em ser *ações*, *estados*, *eventos propriamente ditos* etc. Nesse sentido, em uma

<sup>17</sup> Para a análise completa, bem como os detalhes da formalização, ver Kratzer (2005). Para uma resenha em PB da análise, ver Knöpfle (2010a, capítulo 2).

resultativa, ao se combinar uma propriedade de estados (denotada pelo AP/SC) com uma propriedade de ação (denotada por V), por meio de Identificação de Eventos, iríamos terminar com uma propriedade vazia, já que não existe uma eventualidade que é, ao mesmo tempo, um estado e uma ação.

Kratzer (2005) também descarta uma operação de *type shift* como meio para possibilitar a combinação do [DP<sub>ACC</sub> AP] com o verbo. Em primeiro lugar, a autora argumenta que uma operação de *type shift* é um princípio de composição não ‘ortodoxo’. O segundo argumento se baseia na generalização empírica de que participípios e gerúndios denotando adjetivos não participam de resultativas.<sup>18</sup> Ora, uma operação de *type shift* não faz a distinção entre um adjetivo que pode participar da construção (a que a autora se refere como *bare*) e um adjetivo que não pode. A operação de *type shift*, portanto, sobregera.

A restrição para a formação de resultativas, segundo Kratzer (2005), é dada por razões morfológicas. Segundo a autora, o adjetivo das resultativas adjetivais precisa ser *bare*, necessariamente; do contrário a construção é mal formada.<sup>19,20</sup> Kratzer (2005) propõe então uma análise baseada nas propriedades morfológicas dos elementos envolvidos na construção, em que a relação causal da resultativa é introduzida por um afixo derivacional foneticamente nulo [cause], ao qual o adjetivo se incorpora via movimento. O afixo, no entanto, aceitaria como ‘incorporantes’ somente adjetivos *bare*. Outra restrição imposta pelo afixo refere-se à ordem afixo derivacional/afixo flexional: é proibido que [cause] se combine depois de afixos separáveis como *-ed* e *-ing* (quer sejam derivacionais, quer sejam flexionais). É nesse sentido que a autora procura explicar as restrições morfológicas impostas aos adjetivos em resultativas. Conforme apontado na seção 1.4 do capítulo 1, desenvolver uma análise com base em restrições morfológicas do adjetivo enfrenta questões importantes. Os dados da seção 1.4

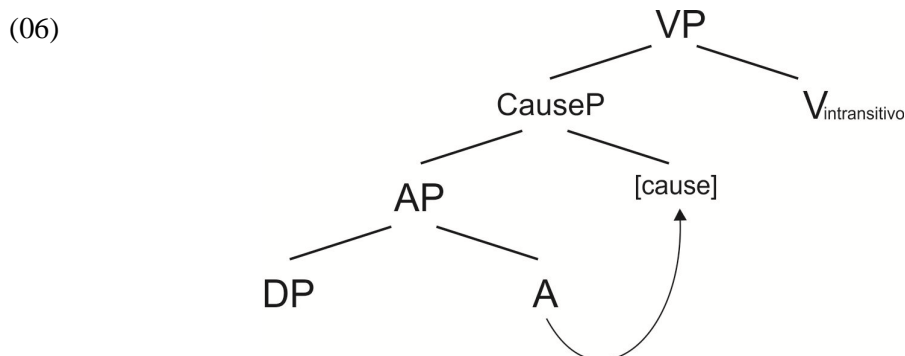
<sup>18</sup> Conforme vimos na seção 1.4.2.4 do capítulo 1, essa generalização não se confirma, ou, minimamente, pode ser questionada.

<sup>19</sup> A autora especula que esta poderia ser uma razão para explicar a variação paramétrica translinguisticamente. De acordo com esta hipótese, os adjetivos nas línguas românicas seriam flexionados desde o início da derivação sintática, o que impede que em algum momento sejam *bare* e possam formar uma resultativa adjetival. Acredito fazer sentido pensar que os adjetivos do PB são sempre flexionados, principalmente se tomarmos como base uma análise morfológica à la Camara Jr. (1970), que postula a presença de morfemas zero, marcadores de singular e masculino. Para uma discussão a esse respeito, remeto o leitor a Knöpfle (2011). Para resultativas nas línguas objeto de estudo, no entanto, a análise morfológica de Kratzer (2005) enfrenta problemas, conforme visto na seção 1.4 do capítulo 1.

<sup>20</sup> Uma especulação para a variação translinguística nesses moldes enfrenta dificuldades se assumido um modelo como a Morfologia Distribuída, em que a flexão seria o produto da adição de traços morfossintáticos a uma raiz no decorrer da derivação, ou seja, o adjetivo das línguas românicas seria tão *bare* quanto o adjetivo das línguas germânicas, fazendo com o que o contraste fique sem explicação. Agradeço a Marcus Vinicius da Silva Lunguinho (c.p.) por essa observação.

mostraram uma série de contraexemplos para certas generalizações tradicionais relativas ao adjetivo nas resultativas.

Na análise de Kratzer (2005), o afixo [cause] torna o adjetivo (AP) eventivo, e dessa forma é possível a combinação de AP e V. Esquemáticamente, podemos ver a representação morfossintática da análise em (06)<sup>21</sup>:



Apresentei ressalvas para a análise morfológica, bem como para a instanciação do DP (afetado) como argumento interno de A. Porém, relevante aqui é notar que Kratzer (2005), mesmo assumindo que o verbo nas resultativas (adjetivais) é obrigatoriamente intransitivo, analisa sintaticamente o constituinte <sup>AP</sup>[A [DP]] como irmão do verbo. Ou seja, não existe relação temática entre o verbo da construção e o DP<sub>ACC</sub>, assim como na análise de Hoekstra (1988, 1992, 2004), assunto da próxima seção.

## 2.2.2 Hoekstra (1988, 1992, 2004)

### 2.2.2.1 O sintagma resultativo e DP (afetado) enquanto SC

A principal ideia que o autor defende é a análise de SC (complemento) para resultativas; tanto é que se refere às resultativas como *complement resultatives*. O DP

<sup>21</sup> Os rótulos são meus, uma vez que a autora não os representa nos diagramas. Para o alemão, notamos que o padrão de ordem representado pela autora é o de complemento-núcleo.

(afetado) e o sintagma resultativo têm uma relação sujeito-predicado, formando um constituinte SC, complemento do verbo.

Hoekstra (1988) assume, por razões de simplicidade, uma abordagem para SC no sentido de Stowell (1981), em que a definição de sujeito é generalizada para todas as categorias e o rótulo SC é a projeção do núcleo do sintagma resultativo (um AP, por exemplo). Relevante, para Hoekstra (1988), é que o constituinte SC seja a contraparte sintática da relação semântica entre sujeito e predicado. Assim, o autor não se aprofunda nem desenvolve a estrutura interna da SC.

O tratamento oferecido por Hoekstra (1988) para a hipótese de o DP (Acc/afetado) e o sintagma resultativo formarem um constituinte SC se baseia em uma interpretação estrita do Princípio de Projeção de Chomsky (1981). Se o DP é o sujeito semântico da expressão predicativa, tal DP não é argumento do verbo, mas sim do sintagma resultativo. Segundo o princípio de projeção, o complemento do verbo é também argumento do verbo.<sup>22</sup> Ou seja, o constituinte SC, como um todo, é que funciona como complemento do verbo. Nessa abordagem, não existe relação temática entre o verbo e o DP sujeito da SC. Mas, à medida que o autor assume que não existe relação temática entre V e DP (sujeito da SC), e que a relação é entre a SC e o verbo (transitivo ou intransitivo), a pergunta que se coloca é em que consiste então a relação entre SC e V.

Para resultativas com verbos intransitivos, não é de fato surpreendente a não existência de relação temática entre sujeito da SC e verbo. A questão é como dar conta das resultativas ‘transitivas’, em que o sujeito da SC pode ser interpretado como argumento semântico do verbo. Kayne (1985) também defende uma análise SC para resultativas, e argumenta que essa possível interpretação é pragmática. Hoekstra (1988, 1992, 2004) chama de *shadow interpretation* ou *shadow effect* a possibilidade de interpretação do sujeito da SC como argumento (semântico) do verbo. Em resultativas ‘transitivas’ como *water the tulips flat* ou *hammer the metal flat*, a implicação de que *as tulipas* são regadas ou *o metal* é martelado é tomado como sendo “... *a consequence of real world knowledge, not theta marking by the verb ...*” (*ibid*, 2004:340).

Adicionalmente, o autor coloca que a implicação de que o objeto é lido como argumento do verbo pode ser cancelada em algumas ocasiões, citando como exemplo o dado:

---

<sup>22</sup> Em uma concepção de VP-Shell larsoniana, não seria preciso assumir que o complemento (irmão) do verbo é também seu argumento (semântico).

- (07) I have painted my fingers black and blue when I painted the walls.<sup>23</sup>  
 Eu tive pintado meus dedos preto e azul quando eu pinte as paredes  
 ‘Quando eu pinte as paredes, meus dedos ficaram roxos/contundidos.’

Crucialmente, o autor argumenta que não há propriedades sintáticas que possam separar resultativas ‘transitivas’ de ‘intransitivas’. Como exemplo, coloca que tanto em resultativas ‘transitivas’ quanto em ‘intransitivas’ pode haver um quantificador flutuante:

- (08) a. They danced their days all away.  
 b. They drank the teapots all empty.  
 c. They painted the barns all red.<sup>24</sup>

### 2.2.2.2 A SC como complemento do verbo

Sintaticamente, a análise SC complemento do verbo para resultativas explica a generalização de que o sintagma resultativo sempre predica do DP<sub>ACC</sub> (ou reflexivo). Ao analisar resultativas do mandarim com base em Hoekstra (1988, 1992), Sybesma (1999) retoma a generalização (que chama de *Simpson's Law* (Simpson (1983)) de que o atributo denotado pelo sintagma resultativo é sempre predicado do objeto (seja ele objeto de superfície ou objeto subjacente (referindo-se às resultativas inacusativas)). Sybesma (1999) argumenta, então, que uma análise SC complemento para resultativas fornece uma explicação teórica para essa generalização. Se em uma resultativa o objeto (superficial ou subjacente) é, na verdade, o sujeito da SC, é de se esperar que o sintagma resultativo seja sempre predicado do sujeito da SC.

Hoekstra (1988, 1992) apresenta argumentos empíricos e teóricos a favor da hipótese de a relação entre verbo e SC ser de complementação (uma vez que não há relação entre verbo e sujeito da SC). O primeiro deles, de ordem empírica, é que DPs complemento e SCs complemento estão em distribuição complementar.

- (09) a. I drank beer.  
 b. I drank him under the table.

<sup>23</sup> Exemplo de Hoekstra (1988:117). Apesar de o autor não fazer referência a uma resultativa ‘ambígua’, é com base em dados como em (07) que eu argumentei no capítulo 1 que resultativas podem ser ambíguas quanto à possibilidade de o DP<sub>ACC</sub> ser interpretado como argumento semântico do verbo ou não. Reitero que está sob investigação se de fato essa ambiguidade é relevante sintaticamente.

<sup>24</sup> Exemplos de Hoekstra (2004:340).

- c. \*I drank beer him under the table/him under the table beer.<sup>25</sup>
- (10) a. He painted the house.  
 b. He painted the brush to pieces.  
 c. \*He painted the house the brush to pieces/the brush to pieces the house.<sup>26</sup>

Uma previsão feita pela análise SC complemento para resultativas é de que verbos que obrigatoriamente selecionam um DP complemento não podem participar de uma resultativa. Dentro dessa perspectiva, a agramaticalidade dos dados em (09)-(10)c se deve à violação do Filtro de Caso (Chomsky, 1981), em que existem dois DPs regidos pelo verbo.<sup>27</sup>

No entanto, Hoekstra (1988) aponta que não é tão fácil testar essa previsão, uma vez que é difícil encontrar bons exemplos de verbos obrigatoriamente transitivos,<sup>28</sup> e, à medida que se encontram exemplos convincentes, a maioria deles pertence à classe aspectual dos verbos estativos.<sup>29</sup> Porém, independentemente do resultado do teste, uma possível não ocorrência de verbos obrigatoriamente transitivos em resultativas não explica o licenciamento da SC resultativa enquanto complemento do verbo (transitivo e intransitivo), segundo o autor. Dessa forma, tratar o licenciamento da SC resultativa em termos da (in)transitividade do verbo não seria suficiente. Lembro que a preocupação do autor está em explicar o licenciamento da SC resultativa enquanto complemento do verbo, sendo ele transitivo ou não. Vale ressaltar, inclusive, que a transitividade do verbo é irrelevante nesse sentido, uma vez que em resultativas cujo DP<sub>ACC</sub> pode ser interpretado como argumento semântico do verbo, tal interpretação é consequência do *shadow effect*, já que o DP é sujeito da SC.

Adicionalmente, as restrições de seleção/licenciamento de uma SC resultativa não podem ser as mesmas das encontradas em verbos como *consider* e *find*, mesmo quando esses selecionam uma SC complemento devido a exigências lexicais. Como vemos em (11), os dados são agramaticais na leitura resultativa:

<sup>25</sup> Entendo que o sentido pretendido seria algo como: *Eu bebo cerveja (de forma tal) que ele fica constrangido (debaixo da mesa)*. Ou seja, a agramaticalidade não se dá por razões semânticas/pragmáticas. Para (10)c, o sentido pretendido seria: *Ele pintou a casa (de forma tal) e o pincel ficou em pedaços*.

<sup>26</sup> Exemplos de Sybesma (1999:13).

<sup>27</sup> Vale notar que essa questão não seria um problema em resultativas intransitivas, em que não haveria dois DPs 'concorrendo' para checagem de Caso.

<sup>28</sup> Conforme apontado na seção 1.4 do capítulo 1, os verbos do alemão que Kratzer (2005) coloca como obrigatoriamente transitivos são analisados por Hoekstra, Lansu e Westerduin (2004) como morfologicamente complexos, à medida que já contêm um predicado secundário.

<sup>29</sup> A questão aspectual será fundamental na nossa análise, como veremos a seguir.

- (11) a. \*I consider John foolish. (*leitura resultativa*)  
 b. \*I find the song known.<sup>30</sup> (*leitura resultativa*)

Em (11)a, *John* não se torna *foolish* como consequência da ação verbal; tampouco *the song* torna-se *known* por meio do verbo (cf.(11)b). Diferentemente de SCs complemento em construções de SC ‘canônicas’ (como *I consider John foolish*), na resultativa o verbo não seleciona a SC em termos de atribuição de papel temático (nem poderia, haja vista a formação de resultativas com verbos intransitivos, como *laugh*, *walk*, *run* etc).

Porém, mesmo o verbo não atribuindo papel temático à SC resultativa, não é qualquer verbo que pode participar dessa construção. Hoekstra (1988, 1992, 2004) aponta que resultativas não são possíveis com verbos de percepção, dada a agramaticalidade do dado em (12)a (*ibid*, 1988:118). Acrescento ao paradigma o dado do alemão em (12)b.

- (12) a. \*Medusa saw the hero stone/into stone.  
 b. \*Der Zauberer hat die Frau schwanger gesehen.  
 O mágico teve a mulher grávida visto  
*Sentido pretendido:* ‘O mágico, com seu olhar, deixou a mulher grávida.’ / ‘O mágico viu a mulher, que ficou grávida como consequência de o mágico ter avistado a mulher.’

Hoekstra (1992:156) coloca mais verbos que não licenciam resultativas:

- (13) a. \*This encyclopedist knows all books superfluous.  
 b. \*The rejected lover hated his girlfriend dead.  
 c. \*I heard the song boring.  
 d. \*I saw myself blind.<sup>31</sup>

Para completar o paradigma, seguem em (14) alguns dados negativos do alemão com verbos semelhantes a (13):

- (14) a. \*Er hat die Frau verrückt/fröhlich geliebt.  
 Ele teve a mulher maluco/feliz amado  
*Sentido pretendido:* ‘Ele amou a mulher de tal forma que ela ficou maluca/feliz.’ / ‘Ele deixou a mulher maluca/feliz por amá-la.  
 b. \*Er mochte die Frau verrückt/fröhlich  
 Ele gostou a mulher maluco/feliz

<sup>30</sup> Exemplos de Hoekstra (2004:308).

<sup>31</sup> Exemplos de Hoekstra (1992:156).



*Sentido pretendido:* ‘Ele gostou da mulher de tal forma que ela ficou maluca/feliz.’ / ‘Ele deixou a mulher maluca/feliz por gostar dela.’

Diante de dados como em (12)-(14), outro argumento (empírico e teórico) a favor da SC complemento em resultativas é a função aspectual que a SC exerce. A generalização que se segue, segundo o autor, é que somente predicções dinâmicas (denotadas pelo verbo matriz) e não inerentemente delimitadas (no conteúdo lexical do verbo) é que podem licenciar uma resultativa. Nesse sentido, Hoekstra (1988, 1992, 2004) desenvolve o licenciamento da SC resultativa com base nas características aspectuais do verbo. Mais especificamente, a SC complemento torna uma predicção atélica em télica, à medida que denota o estado em que o evento termina.

### 2.2.2.3 Licenciamento da SC

Verbos dinâmicos (e não inerentemente delimitados) consistem de uma sequência de pontos temporais distintos ( $t_1...t_n$ ) e denotam progresso (de  $t_1$  para  $t_2$ ), ao passo que verbos estativos não.<sup>32</sup> Nas atividades sem uma ‘SC resultado’, como *drink*, por exemplo, o ponto  $t_n$  é indeterminado e é por esse motivo que o evento é atélico. Em *drink himself senseless*, o licenciamento da SC resultativa se dá por meio da contribuição aspectual da SC resultativa em fornecer um papel de evento (*event-role* ou *e-role*), à medida que o  $t_n$  da matriz liga (*bind*) o *e-role* da SC complemento.<sup>33</sup> Ou seja, “*The temporal point licensing the e-role of the SC is made available through the lexical meaning of the verb, and hence, the relation counts as a lexical relation, i.e. as a relation which counts as L-marking.*” (Hoekstra, 1992:162). Dessa forma, a SC se comporta como um ‘objeto’ de fato, ou complemento do verbo.

<sup>32</sup> Vendler (1967) divide os eventos (ou eventualidades (no sentido de Bach (1986)) em quatro classes aspectuais: atividades, estados, *accomplishments* e *achievements*. Vejamos a distinção dessas classes, segundo Rothstein (2004): os *estados* são caracterizados como eventualidades totalmente homogêneas até o seu menor instante, onde cada subparte de um estado é o próprio estado. Já as *atividades* são eventualidades dinâmicas e homogêneas até intervalos mínimos, onde esses intervalos mínimos têm um determinado tamanho. Ou seja, há eventos mínimos dentro da atividade, mas não podemos dizer que qualquer instante dentro da atividade é a atividade em si. Por exemplo, na atividade *dançar valsa*, existem intervalos mínimos que ainda são *dançar valsa*, mas dar apenas um passo não significa *dançar valsa*, apesar de fazer parte dela. Os *achievements* são mudanças de estado que ocorrem instantaneamente. Já os *accomplishments* são eventualidades complexas com certa duração, e apresentam um ponto de culminação. Rothstein (2004) contrapõe estados a atividades, *accomplishments* e *achievements*, à medida que *estados* são caracterizados como eventualidades totalmente homogêneas até o seu menor instante, onde cada subparte de um estado é o próprio estado. Nesse sentido, entendo a ideia de Hoekstra (1992, 2004) de que estados não tem intervalos de tempo distintos  $t_1... t_n$ .

<sup>33</sup> A análise será detalhada na próxima seção.

É por esse motivo que verbos estativos (a exemplo dos dados em (12)-(14)) não podem participar de resultativas, uma vez que sua constituição temporal não permite a identificação de pontos temporais distintos, e, conseqüentemente, a identificação de um  $t_n$  com o qual o *e-role* possa se ligar.

Para o licenciamento das SCs resultativas, o autor propõe então uma tipologia de eventos, em que *estados* estão excluídos por não serem predicados eventivos. O que todos os predicados eventivos têm em comum é a característica transitória, ou seja, denotam um estado de coisas que transcorre em um determinado tempo, iniciando em  $t_1$  e terminando em  $t_n$ , sendo  $1 \neq n$ . O intervalo de tempo entre  $t_1$  e  $t_n$  é chamado de *event span*, e é homogêneo no sentido de que todos os pontos  $t_i$  ( $\neq$ s de  $t_1$  e  $t_n$ ) pertencem ao mesmo tipo de evento denotado no predicado e não podem ser tratados separadamente. Os pontos acessáveis são  $t_1$  e  $t_n$ , sendo esses pontos as fronteiras que constituem os primitivos em que a tipologia de eventos se baseia. Os primitivos [+/- fonte/iniciador] e [+/- ponto final/terminação] estão denotados no conteúdo lexical do verbo.

(15) **Tipologia de eventos**

source/ initiator	end point/ termination	
-	-	weather verbs (e.g. rain)
+	-	simple activities (e.g. run)
-	+	processes (e.g. die)
+	+	accomplishments (e.g. kill) <sup>34, 35</sup>

Com base nessa tipologia de eventos, a ideia é explicar a distribuição de SCs resultativas, à medida que somente predicados eventivos sem uma especificação inerente de um ponto de terminação é que podem se combinar com a SC resultativa. A função da SC é especificar o ponto final, como podemos ver em (16)a-b, em que as SC [Mary out of the room] e [Mary black and blue] especificam/denotam o ponto final da atividade.

<sup>34</sup> Tipologia de eventos em Hoeksra (2004:352).

<sup>35</sup> Note que a tipologia de eventos do autor não faz referência propriamente às quatro classes aspectuais vendlerianas, definidas conforme Rothstein (2004) na nota 32. A tipologia exclui *estados* e ainda considera verbos de ‘processo’ e verbos *accomplishments* separadamente. O autor não define ‘processo’, mas coloca como exemplo o verbo *morrer*, que tradicionalmente é caracterizado como *achievement*, por ser analisado como uma mudança instantânea de estado. Adicionalmente, o autor separa ‘weather verbs’ de ‘simple activities’, ambos considerados tradicionalmente eventos de atividade. Não acredito que isso seja necessariamente um problema, uma vez que o relevante, para licenciar resultativas, é o predicado denotar estágios (como nas atividades) e não ter um ponto final/culminação inerente no conteúdo lexical do verbo.

- (16) a. John kicked Mary out of the room.  
 b. John kicked Mary black and blue.  
 c. \* John kicked Mary cry.<sup>36</sup>

O dado (16)c é agramatical, segundo o autor, porque o predicado [cry] denota um evento por si só, e como consequência disso não pode ser integrado no *event span* do verbo *kick*. O autor faz então referência ao trabalho em Guéron e Hoekstra (1995), onde a análise é de que cada evento é licenciado singularmente por um *tense*, ou seja, cada evento requer o seu próprio *tense*.<sup>37</sup>

Dessa forma, Hoekstra (1988, 1992) explica as condições de licenciamento de uma SC resultativa complemento do verbo. A análise, portanto, é de que a SC resultativa é um complemento lexicalmente marcado do verbo matriz, no sentido de que a SC é ligada ao verbo devido às propriedades lexicais de V. Porém, essa marcação lexical não se refere à marcação temática; trata-se de uma relação puramente temporal-aspectual entre verbo matriz e SC.

Interpretando a análise do autor, a previsão então é de que somente verbos dinâmicos (denotam processo) e não inerentemente delimitados possam participar de uma resultativa. Esses verbos são conhecidos como *verbos de atividade* (na classificação vendleriana). A diferença entre verbos de atividade e *accomplishments* é que os últimos têm um ponto de terminação ( $t_n$  é identificado, pensando na análise de Hoekstra), ao passo que as atividades não têm. Ou seja, a SC transforma a eventualidade em um *accomplishment*, à medida que a SC fornece o ponto de terminação que a atividade (predicado matriz) antes não tinha.<sup>38</sup> Seguindo essa análise, é de se esperar então que verbos *accomplishment* não possam participar de uma resultativa, pois já possuem um ponto de terminação definido no conteúdo lexical do verbo matriz, a exemplo de *kill* – como de fato mostra o dado agramatical em (17)a. No entanto, temos ainda o dado (17)b, já apresentado no capítulo 1, o qual parecia não se encaixar na generalização de que é possível apenas a adição de um sintagma resultativo por ação.

- (17) a. \*The psychopath killed the village into a ghost town.<sup>39</sup>  
 b. He killed him dead.  
 c. Ela matou ele bem mortinho/ Ela matou ele ‘mortinho da Silva’.

<sup>36</sup> Exemplos de Hoekstra (2004:353).

<sup>37</sup> Abordarei a análise no capítulo 3.

<sup>38</sup> Rothstein (2004) refere-se ao ‘ponto de terminação’ de um *accomplishment* como *ponto de culminação*.

<sup>39</sup> Exemplo de Hoekstra (1992:161).

Para (17)b, poderíamos pensar que uma SC em um verbo *accomplishment* atuaria como um modificador (seja do ponto  $t_n$  (já denotado no conteúdo do verbo) ou do verbo+DP(complemento)). Nesse sentido, a SC não seria uma SC complemento, mas sim uma SC modificador/ adjunto, e a estrutura seria uma ‘aparente’ resultativa (possivelmente com um PRO na posição de sujeito da SC: [*He killed him<sub>i</sub> [PRO<sub>i</sub> dead]]*). Dessa maneira, dado semelhante em PB pode ser produzido, a exemplo de (17)c.<sup>40</sup> Já em (17)a, uma SC adjunto não seria possível em uma análise como em: [*The psychopath killed [the village]<sub>i</sub> [PRO<sub>i</sub> into a ghost town]]*]. A explicação, a meu ver, é que [*the village*] não é argumento do verbo, fazendo sentido apenas como sujeito da SC, e portanto recebendo papel temático do AP.<sup>41</sup>

Na análise de Hoekstra (1992), o dado (17)a é agramatical porque o *e-role* da SC [[*the village*] [*into a ghost town*]] não pode se ligar ao  $t_n$  do predicado matriz, uma vez que o  $t_n$  já está identificado.<sup>42</sup> Uma consequência dessa análise, se correta, é derivar a generalização de que é possível apenas a adição de um sintagma resultativo por ação – tomando esse sintagma como o estado final da ação (e não um modificador de estado final).

Diferentemente das atividades, os *estados*, como já colocado, não denotam processo, e portanto não possuem um  $t_n$  com o qual o *e-role* da SC possa se ligar.

Hoekstra (1988, 1992, 2004) não trata de verbos/predicados *achievement*.<sup>43</sup> Acredito que o autor queira excluir eventualidades desse tipo (em verbos de resultativas) por dois motivos. Um deles é que *achievements* já denotam uma mudança de estado em si. Outro motivo seria a ausência de estágios internos na eventualidade:  $t_n$  sendo o ponto de término do evento, em um *achievement* teríamos  $l = n$ , e é essa a situação que a análise de Hoekstra pretende excluir. Nesse sentido, *achievements* têm uma característica em comum com estados. Segundo Rothstein (2004), eventualidades *achievement* e estados não possuem estágios: os *achievements* porque são instantâneos e, portanto, não há como distinguir estágios nesse momento instantâneo; os estados, apesar de suficientemente longos, não são dinâmicos e cada pedacinho de um estado é o mesmo durante toda a eventualidade, impossibilitando assim que estágios sejam

<sup>40</sup> Lembro que o PB licencia ‘aparentes’ resultativas e possivelmente por isso o dado (17)c é gramatical.

<sup>41</sup> O sentido pretendido na resultativa é de que o psicopata matou *pessoas*, de forma que *a vila* ficou uma *cidade fantasma*, i.e. *o psicopata* não matou *a vila* em si.

<sup>42</sup> Alternativamente, podemos pensar que o dado é agramatical porque o verbo é obrigatoriamente transitivo e não teria um DP para atribuir papel temático. Nessa linha de raciocínio, o dado *\*The psychopath killed the people the village into a ghost town* é agramatical porque viola Filtro de Caso.

<sup>43</sup> Hoekstra (2004:318) coloca que prefere se manter neutro quanto aos predicados *achievements*.

reconhecidos. Diferentemente, as atividades são caracterizadas como [+ estágio] e [- télico].

Para Rothstein (2004, 2008), a característica [- télico] em atividades se deve ao fato de que atividades são cumulativas, ou seja, a soma de duas atividades continua sendo uma só atividade, isto é, a soma forma um novo evento singular. Como atividades são homogêneas até eventos mínimos (e não instantes mínimos, como em estados), elas possuem a característica [+ estágio], em que os estágios são reconhecidos nesses eventos mínimos onde há algum movimento ou mudança de estado.

#### 2.2.2.4 Formalização do licenciamento da SC

Formalmente, Hoekstra (1992) compara o licenciamento de SC resultativas ao licenciamento de SCs adjuntas, exemplificadas respectivamente em (18):

- (18) a. John drank himself under the table.  
 a'. [John<sub>i</sub> [drank<sup>SC-COMPLEMENTO</sup> [himself<sub>i</sub> under the table]]]
- b. John drank under the table.  
 b'. [John<sub>i</sub> [[drank]<sup>SC-ADJUNTO</sup> [PRO<sub>i</sub> under the table]]]

O sintagma predicativo [under the table] especifica a posição de [John] nas duas sentenças: em (18)a por meio da relação anafórica e em (18)b por meio de controle de um sujeito PRO. A SC adjunta em (18)b, não sendo L-marcada, é entendida como uma barreira (Chomsky, 1986), diferentemente da SC complemento em (18)a. Assumindo que a SC é a mesma em ambas as sentenças, a questão é o que diferencia a interpretação resultativa em (18)a da interpretação depictiva em (18)b.

Para fazer a distinção, o autor elabora uma teoria de modificação baseada em Higginbotham (1985). Para Higginbotham (1985, 2009), na grade temática de um predicado, além das posições de papéis temáticos ‘tradicionais’ (agente, tema etc), existe a variável *e*, correspondente à posição de evento (posição-e), seguindo Davidson (1967). Trata-se de um lugar para o argumento de evento, que Higginbotham assume ser comum a todos os verbos (eventivos e estativos) – estendendo a proposta original de Davidson, em que *e* era colocado para verbos de mudança ou de ação.

Assumindo que NPs são projeções de um determinante (D), D toma um NP como complemento. Para um DP como *the dog*, a assunção é de que o N (dog) tem um

papel-argumento (o de ser um cachorro), que é saturado por D por meio do que Higginbotham chamou de ligação-theta (*theta-binding*), sendo que existem outros dois mecanismos de saturação de argumentos: atribuição-theta (*theta-assignment*) e identificação-theta (*theta-identification*). O NP, não referencial, é tomado como ‘descritivo’ (um predicado), ao passo que D refere (a um certo objeto no domínio do discurso). No exemplo de Higginbotham (1985), o nome [dog] tem um ‘espaço aberto’, que é saturado pelo determinante [the] no nível do DP.

Entendo os mecanismos de saturação de argumentos (ou *thematic discharge*) de Higginbotham (1985) assim: a *marcação-theta* (*atribuição-theta*) é o que tradicionalmente se conhece quando um predicado verbal de dois lugares, por exemplo o verbo *ver*, atribui dois papéis temáticos para seus argumentos, um para argumento externo (o que vê) e outro para argumento interno (o que é visto). A *ligação-theta* é quando um argumento é *ligado* a uma posição aberta em um predicado, para saturar esse predicado. O exemplo do texto é o DP [the dog].<sup>44</sup> A *identificação-theta* é quando a posição-e de dois predicados é *identificada*, por meio de uma operação de conjunção. O exemplo do texto são modificadores/depictivos.<sup>45</sup>

Traçando um paralelo com DPs, *tensed clauses* são analisadas como TPs, em que T é referencial (comparativamente a D) e o VP é descritivo (comparativamente ao NP). Para a modificação, Hoekstra (1992) coloca três ingredientes: (i) sintaticamente, o modificador é adjunto da projeção máxima que modifica; (ii) a estrutura temática consiste de theta-identificar o *e-role* do sintagma modificador com o *e-role* do sintagma modificado; (iii) semanticamente, a modificação é interpretada como coordenação (*conjunction*).

Para (18)b, a SC adjunta é entendida como um modificador adjunto da projeção máxima (VP), a qual modifica. O *e-role* do VP é theta-identificado com o *e-role* da SC, e a articulação desses dois papéis identificados (o nó representado pelo segmento VP mais acima) é theta-ligado por T. Nesse sentido, o predicado matriz e a SC são ligadas ao *tense* em T (referencial). Semanticamente, a modificação do VP pela SC é tratada como uma operação de conjunção, cuja interpretação é a de coordenação. No caso de

<sup>44</sup> Higginbotham (1985) coloca que *theta-binding* é distinto the *trace-binding*: traços são formativos gramaticais e ocupam posições onde se entendem argumentos lexicais. Já o mecanismo de *theta-binding* liga posições de uma grade temática, e essas posições não são formativos, mas sim fazem parte da entrada do item lexical ou sintagma.

<sup>45</sup> O critério-theta de Chomsky (1981) é reformulado: do original “*θ-Criterion: a. Every argument is assigned one and only one thematic role. b. Every thematic role is assigned to one and only one argument.*”, Higginbotham (1985:561) propõe um critério mais geral para b: “*Every thematic position is discharged.*”.

(18)b, o predicado matriz é entendido como um objeto passado que é um evento de [João beber], sendo seu *e-role* theta-identificado com o *e-role* da SC – daí a interpretação depictiva, i.e. a interpretação concomitante/coordenada dos dois eventos [João beber] e [João debaixo da mesa].

Para (18)a, o licenciamento da SC resultativa também envolveria uma saturação do *e-role* da SC pelo *tense*, porém esse *tense* é lexicalmente fornecido pela estrutura temporal do predicado matriz. O  $t_n$  em *beber* (18)a pode ser theta-marcado por meio de ligação (*binding*) com um *e-role* em posição de complemento, no caso uma SC que denota um estado. Ou seja, a saturação do *e-role* da SC é entendida como uma operação de *theta-binding* entre o *e-role* da SC com o  $t_n$  do predicado matriz. Nas resultativas, a SC (enquanto predicado) tem um papel de evento. O predicado matriz (enquanto verbo de atividade) tem uma posição aberta ( $t_n$ ). O *e-role* da SC serve de argumento à posição aberta  $t_n$  do predicado matriz. O predicado matriz também tem um *e-role*, que é saturado por *T(ense)* por meio de ligação-theta.

A interpretação resultativa é determinada pelo modo como a SC é licenciada, ou seja, por meio do ponto final na estrutura de evento do predicado matriz. Com essa análise, não é preciso assumir que a leitura resultativa seja parte da SC *per se*. Caso contrário, não haveria como se obter a interpretação depictiva em (18)b e a interpretação resultativa em (18)a.

Uma consequência dessa análise é que a SC resultativa precisa ter um *e-role*. Hoekstra (1992) então explica o fato de apenas predicados *stage-level* (e não *individual-level*) poderem participar de uma resultativa, uma vez que assume que o predicado denotado pela SC precisa ter um *e-role* para ser ligado com o  $t_n$  da matriz. Dessa maneira, Hoekstra (1992) entende a SC da resultativa como predicado *stage-level*, e, portanto, possuidor de um *e-role*, ao passo que predicados *individual-level* não têm um *e-role*.

Em nota, Hoekstra coloca que o *e-role* (*event-role*) no uso terminológico de Higginbotham (1985) está presente em todos os verbos, como se fosse uma espécie de propriedade categorial de verbos (de eventos e estativos). Ou seja, a análise de Higginbotham (1985) diverge da de Kratzer (1989, 1995), que distingue predicados (verbais ou não) que possuem um papel de evento *e* dos que não possuem um papel de evento – sendo tal distinção capturada em termos de predicados *stage-level* e *individual-*

*level*.<sup>46</sup> Ainda assim, Hoekstra (1992) aponta que é preciso existir uma propriedade nos verbos para dar conta do fato de estabelecerem uma relação específica com *T(ense)*, mesmo quando não carregam um papel eventivo.<sup>47</sup>

Na teoria de Hoekstra (1992), assume-se que a SC resultativa tem um *e-role*, mesmo denotando um estado. Mas, para tanto, o predicado denotado pela SC precisa ser do tipo *stage-level*. Hoekstra (1992) toma a SC resultativa como predicado *stage-level*, possuidor de um *e-role*, contrariamente a um predicado *individual-level*. Nesse sentido, entendo que o autor se aproxima de Kratzer (1989, 1995) e se distancia de Higginbotham (1985), uma vez que o último atribui um papel de evento *e* a todos os predicados verbais, independentemente de serem *stage* ou *individual-level*.<sup>48</sup>

### 2.2.2.5 Sobre verbos ergativos/ inacusativos

A análise SC complemento em Hoekstra (1988, 1992, 2004) também se estende aos verbos ergativos/ inacusativos. Conforme exemplificado na seção 1.6 do capítulo 1, verbos inacusativos participam de resultativas. Nas resultativas inacusativas, o verbo L-marca (aspectualmente) uma SC, cujo sujeito se torna o sujeito de superfície. Da mesma forma que nas resultativas ‘transitivas’ e ‘inergativas’, o verbo não tem relação temática com o sujeito da SC.

Hoekstra (2004) vai mais além e analisa os verbos ergativos (inacusativos) como *sempre* selecionando uma SC complemento. Nas resultativas, o predicado da SC é manifestado em um PP/AP. Nas outras construções ergativas, como *John fell*, o predicado da SC é vazio. Ou seja, a estrutura atribuída aos verbos ergativos envolve uma SC complemento, cujo predicado é vazio. Interpretando a análise, verbos

<sup>46</sup> Kratzer (1995) distingue predicados *stage-level* de *individual-level*, à medida que os primeiros possuem uma variável *e* de evento, como podemos ver respectivamente:

(i) *Stage-level predicate*: dance =  $\lambda x \lambda e$  [dance (x)(e)]

(ii) *Individual-level predicate*: be tall =  $\lambda x$  [tall (x)]

A proposta é que nada pode ser modificado temporalmente sem a presença da variável *e*, por esse motivo a autora prevê que predicados *stage-level* tem *e* na sua denotação, ao passo que predicados *individual-level* não tem.

<sup>47</sup> A relação de verbos com *tense* é desenvolvida em Guéron & Hoekstra (1995) – abordada nesta tese no capítulo 3.

<sup>48</sup> Higginbotham (2009:27) rejeita a hipótese em Kratzer (1995) de que predicados *individual-level* não têm um argumento de evento “ (...) *the data that show that this argument is in a number of contexts not available to the semantics should be reanalyzed so that the argument, while present, is in some way, perhaps differently for different contexts, unavailable.*”



inacusativos sempre participam de uma uma resultativa, sendo que a diferença para as resultativas ‘genuínas’ é que nessas o predicado da SC não é vazio.

Para defender a análise, o autor se baseia em evidências empíricas, constituídas por uma série de exemplos (de resultativas e não resultativas) que buscam mostrar que o verbo inacusativo não seleciona semanticamente o DP afetado/ sujeito de superfície/ sujeito da SC. Vejamos alguns exemplos do alemão em (a-b) e do holandês em (c-d):

- (19) a. Er ist gefallen.  
Ele é caído.  
‘Ele caiu.’
- b. Er ist auf den Boden gefallen.  
Ele é sobre o chão caído  
‘Ele caiu no chão.’
- c. Er viel een stilte.  
Expl. caiu um silêncio  
‘Caiu um silêncio.’
- d. het werk viel hem zwaar.<sup>49</sup>  
o trabalho caiu ele<sub>DAT</sub> pesado  
‘O trabalho é pesado para ele.’

O verbo *cair* é inacusativo, como vemos na escolha do auxiliar em (19)a-b. A argumentação é de que, face aos dados (19)c-d, o verbo não tem relação temática com o sujeito da SC. Contraste semelhante é apontado em Sybesma (1999:11), em dados do holandês:

- (20) a. Janneke springt in de sloot  
Janneke jump in the ditch  
‘Janneke jumped into the ditch’
- b. *e* springt [<sub>SC</sub> Janneke in de sloot]  
jump Janneke in the ditch
- (21) a. het stoplicht springt op rood  
the traffic.light jumps to red  
‘the traffic light turned red’
- b. *e* springt [<sub>SC</sub> het stoplicht op rood]  
jumps the traffic.light to red

<sup>49</sup> Exemplos d-c do holandês de Hoekstra (2004:354).

O autor coloca os dados em holandês e a descrição estrutural com base em Hoekstra (1988, 1992). Em (21), o sujeito da SC não tem relação temática com o verbo. Em (20), a interpretação de que *Janneke* é a saltadora deve ser vista como consequência do *shadow effect*: se alguém acaba em *uma vala* como resultado de um evento de *saltar*, a pessoa será interpretada como *a saltadora*.<sup>50</sup>

Como evidência adicional para a postulação de predicados vazios, den Dikken & Hoekstra (1994:3) colocam os seguintes dados do holandês de Hoekstra (1991):

- (22) a. Jan sloeg zijn broertje het ziekenhuis in  
 Jan hit his brother the hospital into
- b. Jan sloeg zijn broertje  
 Jan hit his brother
- (23) a. Jan sloeg het kopje stuk  
 Jan hit the cup broken
- b. \*Jan sloeg het kopje  
 Jan hit the cup
- (24) a. Jan sloeg de bal weg  
 Jan hit the ball away
- b. Jan sloeg de bal  
 Jan hit the ball

O verbo *slaan* (bater), apresenta comportamento transitivo (cf.(22b)) e pode participar de uma resultativa (cf.(22a)). No entanto, esse verbo, se usado transitivamente, requer que seu objeto seja ‘animado’, como em (22b), e é por isso que (23)b é agramatical, em que o objeto do verbo é inanimado. Nessa perspectiva, o dado em (24)b é inesperado. Para resolver o impasse, den Dikken & Hoekstra (1994) argumentam que a diferença entre (24)b para (22)-(23)b é que em (24)b existe uma interpretação resultativa, diferentemente de (22)-(23)b. Com base em Hoekstra (1991), os autores hipotetizam que a interpretação resultativa de (24)b é reflexo da sua estrutura sintática, em que resultativas envolvem uma SC complemento. Em (24)b, o verbo *slaan* toma uma SC complemento, cujo predicado é vazio – esse predicado vazio é a contraparte da partícula *weg* (*away*), como em (24)a. Dessa forma, o dado (23)b poderia ser gramatical se o contexto for o de “Alice no país das maravilhas”, em que em um jogo

<sup>50</sup> Retomarei no Capítulo 4 a discussão sobre construções como (19)-(20) enquanto resultativas.

de *baseball*, *copos/taças* seriam usados no lugar de *bolas*. Outro contexto desse tipo seria um em que *copos/taças* seriam seres animados; nesse caso, (23)b também seria gramatical, mas não na leitura resultativa, e sim na estrutura transitiva em que o verbo *slaan* toma o DP como complemento. Já em uma resultativa, o verbo *slaan* toma a SC como complemento, e, uma vez não tendo relação temática com o sujeito da SC, esse sujeito pode ser inanimado. Ou seja, uma análise SC (predicado vazio) acomoda a leitura resultativa do dado em (24)b, e ainda a possibilidade de o DP ser inanimado.<sup>51</sup>

Devido à ausência de relação temática entre verbo e DP em certos casos, acredito que esse é o caminho que Hoekstra (1988, 1992, 2004) buscou no sentido de resolver a questão temática, generalizando para a assunção de que o verbo ergativo não atribui papel temático ao DP sujeito da SC (sendo o predicado da SC pronunciado ou vazio). Quando o sujeito da SC pode ser interpretado como argumento semântico do verbo, o autor atribui essa interpretação ao *shadow effect*. O licenciamento da SC, assim como nas resultativas, é dado pelo conteúdo aspectual do verbo matriz.

Na minha leitura da análise, a previsão é de que a SC *sempre* tem um *e-role*, com o qual o  $t_n$  do predicado matriz pode se ligar – de outra forma, não seria possível o licenciamento da SC, uma vez que o verbo não atribui papel temático ao DP sujeito da SC nem à SC. Essa assunção me parece convincente para SC resultativas, em que é clara a presença de um estado resultante denotado em DP+AP/PP. Porém, da mesma forma, é preciso assumir que a SC complemento de *fall* em *John fell* é <sup>SC</sup>[John Ø], e ainda assumir que essa SC tem um *e-role*, ou seja, tem um papel de evento, assim como assumir que a SC resultativa denota um estado. A análise, ao mesmo tempo em que é empiricamente interessante, levanta questões, que serão abordadas na próxima seção.

<sup>51</sup> Den Dikken & Hoekstra (1994) apontam em nota que existe paradigma semelhante em inglês, com o verbo *to slug*:

- (i) a. John slugged his brother into the hospital.
- b. John slugged his brother.
- (ii) a. John slugged the cup to pieces.
- b. \*John slugged the cup.
- (iii) a. John slugged the ball away.
- b. John slugged the ball.

---

## 2.3 Questões e considerações

### 2.3.1 Primeiras assunções

Com base na apresentação e discussão das análises de resultativas em Hoekstra (1988, 1992, 2004) e Kratzer (2005), assumirei, seguindo os autores, que [DP(afetado) sintagma resultativo] formam um constituinte. Assumirei, ainda, conforme Hoekstra e diferentemente de Kratzer, que esse constituinte é do tipo SC, ou seja, há uma relação sujeito-predicado em que o sintagma resultativo é predicado (atribui propriedade) ao DP (afetado).<sup>52</sup>

Ambas as abordagens assumem que o verbo matriz não tem relação temática com o DP (afetado), doravante *sujeito da SC*. Em resultativas ‘transitivas’, a possibilidade de leitura do sujeito da SC enquanto argumento semântico do verbo é, segundo Hoekstra, consequência do nosso conhecimento de mundo (*shadow effect*), ou então consequência da cadeia causal definida semanticamente em Kratzer (2005). Kayne (1985) apontou como consequência pragmática a possível leitura do sujeito da SC como argumento do verbo. Lembro, ainda, que na análise de Kratzer (2005) é possível encontrar ‘nuances’ pragmáticas.

Uma questão que se coloca, para ambas as abordagens, é como dar conta da ambiguidade (temática) das resultativas. Podemos, no entanto, supor que a que ambiguidade poderia ser analisada dentro do que Hoekstra chamou *shadow effect* ou do que Kratzer colocou em termos de cadeia causal das resultativas. Nesse sentido, teríamos uma ‘coincidência pragmática’: em *hammer his hand sore*, a possibilidade de [a mão] ser interpretada como objeto do verbo seria uma consequência do *shadow effect*. E como [a mão] não é theta-marcada pelo verbo, podemos ainda ter a interpretação de que *algo* foi martelado, de forma que [a mão] ficou [machucada]. Nesse sentido, podemos continuar assumindo que V não atribui papel temático para o DP (afetado).

---

<sup>52</sup> A estrutura assumida para a SC será abordada no capítulo 3.

A questão ‘temática’, porém, também se coloca para resultativas inacusativas. Kratzer (2005) descarta a ocorrência desse tipo de construção. A seção 1.6 do capítulo 1 analisou os aparentes contraexemplos apontados pela autora como sendo possíveis de serem realmente distinguidos de resultativa adjetivais. No entanto, foram colocados outros tantos dados de resultativas inacusativas, que vão contra a assunção de Kratzer. Já Hoekstra sustenta a ocorrência de resultativas inacusativas, mas assume, assim como para resultativas ‘transitivas’ e ‘intransitivas’, que o verbo inacusativo não tem relação temática com o sujeito da SC. Vejamos o caso do verbos inacusativos mais de perto.

### 2.3.2 Inacusativos

Tradicionalmente, assume-se que verbos inacusativos são similares aos intransitivos inergativos em não atribuírem Caso Acc, e, ainda, em serem verbos monoargumentais (a diferença está em ser o argumento interno ou externo). Verbos inacusativos e transitivos são similares à medida que possuem um argumento interno, mas diferem quanto a poderem atribuir Caso Acc ou não. Até agora, a questão parece trivial. No entanto, em uma resultativa do alemão como (25)a, se [os pratos] é argumento de [estragado], a questão que não parece nada trivial é: qual é o argumento de [cair]? Nesse sentido, devemos perguntar onde é descarregado o papel temático do verbo, ou então se [cair] estaria se comportando como um verbo sem argumentos. Essas questões se estendem para o verbo [voar], em (25)b, também do alemão:

- (25) a. Die Teller sind kaputt gefallen.  
Os pratos são estragado caído  
‘Os pratos caíram e ficaram quebrados por conta da queda.’
- b. Das Flugzeug ist in Stücke geflogen.  
O avião é em pedaços voado  
‘O avião voou e ficou em pedaços.’

Nesse sentido, também é relevante o paradigma do alemão com o verbo [chover], repetido em (26):

- (26) a. Meine Jacke ist nass geregnet.  
Minha jaqueta é molhado chovido  
'Minha jaqueta ficou molhada por ação da chuva.'
- b. \*Meine Jacke hat sich nass geregnet.  
Minha jaqueta teve REFL. molhado chovido
- c. Es hat geregnet./ \*Es ist geregnet.  
Expl. teve chovido Expl. foi chovido

Como simples verbo 'meteorológico', [chover] é intransitivo inergativo (cf. (26)c). Em uma resultativa, é obrigatoriamente inacusativo (cf.(26)a-b)). Aqui, faz sentido pensar na análise de que o verbo não tem relação temática com o sujeito da SC. Para resultativas inacusativas, a análise de SC complemento em Hoekstra (2004) assume que:

- (i) verbos inacusativos não atribuem papel temático para o objeto interno (sujeito de superfície);
- (ii) a interpretação do DP sujeito da SC como argumento do verbo é consequência do *shadow effect*, e não marcação temática;
- (iii) o complemento de inacusativos é uma SC não tematicamente selecionada;
- (iv) o licenciamento da SC é feito em termos de l-seleção aspectual;
- (v) o predicado da SC é vazio quando a construção não é resultativa;
- (vi) a SC tem sempre um *e-role*, mesmo com predicado vazio.

Crucialmente, nesta análise, precisamos assumir que o verbo inacusativo é um verbo 'a-argumental'. Seguindo a generalização de Burzio, o verbo inacusativo não tem argumento externo/não atribui papel temático de agente; se portanto ele também não tem argumento interno, i.e. não theta-marca nenhum DP ou SC, temos então um verbo sem argumentos. A questão que eu coloco aqui é quais são as consequências disso para a arquitetura de gramática como um todo.

A análise de SC complemento do verbo, porém, não precisa necessariamente assumir que o verbo não atribui papel temático para o DP sujeito da SC, tanto para resultativas 'transitivas' quanto 'inacusativas', e talvez até 'ambíguas' – se sintaticamente relevante. Inclusive, essa foi uma hipótese alternativa levantada por Hoekstra (2004).

### 2.3.3 Atribuição temática: uma alternativa

Sumarizando os trabalhos de Hoekstra (1988, 1992), Hoekstra (2004) analisa o verbo matriz da resultativa como denotando uma atividade não télica, a quem a SC resultativa atribui um ponto final. Nesta análise, a resultatividade é uma propriedade aspectual que se segue da combinação de uma atividade e um estado, não sendo portanto um propriedade (isolada) do sintagma resultativo ou da SC *per se*.

Dessa maneira, o verbo L-marca a SC complemento, sendo essa marcação lexical de natureza aspectual, e não temática. Em resultativas ‘transitivas’, o autor considera a possibilidade de uma configuração em que exista uma segunda marcação temática para o sujeito da SC. Para tanto, começa com a assunção, segundo Abney (1987), de que cada projeção lexical é dominada por uma projeção funcional. Em (27), tomando X e Y como lexicais, haveria minimamente um núcleo funcional F interveniente:

$$(27) \quad X^{FP} [ F^{YP} [NP_1 [Y NP_2]]]$$

Nessa configuração, NP<sub>1</sub> se move para Spec/FP, onde não recebe papel temático de F (uma vez que F é uma categoria funcional não atribuidora de papel temático). Dessa forma, se X theta-marcou NP<sub>1</sub> em Spec/FP, essa marcação não entra no domínio de outra categoria atribuidora de papel temático. X L-marcando FP, FP não constitui uma barreira para atribuição de papel temático de X a NP<sub>1</sub> em Spec/FP. A configuração em (27), segundo Hoekstra (2004), abre a possibilidade de uma segunda marcação de papel-theta a uma cadeia já theta-marcada, sem gerar uma circularidade na noção de L-marcação sendo definida em termos de atribuição temática.

Apesar de colocar uma configuração em que seria possível uma dupla atribuição de papel-theta ao sujeito da SC em resultativas ‘transitivas’, o autor não persegue a ideia por acreditar que as evidências são muito poucas para um afrouxamento do Critério Theta. O autor admite, no entanto, ser concebível que pesquisas adicionais tragam evidências mais robustas para se chegar a uma conclusão desse tipo. Relevante é que

mesmo a concepção de uma possível dupla atribuição de papel temático não invalida uma análise SC complemento para resultativas.<sup>53</sup>

### 2.3.4 VP (infinitivo): uma questão aberta

Além da questão temática, outra questão em aberto refere-se à impossibilidade de VPs (infinitivos) serem predicados da SC resultativa (colocada no capítulo 1). Retomando a análise de l-seleção aspectual, a resultatividade é uma propriedade aspectual que se segue da combinação de uma atividade e um estado, i.e. a SC denota o estado em que a atividade do predicado matriz termina. A análise talvez ainda não seja suficiente para barrar dados como (28), do alemão:

(28) a. \*Er tanzt sich Fußballen haben.  
Ele dança REFL. pés-bolhas ter  
*Sentido pretendido:* ‘Ele dança até ter bolhas nos pés.’

b. \*Er tanzt sich Fußballen bekommen/ entstehen.  
Ele dança REFL. pés-bolhas ganhar/ surgir  
*Sentido pretendido:* ‘Ele dança até ganhar/surgir bolhas nos pés.’

Mesmo o sintagma resultativo da SC [REFLEXIVO [ter bolhas nos pés]] sendo um VP infinitivo, tal VP não é do tipo eventivo que se classifica na tipologia de eventos de Hoekstra (2004), parecendo-me, inclusive, denotar um estado. Também são agramaticais os dados com os verbos não estativos *bekommen* (ganhar) e *entstehen* (surgir). Permanece então a questão de qual seria a explicação para a não ocorrência de VPs infinitivos como sintagmas resultativos.

<sup>53</sup> Reitero que o contexto da discussão vai contra a análise de ramificação ternária proposta em Carrier & Randall (1992) para resultativas, ou uma análise diferenciada para resultativas ‘transitivas’ e ‘intransitivas’, como sugerem Levin & Rappaport (1995).



### 2.3.5 Sobre o verbo *congelar*

Retomo aqui uma questão levantada no capítulo 1, seção 1.6. Trata-se do verbo *congelar* em resultativas. A pergunta era se de fato dados com esse verbo eram resultativas (em que o sintagma resultativo denota o estado resultante) ou resultativas ‘aparentes’, em que o sintagma resultativo é uma espécie de modificador. Repito em (29) alguns exemplos:

- (29) a. The river froze (solid).  
O rio congelou sólido  
‘O rio congelou e ficou sólido.’
- b. The prisoners froze to death.  
Os prisioneiros congelaram para morte  
‘O prisioneiros congelaram até a morte.’

Kratzer (2005) aponta, para o alemão, o comportamento misto em relação à inacusatividade do verbo:

- (30) a. Es hat gefroren.  
ES<sub>Expletivo</sub> teve congelado  
‘A temperatura estava congelante.’
- b. Ich hab’ gefroren.  
Eu tive congelado  
‘Eu congelei/ eu passei muito frio.’
- c. Das Wasser ist gestern gefroren.  
A água é ontem congelado  
‘A água congelou ontem.’

Notamos que *congelar* pode ser usado inergativamente e inacusativamente. Quando usado inergativamente, é obrigatória a presença do reflexivo falso (em alemão). Nesse caso, temos uma resultativa, uma vez que o DP<sub>ACC</sub> não é argumento semântico do verbo, como sugerem os dados em (31):

- (31) a. I froze myself to death.

- b. I habe mich tot gefroren.  
 Eu tive REFL. morto congelado  
 ‘Eu congelei e fiquei morto como resultado.’

A questão se coloca quando temos o *congelar* inacusativo. Pensando na abordagem em termos de licenciamento aspectual de Hoekstra, a pergunta que podemos fazer é se *congelar* inacusativo é um verbo de atividade ou *accomplishment*.<sup>54</sup> Enquanto verbo de atividade, não é esperado um ponto final/culminação no evento, então faz sentido pensar no DP+AP/PP como resultativa, ou seja, o sintagma resultativo enquanto definidor do estado resultante do evento. Porém, se entendermos *congelar* inacusativo como verbo *accomplishment*, ele teria a culminação denotada no seu conteúdo lexical. A culminação estando presente no verbo, ao sintagma resultativo caberia a função de modificador. Podemos hipotetizar que se trata do que acontece em (29)a, uma vez que *solid* não precisa estar presente para o dado ser gramatical. Nesse caso, o papel temático não viria do AP. Na análise de Hoekstra, lembro ser admitido que o predicado da SC seja vazio, prevendo a opcionalidade.

Vejamos (29)b. Em inglês, é possível a construção tanto com a presença do reflexivo falso, quanto sem, ambas gramaticais (cf.(32)a e (32)b, respectivamente). Conforme aponta Lobato (2004), a construção também é possível em PB (cf.(32)c):

- (32) a. I froze myself to death.  
 b. I froze to death.  
 c. Eu congelei até a morte.  
 d. Eu me congelei até a morte.

Lembro que a autora não considera (32)c como resultativa, uma vez que a leitura não é de resultado, mas sim de processo. No entanto, vemos que em PB também é possível a presença de um reflexivo, como em (32)d (é bem verdade que precisamos de um contexto pra isso<sup>55</sup>). Porém, não acredito que se trata de um reflexivo falso, como acontece nas resultativas, haja vista os dados em (33):

- (33) a. Joãozinho congelou o gato até a morte.  
 b. O astronauta congelou o líquido até a morte.

<sup>54</sup> Dowty (1979) analisa esse tipo de verbo como um *degree achievement*, o que demonstra a dificuldade/complicação de se fazer uma classificação aspectual do verbo *congelar*.

<sup>55</sup> Por exemplo: um cientista, que trabalha com criogenia, no final da sua vida resolveu congelar a si mesmo, e fez isso *até a morte*.

Em (33)a, a leitura é de que [o gato morreu], pelo menos acredito que é a interpretação ‘mais imediata’. Já em (33)b, a leitura é de que [o astronauta morreu] (ao bravamente tentar completar sua missão na lua, digamos). Ou seja, o PP [até a morte] pode fazer referência ao objeto do verbo, ao sujeito da frase, e ainda temos a leitura de que [até a morte] foi o tempo em que [o astronauta] ficou *congelando o líquido*. Nesse sentido, o PP pode ser entendido como um modificador temporal do evento. Portanto, questiono se [to death] e [até a morte], apesar de serem traduzidos como equivalentes, teriam o mesmo significado. A questão é mais clara se olharmos os dados do alemão:

- (34) a. Ich habe **bis zu** Tode gefroren.  
Eu tive **até para** morte congelado.  
‘Eu congelei até a morte.’
- b. Ich habe mich **zu** Tode gefroren.  
Eu tive REFL. **para** morte congelado  
‘Eu congelei e o resultado disso foi minha morte.’

No alemão, o sintagma resultativo é o PP *zu Tode* (para morte), como em (34)b. Se o sentido for de *até a morte* (como no PP modificador em PB), para o alemão deveríamos usar a preposição *bis zu Tode* (**até** para morte), como em (34)a. Crucialmente, o dado em (33)b do PB não é possível em alemão com o PP *zu Tode* (para morte):

- (35) \*Der Astronaut hat die Flüssigkeit zu Tode gefroren.  
O astronauta teve o líquido para morte congelado.

A interpretação de (35) é de que o líquido morreu por conta do ato de congelar, fazendo com que seja inaceitável. A rigor, o dado é gramatical (nesse caso, o asterisco representa não aceitação), e poderia ser aceito em um contexto ‘fantástico’ em que líquidos podem morrer.

Resumindo, parece que o verbo *congelar* inacusativo - se interpretado como uma atividade – pode participar de uma resultativa, em que a SC denota o estado resultante da ação. Porém, enquanto verbo *accomplishment* ou *achievement*, tem uma culminação denotada no conteúdo lexical; nesse caso, o AP/PP são tomados como algum tipo de

---

modificador.<sup>56</sup> Quando inergativo e na presença de um reflexivo falso, considero o dado uma resultiva. Já os dados do PB indicam que o PP [até a morte] é algum tipo de modificador, e não se trata de uma resultativa ‘genuína’, conforme primeiramente apontado em Lobato (2004).

### 2.3.6 A SC resultativa e sua estrutura: próximos passos

Nesta tese, a sequência [DP AP/PP/NP] é tomada como um constituinte do tipo SC, seguindo Hoekstra (1988, 1992, 2004). Para o licenciamento da SC, a proposta é tomar como base a teoria do autor de que a combinação da SC com o verbo matriz é dada devido às características lexicais-aspectuais de ambos. Pensando na descrição estrutural da resultativa, tanto Hoekstra quanto Kratzer (2004) instanciam o constituinte [DP sintagma-resultativo] como irmão/complemento do verbo. O próximo ponto a ser investigado, portanto, é se de fato a SC é complemento do verbo – assunto que será tratado no capítulo 3.

Antes, porém, de abordar a SC na estrutura sintática ‘maior’, gostaria de apontar a estrutura interna da SC assumida neste trabalho, bem como a teoria de localidade subjacente a ela – que também será assumida neste trabalho quando da análise das resultativas. O próximo capítulo se inicia com esse tema.

---

<sup>56</sup> Que *congelar* pode se comportar tanto como verbo de atividade (ou processo não culminado, no sentido de *passar frio*), *accomplishment* (processo culminado) e ainda *achievement* (mudança instantânea de estado) pode ser visto nos exemplos (i), (ii) e (iii), respectivamente:

- (i) Enquanto esperava o João, Maria ficou congelando lá fora.
- (ii) A zero graus, esse rio leva 5 dias para congelar.
- (iii) A água congela a zero graus.

## CAPÍTULO III

### A SC RESULTATIVA E SUA ESTRUTURA

A resultativa é tomada, nesta tese, como uma construção em que o estado resultante é denotado pelo constituinte SC: o sintagma resultativo (de base AP, PP ou NP) estabelece uma relação de sujeito-predicado com o DP afetado (sujeito da SC).

Assim, o objetivo deste capítulo é abordar duas questões. Tomando o constituinte [DP AP/PP/NP] como uma SC, o primeiro passo será apontar a estrutura interna da SC assumida neste trabalho.

O segundo ponto a ser investigado tem relação com a configuração da SC no ‘esqueleto’ da sentença. A pergunta, portanto, é como a SC é instanciada na estrutura maior, i.e. como ela se combina com verbo matriz. Nesse sentido, a discussão segue na consideração da SC enquanto complemento do verbo matriz ou adjunto do VP, e as questões que as hipóteses levantam.

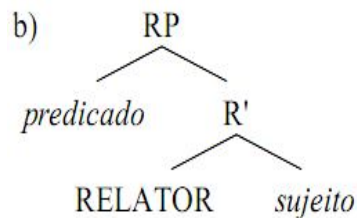
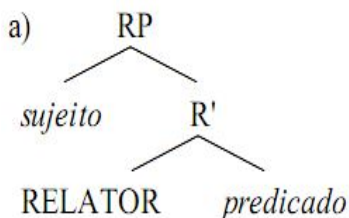
### 3.1 A estrutura interna da SC

A estrutura interna para a SC assumida neste trabalho se baseia na teoria de predicação em den Dikken (2006). A seção 3.1.1 expõe a teoria em linhas gerais, cujo foco é a predicação primária. Em seguida, a abordagem é estendida para a predicação secundária, em que a estrutura para a SC é apresentada.

#### 3.1.1 Linhas gerais e predicação primária

A teoria de predicação em den Dikken (2006) propõe que todas as relações de predicação sejam mediadas por um núcleo funcional abstrato (o RELATOR), responsável por estabelecer a relação (sintática e semântica) entre o predicado e seu sujeito na estrutura sintática. Sintaticamente, a hipótese desenvolvida é de que todas as relações entre sujeito-predicado são hierarquicamente assimétricas e não direcionais, mediadas por um RELATOR, conforme (01):<sup>1</sup>

- (01) a. [<sub>RP</sub>[<sub>XP</sub> SUBJECT] [<sub>R'</sub> RELATOR [<sub>YP</sub> PREDICATE]]] (Predicate-complement structure)
- b. [<sub>RP</sub>[<sub>XP</sub> PREDICATE] [<sub>R'</sub> RELATOR [<sub>YP</sub> SUBJECT]]] (Predicate-specifier structure)



<sup>1</sup> Den Dikken (2006) apresenta uma vasta discussão com base empírica acerca de sentenças copulares e inversão de cópula (*ibid*, 2006, capítulo 3) e inversão de predicados (*ibid*, 2006, capítulo 4), inclusive no domínio nominal (*ibid*, 2006, capítulo 5), para dar suporte à hipótese.

Observa-se, nas representações (a) e (b) da figura em (01), que o sujeito e o predicado ocupam ou *spec* de RP ou sua posição *compl*. O autor chama (a) de estrutura *predicado-complemento* e (b) de estrutura *predicado-especificador*. O que resta de mais importante nesse ponto é que a relação de predicação deve ocorrer dentro do sintagma RP. Essa imposição dá conta da localidade da predicação, isto é, a predicação deve acontecer no domínio mínimo do RELATOR e ser mediada por ele.<sup>2</sup>

Den Dikken (2006) fala pouco sobre a semântica, uma vez que se concentra na *sintaxe* da predicação, mas assume que o predicado funciona como uma função que atribui uma propriedade ao sujeito (daí a relação entre sujeito e predicado ser assimétrica), sendo o sujeito o argumento da função. O autor coloca a possibilidade de o RELATOR ser tomado, na semântica, como o operador lógico  $\cap$ , em que a predicação é semanticamente representada como intersecção. Assim, a predicação é vista como uma relação intersectiva entre dois conjuntos: um conjunto corresponde à função e denota uma propriedade, que é atribuída a outro conjunto (correspondente ao argumento).

Quanto à natureza do RELATOR, não se trata de uma nova categoria funcional ou de um elemento funcional específico, mas de um *placeholder* para abrigar qualquer núcleo funcional na estrutura que faça a mediação da predicação entre dois termos. Assim, este núcleo pode ser nulo ou ocupado por uma preposição funcional, um T ou um Infl, ou uma cópula, por exemplo. Enquanto núcleo funcional, R não atribui papel temático, contrariamente aos núcleos lexicais. A ideia é que um núcleo H ou é um atribuidor de papel- $\Theta$  ou mediador de uma predicação, nunca ambos. Assim, uma projeção lexical nunca tem um especificador, ao passo todo RELATOR precisa ter um especificador.<sup>3</sup>

Na teoria em den Dikken (2006), o núcleo funcional RELATOR, que intermedia a predicação (verbal, no caso), pode ser tomado como *v*-leve (de Chomsky, 1995), com a diferença de que seu estatuto é puramente funcional, i.e. *v*-leve não atribui papel-theta (assim como todos os núcleos funcionais). No caso de verbos inacusativos, não é necessário prever um núcleo R (a exemplo de *v*-leve) para intermediar a predicação, sendo esse papel feito pelo núcleo T – nesse caso, a relação de predicação entre VP e o

<sup>2</sup> O autor desenvolve, tecnicamente, a noção de localidade dentro da teoria proposta, noção essa que será resumida na seção 3.1.3.

<sup>3</sup> Neste ponto o autor discute a vantagem de ter o *v*P (de Chomsky, 1995) instanciado como um RELATOR mediando a predicação (sujeito e VP): o RELATOR cria uma configuração sintática em que a predicação é possível, e não é mais necessário recorrer ao estatuto ‘híbrido’ lexical-funcional de *v* em Chomsky (1995).

sujeito de superfície é feita após o movimento do último para Spec/TP.<sup>4</sup> Diferentemente, nas sentenças com verbos transitivos é necessária a presença de um núcleo funcional acima do VP (vP) por razões de checagem de Caso Acc. Vejamos um exemplo de configuração inacusativa e transitiva, respectivamente:

- (02) a. Imogen fell.  
 a'. [TP [Imogen]<sub>i</sub> [T' T=RELATOR [VP fell t<sub>i</sub> ]]]  
 b. Imogen kissed Brian.  
 b'. [TP [Imogen]<sub>i</sub> [T' T [vP t<sub>i</sub> [v' v=RELATOR [VP kissed Brian]]]]]]<sup>5</sup>

É importante notar que a análise de den Dikken, apesar de semelhante à proposta de Bowers (1993), no sentido de que a predicação seja assimétrica e mediada por um núcleo funcional, difere desta, porque a categoria que den Dikken propõe é necessariamente abstrata e pode se realizar de diferentes formas na gramática – por exemplo, como a cópula *be*, como as preposições funcionais *as*, *for* etc., embora não precise se realizar necessariamente (com material fonológico). Já a teoria de Bowers, por sua vez, propõe uma categoria funcional independente, de rótulo Pr, responsável pela predicação.

Na configuração em (01), den Dikken não impõe direcionalidade na predicação, sendo que o requerimento em questão é de que o RELATOR acomode o sujeito e seu predicado em seu domínio mínimo.<sup>6</sup> Um exemplo dessa configuração pode ser vista em (03), um caso de ‘predicação reversa’:

- (03) a. This butterfly is big for a butterfly.  
 b. [RP *this butterfly* [RELATOR=*be* [RP [AP *big*] [R' RELATOR=*for* [DP *a butterfly*]]]]]]

A predicação é ‘reversa’ porque no RP mais encaixado o AP é gerado na posição de Spec e o DP na posição de complemento. No RP mais alto, no entanto, o predicado é gerado em Compl/R e o sujeito em Spec/R.<sup>7</sup> Na estrutura, o AP [*big for a butterfly*] é

<sup>4</sup> O autor coloca, então, que a predicação não é uma condição da estrutura-D, ou seja, a predicação pode ocorrer a qualquer momento – o que estaria mais em conformidade com o Programa Minimalista.

<sup>5</sup> Exemplos em den Dikken (2006:24).

<sup>6</sup> A noção de domínio mínimo será colocada na seção 3.1.3.

<sup>7</sup> Den Dikken (2006) discute vários casos e possibilidades de predicação reversa (em que o predicado é gerado em Spec e o sujeito é gerado em Compl). A cobertura empírica leva o autor a concluir que o espectro de manipulações sintáticas de predicação reversa é severamente restrito. Diferentemente, a configuração em que o predicado é gerado em Compl tem distribuição bem mais ampla. Inclusive, nas



predicado (atribui propriedade) do DP [this butterfly]. O DP [a butterfly], por sua vez, restringe a denotação do AP nucleado por [big]. Na predicação mais encaixada, o RELATOR é realizado com a preposição [for]; na predicação mais alta, a realização de R é a cópula [be].

Para den Dikken, mesmo o núcleo (abstrato) R não sendo lexicalizado,<sup>8</sup> ele interfere na sintaxe. É nesse sentido que a teoria focaliza as partes ‘sem carga semântica’ das estruturas de predicação. O mesmo vale para o núcleo de LinkerP – a projeção funcional acima do RP, por meio da qual é feita a inversão de predicados (em alguma estruturas de inversão de predicação, inclusive no domínio nominal). A função do LinkerP é conectar o predicado alçado (invertido) com o sujeito da predicação (em RP). Assim como o RELATOR, o núcleo *LINKER* é um *placeholder*, presente em algumas estruturas de inversão de predicados, como a cópula invertida, por exemplo.<sup>9</sup>

### 3.1.2 Predicação secundária e SCs

Para esta teoria, é inconcebível algo como *bare small clause* (a SC que não tem núcleo funcional, e o sujeito e o predicado da SC estão numa relação de irmandade), como em Moro (2000).<sup>10</sup> Também não é possível a SC sem estrutura funcional em que a SC é projeção do núcleo do predicado, como em Stowell (1981, 1983).<sup>11</sup>

---

construções que o autor chama de ‘inversão de predicado’, o predicado é ‘invertido’ porque se move da sua posição de origem, i.e. complemento de R, passando pelo sujeito. Trata-se, portanto, de uma questão empírica as possibilidades de realização da predicação, em que são levados em conta fatores independentes da estrutura de predicação de base – uma vez que a não direcionalidade da predicação é a hipótese nula. A esse respeito, ver den Dikken (2006:47), seção 2.8.

<sup>8</sup> Por lexicalizado entende-se ‘ter material fonológico’, e não ‘se tornar lexical’.

<sup>9</sup> A mecânica para inversão de predicados, em que o LinkerP é introduzido, está em den Dikken (2006, Capítulo 4).

<sup>10</sup> Para a argumentação, remeto o leitor a den Dikken (2006, capítulo 3), em que o autor também faz uma descrição de sentenças copulares e inversão de cópula, inclusive revendo a tipologia de sentenças copulares. A discussão sobre ‘quebra de simetria’ (proposta em Moro, 2000), é feita no capítulo 4, seção 4.2.1.2.

<sup>11</sup> Podemos ver as representações para SC de Moro (2000) e Stowell (1981, 1983) em (i) e (ii), respectivamente:

- (i)  ${}^{SC}[\text{DP AP}] \rightarrow \text{DP e AP em relação de irmandade}$   
 (ii)  ${}^{AP(=SC)}[\text{DP}^A[\text{A}]] \rightarrow \text{DP e A em relação Spec-Head}$

Para a predicação secundária, a opção por uma descrição estrutural que apresenta o RP como complemento de V fica clara pela escolha que o autor faz ao citar na literatura as três teorias concorrentes abaixo:

- (04) a. [<sub>VP</sub> V DP Pred] → (Williams 1980)  
 b. [<sub>VP</sub> [<sub>V</sub> V Pred] DP] → (Neeleman 1994)  
 c. [<sub>VP</sub> V [ DP Pred]] → (Kayne 1984; Hoekstra 1988)

O autor assume que somente (04)c apresenta uma estrutura em que DP e *Pred* (predicado) formam uma unidade que permita propor que o RELATOR seja um núcleo dessas unidades (sintagmas). Em (04)a, o DP e o *Pred* não formam um constituinte sozinhos, além de (04)a ter uma estrutura com ramificação não binária que foi excluída por outros motivos na teoria.<sup>12</sup> E, em (04)b, o *Pred* não forma com seu DP sujeito um constituinte. Portanto, o autor assume (04)c como a estrutura adequada para os casos de construções de predicação secundária.<sup>13</sup>

Na discussão sobre onde o sujeito é gerado (ou mergido), den Dikken (2006:20) traz o VP-shell (Larson, 1988, 1990) e Hale & Keyser (1993), reconcebendo o VP-shell em termos do RELATOR. O autor analisa os traços lexicais de V em estruturas de complemento duplo, afirmando que V não tem relação com a relação entre o DP e o PP, nem atribui papel- $\Theta$  para algum destes sintagmas. Para *Brian gave the book to Imogen*, afirma que [to Imogen] é predicado de [the book], e [the book] não é argumento de V, mas sujeito da predicação.<sup>14</sup> Desta forma, V não pode mediar a relação entre DP e PP, como no VP-shell, uma vez se assumindo a hipótese de que um núcleo lexical precisa atribuir papel- $\Theta$  para seu complemento. Assumindo RELATOR, V é gerado no núcleo do que seria o 'VP de cima' do VP-shell e a relação de predicação entre DP e PP é mediada por RP, conforme (05):

- (05) a. [<sub>VP</sub> give [<sub>RP</sub> [the book] [<sub>R'</sub> RELATOR [<sub>PP</sub> to Imogen]]]]  
 b. [<sub>VP</sub> put [<sub>RP</sub> [the book] [<sub>R'</sub> RELATOR [<sub>PP</sub> on the shelf]]]]

<sup>12</sup> Para a argumentação sobre ramificação binária, ver, por exemplo, Haegeman (1994), Kayne (1984, 1994), Collins (1997) e Chomsky (1995).

<sup>13</sup> Na minha leitura do texto, acredito que o autor esteja se referindo a instâncias de predicação secundária como resultativas, construções de objeto duplo, SCs canônicas ou outras estruturas em que a SC (no caso, o RP) seja analisado como complemento do verbo. A teoria não impede, a meu ver, que em alguma outra estrutura o RP seja instanciado como um adjunto, como, por exemplo, em depictivos.

<sup>14</sup> Den Dikken (2006) remete a Hoekstra (1988), Mulder (1992) e den Dikken (1995) para a discussão contra a análise de verbos como *give* ou *put* como núcleos de três lugares.

c. [<sub>VP</sub> paint [<sub>RP</sub> [the book] [<sub>R'</sub> RELATOR [<sub>AP</sub> yellow]]]]<sup>15</sup>

Para verbos de complemento duplo, então, é como se V tivesse uma SC (instanciada como um RP) na posição de complemento. Den Dikken (2006) vai mais além e afirma que em *todas* as construções com predicados secundários o complemento de V é uma SC instanciada como um RP, e traz a generalização empírica: “A *small clause is a subject-predicate structure lacking tense.*” (den Dikken, 2006:60). Vejamos os exemplos do autor (p.58):

- (06) a. Brian considers Imogen smart.  
 b. Brian hung his shirt on the line.  
 c. Brian hammered the metal flat.  
 d. Brian ran the pavement thin.

A análise trata SCs (‘canônicas’), complementos duplos e resultativas como instâncias de construção de predicação secundária em que V seleciona um RP sem tempo: “A *small clause is a tenseless RP*” (*ibid*, 2006:61).

### 3.1.3 Teoria de localidade: *Phase Extension*

Den Dikken (2006, 2007a, 2007b) propõe uma teoria de localidade, dentro dos pressupostos do programa minimalista, chamada *Phase Extension*.<sup>16</sup> A base empírica da teoria é majoritariamente colocada no trabalho de 2006 referente à inversão de predicados, entre outros. Na inversão de predicado, o predicado (gerado em Compl/R) inverte com o sujeito, ou seja, move-se passando pelo sujeito. Nesse sentido, o autor

<sup>15</sup> Exemplos do autor (2006: 26). Em (05)a-b, as preposições, uma vez lexicais, não projetam spec de PP nem podem ocupar o lugar do núcleo R. Para (05)c, repare que temos uma resultativa.

<sup>16</sup> A teoria introduzida nesta seção pretende ilustrar a integralidade da concepção de SC assumida em den Dikken (2006) (bem como a teoria de localidade em den Dikken 2007a, 2007b). Para esta tese, no entanto, apenas parte dela será usada como base teórica, uma vez que certos detalhes da abordagem do autor não são relevantes para a análise proposta aqui. A escolha de resenhar a base teórica de maneira mais completa (e não apenas o fragmento dela a ser utilizado) se justifica como forma de apresentar um todo coerente, com ambições descritivas e teóricas muito mais abrangentes que o assunto desta tese. Dentre as teorias de SC contemporâneas, a proposta do R(elator)P(hraxe) é uma das (senão a) mais ousada em termos de cobertura empírica. Meu objetivo, portanto, é mostrar que a análise assumida nesta tese é compatível com a teoria do RP.

precisa dar conta dessa inversão como (i) necessária e (ii) legítima (não violadora de minimalidade). Para delinear a teoria, o autor parte de três assunções (2006:113):

- (07) Phases ( $\Phi$ ) are propositional.
- (08) Small clauses are phases.
- (09) Phase Impenetrability Condition (*Chomsky, 2001*)  
In a phase  $\alpha$  with head H, the domain of H is not accessible to operations outside  $\alpha$ , but only H and its edge.

No caso da SC (=RP), o núcleo R e a borda da fase (Spec/RP) são visíveis para operações fora de RP. O complemento de R não é visível para nenhuma sonda fora da SC, ou seja, o complemento está ‘aprisionado’ na fase. A primeira questão, então, é como tornar o complemento de R visível para uma sonda fora da fase RP, para possibilitar o movimento do complemento de RP (em construções de inversão de predicado, por exemplo). A segunda questão refere-se à localidade: sujeito e predicado precisam ser equidistantes para não ocorrer violação de minimalidade quando do movimento do complemento de RP.

Den Dikken (2006) propõe duas estratégias:

- (10) a.  $[_{RP} DP [RELATOR+X_j [_{XP} t_j \dots ]]]$
- b.  $[_{FP} Spec [F+ RELATOR_i [_{RP} DP [t_i [_{XP} PREDICATE]]]]]$

Vejamos a primeira. Em (10)a, o movimento do núcleo do predicado para R torna sujeito e predicado equidistantes, bem como faz com que o predicado seja visível para uma sonda fora do RP.

Em relação à equidistância, o autor parte das noções de “closeness”, *domínio* e *domínio mínimo* de Chomsky (1995):

- (11) a.  $\beta$  is closer to K than  $\alpha$  unless  $\beta$  is in the same minimal domain as (a)  $\tau$  or (b)  $\alpha$ .
- b. The *domain*  $\delta(CH)$  of CH ( $\alpha, t$ ) is the set of categories included in  $Max(\alpha)$  that are distinct from and do not contain  $\alpha$  or  $t$ .

- c. The *minimal domain*  $\delta_{\text{MIN}}(\text{CH})$  of CH ( $\alpha$ ,  $t$ ) is the largest subset S of  $\delta(\text{CH})$  such that none of S's members is dominated by any member of  $\delta(\text{CH})$ .<sup>17</sup>

Segundo a definição de domínio em *domínio mínimo* em Chomsky (1995), o predicado, no entanto, continua excluído como um membro do domínio (e portanto também do domínio mínimo) da cadeia (H,  $t$ ), uma vez que o predicado contém um membro da cadeia: o traço do predicado alçado. Assim, den Dikken (2006) faz uma ligeira alteração na definição de domínio mínimo da cadeia de movimento de núcleo, como em (12):

- (12) The *minimal domain*  $\delta_{\text{MIN}}(\text{CH})$  of a chain resulting from head-djunction of  $\alpha$  to  $\beta$  is  $\delta_{\text{MIN}}(\alpha) \cup \delta_{\text{MIN}}(\beta)$ .

O movimento do núcleo do predicado para R, além de colocar sujeito e predicado equidistantes, torna os traços do predicado visíveis no núcleo da fase (R) ao transferir os traços do núcleo do predicado para o núcleo da fase. Vejamos a definição:

- (13) Movement of the head H of a phrase HP embedded inside a phase  $\Phi$  to the head of a phase makes both H and its maximal projection visible to probes outside the phase.  
 PROBE . . . [<sub>RP</sub> R+H<sub>i</sub> [<sub>HP</sub> . . .  $t_i$  . . . ]]<sup>18</sup>

Segundo a definição, o movimento do núcleo do complemento ('preso' na fase) torna sujeito e predicado equidistantes, e ainda faz com que o predicado seja visível para uma sonda externa à fase – 'liberando' o predicado para se mover passando pelo sujeito.<sup>19</sup>

A segunda estratégia, em (10)b, inclui uma estrutura funcional acima do RP, fornecendo um *landing site* tanto para o núcleo R quanto para um constituinte de R (Spec ou Compl), uma vez que projeta um especificador. O núcleo F de FP atrai R, que se move para F.<sup>20</sup> Analogamente à noção de *domain-extending head movement* (de

<sup>17</sup> Definições 'simplificadas' colocadas em den Dikken (2006:114).

<sup>18</sup> Den Dikken (2006:115).

<sup>19</sup> Den Dikken (2006:1105) traz exemplos do norueguês, em que, na inversão do locativo, usando essa estratégia, a preposição (núcleo do PP do predicado) se move para R, permanecendo nessa posição – o que o autor chama de *beheaded locative inversion*, um fenômeno restrito em inglês mas muito produtivo em norueguês. A descrição e análise estão em den Dikken (2006:102), seção 4.2.2.3.

<sup>20</sup> Em nota, o autor coloca a possibilidade de assumir que F teria algum traço para checar contra R, e esse traço tem a propriedade EPP, fazendo com o que o traço precise ser checado abertamente.

Chomsky, 1995, capítulo 3), o autor assume que o movimento de R para F estende a fase até FP, conforme a definição e representação em (14)-(15), respectivamente:

(14) Movement of the head of a phase to a higher head F extends the phase to FP.

(15) a.  $[\text{RP SUBJECT [RELATOR [PREDICATE]]}]$   
 $\Phi$

b.  $[\text{FP F+R}_i [\text{RP SUBJECT } [t_i [\text{PREDICATE}]]]]$   
 $\Phi \longleftarrow (\Phi)$

c.  $[\text{FP PREDICATE}_j [\text{F+R}_i [\text{RP SUBJECT } [t_i t_j]]]]$   
 $\Phi^{21}$

A fase sendo estendida de RP para FP (por meio do movimento de núcleo de R para F), é possível o movimento do predicado de Compl/RP para Spec/FP. Porém, o movimento-A do predicado passando pela posição do sujeito (que c-comanda o predicado), violaria minimalidade.

Essa violação de minimalidade não ocorre, no entanto, se for assumido (segundo Chomsky, 1995, capítulo 3) que existe algum domínio mínimo na estrutura que contenha tanto o sujeito da SC quanto o primeiro *landing site* disponível para o predicado da SC movido. Sendo membros do mesmo domínio mínimo, essas duas posições são equidistantes, de forma que o movimento do predicado passando pelo sujeito estaria de acordo com o *Minimal Link Condition* ou *shortest move*. Segundo den Dikken (baseado na teoria de localidade colocada originalmente no programa minimalista), o domínio mínimo resulta do *domain-extending movement* do núcleo funcional da SC (R) para uma posição mais alta, cujo Spec possa servir de *landing site* para o predicado movido. O núcleo V, uma vez lexical e portanto sem projetar Spec, não serve como um núcleo mais alto para o movimento de R. É nesse sentido que se torna necessário um núcleo funcional (adicional) F acima de RP. O núcleo F é chamado de LINKER (projetando o LinkerP), justamente por fornecer o ‘link’ entre o predicado alçado e a SC da onde esse predicado se move. Assim, o movimento de R para F (LINKER) cria o domínio mínimo que inclui Spec/FP e Spec/RP, viabilizando o movimento do predicado sem violar minimalidade (conforme a teoria minimalista de localidade) (den Dikken, 2006:116).

<sup>21</sup> Den Dikken (2006:115)

Resumindo, a teoria de localidade se baseia na relação de movimento de núcleo e extração sintagmática, segundo as premissas em (16)-(18):

- (16) *Phase Impenetrability*  
syntactic relationships (Agree) and processes (Move) are constrained by the Phase Impenetrability Condition (PIC) of Chomsky (2000 *et passim*): in phase  $\alpha$  with head H, the domain is not accessible to operations outside  $\alpha$ , only H and its edge are accessible to such operations.
- (17) *Inherent Phase*  
an *inherent* phase is a *predication* (subject–predicate structure).
- (18) *Phase Extension*  
syntactic movement of the *head* H of a phase  $\alpha$  up to the head X of the node  $\beta$  dominating  $\alpha$  *extends* the phase up from  $\alpha$  to  $\beta$ ;  $\alpha$  loses its phasehood in the process, and any constituent on the edge of  $\alpha$  ends up in the domain of the derived phase  $\beta$  as a result of Phase Extension.<sup>22</sup>

Vejamos um exemplo:

- (19) Brian is the best candidate.

[<sub>TP</sub> T . . . [<sub>RP</sub> Brian [RELATOR [<sub>Pred</sub> the best candidate]]]]

- (20) The best candidate is Brian.

*Predicado*

- a. [<sub>Pred</sub> NULL PRO-PREDICATE [<sub>CP</sub> Op<sub>i</sub> [<sub>C</sub>∅ [<sub>RP</sub> t<sub>i</sub> [RELATOR [the best candidate]]]]]]

*Merge do RELATOR, do sujeito [Brian] e do núcleo T*

- b. [<sub>TP</sub> T . . . [<sub>RP</sub> Brian [RELATOR [<sub>Pred</sub> NULL PRO-PREDICATE [<sub>CP</sub> Op<sub>i</sub> [<sub>C</sub>∅ [<sub>RP</sub> t<sub>i</sub> [RELATOR [the best candidate]]]]]]]]]]

*Movimento de R(=be) em T, e inversão do predicado para Spec/TP*

- c. [<sub>TP</sub> [<sub>Pred</sub> NULL PRO-PREDICATE [<sub>CP</sub> Op<sub>i</sub> [<sub>C</sub>∅ [<sub>RP</sub> t<sub>i</sub> [RELATOR the best candidate]]]]]]]<sub>j</sub> [<sub>T</sub>+RELATOR<sub>k</sub>=be [<sub>RP</sub> Brian [t<sub>k</sub> t<sub>j</sub>]]]<sup>23</sup>

Em (19), o elemento pós copular é ele mesmo o predicado. Em (20), há inversão de predicado. O predicado em (20)a é tomado como uma relativa reduzida livre. O elemento pré copular [the best candidate] é o predicado de uma SC encaixada em uma

<sup>22</sup> Den Dikken (2007a:1).

<sup>23</sup> Exemplo e derivação em den Dikken (2006:95). Para o porquê de o predicado não poder ser gerado em Spec/RP, ver den Dikken (2006:84,85).

relativa reduzida livre que, por sua vez, serve como predicado do sujeito pós copular [Brian] (cf. (20)b). A oração relativa precisa inverter com o sujeito (movendo-se para Spec/TP) para ser licenciada.<sup>24</sup> Repare, em (20)c, que a cópula [be] se move de sua posição de origem (RELATOR) para T. Somente depois o predicado e o sujeito podem ser invertidos.

Na derivação, como já dito, o pro-predicado precisa se mover para Spec/TP a fim de ser licenciado. Para tanto, precisa estabelecer uma relação Agree com T. RP sendo uma fase, o predicado na posição de Compl/RP não é visível para T (uma sonda fora da fase RP). O movimento do núcleo R (a cópula *be*) para T estende a fase de RP para TP, fazendo com que o predicado seja visível para T e a relação Agree ocorra. O movimento de R para T também cria um domínio mínimo (em que Spec/TP e Spec/RP são equidistantes), de forma que o predicado pode se mover sem violar minimalidade.<sup>25</sup>

A fase sendo estendida, o sujeito fica ‘aprisionado’ no domínio da fase derivada/estendida. Esse ‘aprisionamento’, em cópulas especificacionais, explica o fato de a concordância da cópula ser feita com o predicado invertido, e não com o sujeito.

- (21) a. I believe that the children {are/\*is} the biggest problem.  
 b. I believe that the biggest problem {is/\*are} the children.<sup>26</sup>

Em construções de inversão de predicado (copulares, locativas), observa-se a impossibilidade de extração do sujeito pós verbal. O “congelamento” do sujeito é explicado à medida que esse constituinte está ‘aprisionado’ no domínio da fase estendida. O sujeito é então invisível para a sonda  $C^{[+Wh]}$ , conforme vemos nos exemplos em (22)b-(23)b:

- (22) a. I think the best candidate is this man.  
 b. \*Which man do you think the best candidate is *t*?
- (23) a. I said that on this wall hung a picture of Imogen.  
 b. \*Whose picture did you say that on this wall hung *t*?<sup>27</sup>

<sup>24</sup> O licenciamento se refere ao elemento pro: “(...) *the null head of the reduced free relative must raise to SpecTP to be formally licensed and content-licensed—behaving like pro in this regard (see Rizzi’s 1986 theory of pro-licensing).*” (den Dikken, 2006:93).

<sup>25</sup> Repare que a projeção funcional acima de RP, nesse caso, é a projeção funcional TP. Em inversão de predicados locativos, por exemplo (portanto não copulares), o autor rotula o núcleo funcional (abstrato) acima do RP de LinkerP.

<sup>26</sup> Exemplos em den Dikken (2006:96). Para a estrutura de inversão de locativos, ver den Dikken (2006), seção 4.2.2.2 (p.98).

<sup>27</sup> Exemplos em den Dikken (2006:83).



No entanto, é possível a extração de certos constituintes aparentemente presos no domínio da fase, feita por meio de adjunção intermediária à fase.<sup>28</sup> A posição resultado do movimento é a borda da fase, em que o objeto movido é visível a sondas fora da fase. Nesse sentido, o autor precisa impedir a possibilidade de um *escape hatch* para o sujeito em Spec/FP, para não sobregerar e prever como gramaticais os dados em (22)-(23)b. Den Dikken (2006a:123) então estipula a seguinte condição de adjunção:

(24) Adjunction to meaningless categories is disallowed.

A condição em (24), no entanto, é revista no texto de 2007b.<sup>29</sup> Na proposta original de 2006, o núcleo funcional acima do RP (Linker), quando introduzido para possibilitar a inversão do predicado,<sup>30</sup> foi concebido como vazio e sem significado, cuja única função era fornecer um *landing site* para R. A proposta, então, era parecida com o VP-shell de Larson (1988) para estruturas triádicas. Da mesma forma, o movimento de R para F é tipicamente (mas talvez não sistematicamente) um movimento de substituição ao invés de adjunção. Assim, o resultado do movimento do R-para-F pode ser visto como resultando em uma estrutura de ‘RP-shell’.<sup>31</sup>

O movimento R-para-F sendo substituição, e, conseqüentemente, FP tendo se igualado a RP (FP=RP, por meio da substituição de R por F), a extensão da fase é um resultado *automático* do movimento do RELATOR: “(...) *the boundaries of the original RP phase are simply stretched up to FP, with the original RP (which is reduced to a segment of the new, bigger RP) automatically losing its status as a phase in the process.*” (den Dikken, 2007b:154). O movimento de substituição R-para-F poderia, segundo o autor, eliminar a condição em (24). Considere (25):

(25) \*<sub>[FP=RP SUBJECT<sub>k</sub> [FP=RP PREDICATE<sub>j</sub> [F=RELATOR<sub>i</sub> [RP t<sub>k</sub> [t<sub>i</sub> t<sub>j</sub>]]]]]</sub>

A adjunção do sujeito (de Spec/RP) na fase derivada (em Spec/FP(=RP)), seria um caso de um especificador de RP se adjungindo a RP, uma operação que é

<sup>28</sup> O autor se refere, por exemplo, à extração-A' de objetos para a borda do vP, que não se movem para checagem de Caso.

<sup>29</sup> O texto de 2007a é o primeiro artigo da *Theoretical Linguistics* 33, seguido de uma série de críticas, questões e comentários feitos por outros autores. Uma crítica comum é a estipulação referente à adjunção. O texto de den Dikken de 2007b, no mesmo volume, é um *reply* às críticas e questionamentos.

<sup>30</sup> E não quando havia alguma outra estrutura funcional disponível para a inversão, a exemplo de TP.

<sup>31</sup> Den Dikken (2007b) coloca, em nota, a possibilidade de analisar a ‘camada’ FP (ou RP ‘de cima’) como resultado de *remerge* do RELATOR com sua própria projeção, seguido da ‘reprojeção’ (*reprojection*) de R, resultando no ‘RP-shell’.

tradicionalmente considerada ilegítima em sintagmas simples. Nesse sentido, um sintagma, que já é um especificador de uma projeção mais interna, não pode ser feito, na mesma projeção ‘mais externa’, especificador ou adjunto.<sup>32</sup> Segundo o autor, (25) sendo considerado um caso de ‘readjunção’ do especificador à mesma projeção, a estipulação em (24) não é mais necessária para descartar extração A-barrado do sujeito do predicado invertido.

Por definição, na teoria de *Phase Extension*, toda a localidade sintática é baseada na propriedade que torna uma fase inerente uma fase, i.e. a predicação. Assim, por exemplo, TP é uma fase inerente toda a vez que tiver a função de um RELATOR, mediando uma relação de predicação; TP ainda pode se tornar uma fase como resultado de movimento de núcleo de extensão de fase.

Den Dikken assume, adicionalmente, que operações encobertas existem, que seguem as abertas, e que cada um desses tipos de operações ocorre em componentes distintos. É assumido, também, que *spell out* é cíclico. As fases não são enviadas para *spell out* até a sua completude, sendo o *spell out* da fase determinado quando o próximo núcleo é mergido. Se esse núcleo mergido atrai o núcleo da fase, ocorre extensão de fase e *spell out* é adiado; se não ocorre movimento de núcleo de extensão de fase, o domínio da fase é enviado para *spell out*.

O movimento de núcleo, como podemos observar, é considerado uma operação sintática genuína e de fundamental importância na teoria. Uma das questões levantadas pelo movimento de núcleo é a respeito de o traço (no núcleo movido) não ser, aparentemente, c-comandado pelo seu antecedente. A questão não é ‘fatal’, segundo o autor, se for assumido alguma definição de c-comando em termos de dominância, em que o adjunto pode c-comandar de dentro da projeção a que se adjunge. A esse respeito, den Dikken cita Kayne (1994), cujo trabalho aponta evidências independentes como base para definição de c-comando no estilo de May (1985)<sup>33</sup>.

---

<sup>32</sup> Den Dikken segue Kayne (1994) em não assumir diferença fundamental entre especificador e adjunto, de modo que, para todos os efeitos, adjuntos são equivalentes a (‘outer’) especificadores.

<sup>33</sup> O c-comando em May (1985) será retomado no capítulo 5.

### 3.1.4 Sobre a natureza do Relator em SC resultativas

Ao falar da natureza do R(elator), den Dikken (2006) afirma que esse núcleo não é uma nova categoria gramatical, mas sim um ‘lugar’ para abrigar qualquer núcleo que faça a intermediação da predicação. É claro na argumentação que existem várias instâncias de predicação em que R não tem conteúdo fonológico. Entendo que, na falta de evidência fonológica para R, a predicação é medida por R, sendo ele compreendido como um núcleo cuja função é de intersecção, sem um elemento que o lexicalize. Existem, no entanto, outras tantas ocorrências em que R abriga um elemento funcional. Nesse caso, o rótulo de R pode passar a ser o do próprio núcleo funcional. A ideia é que RP representa uma configuração sintática, em que não são feitas assunções sobre o léxico em si.

A pergunta que se coloca, especificamente para resultativas, é qual seria a natureza do núcleo R que intermedia a relação sujeito-predicado no constituinte SC (=RP), que denota o resultado da ação. Claramente, nas línguas ocidentais germânicas, não encontramos evidência fonológica do núcleo funcional R, ou seja, não há um item de vocabulário para R de forma que possamos entender qual a natureza de R para além de núcleo funcional, cuja função é a de intersecção entre o conjunto denotado por AP/PP/NP com o denotado pelo DP.

No entanto, não seria inconcebível supor que o núcleo funcional R, fonologicamente nulo em inglês, alemão e holandês, seja pronunciado em outras línguas. Nesse sentido, poderíamos hipotetizar que algum dos afixos presentes em adjetivos de resultativas em outras línguas sejam a realização de R. Na verdade, análise semelhante já foi proposta por outros autores.

Por exemplo, Asada (2012) analisa em resultativas do japonês o sufixo *-ni* como núcleo da SC (instanciada como PredP, no sentido de Bowers, 1993) complemento de V, esquematicamente: V<sup>PredP</sup>[wall<sup>PredP'</sup>[red -ni]].<sup>34</sup>

<sup>34</sup> É importante notar que R (em SCs resultativas) não se confunde com o [cause] em Kratzer (2005). R intermedia uma relação de predicação, em que DP é sujeito e AP/PP é predicado (o predicado atribui uma propriedade ao sujeito). Diferentemente, o [cause] kratzeriano é núcleo que toma como complemento um AP, que, por sua vez, toma como complemento um DP. Ou seja, a (composicionalidade) semântica de R e de [cause] são distintas. Em virtude das questões levantadas para a análise morfológica em Kratzer (2005) e por assumir uma estrutura SC (=RP) para resultativas (diferentemente de Kratzer, que rejeita uma estrutura funcional acima do AP), acredito ser mais coerente neste trabalho assumir a composicionalidade semântica das resultativas como algo parecido com o RP acima colocado.

Devido ao escopo deste trabalho, i.e. resultativas nas línguas ocidentais germânicas, deixo a hipótese de R ser pronunciado (em alguma outra língua) em aberto para investigação futura. Para as línguas foco desta tese, em virtude da ausência de morfologia pertinente, não vejo como atestar a real natureza de R para além de um núcleo funcional que intermedia uma relação de predicação, cuja semântica é de intersecção.

### 3.1.5 Papel temático e predicação

Em relação a papel temático, den Dikken (2006) não analisa a estrutura da predicação em termos de atribuição de papel temático ao sujeito da predicação.<sup>35</sup> Como suporte, o autor afirma que a atribuição de papel temático por si só não é suficiente para dar conta das estruturas de predicação. Tipicamente, assume-se que o argumento interno recebe papel temático de algum núcleo lexical; já para o ‘argumento externo’ ou sujeito da predicação, assunção semelhante não pode ser feita. Primeiramente, em uma predicação verbal, o sujeito é realmente ‘externo’ (como em Hale & Keyser, 1993), ou seja, é projetado fora do domínio do VP. Em segundo lugar, o autor cita, como exemplo, as construções de *tough-movement*, em que o sujeito da predicação, tradicionalmente, não recebe papel temático de ‘agente’ de nenhum núcleo lexical.<sup>36</sup>

Ao entender que a atribuição de papel temático não é suficiente para dar conta das relações de predicação,<sup>37</sup> a teoria não prevê atribuição de papel temático ao sujeito da predicação como condição necessária para estabelecer a relação sujeito-predicado. Como dito anteriormente, o predicado atribui uma *propriedade* ao sujeito, mas essa atribuição de propriedade não se confunde, na minha leitura, com atribuição de papel temático necessariamente. A relação sujeito-predicado é dada sintaticamente por meio

---

<sup>35</sup> No sentido de que a predicação não tem necessariamente relação com atribuição de papel temático, o autor segue a linha de Rothstein (1983, 2001).

<sup>36</sup> Em *John is easy to please*, *John* é o sujeito de *easy to please*, embora não haja nenhum núcleo lexical na estrutura responsável pela atribuição de um papel temático de argumento externo. Essa assunção é evidenciada na presença do expletivo em *It is easy to please John*, em que *easy* não atribui papel-theta no contexto e *please* é analisado como atribuidor de papel temático (interno) para um operador nulo ligado a *John*. Ou seja, a predicação entre *John* e *easy to please* não é capturável em termos de atribuição de papel temático de ‘agente’ ou de argumento externo.

<sup>37</sup> Den Dikken cita os trabalhos de Heycock (1994) e Déchaine (1993) como exemplos adicionais de autores que argumentam no sentido de a predição não poder ser formulada em termos de atribuição de papel temático.

do núcleo funcional abstrato R(elator). Dito isso, o autor não se estende sobre atribuição de papel temático.

Entendo que esse tipo de assunção é importante sobretudo porque a análise generaliza as relações de predicação para além das SCs, ou seja, para *todas* as relações de predicções, inclusive as verbais.<sup>38</sup> Lembro que uma consequência da análise é de que o verbo, enquanto núcleo lexical, não possui especificador, sendo o ‘argumento externo’/sujeito gerado acima do VP. Se o ‘argumento externo’ não é argumento do verbo, mas é sujeito da predicação, ele é sujeito porque a predicação lhe confere (por meio da configuração sintática) uma propriedade, e não porque lhe atribui papel-theta. A pergunta imediata, sobretudo em vista de teorias concorrentes a exemplo de *vP* e *VoiceP*, é: quem ou o que atribui papel temático de agente ao sujeito da predicação (quando pertinente)? Reitero que, na teoria, a geração do sujeito não exige atribuição de papel-theta, sendo dada axiomáticamente por meio da configuração sintática em (10).

Um ponto importante a ser considerado, a meu ver, é a possibilidade de atribuição de papel temático do predicado ao seu sujeito dentro da SC. Ou seja, em uma *Small Clause* instanciada como um *Relator Phrase*, uma consideração a ser feita diz respeito à assunção de que o predicado atribui um papel temático ao seu sujeito (apesar de podermos nos questionar se não existiria uma certa redundância na gramática, à medida que, além da atribuição de propriedade ao argumento externo (sujeito), há a atribuição de papel temático).

Para o escopo desta tese, o foco é a estrutura interna da SC como uma representação sintática da relação sujeito-predicado existente no constituinte [DP AP/PP]. Argumentei, na seção 2.2.1 do capítulo 2, contra uma análise em que o DP é tomado como argumento interno do AP/PP. Nesse caso, pode-se questionar se também não seria possível assumir uma configuração sintática para a SC *à la* Stowell, em que ‘SC’ é apenas um rótulo para a projeção AP/PP. Nesse tipo de estrutura de predicação, sujeito e predicado estão em uma relação de Spec-Head, ou seja, uma SC sem estrutura funcional:  ${}^{AP/PP(=SC)}[DP \quad {}^{A/P} [A/P]]$ . Trata-se, então, de uma escolha da base teórica. Conforme já sinalizado, a opção feita nesta tese como hipótese de trabalho assume a SC como um RP. Isso não exclui, *a priori*, uma concepção em que a escolha seja por uma

<sup>38</sup> Essa linha de raciocínio está em conformidade com teorias que prevêm que a geração do ‘argumento externo’/sujeito/agente é dada por um núcleo funcional acima do VP, como, por exemplo, o *vP* de Chomsky (1995) e o *VoiceP* de Kratzer (1996) – em que o *vP* e o *VoiceP* sejam também responsáveis pela atribuição de papel temático de ‘agente’ ao argumento externo. Retomarei a questão na seção 5.4.3, capítulo 5.

*bare* SC ou SC como rótulo AP/PP (como em Stowell). Minha justificativa para a primeira opção (RP) são as possibilidades de análise que a estrutura funcional (RP) permite. Particularmente, a teoria prevê que o núcleo R, mediador da predicação, possa ser lexicalizado. Considerando uma hipótese de investigação, é possível supor que R seja pronunciado na resultativa de alguma língua, conforme colocado na seção anterior.

Tomando uma configuração como em (10), em que a SC é instanciada como RP, sujeito (DP) e predicado (AP/PP) são especificador e complemento de R, respectivamente. Nesta configuração, não se pode dizer que o DP é argumento externo do AP/PP - mesmo porque, A e P, sendo categorias lexicais, não projetam especificador, portanto não tem argumento externo.

Segundo a teoria, o predicado se configura como uma função que atribui propriedade ao sujeito, sendo o sujeito o argumento da função. No caso das SCs, o núcleo do predicado (adjetivo/preposição) é um item lexical que funciona como a função. Pensando nos traços do (núcleo do) predicado (adjetivo/preposição), podemos entender que esse item lexical tem como característica ‘ser um atribuidor’ de papel-theta/ter um papel-theta a ser descarregado. Por esse motivo, e tomando como base o Critério Theta (Chomsky, 1981), assumo que o (núcleo do) predicado atribui um papel temático ao sujeito da SC (=RP), que é mediada pelo núcleo R.

A assunção de que o (núcleo do) predicado atribui papel-theta ao sujeito da predicação pode ser estendida, a meu ver, para predicções verbais, a depender das características lexicais (do núcleo) do predicado; verbos inacusativos, por exemplo, não teriam papel-theta de agente a atribuir. Dito de outro modo, a relação de predicação sendo mediada por R, se houver um papel-theta de ‘argumento externo’/sujeito para ser atribuído, este papel-theta vai ser descarregado no Spec/RP – que é o sujeito da predicação – seja qual for a instância específica de R em cada dado. Nessa configuração, embora a atribuição de papel-theta ‘externo’ não seja feita ao especificador do núcleo do predicado (mesmo porque um núcleo lexical não projeta especificador, segundo a teoria), tal atribuição ainda é local, uma vez que se dá no especificador do núcleo funcional que intermedia a relação de predicação/relação sujeito-predicado, i.e. a atribuição de papel-theta ‘externo’ ocorre no especificador da projeção funcional imediatamente acima (da projeção) do predicado. Em outros termos, apesar de R (enquanto núcleo funcional) não ser o atribuidor de papel temático, assumo que ele torna possível a atribuição de papel-theta a Spec/RP (sujeito) quando houver um papel-theta a ser descarregado pelo predicado em questão.

No caso das resultativas, assumirei que R (núcleo funcional instanciador da relação sujeito-predicado da SC, i.e. DP (afetado) e sintagma resultativo) também é mediador da atribuição de papel temático entre predicado (no complemento de R) e DP (afetado) (no especificador de R).

## 3.2 A SC resultativa na estrutura sintática

O constituinte <sup>SC</sup>[DP AP/PP] é instanciado sintaticamente como irmão do verbo por autores como Kratzer e Hoekstra.<sup>39</sup> Em se assumindo que [DP AP/PP] formam um constituinte, eu diria, inclusive, que essa é tradição (para línguas ocidentais germânicas). Porém, uma vez analisando que V não tem relação temática com o DP<sub>ACC</sub>, e nem que V theta-marca a SC (ou o AP, na análise de Kratzer), uma outra possibilidade lógica seria analisar a SC como adjunto do VP. Nesse sentido, o objetivo desta seção é analisar e comparar a SC resultativa enquanto adjunto do sintagma verbal ou complemento do verbo, bem como as consequências dessas hipóteses.

A seção 3.2.1 aborda a ordem dos constituintes, juntamente com a possibilidade de a SC ser instanciada como adjunto do sintagma verbal. As questões para o tratamento da SC resultativa enquanto adjunto ou complemento são levantadas na seção 3.2.2. A partir da relevância de algumas questões, a seção 3.2.3 coloca o trabalho de Guéron e Hoekstra (1995), sobre a interpretação temporal da predicação. A seção 3.2.4 traz análises de resultativas do coreano, em que a SC resultativa pode ser instanciada como adjunto. A seção 3.2.5 discute algumas considerações.

### 3.2.1 Resultativas e a ordem dos constituintes

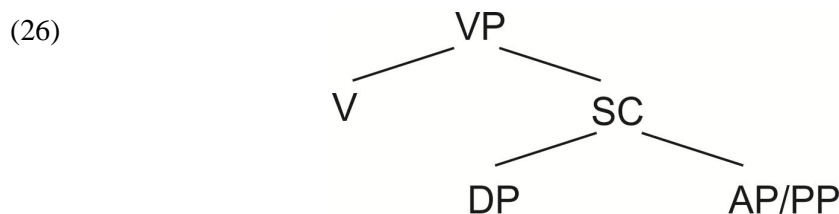
#### 3.2.1.1 Sobre a ordem dos constituintes

A análise de Kratzer (2005) assume o AP como um adjunto do ponto de vista da estrutura argumental (ou seja, um modificador e não um argumento de V), mas instanciado sintaticamente como um irmão de V (uma configuração típica de relações

<sup>39</sup> A rigor, para Kratzer, o constituinte é um AP, cujo núcleo A tem como complemento um DP: <sup>AP</sup>[A DP]; para Hoekstra, o constituinte é uma SC stowelliana, em que DP e A estão numa relação Spec-Head: <sup>AP(=SC)</sup>[DP <sup>A</sup>[A]].



núcleo-complemento, como em Larson, 1988, 1990).<sup>40</sup> Hoekstra (1988, 1992) toma o constituinte [DP AP/PP] como uma SC que, embora não tematicamente selecionada pelo verbo, é instanciada como seu complemento. Sintaticamente, ambas as análises tomam a SC/AP como um constituinte irmão do verbo. Assumindo [DP AP/PP] como uma SC irmã de V, podemos supor uma estrutura como em (26) (simplificando a estrutura interna da SC)<sup>41</sup>:



Nas resultativas do inglês, o verbo precede o adjetivo, conforme vemos nos dados em (a) de (27)-(29). O mesmo acontece com as resultativas do alemão e do holandês, em que não há a presença de algum verbo auxiliar (cf (27)-(29)b).

- (27) a. He shot him dead. (inglês)  
 b. Er schoss ihn tot. (alemão)  
 Ele atirou ele<sub>ACC</sub> morto  
 ‘Ele o matou, atirando nele.’
- (28) a. He drunk the teapot empty. (inglês)  
 b. Er trank die Teekanne leer. (alemão)  
 Ele bebeu a chaleira vazio  
 ‘Ele esvaziou a chaleira, bebendo o seu conteúdo.’
- (29) a. He screamed his throat sore. (inglês)  
 b. Hij schreeuwde zijn keel rauw. (holandês)  
 Ele gritou sua garganta machucada/inflamada.  
 ‘Ele gritou (tanto/de forma tal) que sua garganta ficou machucada/inflamada.’

<sup>40</sup> Lembro que Stowell (1995) sinalizou para uma análise deste tipo para as resultativas, como forma de resolver o ‘impasse’ da questão de se o DP<sub>ACC</sub> seria complemento do verbo ou o sujeito sintático do AP. Den Dikken (2006) analisa a SC como complemento sintático do verbo, reconcebendo o VP-Shell em termos do RelatorP, conforme colocado na seção 3.1.2

<sup>41</sup> O nóculo mãe de V e da SC está representado pelo VP, em conformidade com a teoria assumida nesta tese (cf. seção 3.1), i.e. núcleos lexicais não projetam especificador.

A estrutura em (26), em que o verbo matriz precede o adjetivo, parece prever a ordem dos constituintes nas resultativas em (27)-(29). No entanto, nas resultativas do alemão com verbos auxiliares, o núcleo V ocupa obrigatoriamente a última posição na sentença. Vejamos alguns dados:

- (30) a. Hans hat die Teekanne leer getrunken.  
 Hans teve a chaleira vazio bebido  
 ‘Hans esvaziou a chaleira, bebendo todo o seu conteúdo.’
- b. \*Hans hat die Teekanne getrunken leer.  
 Hans teve a chaleira bebido vazio
- (31) a. Hans wird die Teekanne leer trinken.  
 Hans AUX(fut) a chaleira vazio beber(inf)  
 ‘Hans vai esvazar a chaleira, bebendo todo o seu conteúdo.’
- b. \*Hans wird die Teekanne trinken leer.  
 Hans AUX(fut) a chaleira beber(inf) vazio

Podemos ver nos contrastes em (30)-(31) que V segue A em resultativas bem formadas com auxiliares ((30)a e (31)a). Nesse caso, a configuração em (26) prevê, erroneamente, que A esteja na posição final. A mesma questão pode ser vista no holandês, em que o adjetivo precede o verbo matriz (assim como no alemão).

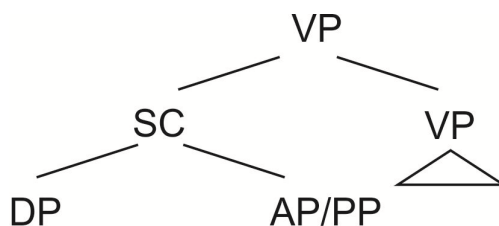
- (32) Hij heeft de vloer wit geverfd.  
 Ele teve o chão branco pintado  
 ‘Ele pintou e o chão ficou branco como resultado da pintura.’

A estrutura em (26), portanto, precisa ser revista quanto à ordem dos constituintes em resultativas do alemão e do holandês.

### 3.2.1.2 A SC adjunta ao VP em alemão

A possibilidade de a SC resultativa ser instanciada como adjunto do sintagma verbal foi levantada e analisada em Knöpfle (2010a), em que uma das motivações era dar conta da ordem dos constituintes em resultativas com verbos auxiliares do alemão.

(33)



Em (33), a SC é instanciada como adjunto à esquerda do VP. A análise se baseia na assunção de que o verbo é intransitivo e não tem relação temática com o DP, conforme Kratzer (2005).<sup>42</sup> Uma das questões da configuração em (33) é a possível caracterização da SC como uma ilha-adjunto.<sup>43</sup> Se a SC é uma ilha-adjunto, o DP não poderia se mover de dentro da SC para checar Caso.

A questão acerca da SC enquanto ilha-adjunto é analisada em Knöpfle (2010a, 2010b), tomando como base a generalização empírica de que traços de tempo reforçam o caráter de ilha de um adjunto. Nesse sentido, a generalização encontrada na literatura é de que adjuntos sentenciais (aqueles que possuem tempo finito) teriam efeito de ilha: uma vez extraído um sintagma deles, a aceitabilidade dos dados é baixa ou nula. Já em adjuntos não sentenciais ou adjuntos sentenciais, mas infinitivos, mesmo com extração, os dados são aceitáveis. As análises em Szabolcsi (2006) e Truswell (2007), *inter alia*, sugerem que o tempo (*tense*) desempenha um papel importante em caracterizar um adjunto como uma ilha para extração. Para ilustrar a generalização empírica, tomemos os seguintes dados:

- (34) a. \*Who did John go home [after he kissed *t*]?  
 b. ?Who did John go home [after kissing *t*]<sup>44</sup>

- (35) a. That's the symphony that Schubert <sup>VP</sup>[ <sup>VP</sup>[died] <sup>PP</sup>[without finishing *t*]].  
 b. Who did you <sup>VP</sup>[ <sup>VP</sup>[go to Girona] <sup>XP</sup>[in order to meet *t*]]?<sup>45</sup>

Em (34)a, o dado com extração a partir de um adjunto com tempo não é aceita, indicando que o adjunto se comporta como ilha. Já a sentença com extração a partir de

<sup>42</sup> Na análise original em Knöpfle (2010a), [DP AP] não é tomado como uma SC. Seguindo Kratzer (2005), o constituinte é uma projeção XP do afixo (núcleo) [cause], que toma o AP como complemento, cujo núcleo A toma o DP como complemento, esquematicamente: <sup>XP</sup>[[cause] <sup>AP</sup>[DP A]].

<sup>43</sup> Existe uma longa tradição em se assumir que nada pode se mover de dentro de um sintagma em posição de adjunto (Ross, 1967). A origem de uma abordagem estrutural para o fenômeno de ilhas-adjunto está nas *Condition on Extraction Domains* (CED), em Huang (1982). Para uma perspectiva minimalista do fenômeno, ver Nunes & Uriagereka (2000).

<sup>44</sup> Exemplo de Truswell, 2007a, p.2.

<sup>45</sup> Exemplos de Truswell, 2007a, p.2.

um adjunto sem tempo (dado em (34)b) tem um certo grau de aceitabilidade, indicando que não haveria ilha. Em (35), constituintes foram extraídos de adjuntos que não possuem tempo, e as sentenças são aceitáveis.

Knöpfle (2010a) traz a generalização de que, em resultativas (a exemplo do alemão), o adjetivo pode ser modificado, desde que o modificador não tenha traços temporais, como: *ganz* (totalmente), *sehr* (muito), *praktisch* (praticamente) e *fast* (quase).

- (36) a. Das Kind hat das Bett **ganz** voll gekotzt.  
A criança teve a cama **totalmente** cheio vomitado  
'A criança vomitou totalmente por toda a cama.'
- b. Er hat das Papier **sehr** naß geniest.  
Ele teve o papel **muito** molhado espirrado  
'Ele molhou muito o papel, espirrando sobre ele.'
- c. Hans hat die Teekanne **praktisch** leer getrunken.  
Hans teve a chaleira **praticamente** vazio bebido  
'Hans praticamente esvaziou a chaleira, bebendo o seu conteúdo.'
- d. Marcos hat sein Gehirn **fast** kaputt gesoffen.  
Marcos teve seu cérebro **quase** estragado bebido-muito  
'Marcos quase estragou o cérebro dele, enchendo a cara.'

Por outro lado, o mesmo tipo de estrutura em (36) é mal formado se o adjetivo for modificado por modificadores com traços temporais como: *damals* (então), *früher* (antes), *nicht mehr* (ex) e *nicht mehr* (não mais), conforme (37):

- (37) a. \*Das Kind hat das Bett **damals** sauber gekotzt.  
A criança teve a cama **então** limpa vomitado  
*Sentido pretendido:* 'A criança sujou a cama então limpa, vomitando nela.'
- b. \*Er hat das Papier **früher** trocken geniest.  
Ele teve o papel **antes** seco espirrado  
*Sentido pretendido:* 'Ele molhou o papel antes seco, espirrando sobre ele.'
- c. \*Hans hat die Teekanne **nicht mehr** voll getrunken.  
Hans teve a chaleira **ex** cheio bebido  
*Sentido pretendido:* 'Hans bebeu da chaleira, que ficou ex-cheia.'
- d. \*Marcos hat sein Gehirn **nicht mehr** fit gesoffen.  
Marcos teve seu cérebro **não-mais** em-forma bebido-muito  
*Sentido pretendido:* 'Marcos encheu tanto a cara que seu cérebro não está mais em forma.'

---

Assumindo a SC como adjunto do VP, o contraste entre os dados em (36) e (37) parece reforçar a generalização empírica de que adjuntos, uma vez carregando traços de tempo, comportam-se como ilha (como em (37)). Mas se o adjunto não tem traços temporais, então a extração de sintagma de dentro do adjunto deveria ser possível. As análises em Knöpfle (2010a, 2010b) sugeriram que a SC-adjunto poderia ser tomada como uma explicação razoável para a má formação de resultativas com modificadores temporais. A pergunta, mesmo assim, permanece: se o fenômeno em questão é estrutural, como o tempo interfere na (a)gramaticalidade de resultativas adjetivais no alemão?

A análise SC-adjunto à esquerda do VP tem a vantagem de dar conta da ordem dos constituintes (para o alemão e o holandês), uma vez que prevê o verbo em posição final, sucedendo o adjetivo. No entanto, a análise não explica propriamente como o caráter *tense* interfere na (a)gramaticalidade dos dados – embora a análise tenha evidência independentemente motivada para a verdade da generalização, conforme os dois autores citados em construções diferentes de resultativas.

Poderia se argumentar, inclusive, que a agramaticalidade dos dados em (37) não tem relação com a configuração da SC enquanto adjunto, e se daria por razões independentes da estrutura sintática. Uma possibilidade, por exemplo, é pensar na cadeia causal das resultativas (conforme definida em Kratzer, 2005), em que o ‘evento resultativo’ é tomado como uma cadeia de eventos linearmente ordenados. Intuitivamente, os modificadores *damals* (então), *früher* (antes) e *nicht mehr* (não mais) parecem interferir na linearidade da cadeia causal, à medida que fazem referência a um ponto anterior à culminação do evento.

A agramaticalidade dos dados em (37) conforme Knöpfle (2010a, 2010b), assumida em termos de traços temporais caracterizarem o adjunto como ilha para extração, sugere que a SC na posição de complemento dificulte a explicação do banimento de modificadores com tempo na SC. Ou seja, a análise prevê uma distinção em termos de modificação temporal entre complementos e adjuntos. Tal distinção, no entanto, não é tão óbvia. Certamente não é o caso de que todos os complementos permitam modificação temporal, e também não parece verdade que nenhum adjunto nunca admita modificação temporal.

Uma possibilidade de análise do contraste em (36)-(37) está no trabalho de Guéron & Hoekstra (1995), em que os autores analisam a interpretação temporal da predicação. A SC resultativa não pode ter informação de *tense*, para assim poder se

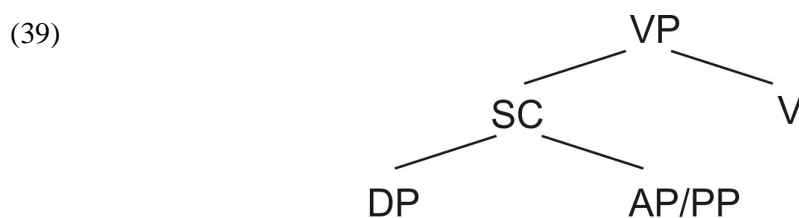
integrar no domínio referencial da cadeia de tempo (*T-chain*) da oração matriz.<sup>46</sup> A análise será abordada em 3.2.3.

### 3.2.1.3 V2 e V-final

O alemão e o holandês são conhecidos como línguas V2, em que V se move para I, e I se move para C, carregando consigo V, ou seja, o complexo V+I se aloja em C (em orações matrizes). Nesse sentido, a ordem dos constituintes do alemão e do holandês em (27)-(29) pode ser tomada como uma consequência da característica V2 da língua. O mesmo vale para (30)a-(31)a e (32). A respeito da característica V2 da língua, Hoekstra (1988, 1992) certas vezes adota como estratégia colocar os exemplos do holandês em orações subordinadas. A ideia é que o efeito V2 da língua não mascare a característica de língua V-final. Vejamos um exemplo para o holandês e o alemão, respectivamente, em (38):

- (38) a. dat Jan bier drinkt.  
 a'. dass Jan Bier trinkt  
 que Jan cerveja bebe  
 'que Jan cerveja bebe'

Uma possibilidade, portanto, é tomar alemão e holandês como línguas V-final.<sup>47</sup> Nesse caso, a SC complemento é gerada (ou mergida) à esquerda do verbo, conforme (39):



Para o alemão e o holandês, a estrutura em (39) prevê a ordem dos constituintes:

- (i) em (27)-(29), o verbo, de sua posição de origem (final), aloja-se em C, e o sujeito

<sup>46</sup> Shim & den Dikken (2008) retomam essa assunção quando comparam a sintaxe das resultativas em línguas como o inglês com o as resultativas do coreano. A análise será exposta na seção 3.2.4.

<sup>47</sup> A configuração sintática em Kratzer (2005) também assume o alemão como V-final, à medida que V é configurado com sua posição de origem à direita do constituinte <sup>AP</sup>[DP A].

(Nom) se move para Spec/CP, gerando a ordem V2; (ii) em (30)-(31), na presença de um auxiliar, o verbo permanece na posição de origem (final).

Mesmo tomando alemão e holandês como línguas *V-final*, a questão de ordem não é nada trivial. A configuração em que a SC está à esquerda do V é uma configuração complemento-núcleo. Porém, não podemos generalizar para o alemão e o holandês o parâmetro de ordem complemento-núcleo. Observam-se, nessas línguas, vários exemplos de projeções em que o núcleo antecede o complemento, como os artigos que antecedem seus NPs e o posicionamento dos complementizadores à esquerda na estrutura (antecedendo IP ou TP). A própria caracterização do alemão e do holandês como uma língua V2 (em que o complexo V+I se aloja em C) é mais um indício para o parâmetro de ordem do alemão e do holandês ser tomado como núcleo – complemento. Se o valor do parâmetro de ordem dessas línguas for núcleo-complemento, considerar o verbo como gerado (mergido) na posição em (39) vai contra o valor núcleo-complemento para o parâmetro de ordem.

É importante lembrar que a ordem dos constituintes (para o alemão e o holandês) desafia a análise sintática para além das resultativas, à medida que a questão da ordem se estende para qualquer tipo de construção envolvendo SCs. Vejamos um exemplo do alemão:

- (40) a. Peter hat <sup>SC</sup>[die Frau schwanger] gesehen.  
 Peter teve a mulher grávida visto  
 ‘Peter viu a mulher grávida.’<sup>48</sup>
- b. ..., dass Peter <sup>SC</sup>[die Frau schwanger] sah.  
 que Peter a mulher grávida viu

Em (40)a, com auxiliar, o verbo está em posição final, imediatamente antecedido pelo adjetivo. Igualmente, em (40)b, na subordinada, o adjetivo antecede o verbo em posição final. Trata-se da mesma situação encontrada em resultativas (subordinada ou com auxiliar).

Nesta tese, opto por configurar sintaticamente o alemão e o holandês como línguas em que V é gerado (mergido) em posição final, apesar de assumir o parâmetro de ordem dessas línguas como núcleo-complemento. O objetivo não é trivializar uma

<sup>48</sup> A leitura relevante na tradução em PB é a predicativa, i.e. *Peter viu a mulher que estava grávida*.

questão nada trivial; porém, entrar no mérito da ordem *V-final* com a devida atenção e análise que o assunto demanda está fora do escopo desta tese.<sup>49</sup>

A SC enquanto complemento do verbo ou adjunto do VP levanta outras questões e considerações para além da polêmica da ordem dos constituintes, conforme será apontado na próxima seção.

### 3.2.2 SC adjunto x SC complemento: questões

Na análise de Hoekstra (1988, 1992, 2004), a SC é complemento do verbo, e assim o verbo rege a SC. Essa assunção é importante, à medida que prevê a não possibilidade de ocorrência de um PRO na posição de sujeito da SC:

- (41) a. \*John<sub>i</sub> drank PRO<sub>i</sub> silly  
b. John<sub>i</sub> drank himself<sub>i</sub> silly.

A análise de SC adjunto do verbo, diferentemente, não barra, *a priori*, a existência de um sujeito PRO na SC, sobregerando. Inclusive, nas construções com depictivos, certas análises (a exemplo de Stowell (1995)) prevêem justamente uma SC adjunto, cujo sujeito é um PRO referencial com o objeto do verbo ou o com sujeito da matriz:

- (42) a. João comeu a carne<sub>i</sub> [PRO<sub>i</sub> crua].  
b. João<sub>i</sub> comeu a carne [PRO<sub>i</sub> bêbado].

Nas resultativas com reflexivos falsos, o reflexivo é uma anáfora genuína e obrigatória nas resultativas em que a entidade afetada pela ação é correferencial com o sujeito, conforme aponta o contraste do alemão:

---

<sup>49</sup> Existe uma questão importante dentro da teoria, que prevê uma certa uniformidade que nem sempre é vista em algumas línguas. Não é objetivo da tese investigar o assunto; no entanto, lembro a existência de literatura que aborda questões de ordem não harmônica. Sugiro ver, a esse respeito, Biberauer, Holmberg & Roberts (2007).



- (43) a. Anna<sub>i</sub> hat sich<sub>i</sub> arm gekauft.  
Anna teve REFL. pobre comprado
- b. Anna<sub>i</sub> hat Anna\*<sub>i/j</sub> arm gekauft.  
Anna teve Anna pobre comprado
- c. \*Anna<sub>i</sub> hat PRO<sub>i</sub> arm gekauft.  
Anna teve pobre comprado

A SC complemento do verbo, conforme apontou Hoekstra (2004:318), deriva o fato de o sintagma resultativo nunca se referir ao sujeito da sentença (desconsiderando obviamente resultativas inacusativas).<sup>50</sup> Diferentemente, se a análise for de SC adjunto, como impedir que o sistema sobregere, i.e. barre resultativas cujo sintagma resultativo predique do sujeito da sentença?

Adicionalmente, a SC complemento do verbo, em que o verbo rege a SC (conforme Hoekstra), explica os contrastes em (41) e (43), i.e. (i) não é possível PRO em posição de sujeito da SC, e (ii) a realização obrigatória da anáfora em resultativas com reflexivos falsos.<sup>51</sup>

Shim & den Dikken (2008) também defendem a análise SC complemento para resultativas em línguas (ocidentais) germânicas. Uma das evidências apresentadas pelos autores refere-se à ordem rígida entre SC resultativas e predicados depictivos em uma mesma sentença. Em inglês (cf. (44)), o predicado resultativo precede o depictivo. Em holandês e alemão (cf.(45)-(46)), o predicado depictivo precede o resultativo.<sup>52</sup>

- (44) a. you can [[iron those pants smoother<sub>resultative</sub>] wet<sub>depictive</sub>]  
'Essas calças estando molhadas, você pode passá-las e como resultado elas ficam mais macias.'
- b. you can [[mow the grass shorter<sub>resultative</sub>] dry<sub>depictive</sub>]  
'A grama estando seca, você pode cortá-la e como resultado ela fica mais curta.'
- (45) a. je kunt die broek<sub>i</sub> [nat<sub>depictive</sub> [t<sub>i</sub> gladder<sub>resultative</sub> strijken]] (holandês)  
you can those pants wet smoother iron

<sup>50</sup> A generalização de que em resultativas o sintagma resultativo sempre predica do objeto da sentença é conhecida como *Simpson's Law* (Simpson, 1983), como visto na seção 1.1, capítulo 1.

<sup>51</sup> Nesse sentido, a SC complemento também deriva a *Direct Object Restriction (DOR)* - restrição em Levin & Rappaport (1995) para garantir que o sintagma resultativo é predicado do NP pós-verbal, e não do sujeito nem do complemento oblíquo.

<sup>52</sup> Den Dikken (1987) refere-se ao holandês (uma língua OV, segundo o autor) como uma *mirror-image* do inglês, no caso da ordem rígida entre depictivos e resultativos.

- b. je kunt het gras: [droog<sub>depictive</sub> [t<sub>i</sub> korter<sub>resultative</sub> maaien]]<sup>53</sup>  
 you can the grass dry shorter mow
- (46) a. Du kannst die Hose nass weicher bügeln. (*alemão*)  
 You can the pants wet smoother iron
- b. Du kannst das Grass trocken kürzer mähen.  
 You can the grass dry shorter mow

Os autores argumentam que o predicado depictivo está estruturalmente mais alto que a SC (complemento) resultativa, i.e. a SC resultativa está abaixo de V' e o depictivo acima. Repare que a ordem rígida (SC resultativas e predicados depictivos) reflete a diferença de ordem entre o inglês, por um lado, e o alemão e o holandês (línguas V-*final*, conforme assumem os autores), por outro lado.

A argumentação relevante, aqui, é de que se a SC resultativa for tomada como um adjunto, ao invés de complemento do verbo, fica bem mais difícil prever a ordem rígida entre predicado resultativo e predicado depictivo, i.e. não haveria impedimento para o que o predicado resultativo fosse adjungido em posição mais alta na estrutura. A diferença entre representar a SC resultativa como complemento ou adjunto será importante na análise da sintaxe das resultativas do coreano comparativamente ao inglês, feita em Shim & den Dikken (2008) – assunto da seção 3.2.4. Antes, porém, a seção 3.2.3 expõe o trabalho de Guéron & Hoekstra (1995), que serve de base na análise das resultativas do coreano em Shim & den Dikken (2008).

### 3.2.3 A interpretação temporal da predicação: Guéron & Hoekstra (1995)

Guéron & Hoekstra (1995) assumem que as noções de predicado e argumento surgem dinamicamente, à medida que são determinadas sintaticamente por meio da composição de núcleos lexicais com domínios funcionais. Nesse sentido, não seria uma categoria específica que forma a base da predicação. Adjetivos, por exemplo, são sempre núcleo de um predicado, enquanto nomes podem ser tanto argumento quanto

<sup>53</sup> Exemplos do inglês e do holandês (com as glossas em inglês) de Shim & den Dikken (2008:3). Tradução dos exemplos para o alemão e glossas em inglês meus. Optei por manter as glossas em inglês como forma de melhor comparar os dados entre o inglês e o holandês/alemão.

núcleo de predicado. Verbos também podem nuclear predicados; nesse caso, trata-se de *full clauses*. Os autores propõem que a diferença entre *full clauses* e *small clauses* é de que, nas primeiras, há a presença de um operador de *tense* (TO – *tense operator*), ausente nas SCs: “*Full clauses contain a Tense chain headed by a Tense Operator.*” (*ibid*, 1995:79).

Uma cadeia de tempo (*tense-chain*, *T-chain*) mínima consiste de um operador de *tense* (TO), uma posição de *tense* e um verbo. TO está em Spec/CP e tem alcance sobre (*range over*) o mundo do discurso. O operador determina o valor de C, que contém o tempo de referência (R). No caso não marcado, o operador é dêítico, e determina como valor de R o *agora*. O nóculo *T(ense)* é concebido como uma variável pronominal, e o verbo é relacionado ao *Tense* ao prover um *e-role* (Higginbotham, 1985), em que *e* denota eventualidade (eventos e estados, minimamente).<sup>54</sup> *Tense* tem dois valores [ $\pm$ PAST]. O valor [-PAST] representa um relação anafórica e o valor [+PAST] tem natureza pronominal. Assim, [-PAST] situa a eventualidade no ou dentro do domínio do tempo do discurso (*speech time*), enquanto [+PAST] requer que a eventualidade seja desconexa do tempo do discurso.

Tomemos TO, TNS (=tense), e X (=verbo) como elementos de uma cadeia de tempo. Em uma *T-chain* cujo verbo está no presente (TNS = [-PAST]), temos algo como [TO<sub>i</sub> TNS<sub>i</sub> ... X<sub>i</sub> ...], já para uma *T-chain* com verbo no passado (TNS = [+PAST]), temos [TO<sub>i</sub> TNS<sub>j</sub> ... X<sub>j</sub> ...]. Vejamos os exemplos:

- (47) a. Jean lit ce livre.  
 Jean read-PRES this book  
 TO<sub>i</sub> TNS<sub>i</sub> [Jean read<sub>i</sub> this book]
- b. Jean lut ce livre.<sup>55</sup>  
 Jean read-PAST this book  
 TO<sub>i</sub> TNS<sub>j</sub> [Jean read<sub>j</sub> this book]

A cadeia de tempo, conforme representada em (47), fornece a interpretação de que *a leitura do livro* aconteceu dentro do contexto do tempo do discurso, para (47)a, e desconexa do tempo do discurso (47)b.

<sup>54</sup> Hoekstra não assume que *todos* os verbos tem um *e-role*; igualmente, o autor não assume que *somente* os verbos possuem um *e-role*.

<sup>55</sup> Exemplos de Guéron & Hoekstra (1995:79-80). O exemplo está em francês para que o tempo presente denote uma atividade em curso. Em línguas como holandês, inglês e espanhol, entre outras, *tenses* simples não podem ser usados para denotar atividades em curso.

Na cadeia de tempo, no entanto, X não precisa necessariamente ser um verbo. Ou seja, não é somente o verbo que pode fornecer o *e-role* para estabelecer uma relação com *Tense*. Outras categorias enquanto núcleo de predicado também podem fornecer um *e-role*, desde que denotem uma eventualidade (evento ou estado) – eventualidade essa que precisa estar relacionada com *tense*. Segue um exemplo (*ibid*, 1995:81):

- (48) a. The sick boy came in.  
b. The boy was sick.

Em (48)a, por exemplo, o adjetivo não denota uma eventualidade (o adjetivo restringe o alcance do determinante em conjunção com o nome), sendo que a eventualidade na sentença é a de um *evento de entrar de um menino doente*. Já em (48)b, a eventualidade denotada na sentença é a de que o predicado *sick* se mantém em relação a *the boy* no tempo de referência da sentença, que é algum intervalo dissociado do momento da fala.

Os autores (*ibid*, 1995:81) estabelecem o critério *T-chain*: “*Each T-chain bears an e-role.*” Apesar de em (48)b o elemento flexionado para tempo ser o verbo, não é ele que carrega o *e-role*, pois não denota nem um estado nem um evento. É proposto, então, que o verbo [be] T-marca o adjetivo, que, como resultado, torna-se parte da cadeia de tempo, suprimindo-a com o conteúdo descritivo e satisfazendo o critério *T-chain*. Assim, a noção de *e-role* é em parte sintaticamente definida, à medida que o conteúdo lexical (do adjetivo, no caso de (48)b) é construído como um *e-role*.<sup>56</sup>

A cadeia de tempo, portanto, é um objeto complexo. O conteúdo lexical é construído como um *e-role* que denota a eventualidade, sendo essa eventualidade predicada de um objeto temporal localizado, por meio de um operador, dentro de algum domínio discursivo. A cadeia temporal contém o predicado conectado ao seu sujeito por meio de concordância. Os traços de *tense* e o *e-role* podem estar num único elemento (um verbo ‘pleno’, por exemplo), ou podem estar distribuídos em um verbo e seu

<sup>56</sup> A questão que se coloca, a meu ver, é como dar conta de uma cópula, em que o predicado é do tipo *individual level*. O adjetivo *intelligent*, por exemplo, apesar de ser um predicado *individual level*, precisa estar relacionado com *tense* na sentença: *John is intelligent*. Hoekstra (1992) assume que predicados *individual level* não possuem um *e-role*, e por esse motivo não participavam de resultativas.

complemento (quando o verbo não tiver o conteúdo necessário para suprir um *e-role*, a exemplo de um auxiliar ou cópula) (Guéron & Hoekstra, 1995:82).<sup>57</sup>

Para as SCs, Guéron e Hoekstra (1995) assumem que o núcleo do predicado secundário é associado com uma projeção funcional AGR, conforme a representação estrutural:

- (49) a. We considered John foolish.  
 b.  ${}_{\text{AGRP}}[\text{John}_i \text{ AGR } {}^{\text{AP}}[t_i \text{ foolish}]]$

A existência da projeção AGR segue a assunção dos autores de que cada projeção lexical é dominada por categoria funcional como forma de fornecer o domínio de licenciamento para a projeção lexical. Dessa forma, a motivação para a projeção AGR é fornecer uma configuração sintática em que a relação de predicação (*John foolish*) possa ser licenciada. O vestígio  $t_i$  se motiva na assunção de que “*all  $\Theta$ -roles are assigned within the maximal projection of the  $\Theta$ -assigning head*” (Guéron & Hoekstra (1995:77)). Os autores colocam a possibilidade de rotular AGR como o próprio núcleo da predicação (assim como Bowers, 1993). Essa opção faria da noção de predicação um primitivo sintático ao invés de um primitivo definido sintaticamente, por isso é descartada. Para SCs resultativas (complemento), igualmente, é assumida uma projeção AGR acima do AP/PP.

O complemento do verbo em construções resultativas é visto como uma projeção AGR, que precisa se integrar em algum domínio referencial. Parte-se da base em Hoekstra (1988, 1992), de que o estado denotado na predicação surge como resultado da atividade denotada no predicado matriz, sendo a propriedade denotada pelo estado uma propriedade do tipo *stage-level*. Uma vez que o sintagma resultativo não pode ser verbal, é assumido que não existe uma cadeia de tempo disponível para o complemento resultativo (a SC). Dessa forma, resta para a estrutura AGR da resultativa ser integrada na cadeia de tempo da matriz, especificamente na estrutura de evento da matriz.

O licenciamento então segue a linha já colocada em Hoekstra (1992): o evento denotado pelo verbo matriz (dinâmico) é visto como uma sequência linearmente ordenada de fatias de momentos, sendo que o estado denotado pela predicação é integrado no evento matriz à medida que identifica a fatia final da atividade com o

<sup>57</sup> Os autores discutem a aplicação da teoria tanto em cadeias de tempo ‘simples’, a exemplo de (47), como também em complementos verbais de [be], gerúndios nominais e verbais, participios passados e estruturas em adjunção. Para essa tese, o foco será em predicação nas SCs.

estado denotado por AgrP. Se o verbo (regente) é inerentemente delimitado, a integração de AGR na estrutura de evento matriz não é possível.

Resultativas com particípios nucleando o sintagma resultativo são consideradas, a exemplo de (50), em que [the door open] e [the door opened] denotam o mesmo estado, aparentemente:

- (50) a. He kicked the door open.  
b. \*He kicked the door opened.

Particípios, diferentemente de verbos, não são dependentes da formação de uma cadeia de tempo, segundo os autores. A explicação para o contraste é dada, então, fazendo alusão às propriedades semânticas das resultativas, i.e. o estado denotado na predicação é resultado do evento do verbo matriz. Em [the door opened], além de haver o estado [the door open], há a denotação de que o estado [open] é o resultado alcançado por meio de um evento de abrir (*opening event*). Portanto, existe uma contradição inerente, uma vez que o estado [open (aberto)] é resultado tanto do verbo matriz (*kick*) quanto do próprio verbo [open (abrir)].

Falta, assumem os autores, uma explicação para a impossibilidade de um sintagma resultativo verbal infinitivo (conforme exposto na seção 2.3.4, capítulo 2).

Nessa teoria, entendo que a SC é tomada no sentido de Stowell, em que SC é um rótulo para uma projeção AP/PP (por exemplo). Sujeito e predicado da SC estão em uma configuração Spec-Head, em que o núcleo atribui papel-theta para o especificador.

Conforme colocado na seção 3.1 deste capítulo, a SC é assumida nesta tese como um RP (den Dikken, 2006), cujo núcleo R(elator) não é uma projeção específica, mas um *placeholder* que intermedia a relação sujeito-predicado. Por meio do RP, a noção de predicação é definida sintaticamente e licenciada pelo próprio RP. A teoria RP está de acordo, a meu ver, com a argumentação em Guéron & Hoesktra de que as noções de predicado e argumento surgem dinamicamente por meio da composição de núcleos lexicais com domínios funcionais. A diferença é que o núcleo funcional R intermedia a predicação, não havendo necessidade de mover o sujeito da SC para Spec da projeção funcional (como (49)b).

No entanto, lembro que a teoria em den Dikken (2006) prevê a possibilidade de haver uma projeção funcional acima de RP, o LinkerP (também um *placeholder*). Nesse sentido, LinkerP pode ser instanciado como uma projeção aspectual Asp(ectual)P. Um

exemplo da presença de LinkerP (necessário para a inversão de predicado) instanciado como AspP é dado em den Dikken (2006:147):

- (51) a. If Bill has an alibi for 6 p.m., that makes the murderer John.  
 b. [<sub>VP</sub> makes [<sub>AspP</sub> [the murderer]<sub>j</sub> [<sub>Asp+RELATOR</sub><sub>i</sub> [<sub>RP</sub>[John] [<sub>t<sub>i</sub></sub> t<sub>j</sub>]]]]]

Den Dikken (2006) observa, em seguida, que a estrutura interna dos complementos dos verbos que participam de resultativas é, provavelmente, maior que a de verbos como *seem* ou *consider*. Existiria, portanto, uma projeção funcional acima da SC (=RP), provendo uma função aspectual. Nesse sentido, o autor cita o trabalho de Guéron & Hoekstra (1995), relacionando a projeção Asp como sendo dependente de *tense*. Den Dikken não desenvolve a ideia, mas entendo que uma projeção AspP teria a função de licenciar a SC resultativa em termos aspectuais, similarmente à projeção AGR de Guéron & Hoekstra.

Em (51)b, o núcleo Asp não tem realização fonética, mas é possível que Asp se realize (em outras construções) como, por exemplo, uma partícula. Den Dikken (1995) analisa partículas (aspectuais) como núcleos que selecionam uma SC (RP), cujo sujeito se move para a posição de especificador da projeção da partícula para checagem de Caso. A análise bem como exemplos pertinentes serão colocados no capítulo 4.

A questão, relevante para esta tese, é a necessidade da assunção de uma estrutura funcional AspP acima de RP. O capítulo 5 retoma o assunto, tomando como base empírica os dados e discussão do capítulo 4.

Por hora, a ideia assumida – seguindo a análise de Guéron & Hoekstra (1995) – é de que a SC resultativa (complemento) não pode ter informação de *tense*, para assim poder se integrar no domínio referencial da cadeia de tempo (*T-chain*) da oração matriz.

Se essa análise estiver correta, seria possível ter uma explicação para a impossibilidade de modificadores (com escopo em A) contendo traços temporais, conforme colocado na seção 3.2.1.2, com base em *T-chain*. Línguas como o coreano, a esse respeito, parecem estar em distribuição complementar com o inglês, conforme aponta a análise de Shim & den Dikken (2008).

### 3.2.4 SC adjunto: resultativas do coreano

Shim & den Dikken (2008), conforme colocado na seção 3.2.2, defendem uma análise de SC complemento do verbo para as resultativas de línguas como inglês, seguindo a maioria das análises para resultativas em línguas indo-europeias. Uma das razões para analisar a SC complemento gerada dentro de V' é dar conta da generalização de que o sintagma resultativo sempre predica do 'objeto' do verbo e nunca do 'argumento externo' do verbo.<sup>58</sup>

Os autores citam rapidamente a análise de Simpson (1983) para resultativas do warlpiri, na qual a resultativa é analisada como adjunto da projeção verbal, com base no fato de que o sintagma resultativo pode predicar tanto do argumento externo quanto do argumento interno do verbo. Ou seja, a '*Simpson's Law*' não é uma generalização para todas as línguas. Seguindo essa linha de raciocínio, para o coreano, Shim & den Dikken (2008) vão defender uma análise em que o sintagma resultativo está em um constituinte adjunto. Portanto, a geração do sintagma resultativo enquanto complemento ou adjunto difere entre as línguas, o que implica propriedades diferentes.

Para as resultativas do inglês em (52), vejamos os dados equivalentes do coreano em (53):

- (52) a. Jim cried his throat hoarse.  
 b. Jim ate his belly full/his family out of house and home.  
 c. Jim painted the floor white.<sup>59</sup>

Nas resultativas do inglês (cf. (52)), o sintagma resultativo predica do DP<sub>ACC</sub>. Diferentemente, no coreano, observamos que, no equivalente a (52)a, o DP 'afetado' é marcado com Caso Nom (cf. (53)a), necessariamente, haja vista a agramaticalidade de (53)a'.

- (53) a. Jim-i mok-i swi-key wul-ess-ta.  
 Jim-NOM throat-NOM become.hoarse-KEY cry-PAST-DECL  
 'Jim chorou/gritou e sua garganta ficou rouca.'

<sup>58</sup> Nesse sentido, os autores seguem Hoekstra (1988, 1992, 2004), em que a proposta é explicar a '*Simpson's Law*' (Simpson, 1983). Shim & den Dikken (2008) também seguem Hoekstra ao analisar a SC como complemento do verbo, sendo o DP 'objeto' sujeito da SC e não argumento semântico do verbo.

<sup>59</sup> Exemplos de Shim & den Dikken (2008:4).



- a'. \*Jim-i mok-ul swi-key wul-ess-ta.  
Jim-NOM throat-ACC become.hoarse-KEY cry-PAST-DECL

Em (53)b, observamos que é possível adicionar um sintagma acusativo como argumento interno (objeto do verbo), confirmando que o sintagma nominativo [pay-ka] (barriga), sujeito do predicado secundário, não é o argumento interno do verbo.

- (53) b. Jim-i (pap-ul) pay-ka theci-key mek-ess-ta.  
Jim-NOM rice-ACC belly-NOM explode-KEY eat-PAST-DECL  
'Jim comeu arroz e sua barriga explodiu/ficou explodida.'
- b'. \*Jim-i pay-lul theci-key mek-ess-ta.  
Jim-NOM belly-ACC explode-KEY eat-PAST-DECL

A exemplo de (52)c, lembro que o capítulo 1 mostra resultativas 'ambíguas', em que é possível tanto a leitura em que [the floor] é argumento semântico do verbo, quanto a leitura em que o 'alvo' da pintura era outro que [the floor], mas que, como resultado da ação de pintar *alguma coisa*, [the floor] resultou [white]. No equivalente a (52)c do inglês, no coreano [patak] (chão) pode ser marcado tanto com Acc quanto Nom.

- (53) c. Jim-i patak-ul hayah-key chilha-ess-ta.  
Jim-NOM floor-ACC white-KEY paint-PAST-DECL  
'Jim pintou o chão e o chão ficou branco.'
- c'. Jim-i patak-i hayah-key chilha-ess-ta.<sup>60</sup>  
Jim-NOM floor-NOM white-KEY paint-PAST-DECL

As versões do coreano, no entanto, não são semanticamente equivalentes. Em (53)c, com marcação Acc para [patak], a leitura é de que *o pincel* foi usado para pintar o chão *diretamente* (a leitura 'transitiva', descrita no capítulo 1). Para expressar uma ação em que o chão resultou branco como resultado de uma pintura no teto, por exemplo, [patak] é marcado com Caso Nom (a leitura 'intransitiva').

Shim & den Dikken (2008) sugerem que a distribuição de Caso em (53)c-c' mostra que, para (53)c, o sintagma Acc é objeto temático do verbo. Diferentemente de línguas como o inglês, os autores argumentam que um verbo em coreano não pode selecionar uma SC complemento com um sujeito-ECM acusativo. Por esse motivo, a

<sup>60</sup> Exemplos de Shim & den Dikken (2008:5). Tradução para o PB minha.

interpretação ‘intransitiva’ é impossível para (53)c. Os autores também mostram que o coreano não pode formar resultativas como as do holandês em (54)a:

- (54) a. Jan sloeg het kopje #(stuk).  
 Jan hit the cup broken
- b. #Jim-i kkep-ul kkay-ci-key ttayli-ess-ta.<sup>61</sup>  
 Jim-NOM cup-ACC break-INCH-KEY hit-PAST-DECL

O verbo do holandês em (54)a seleciona apenas objetos animados.<sup>62</sup> A resultativa com um objeto inanimado é possível, no entanto, porque [het kopje] (a taça) não é argumento semântico do verbo, mas sim sujeito da SC. O verbo do coreano, assim como no holandês, também requer um objeto animado; a resultativa, porém, não é possível, mesmo com a inclusão do sintagma resultativo [kkay]. Segundo os autores, o desvio em (54)b é esperado à medida que uma análise de SC complemento não é possível para o coreano, fazendo com que o objeto Acc (inanimado) seja construído como argumento interno do verbo.

Diante dos fatos em (53)-(54), a análise dos autores investiga qual seria a descrição estrutural para resultativas intransitivas (cf.(53)a) e transitivas (cf.(53)b); e, ainda, qual seria a descrição para as estruturas transitivas em (53)c-c'. Outra questão na análise é por que o coreano não permite SC resultativa complemento, enquanto línguas como o inglês não permitem as estruturas que o coreano atribui a resultativas.

Adicionalmente, a análise precisa dar conta da possibilidade, nas resultativas do coreano, de o sintagma resultativo também poder ser orientado para o sujeito da sentença matriz, como vemos no contraste em (55):

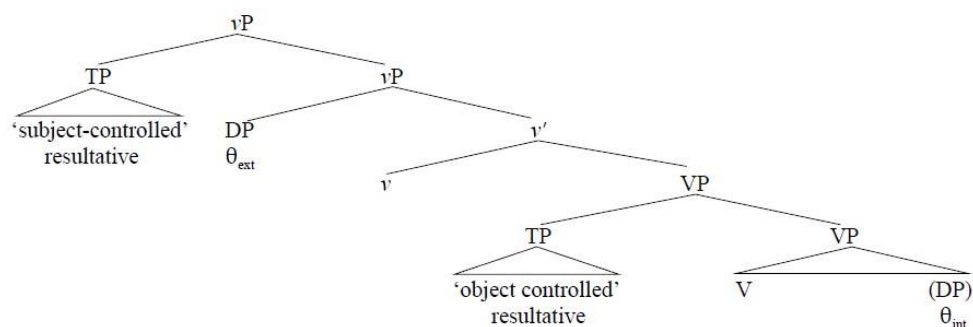
- (55) a. Susana-ka Jim-ul aphu-key ttayli-ess-ta  
 Susana-NOM Jim-ACC in.pain-KEY hit-PAST-DECL
- b. Leitura orientada para o sujeito - ‘*Subject controlled resultatives*’  
 ‘Susana hit Jim such that *she* ended up in pain’
- c. Leitura orientada para o objeto - ‘*Object controlled resultatives*’  
 ‘Susana hit *Jim* such that *he* ended up in pain’

<sup>61</sup> Exemplos de Shim & den Dikken (2008:6).

<sup>62</sup> Esse dado foi trazido e discutido na seção 2.2.2.5 do capítulo 2.

Shim & den Dikken propõem que as resultativas do coreano projetam um constituinte clausal TP, adjungido a alguma projeção do verbo. O sujeito do TP adjungido pode ser (i) aberto, em que é marcado com nominativo, sendo o Caso checado contra T; ou então o sujeito do TP adjungido pode ser (ii) nulo, caso em que é identificado por com controlador local e a localidade é determinada em termos do que os autores chamam de *minimal c-command*: para o sujeito nulo (pro), o controlador é o ‘argumento externo’ do verbo se o TP-resultativo é adjungido a vP; se o TP-resultativo é adjungido a VP, o controlador é o objeto do verbo (o objeto pode subir para vP, levando consigo (‘tucking in’) o argumento externo). A estrutura é esquematizada em (56):

(56)



Na estrutura em (56), sujeito e predicado resultativo fazem parte de um constituinte TP; crucialmente, esse constituinte é adjungido (ou a vP ou a VP). Como um dos exemplos de evidência para análise de adjunto,<sup>63</sup> a resultativa do coreano pode ter mais de um sintagma resultativo - diferentemente do inglês (e línguas afins), cf. (57). Adicionalmente, a resultativa do coreano pode ter duas ‘SCs’ resultativas simultaneamente, cf. (58).

- (57) a. Jim-i patak-ul hayah-key panccaki-key chilha-ess-ta  
 Jim-NOM floor-ACC white-KEY twinkle-KEY paint-PAST-DECL  
 b. \*‘Jim painted the floor white shiny’

*Sentido possível em coreano e impossível em inglês:* ‘Jim pintou o chão, que ficou branco e brilhante.’

<sup>63</sup> Shim & den Dikken (2008) trazem evidências para a análise de adjunto nas resultativas do coreano em termos de *do so replacement* e recursidade. A topicalização de VP é mostrada como evidência para a diferença hierárquica na estrutura entre resultativas *subject controlled* e *object controlled* (os dados estão na seção 5 do trabalho de Shim & den Dikken (2008)). Já as evidências para a presença de um sujeito nulo são apresentadas na seção 6 de Shim & den Dikken (2008).

- (58) a. Susana-ka Jim-ul sonmok-i aphu-key sonkalak-i  
pwuleci-key ttayli-ess-ta  
Susana-NOM Jim-ACC wrist-NOM in.pain-KEY fingers-NOM  
break- KEY hit-PAST-DECL

b. \* ‘Susana<sub>i</sub> hit Jim<sub>j</sub> the wrist<sub>i/j</sub> in pain the fingers<sub>i/j</sub> broken’<sup>64</sup>

*Sentido possível em coreano e impossível em inglês:* ‘Susana bateu em Jim, e o resultado da batida foi o pulso dolorido e os dedos quebrados.’

Além da argumentação a respeito da adjunção, os autores trazem evidências para a presença de uma projeção TP. A projeção TP é necessária para (i) a checagem de Nom (do sujeito da SC), e (ii) para licenciar o sujeito *pro* nulo (quando não há sujeito da SC marcado com Nom). Um ponto importante, nas resultativas do coreano, é a possibilidade da presença de *tense* na projeção estendida do predicado secundário (diferentemente de línguas como o inglês), e ainda a possibilidade de o predicado secundário poder ser verbal.

- (59) a. \*Jim pushed Susana trip(ped)

b. Jim-i Susana-lul nemeci-key mil-ess-ta  
Jim-NOM Susana-ACC trip-KEY push-PAST-DECL

*Sentido possível em coreano e impossível em inglês:* ‘Jim pushed Susana (such that she) tripped’

- (60) a. \*the dog bit the cat miss the mouse

b. kay-ka koyangi-lul cwi-lul nohchi-key mwul-ess-ta  
dog-NOM cat-ACC mouse-ACC miss-KEY bite-PAST-DECL<sup>65</sup>

*Sentido possível em coreano e impossível em inglês:* ‘the dog bit the cat (so that it) missed the mouse’

A agramaticalidade dos dados em inglês de (59)a e (60)a é explicada, seguindo Guéron & Hoekstra (1995:100), de acordo com a teoria de *T-chains*, em que um verbo sempre precisa ser licenciado por um T local: “(...) *the absence of verbal predicates is at once explained ... if no T-chain is available for resultative complements, since verbs cannot then be licensed.*”. A SC complemento não teria um T local para ser licenciada,

<sup>64</sup> Exemplos de Shim & den Dikken (2008:10).

<sup>65</sup> Exemplos de Shim & den Dikken (2008:15).

portanto ela precisaria se integrar na *T-chain* da matriz. A teoria é formulada em termos de uma relação biunívoca entre verbos e *tense*: para cada *tense* é preciso ter um verbo, e para cada verbo é preciso ter um *tense* (ou uma cadeia *tense*).

Shim & den Dikken argumentam que a relação não pode ser biunívoca, uma vez que não é possível assumir que para cada *tense* haja um verbo, ou seja, é preciso prever a possibilidade de *tense* poder se unir a coisas não verbais. Em línguas como húngaro e russo, por exemplo, predicções *present-tense* adjetivais e verbais não apresentam o elemento de cópula. O equivalente a [János é inteligente/ um doutor], em húngaro, não ocorre com o verbo [ser]: [János okos/orvos (\*van)] – [János inteligente/doutor (\*é)].

Mesmo não se podendo assumir que para cada *tense* exista um verbo, a direção oposta, segundo os autores, pode ser mantida: para cada verbo precisa haver um *tense*. Assim, o fato de resultativas do inglês não permitirem predicados verbais leva à conclusão de que não há um *tense* local ao predicado secundário resultativo.

Diferentemente do inglês, a resultativa do coreano tem um *tense* local (a projeção TP adjunta, logo acima da SC resultativa) para licenciar o sintagma resultativo verbal (assim como Nom, sujeito *pro* e a presença de *tense*). Repare que, em (60)b, há a presença de um segundo sintagma Acc [cwi-lul] (rato-Acc), indicando que se trata realmente de um verbo (no predicado secundário), com um objeto Acc próprio (associado com um núcleo *v* para licenciar Acc).

A presença de *tense* é mostrada na presença da partícula aspectual incoativa *-ci*, dependente de *tense*.

- (61) a. Jim-i thakca-lul kkaykkusha-*ci*-key takk-ess-ta  
 Jim-NOM table-ACC clean-**INCH**-KEY wipe-PAST-DECL  
 'Jim wiped the table (such that/until it) got clean',<sup>66</sup>

Assumindo a existência de uma relação estreita entre aspecto e *tense*, Shim & den Dikken (2008) seguem a análise de Guéron & Hoekstra (1995), em que aspecto é dependente de *tense*, sendo o aspecto visto não como um *tense* dêítico, mas sim um *tense* dependente do *tense* da matriz.

Resumidamente, nas resultativas do coreano, o predicado secundário é marcado com Nom e pode ser orientado tanto para o objeto quanto para o sujeito; ainda, pode conter informação de tempo (*tense*). Para Shim & den Dikken (2008), *tense* tem um

<sup>66</sup> Exemplo de Shim & den Dikken (2008:16).

papel fundamental na questão da diferenciação entre as línguas em termos de representar estruturalmente as resultativas como complemento ou adjunto.

Basicamente, a ideia é de que o coreano pode licenciar predicados secundários como adjuntos porque esses podem ter um T local, ao passo que línguas como o inglês não têm essa possibilidade, restando então a alternativa de projetar a predicação como complemento. Uma vez complemento, a SC (RP) se integra na T-chain no verbo matriz (Guéron & Hoekstra 1995).

Se a ‘SC’ (a rigor, TP) resultativa do coreano é um adjunto, a questão agora é como obter a interpretação resultativa. Relembrando, em Guéron & Hokstra (1995:101), o licenciamento da SC resultativa complemento é dado à medida que “*the state denoted by the resultative small clause is integrated into the matrix verb’s event structure by identifying the final slice of the activity with the state denoted by the resultative small clause.*” De acordo com essa teoria, o TP-resultativo do coreano não pode ser integrado na T-chain do verbo matriz.

Shim & den Dikken acreditam que a interpretação resultativa do coreano é feita indiretamente, similarmente à tradução (para o inglês) do dado do coreano em (61), em que é usado *such that/until it*. Os autores apontam que o sufixo *-key* aparece sistematicamente em todas as resultativas, porém é muito difícil de glossar. Não há consenso na literatura a respeito da natureza de *-key*. É levantada então a possibilidade de a resultativa com *-key* ser (estruturalmente) similar ao dado do inglês em (62)b com *until*, uma vez que no complemento de *until* haveria uma estrutura clausal completa (porém elíptica do caso de *until flat.*).

- (62) a. Jim pounded the metal (\*it was) flat.  
 b. Jim pounded the metal *until* (it was) flat.

Ou seja, os dados do coreano analisados no trabalho seriam aproximações das resultativas do inglês, uma vez que no coreano não é possível a resultativa complemento. Nesse sentido, o coreano ‘imita’ o inglês na superfície, graças ao fato de poder projetar um T local logo acima da SC resultativa, sendo esse T adjungido.

Outro trabalho que aborda resultativas do coreano é a tese de Hong (2005). A autora faz a distinção entre resultativas do coreano e resultativas do inglês em termos seletivos. Conforme colocado da seção 1.4.1 do capítulo 1, Hong (2005) atribui as restrições de seleção do sintagma resultativo (no inglês) à seleção lexical (l-seleção). A

l-seleção é concebida em termos de seleção entre *núcleo* e *complemento*. O inglês mostra restrições de seleção (l-seleção) em relação ao predicado resultativo, forçando a SC a ser mergida como complemento do verbo matriz.

Já o coreano, em comparação com o inglês, é bem mais liberal quando se trata de seleção do sintagma resultativo. Hong (2005) conclui que essa língua não impõe l-seleção para o sintagma resultativo, possibilitando a SC comportar-se como um adjunto.

Vejamos um exemplo de contraste:

- (63) a. The maid scrubbed the pot [shiny/\*shining/\*shined].  
 b. Hanye-ka sot-ul [panccakkkeli-key/panccakkkelieci-key] mwuncile-ss-ta  
 Maid-NOM pot-ACC shiny shining/shined scrub-past
- (64) a. Sue dyed her hair red/\*pretty/\*damaged  
 b. Sue-nun meli-lul ppalkah-key/yeppu-key/sonsangtoy-key mwutuli-ess-ta  
 Sue-top hair-ACC red-key/ pretty-key/ damaged-key dye-past<sup>67</sup>

A base empírica mostra que o inglês é restritivo em termos de seleção do sintagma resultativo e o coreano não. Assumindo que (i) o inglês impõe l-seleção da SC resultativa e o coreano não, e (ii) a l-seleção é uma restrição imposta por um complemento a seu núcleo, a autora coloca que, em virtude dessa diferença, a SC resultativa é instanciada como complemento (do verbo matriz) em inglês e como adjunto (do verbo matriz ou de vP) em coreano.<sup>68</sup>

<sup>67</sup> Exemplos de Hong (2005:146).

<sup>68</sup> Assumindo-se a l-seleção para as resultativas juntamente com a SC dada estruturalmente como um RP, incorre-se em um problema de visibilidade. Tomando o RP como sendo uma fase (cf. capítulo 3, seção 3.1.3), o sintagma resultativo, por estar no complemento de R, torna-se invisível para operações fora da fase RP. Nesses termos, a questão que se coloca é como V poderia enxergar o complemento de R, 'trancado' na fase RP. O movimento de R para um núcleo imediatamente acima dele estenderia a fase para a projeção do núcleo acima de RP. No entanto, trata-se de uma hipótese difícil de testar, uma vez que R é fonologicamente nulo para as resultativas foco da tese. Deixo essa questão aberta para investigação futura.

### 3.2.5 A SC resultativa na estrutura sintática: considerações

Na seção 3.2.2, foi mostrado que a análise de SC complemento do verbo (Hoekstra (2004:318)) prevê a impossibilidade de o sintagma resultativo se referir ao sujeito ('argumento externo') da sentença, derivando a *Simpson's Law*. Adicionalmente, foram colocados dados do inglês, holandês (Shim & den Dikken (2008)) e alemão, mostrando uma ordem rígida entre SC resultativas e predicados depictivos em uma mesma sentença. Essa restrição de ordem entre resultativos e depictivos é bem mais difícil de ser capturada se a SC for concebida como adjunto, assim como o depictivo.

A seção 3.2.4 mostrou dados de resultativas do coreano, em que é possível o sintagma resultativo predicar do sujeito ('argumento externo') e ainda haver mais de um sintagma resultativo a partir do mesmo verbo matriz. Lembro que, para as línguas foco da tese, existe a generalização de que é possível a adição de apenas um sintagma resultativo.

Adicionalmente, na seção 3.2.4, seguindo Hong (2005), foi colocada uma diferença de restrição de seleção para o sintagma resultativo entre inglês e coreano, em que a primeira língua parece ser bem mais restritiva que a segunda. Os dados do coreano levaram os autores (Shim & den Dikken (2008), Hong (2005)) a instanciar a SC resultativa como adjunto nessa língua.

Diante dessas argumentações, fatos empíricos e seguindo a tradição, assumo nesta tese que a SC resultativa nas línguas como o inglês é complemento do verbo, e não adjunto ao VP. Para as línguas V2 (alemão e holandês), existe ainda a questão da ordem, em que o verbo ocupa a última posição na sentença quando da presença de verbo auxiliar. Em orações subordinadas, a ordem é [verbo lexical + verbo auxiliar] final para ambas as línguas. Como metodologia de trabalho, é possível assumir essas línguas como *V-final*,<sup>69</sup> porém tendo em mente que se trata de uma simplificação, uma vez que essas línguas parecem ter o valor do parâmetro de ordem como núcleo-complemento.

O próximo capítulo aborda, principalmente, partículas em construções complexas. A discussão e base empírica são importantes para a proposta de análise (capítulo 5), que tomará como base o licenciamento da SC resultativa em termos aspectuais.

---

<sup>69</sup> Seguindo autores como Hoekstra (1988, 1992, 2004) e Kratzer (2005).



## CAPÍTULO IV

### LOCATIVAS E PARTÍCULAS VERBAIS

Este capítulo apresenta construções locativas, já chamadas de ‘resultativas locativas’ (Sybesma, 1999), e verbos de partículas (juntamente com *complex particle constructions*). A primeira seção trata de construções locativas, que poderiam se parecer com resultativas. Por razões empíricas e teóricas, não tratarei esses dados como parte do que considero resultativas, estando eles fora do escopo da tese. O objetivo, portanto, é mostrar construções que podem ter alguma leitura resultativa ou ainda se confundirem com resultativas, e que merecem, muito provavelmente, análises distintas.

A segunda seção coloca as construções com verbos de partículas, fenômeno muito comum nas línguas como inglês, alemão e holandês. A opção de colocar esses dados nesta parte da tese, e não quando da apresentação da base empírica, justifica-se pela possibilidade de serem feitas referências à base teórica e às análises já apresentadas na tese. Construções desse tipo também podem se confundir com resultativas; além dessa consideração, o objetivo da discussão e investigação dos dados é fornecer suporte empírico para a proposta de análise, assunto do capítulo 5.

## 4.1 Resultativas e locativos

As resultativas foco da tese são o que Sybesma (1999) chamou de *non-locatives*, referindo-se ao fato de, em resultativas, o estado resultante não ser ‘locacional’ (*locational*), ou seja, o predicado da SC resultativa não é um locativo. Resultativas ‘genuínas’ contrapõem-se às resultativas ‘locativas’, em que o predicado da SC denota uma localidade, como em (01):

- (01) John put the books on the shelve.  
João colocou os livros na estante.

A definição de resultativas ‘locativas’, assim como está, não me parece suficiente – apesar de eu concordar com a escolha metodológica do autor. Em (02), por exemplo, temos uma resultativa cujo predicado da SC denota uma ‘posição’, e essa posição refere-se ao estado do DP<sub>ACC</sub> (afetado) por meio da ação verbal:

- (02) John drank [himself under the table].  
João bebeu si mesmo debaixo da mesa  
‘João bebeu (tanto/de forma tal), que acabou debaixo da mesa.’

O dado em (01) é o que se conhece tradicionalmente como construção de complemento duplo. Autores como Hoekstra (2004) e den Dikken (1995, 2006) atribuem para estruturas como em (01) uma análise de SC complemento, assim como para resultativas ‘genuínas’. Entendo que eles não podem atribuir a estruturas de complemento duplo um estatuto teórico de ‘duplo complemento’ de fato, uma vez que esses autores não assumem que o verbo têm dois objetos. A análise é de que o verbo não tem relação temática com o sujeito da SC [os livros], nem com o predicado [na estante]; o verbo tem relação temática com a SC como um todo.<sup>1</sup> E essa é a diferença, teórica, para as resultativas, como em (02), em que o verbo não seleciona a SC em termos temáticos.

Crucialmente, a meu ver, existe uma diferença (empírica) paramétrica fundamental entre (01) e (02): como vemos nos idiomas em que os dados estão

<sup>1</sup> Para uma análise de construções de complemento duplo e objeto duplo enquanto SC complemento, ver den Dikken (1995, 2006).

apresentados, a mesma estrutura em (01) é ótima em PB, contrariamente a (02) – fato que por si só sugere fortemente análises distintas para as sentenças.

A questão é que podemos atribuir a uma série de dados uma análise de SC complemento, sem no entanto esses dados serem considerados resultativas – mesmo quando a leitura seja de que *o objeto afetado X adquire posição/local Y por meio da ação verbal Z*. Ou seja, podemos parafrasear tal leitura como: *o objeto afetado X resulta na posição/no local Y por meio da ação verbal Z*.<sup>2</sup> E, a partir dessa paráfrase, é que as estruturas se confundem com resultativas. Vejamos alguns exemplos:

- (03) a. João mandou os livros para o Canadá.  
b. Maria pendurou os quadros na parede.

Os dados em (03) são ainda construções de complemento duplo. Embora sejam ótimas, com a mesma estrutura, em línguas que apresentam resultativas (i.e. inglês, alemão, holandês), as sentenças em (03) foram colocadas em PB propositalmente. Trata-se de demonstrar que os dados em (03) são distintos de resultativas. É possível, acredito, perseguir uma análise SC para esses dados. É possível, adicionalmente, que as sentenças sejam parafraseadas de forma muito similar às resultativas. Mesmo assim, não vou considerar os dados como resultativas, sobretudo com base na questão empírica verificada na variação paramétrica. Outro aspecto para a não consideração desses dados como resultativas tem relação com a seleção temática.<sup>3</sup>

Temos ainda dados como em (04), moldados a partir de exemplos com verbos inacusativos em Hoekstra (2004).

- (04) a. João caiu no buraco.  
b. Maria pulou na piscina.

O autor atribui uma análise SC complemento para as sentenças em (04), sendo que o verbo não seleciona tematicamente a SC, nem tem relação temática com o sujeito

<sup>2</sup> Beavers (2008) pondera que a noção de afetação (mudança observada em um participante de evento) pode ser capturada por meio de esquemas representacionais: por exemplo, ‘mudança de estado’ e ‘mudança de lugar’ – ambas algum tipo de afetação – podem ser modeladas por meio de diferentes *subevent types*, como BECOME e GO, respectivamente. No entanto, por muitas vezes figurarem na realização do objeto e na interpretação aspectual de maneira semelhante, ‘mudança de estado’ e ‘mudança de lugar’ são tratadas (por alguns autores) com os mesmos primitivos semânticos.

<sup>3</sup> É bem verdade que a consideração em termos de seleção temática depende da interpretação teórica e da análise adotada, podendo levantar questões. Se tomarmos construções de complemento duplo como tendo a SC complemento selecionada tematicamente (diferentemente das resultativas), uma questão a ser colocada, por exemplo, diz respeito a qual seria o papel temático que o verbo atribui à SC complemento.

da SC (conforme já colocado na seção 2.2.2.5, capítulo 2). Ou seja, para Hoekstra, a estrutura é a mesma das resultativas.

Ainda assim, questiono se podemos considerar dados a exemplo de (04) como resultativas. A primeira razão para tanto é a boa formação desses dados em PB. O segundo motivo se refere à semântica das resultativas, que me parece distinta de construções locativas, já que nas últimas o sentido do locativo pode ser dado também como alvo do movimento. Lembro que outras sentenças locativas podem ser formadas, a exemplo de (05):

- (05) a. João foi ao médico.  
b. Maria chegou de Paris.

Nesse caso, embora uma paráfrase ‘resultativa’ seja possível, não considero dados como em (05) resultativas ‘genuínas’, ainda com base na questão paramétrica e semântica.

Adicionalmente, apresentei questões (seção 2.3.2, capítulo 2) a respeito da análise para inacusativos em Hoekstra (2004). Resumidamente, em construções inacusativas, o autor assume a não atribuição de papel temático ao sujeito da SC, que é o argumento tradicionalmente tomado como argumento interno do verbo. Qualquer que seja a análise para inacusativas (a exemplo dos dados em (04)), sentenças desse tipo têm uma diferença empírica importante, a meu ver, em relação às resultativas inacusativas, que é a sua boa formação tanto em línguas românicas quanto nas línguas ocidentais germânicas – diferentemente das resultativas inacusativas. Repito em (06) e (07) paradigmas para ilustrar a tema:

- (06) a. Das Flugzeug ist in Stücke geflogen.  
O avião é em pedaços voado  
‘O avião voou e ficou em pedaços.’  
b. \*O avião voou em pedaços.
- (07) a. Meine Jacke ist nass geregnet.  
Minha jaqueta é molhado chovido  
‘Minha jaqueta ficou molhada por ação da chuva.’  
b. \*Minha jaqueta choveu molhada.

Em (06)a e (07)a temos resultativas inacusativas no alemão, impossíveis em PB (cf. (06)b e (07)b). Essa diferença paramétrica sugere uma estrutura diferenciada para resultativas inacusativas e construções inacusativas de uma forma geral. Assumindo que essa conclusão está na direção certa, outra questão é quanto à atribuição de papel temático ou não do verbo ao DP em resultativas inacusativas (cf. (06)a e (07)b). Essa questão será retomada no capítulo 5.

## 4.2 Partículas verbais

### 4.2.1 Partículas verbais e sintagmas resultativos: distribuição

A seção 1.6 do capítulo 1 colocou a argumentação de Kratzer (2005) quanto ao comportamento dos adjetivos *open* e *offen* (do alemão) como partícula (*auf*, do alemão). Se de fato esses adjetivos demonstram comportamento similar ao de partículas (verbais), então a autora acredita que a análise de resultativas (adjetivais) não pode ser a mesma para construções em que os adjetivos se comportam como partículas. Como exemplo, Kratzer (2005) mostra a distribuição de adjetivos e de partículas verbais em resultativas:

- (08) a. The children cracked the nuts **open**.  
 b. The children cracked **open** the nuts.  
 c. The police broke the door **open**.  
 d. The police broke **open** the door.
- (09) a. We threw the documents **out**.  
 b. We threw **out** the documents.  
 c. You shouldn't put such tasks **off**.  
 d. You shouldn't put **off** such tasks.

Em (08), observamos que o adjetivo *open* pode ter a mesma distribuição das partículas *out* e *off* em (09). Já adjetivos como *green*, *clean* e *flat* parecem resistir ao padrão distribucional das partículas, como vemos nos exemplo em (10)-(11)-(12)b.

- (10) a. They painted the barn **green**.  
 b. ? They painted **green** the barn.

- (11) a. He wiped the desk **clean**.  
 b. ? He wiped **clean** the desk.
- (12) a. They watered the tulips **flat**.  
 b. ? They watered **flat** the tulips.<sup>4</sup>

Em nota (seção 1.6), aponte que a distribuição de partículas é distinta da de sintagmas resultativos (AP/PP/etc.). Além dos exemplos em (09), interessantes são dados em que partículas ocorrem em outras construções, chamadas de *complex particle constructions* – assunto da próxima seção.

#### 4.2.2 *Complex particle constructions*

As *complex particle constructions* são aquelas em que há a presença de um verbo, uma partícula e um predicado adicional. É justamente com esse tipo de construção que a distribuição de partículas pode ser melhor observada e analisada (contrapondo-se a *simplex particle constructions*, como em (09))<sup>5</sup>. Vejamos alguns exemplos,<sup>6</sup> em que a partícula é dada em itálico e o predicado adicional em negrito:

- (13) a. They made John *out* (to be) **a liar**.  
 b. They turned *out* (to be) **intelligent**.  
 c. They painted the barn *up* **red**.  
 d. They put the books *down* **on the shelf**.  
 e. They sent a schedule *out* **to the stockholders**.

<sup>4</sup> Exemplos de Kratzer (2005:20-21). O grau de aceitabilidade/degradação para os dados em (b) poderia ser questionado, no sentido de que os dados em (b) tenderiam a ser mais inaceitáveis do que propriamente marginais. Relevante, porém, é o contraste observado entre a posição das partículas em (9) e a posição dos adjetivos em (10)-(12). Adicionalmente, a ordem dos adjetivos em (10)-(12)b poderia ser esperada em construções com DP(Acc) pesado, que é um fenômeno independente.

<sup>5</sup> Outro exemplo pode ser visto em den Dikken (1995:01), em que a opcionalidade da posição da partícula em *simplex particle constructions* é vista:

(i) They looked (up) the information (up).

<sup>6</sup> Exemplos em den Dikken (1995:36).

Como podemos observar em (13)c, partícula e sintagma resultativo ocorrem na mesma sentença. Os predicados em negrito são analisados em den Dikken (1995) como predicados de uma SC (e não adjuntos) com base no fenômeno estilístico *inversão locativa* discutido em Hoekstra & Mulder (1990). De acordo com os autores, somente predicados de SC em posição de complemento é que podem se mover à esquerda (mostrando a *inversão locativa*), diferentemente de adjuntos. Exemplos do contraste podem ser vistos em (14) e (15), respectivamente:

- (14) a. The baby carriage rolled *down the hill*.  
 b. *Down the hill* rolled the baby carriage.
- (15) a. The baby carriage rolled *at great speed*.  
 b. \**At great speed* rolled the baby carriage.
- c. The dog ran *on a leash*.  
 d. \**On a leash* ran the dog.<sup>7</sup>

Segundo a análise, o locativo predicado da SC complement do verbo pode ser frontado (cf.(14)), diferentemente dos adjuntos em (15).

Den Dikken (1995) analisa partículas baseado na argumentação de que se trata de preposições funcionais (Emonds (1985) e Kayne (1985) são os precursores dessa linha de argumentação).<sup>8</sup> Referente à semântica, partículas são similares a verbos auxiliares por não atribuírem um papel temático de argumento externo. Baseado na distribuição sintática, pertencem à categoria P(reposicional). Sintaticamente, partículas são tomadas em den Dikken (1995) como núcleo da SC complemento do verbo, que, por sua vez, toma uma outra SC como complemento. A estrutura sintática pode vista esquematicamente em (16)b:<sup>9</sup>

- (16) a. They painted the barn *up red*.  
 b. V [<sup>SC1</sup> \_\_\_\_ *up* [<sup>SC2</sup> [the barn] [**red**]]

A partícula núcleo da SC1 é ergativa, portanto não atribui papel-theta para argumento externo, fazendo com que sua posição de Spec seja um *landing site* possível

<sup>7</sup> Exemplos em den Dikken (1995:36).

<sup>8</sup> Kayne (1984) apresenta argumentos empíricos a favor de uma análise de SC para construções com partículas, em que a partícula é analisada como núcleo da SC.

<sup>9</sup> A base teórica da análise está em *Barriers* (Chomsky, 1986).



para movimento.<sup>10</sup> A ordem de superfície em (16)a é derivada por meio do alçamento obrigatório do DP (da posição de sujeito da SC2 mais baixa) para a posição vazia em Spec/SC1. O constituinte [the barn] precisa se mover para Checar Caso (em uma configuração ECM). A partícula funcional *up* não L-marca seu complemento (a SC2).<sup>11</sup>

Diferentemente das *simplex particle constructions*, as construções complexas em (13) apresentam certa restrição na distribuição das partículas, conforme observamos em (17):

- (17) a. They painted <\*up> the barn <up> **red**.  
 b. They made <\*out> John <out> **a liar**.  
 c. They made <out> John <out> to be **a liar**.  
 d. They put <down> the books <down> **on the shelf**.  
 e. They sent <out> a schedule <out> **to the stockholders**.<sup>12</sup>

É com base na colocação das partículas em (17) que den Dikken justifica o estatuto categorial das partículas: a partícula é uma categoria funcional (e não lexical); portanto, ela não L-marca<sup>13</sup> seu complemento, tornando-o uma barreira (*inherent barrierhood*). O estatuto de barreira da SC2 impede (normalmente) o estabelecimento de uma relação para checagem de Caso entre verbo e sujeito da SC2, forçando o sujeito da SC2 a se mover para a posição de Spec/SC1, e é por esse motivo que são agramaticais os dados em (17)a-b em que a partícula está adjacente ao verbo.

Porém, quando o núcleo da SC2 (complemento da partícula)<sup>14</sup> tem os mesmos traços categoriais que a partícula *per se*, a SC2 conta como segmento de categoria, não

<sup>10</sup> Como exemplo da argumentação a favor da ergatividade da partícula, temos o contraste (primeiramente notado em Vanden Wyngaerd (1989)):

- (i) They made (\*it) out that John is a liar.  
 (ii) They made \*(it) painful that John is a liar.

Em (i), *out* tem um CP gerado na posição de complemento, bloqueando a inserção de um expletivo. Já em (ii), o adjetivo inergativo requer a inserção do expletivo, uma vez que atribui papel temático de argumento externo ao CP finito que foi extraposto.

<sup>11</sup> Kayne (1985) analisa a partícula como núcleo do predicado da SC1, cujo especificador é preenchido pela SC2:

- (i) V [<sup>SC1</sup> [<sup>SC2</sup> [the barn] [**red**]] *up* ]

A posição de superfície é dada por meio de extraposição obrigatória do predicado da SC2. Den Dikken (1995) aponta os problemas da análise baseado, entre outros, na obrigatoriedade do movimento de extraposição. Para a argumentação completa, ver den Dikken (1995, seção 2.3.2).

<sup>12</sup> Exemplos em den Dikken (1995).

<sup>13</sup> L-marcação é definida como marcação theta por um elemento lexical (Chomsky, 1986).

<sup>14</sup> Entendo que den Dikken (1995) assume a estrutura interna da SC com base em Stowell (1983).

sendo mais barreira. Ou seja, se a SC mais encaixada é de natureza preposicional, então ela não é distinta do sintagma projeção da partícula (a SC complemento do verbo). A partícula sendo L-marcada pelo verbo (e portanto não barreira), da mesma forma a SC mais encaixada é L-marcada e não conta como barreira, tornando possível o sujeito da SC2 checar Caso *in situ*. Esse é o caso de (17)d-e. Para (17)c, o marcador de infinitivo *to* é assumido como categorialmente preposicional;<sup>15</sup> assim, quando a partícula toma um complemento infinitivo em *to*, o IP-*to* também conta como segmento de categoria, prevendo a opcionalidade do posicionamento da partícula.

No entanto, ainda existe um efeito de minimalidade, pois a partícula é uma barreira para regência, e portanto também Caso. A saída, segundo o autor, é dada em termos de movimento de núcleo, i.e. reanálise da partícula com o verbo: a partícula se incorpora no verbo em LF (para o inglês). Essa incorporação de núcleo segue a linha do que Baker (1988) chamou de ‘incorporação abstrata’. Enquanto incorporação, a reanálise do verbo e da partícula exhibe todas as propriedades de incorporação de núcleo, principalmente os efeitos da *Government Transparency Corollary* de Baker (1988), segundo o qual “uma categoria lexical que tem um item a ela incorporado rege tudo o que o item incorporado regia na sua posição de origem”.

Assim, toda a vez que há reanálise (V-Prt), o complemento da partícula é transparente e o Caso do sujeito da SC2 é checado *in situ* na estrutura D; nesse contexto, o movimento do sujeito da SC2 é barrado, uma vez que a derivação menos complicada é a preferida (pelo Princípio de Economia (Chomsky, 1991)).<sup>16</sup>

No entanto, independentemente de reanálise, nas construções em que a SC2 tem estatuto categorial distinto da partícula (cf. (17)a-b), o sujeito não pode ter Caso checado *in situ*, uma vez que o complemento da partícula é barreira, i.e. não é L-marcado pela partícula nem categorialmente não distinto dela.

É nesse sentido, conforme apontado na seção 3.2.3 do capítulo 3, que den Dikken (2006) aponta a possibilidade de uma projeção Asp acima da SC (=RP). Para construções com verbo de partícula, a partícula (aspectual) é o núcleo (com material

<sup>15</sup> A ideia de que o marcador de infinitivo *to* é categorialmente preposicional é uma extensão da análise de Emonds (1985): em S infinitivas-*to*, ‘COMP’ é tomado como P e ‘S’ tomado como PP. Por exemplo:

- (i) I'd prefer for you to leave the room.
- (ii) [<sup>PP</sup> P=*for* [<sup>PP</sup> you [<sup>P</sup> P=*to* [<sup>VP</sup> leave the room]]]].

<sup>16</sup> Existe uma questão, apontada em nota em den Dikken (1995), a respeito de como a reanálise em LF afeta a checagem de Caso. Na teoria em *Barriers* (Chomsky, 1986), a saída é dada em termos de a incorporação em LF ser ‘anunciada’ na sintaxe aberta por *cosuperscripting*. No entanto, no programa minimalista de Chomsky (1993), essa questão não seria um problema, uma vez que o Caso é checado em LF.

fonológico) de uma projeção funcional acima da SC. Vale lembrar que a teoria proposta (*Phase Extension*) se baseia nos pressupostos do programa minimalista. Nesse sistema, as SCs são fases, que podem ser estendidas até a projeção mais acima por meio de movimento de núcleo.

Com base nos dados em (17), partículas (aspectuais) coocorrem com construções de complemento duplo e resultativas, o que evidencia uma distribuição distinta de predicado da SC resultativa e de partículas. Nessa perspectiva, permanece a questão se é preciso assumir uma projeção Asp acima da SC resultativa, mesmo quando da ausência de uma partícula na estrutura (conforme argumentado em Guéron & Hoekstra (1995), e sugerido, porém não demonstrado, em den Dikken (2006)).

#### 4.2.3 Partículas verbais e resultativas

O estatuto da distribuição de partículas em construções resultativas, no entanto, é controverso. Retomemos um dado do inglês, em (18)a, e o equivalente em alemão, em (18)b:

- (18) a. They painted <\*up> the barn <up> **red**.
- b. Sie malten <\*an> die Scheune <\*an> **rot** <an>.  
 Eles pintaram PRT o celeiro PRT vermelho PRT  
 ‘Eles pintaram e o celeiro ficou todo/completamente vermelho.’

Vale notar que o padrão de ordem da partícula em alemão não é o mesmo que no inglês. Quando há verbo auxiliar, no alemão, a ordem de superfície da partícula é imediatamente à esquerda do verbo, *necessariamente*:

- (19) Sie haben die Scheune (rot) **angemalt**.  
 Eles tiveram o celeiro (vermelho) **PRT**-pintado.  
 ‘Eles pintaram e o celeiro ficou todo/completamente vermelho.’

As análises de Kayne (1984, 1985) e den Dikken (1995, 2006) assumem a coocorrência de partículas verbais e sintagmas resultativos, com base em exemplos como em (17)a, repetido em (20) abaixo:

- (20) a. They painted the barn *up red*.

Sobre verbos de partículas, Zeller (2001) observa que as partículas em alemão têm a capacidade de introduzir um novo argumento quando combinadas com um verbo, argumento esse que não é possível de ser realizado quando a partícula está ausente.<sup>17</sup>

- (21) a. Peter lächelt (\*das Mädchen)  
Peter smiles (the girl)
- b. Peter lächelt das Mädchen an  
Peter smiles the girl Prt  
'Peter smiles at the girl'
- (22) a. Peter arbeitet (\*seine Schulden)  
Peter works (his debts)
- b. Peter arbeitet seine Schulden ab<sup>18</sup>  
Peter works his debts Prt  
'Peter works off his debts'

Nesse sentido, notamos uma similaridade entre as partículas e sintagmas resultativos em resultativas intransitivas, à medida que somente na presença do sintagma resultativo ou da partícula (como em (21) e (22)) é possível a realização do DP<sub>ACC</sub>. Zeller (2001) observa, adicionalmente, que é possível uma partícula se combinar com um verbo (transitivo) sem no entanto adicionar um novo argumento, como em (23):

- (23) a. Peter spült das Geschirr  
Peter washes the dishes
- b. Peter spült das Geschirr ab<sup>19</sup>  
Peter washes the dishes Prt

<sup>17</sup> Analiticamente, Zeller (2001) defende que o argumento da partícula verbal é introduzido pela partícula, uma vez que, sintaticamente, a partícula é núcleo de uma projeção máxima em posição de complemento do verbo.

<sup>18</sup> Exemplos de Zeller (2001:02).

<sup>19</sup> Exemplos de Zeller (2001:05).

A coocorrência de partículas e resultativas, como dito, não é unanimidade na literatura. Segundo Müller (2002), a combinação de certas partículas e sintagmas resultativos é de fato barrada por razões semânticas. Ainda assim, existem dados agramaticais mesmo sem uma incompatibilidade semântica aparente, como observamos no paradigma em (24):

- (24) a. dass sich Karl müde liest.  
that self Karls tired reads  
'that Karl reads himself tired.'
- b. dass Karl herumliest.  
that Karl PRT-reads  
'that Karl reads aimlessly.'
- c. \*dass sich Karl müde herumliest.  
that self Karl tired PRT-reads  
*Intended:* 'that Karl gets tired by reading aimlessly.'<sup>20</sup>

Neeleman & Van De Koot (2002) argumentam a favor de uma análise distinta para partículas e sintagmas resultativos, baseados no fato de que partículas não precisam ser interpretadas como predicados - diferentemente de sintagmas resultativos. Esse fato é visto na ocorrência de construções com partículas inergativas, como em *John give up* (as chamadas *simplex particle constructions*). Para as resultativas, os autores levantam a generalização empírica de que não é possível a coocorrência de dois sintagmas resultativos, e estendem essa generalização para a coocorrência de partícula e sintagma resultativo. Ou seja, à luz de dados como (25)d, os autores afirmam que não é possível a combinação de partícula e sintagma resultativo.

- (25) a. dat Jan zijn moeder belt.  
that John his mother phones
- b. dat Jan zijn moeder op belt.  
that John his mother up phones
- c. dat Jan zijn moeder gek belt.  
that John his mother crazy phones
- d. \*dat Jan zijn moeder gek op belt. (on a resultative reading)<sup>21</sup>  
that John his mother crazy up phones

<sup>20</sup> Exemplos de Müller (2002:247). O dado em (c) é gramatical no sentido depictivo, i.e. *Karl estava cansado quando lia sem rumo.*

<sup>21</sup> Exemplos de Neeleman & Van De Koot (2002:390).

Em nota, os autores afirmam que a argumentação contra a combinação de partícula e sintagma resultativo pode ser negada com base em dados como (26):

- (26) dat Jan de deur groen bij verft  
 that John the door green up touches<sup>22</sup>  
 ‘that John touched the door up green.’

No entanto, Neeleman & Van De Koot (2002) argumentam que a semântica de construções como em (26) não é resultativa, sendo que *groen* (verde) é um modificador, interpretado como *with green paint* (com tinta verde).

Levinson (2007), ao analisar pseudoresultativas,<sup>23</sup> levanta a polêmica quanto à possibilidade/produtividade na combinação de partículas e sintagmas resultativos, ou se sintagmas resultativos e partículas estariam em distribuição complementar. A proposta da autora é verificar o comportamento sintático distinto de resultativas e pseudoresultativas.

A questão, segundo Levinson (2007), é a dificuldade de se avaliar um real contraste entre pseudoresultativas e resultativas quando em coocorrência com partículas aspectuais. Uma vez que os julgamentos para resultativas e partículas são sutis, a autora conduz um experimento para verificar de fato a (provável) diferença entre resultativas e pseudoresultativas com partículas. O objetivo do experimento era testar duas hipóteses: a primeira delas era atestar uma diferença significativa entre predicados resultativos com e sem partícula aspectual. O resultado foi o de que há uma degradação no julgamento das sentenças com predicados resultativos juntamente com partículas. A segunda hipótese alvo do teste era mostrar um padrão distinto de pseudoresultativas na presença de partículas em comparação com resultativas e partículas. Tal hipótese foi confirmada, o que sustenta a hipótese mais geral da autora de que pseudoresultativas são sintaticamente distintas de resultativas. Nesse sentido, Levinson (2007) argumenta que há ampla produtividade na combinação de sintagmas pseudoresultativos com partículas, diferentemente da combinação de partículas e sintagmas resultativos.

Relevante, para esta tese, são os dados de resultativas juntamente com partículas. Vejamos alguns dados do experimento (Levinson, 2007):

<sup>22</sup> Exemplo e glossa de Neeleman & Van De Koot (2002:389-390). A interpretação é a seguinte: ‘que Jan retocou/melhorou a porta, deixando ela verde’.

<sup>23</sup> Sobre pseudoresultativas, ver nesta tese capítulo 1, seção 1.5.

- 
- (27) a. In ten minutes, Mary smoothed the ribbons *flat*.  
 b. In ten minutes, Mary smoothed the ribbons **out**.  
 c. In ten minutes, Mary smoothed the ribbons **out flat**.
- (28) a. In fifteen minutes, Bill cooked the tomatoes *dry*.  
 b. In fifteen minutes, Bill cooked the tomatoes **up**.  
 c. In fifteen minutes, Bill cooked the tomatoes **up dry**.
- (29) a. In one day, Anna painted the door *red*.  
 b. In one day, Anna painted the door **up**.  
 c. In one day, Anna painted the door **up red**.
- (30) a. In three minutes, Sarah grilled the steak *black*.  
 b. In three minutes, Sarah grilled the steak **up**.  
 c. In three minutes, Sarah grilled the steak **up black**.

Os dados em (a) são resultativas, em que o sintagma resultativo está em itálico. Os dados em (b) são construções com partículas aspectuais (em negrito). Os dados em (c) são resultativas na presença de partículas aspectuais. Apesar de Levinson (2007) apontar uma degradação no julgamento dos dados em (c) em comparação a (a) e (b), não foi indicado que os dados em (c) sejam agramaticais.<sup>24</sup>

A meu ver, o que o experimento suporta é a diferença entre pseudoresultativas e resultativas no sentido de que, nas primeiras, a combinação com partículas é bem mais aceita que na segunda. No entanto, o experimento não invalida a possibilidade de combinação de partículas com sintagmas resultativos. O que me parece, até agora, é que tal combinação não é amplamente produtiva/aceita e apresenta restrições. Para clarear esse ponto, a próxima seção levanta mais dados.

#### 4.2.4 Expandindo a base empírica

O objetivo desta seção é levantar mais dados de resultativas e verbos de partícula, com o intuito de investigar a coocorrência dessas construções e a possibilidade de fazermos alguma generalização. Vejamos alguns dados do alemão.

---

<sup>24</sup> Submeti os dados em (c) para julgamento e eles não foram considerados inaceitáveis.

- (31) a. Peter spülte den Teller *sauber*. (*resultativa*)  
Peter lava o prato limpo  
'Peter lava o prato, que fica limpo.'
- b. Peter spülte den Teller **ab**. (*partícula*)  
Peter lava o prato PRT  
'Peter lava o prato.'
- c. Peter spülte den Teller *sauber ab*. (*partícula + resultativa*)  
Peter lava o prato limpo PRT  
'Peter lava o prato, que fica limpo.'
- (32) a. Er färbte den Mantel *rot*. (*resultativa*)  
Ele colore o casaco vermelho  
'Ele colore o casaco, que fica vermelho.'
- b. Er färbte den Mantel **um**. (*partícula*)  
Ele colore o casaco PRT  
'Ele colore o casaco.'
- c. Er färbte den Mantel *rot um*. (*partícula + resultativa*)<sup>25</sup>  
Ele colore o casaco vermelho PRT.  
'Ele colore o casaco de vermelho./ Ele colore o casaco, que fica vermelho.'
- (33) a. Peter brät das Fleisch *schwarz*. (*resultativa*)  
Peter assa a carne preto  
'Peter assa a carne, que fica preta.'
- b. Peter brät das Fleisch **an**. (*partícula*)<sup>26</sup>  
Peter assa a carne PRT  
'Peter tosta a carne.'
- c. Peter brät das Fleisch *schwarz an*. (*partícula + resultativa*)  
Peter assa a carne preto PRT  
'Peter tosta a carne, que fica preta.'

As resultativas em (c) nos dados de (31) a (33) são gramaticais, mesmo na presença da partícula. Vejamos como se comportam os verbos de partícula *austrinken* (PRT-beber, 'beber tudo') e *aufessen* (PRT-comer, 'comer tudo').<sup>27</sup> Adiciono ao paradigma os verbos *aufblasen* (PRT-assoprar, 'assoprar dentro, com o intuito de encher') e *ausschütten* (PRT-despejou, 'despejar, derramar').

<sup>25</sup> O verbo *farben* (colorir) tem o sentido de *colorir a primeira vez, com a cor original*. O verbo *umfarben* (PRT-colorir) significa *colorir* mas com o sentido de *mudar de cor*, ou seja, já havia uma cor e foi colocada outra cor.

<sup>26</sup> Repare que *braten* tem o sentido de *assar*, enquanto *anbraten* significa *assar até tostar*, como se a carne tivesse queimado um pouquinho.

<sup>27</sup> Os equivalentes em inglês seriam *drink up* e *eat up*.



- (34) a. Hans trank das Bierglas *leer*. (*resultativa*)  
Hans bebeu o copo-de-cerveja vazio  
'Hans bebeu do copo de cerveja, que ficou vazio.'
- b. Hans trank das Bierglas **aus**. (*partícula*)  
Hans bebeu o copo-de-cerveja PRT  
'Hans bebeu tudo do copo de cerveja.' / 'Hans terminou de beber do copo de cerveja.'
- c. Hans trank das Bierglas *leer* **aus**. (*partícula + resultativa*)  
Hans bebeu o copo-de-cerveja vazio PRT  
'Hans bebeu tudo do copo de cerveja, que ficou vazio.'
- (35) a. Maria hat den Teller *leer* gegessen. (*resultativa*)  
Maria teve o prato vazio comido.  
'Maria deixou o prato vazio, comendo o que tinha no prato.'
- b. Maria hat den Teller **auf**gegessen. (*partícula*)  
Maria teve o prato PRT-comido.  
'Maria comeu tudo do prato.'
- c. Maria hat den Teller *leer* **auf**gegessen. (*partícula + resultativa*)  
Maria teve o prato vazio PRT-comido.  
'Maria comeu tudo do prato, deixando-o vazio.'
- (36) a. Peter bläst den Balon *voll*. (*resultativa*)  
Peter assopra o balão cheio.  
'Peter assopra dentro do balão, que fica cheio.' / 'Peter enche o balão, assoprando.'
- b. Peter bläst den Ballon **auf**. (*partícula*)  
Peter assopra o balão PRT  
'Peter enche o balão, assoprando.'
- c. Peter bläst den Ballon *voll* **auf**. (*partícula + resultativa*)  
Peter assopra o balão cheio PRT  
'Peter enche o balão, assoprando.'
- d. Peter bläst den Ballon (nur) *halb voll* **auf**. (*partícula + resultativa modificada*)  
Peter assopra o balão (somente) meio cheio PRT  
'Peter assopra dentro do balão, mas o balão fica somente meio cheio de ar.'
- (37) a. Klaus schüttet den Eimer *leer*. (*resultativa*)  
Klaus despeja o balde vazio  
'Klaus despeja o conteúdo do balde de forma que o balde fica vazio.'

- b. Klaus schüttet den Eimer **aus**. (*partícula*)  
Klaus despeja o balde PRT  
'Klaus despeja (todo) o conteúdo do balde.'
- c. Klaus schüttet den Eimer *leer* **aus**. (*partícula + resultativa*)  
Klaus despeja o balde vazio PRT  
'Klaus despeja (todo) o conteúdo do balde, que fica vazio.'
- d. Klaus schüttet den Eimer fast *leer* **aus**. (*partícula + resultativa modificada*)  
Klaus despeja o balde quase vazio PRT  
'Klaus despeja o conteúdo do balde, que fica quase vazio.'

Uma observação é importante ser feita para os dados em (c) com as resultativas juntamente com os verbos de partícula *austrinken* (PRT-beber, 'beber tudo'), *aufessen* (PRT-comer, 'comer tudo'), *aufblasen* (PRT-assoprar, 'assoprar dentro, com o intuito de encher') e *ausschütten* (PRT-despejou, 'despejar, derramar'). Se submetidos a julgamento em contexto 'out of the blue', os dados em (c) não são aceitos, e a intuição do falante é de que os dados são 'doppelt gemoppelt', i.e. expressão alemã usada para indicar que uma mesma coisa é dita duas vezes. Porém, dentro de um contexto específico, em que a redundância é necessária e intencional, os dados são gramaticais. Ou seja, é possível criar um contexto em que seja relevante nomear o estado final mesmo com o verbo de partícula.<sup>28</sup>

A coocorrência de sintagma resultativo com verbos de partícula, no entanto, apresenta restrições, uma vez que não são todos os verbos de partícula que permitem a adição de um sintagma resultativo, como mostram os dados em (c) do alemão em (38) e do inglês em (39).

- (38) a. Er lacht ihn *müde*. (*resultativa*)  
Ele ri ele cansado  
'Ele deixa ele cansado, por rir.'

<sup>28</sup> Como exemplo, podemos imaginar uma situação em que a mãe manda a criança beber tudo da mamadeira (*austrinken* – PRT-beber). A criança não esvazia a mamadeira, e a mãe reforça o comando, dizendo:

- (i) Du sollst deine Flasche leer austrinken!  
Você deve sua mamadeira vazio PRT-beber  
'Você deve deixar sua mamadeira vazia, bebendo tudo!'

Para o dado em (36)c, podemos imaginar um contexto em que a intenção é encher todo o balão com o intuito de que ele estoure. Para (37)d, podemos imaginar uma sentença como continuação:

- (ii) Klaus aber das nächste mal bitte ganz leer ausschütten, du Schlamper!  
Klaus mas a próxima vez por-favor bem vazio despejar, seu desleixado!  
'Mas Klaus, por favor, da próxima vez, despeje todo o conteúdo do balde, de forma que ele fique bem vazio, seu desleixado!'

- b. Er lacht ihn **an**. (*partícula*)  
Ele ri ele PRT.  
'Ele sorri para ele.'
- c. \*Er lachte ihn *müde* **an**. (*partícula + resultativa*)  
Ele ri ele cansado PRT.  
*Sentido pretendido:* 'Ele o deixa cansado, ao sorrir para ele.'
- (39) a. He cried his eyes *red*. (*resultativa*)  
b. He cried his eyes **out**. (*partícula*)  
c. \*He cried his eyes **out red**. (*partícula + resultativa*)

As resultativas em (c) nos dados em (38) e (39) são construídas a partir de verbos intransitivos. Antes, porém, que a agramaticalidade seja atribuída à intransitividade do verbo, vejamos mais alguns dados.

- (40) a. Er hat das Papiertaschentuch vom Tisch *geniesst*. (*resultativa PP*)  
Ele teve o lenço-de-papel da mesa espirrado  
'Ele espirrou e como resultado o lenço de papel saiu da mesa.'
- b. Er hat das Papiertaschentuch vom Tisch **weg** *geniesst*.  
(*resultativa PP + partícula (=away)*)  
Ele teve o lenço-de-papel da mesa PRT espirrado  
'Ele espirrou e como resultado o lenço de papel saiu para fora da mesa.'
- c. Er hat das Papiertaschentuch vom Tisch **hinunter** *geniesst*.  
(*resultativa PP + partícula (=down)*)  
Ele teve o lenço-de-papel da mesa PRT espirrado  
'Ele espirrou e como resultado o lenço de papel foi para baixo da mesa.'
- (41) a. Daniel slept his way *to the top*. (*resultativa*)  
b. Daniel slept his way **up** *to the top*. (*resultativa + partícula*)

Como podemos ver, a questão acerca da coocorrência de sintagmas resultativos e verbos de partícula é complexa: ao mesmo tempo que parece existir alguma restrição de produtividade e aceitabilidade, existem dados que mostram a possibilidade da coocorrência. Nos dados em que a coocorrência é possível, existe a hipótese de que o sintagma resultativo age como um modificador, conforme argumentado na literatura (ver, por exemplo, Müller (2002) e Neeleman & Van De Koot (2002)), sendo que os exemplos são com sentenças em que o sintagma resultativo denota cor.

Recapitemos alguns dados. Para (32)c, realmente é difícil distinguir a interpretação em que 'o casaco *fica vermelho*' da interpretação em que 'o casaco é

colorido *de vermelho*'. Vejamos então essa interpretação mais acuradamente. É possível criar um contexto em que a cor da tinta e o resultado final não são os mesmos: supondo uma porta recém pintada com tinta azul, ao pintarmos essa porta (com a tinta azul ainda fresca, digamos) com tinta amarela, as tintas reagem e a cor final é verde. Nesse caso, temos o paradigma em (42):

- (42) a. \*Ich habe die Tür gelb grün gemalt.  
 Eu tive a porta amarelo verde pintado  
*Sentido pretendido:* 'Eu pinteí a porta com tinta amarela, e a porta ficou verde.'
- b. Ich habe die Tür *mit* gelb grün gemalt.  
 Eu tive a porta *com* amarelo verde pintado  
 'Eu pinteí a porta com tinta amarela, e a porta ficou verde.'
- c. \*Ich habe die Tür gelb grün **angemalt**.  
 Eu tive a porta amarelo verde PRT-pintado  
*Sentido pretendido:* 'Eu pinteí a porta com tinta amarela, e a porta ficou verde.'
- d. Ich habe die Tür *mit* gelb grün **angemalt**.  
 Eu tive a porta *com* amarelo verde PRT-pintado  
 'Eu pinteí a porta com tinta amarela, e a porta ficou verde.'

Se *amarelo* em (42)a e (42)c fosse um modificador, denotando *com tinta amarela*,<sup>29</sup> então os dados em (42)a e (42)c deveriam ser gramaticais, contrariamente aos fatos. Para termos a interpretação *com tinta amarela*, é preciso fazer uso da preposição, como em (42)b e (42)d. O mesmo raciocínio é exemplificado nos dados em (43):

- (43) a. \*Er färbte den blauen Mantel gelb grün **um**.  
 Ele coloriu o azul casaco amarelo verde PRT.  
*Sentido pretendido:* 'Ele coloriu o casaco azul com (tinta) amarela, e o casaco ficou verde.'
- b. Er färbte den blauen Mantel *mit* gelb grün **um**.  
 Ele coloriu o azul casaco *com* amarelo verde PRT.  
 'Ele coloriu o casaco azul com (tinta) amarela, e o casaco ficou verde.'

<sup>29</sup> A exemplo do que argumentam Neeleman & Van De Koot (2002) para o dado em (i), em que a semântica de *groen* (verde), segundo os autores, é a de um modificador, interpretado como *with green paint* (com tinta verde).

(i) dat Jan de deur groen bij verft  
 that John the door green up touches  
 'that John touched the door up green.'

Além de dados desse tipo (em que o sintagma resultativo denota cor), restam outros tantos dados - conforme procurei mostrar no texto - em que a interpretação do sintagma resultativo como modificador não é nada óbvia, sugerindo que de fato a interpretação é resultativa. No dado em (33)c, não é possível a interpretação em que ‘a carne é assada de preto’. No dado em (31)b, com o verbo *abspülen* (PRT-lavar), a interpretação de que a louça fica de fato limpa não é obrigatória. Podemos imaginar contextos em que: (i) alguém não lave louça direito; nesse caso o adjetivo *sauber* (limpo) especifica o resultado da ação (cf.(31)c); (ii) *abspülen* (PRT-lavar) é uma espécie de pré-lavagem (antes de colocar na lava-louças). Ou seja, em (31)c, a interpretação é de fato resultativa. A interpretação também é resultativa (e não de modificador) nos dados em (40)c de (41).

Nesse ponto, vale lembrar a generalização empírica de que na resultativa é possível a presença de apenas um sintagma resultativo. Nesse sentido, poderíamos hipotetizar que algumas partículas estejam se comportando como predicado, o que explicaria a agramaticalidade de dados como (39)c. Falta, no entanto, uma explicação para a agramaticalidade dos dados em (24)c, (25)d e (38)c.

#### 4.2.5 Considerações

A seção 4.2 trouxe dados de partículas em construções complexas e levantou a polêmica sobre a possibilidade de coocorrência ou não da partícula verbal (aspectual) e do sintagma resultativo. Essa coocorrência apresenta restrições;<sup>30</sup> no entanto, apresentei uma quantidade razoável de dados que levam a concluir como possível a ocorrência de construções complexas de verbos de partícula (aspectual) envolvendo resultativas, conforme já apontado em Kayne (1984) e den Dikken (1995). Assim, tomo essa base empírica como suporte para a proposta de análise de descrição estrutural de resultativas, assunto do próximo capítulo.

<sup>30</sup> Resta a questão de qual seria a razão para tal restrição, questão essa que deixarei aberta para investigação futura.

# CAPÍTULO V

## UMA PROPOSTA DE ANÁLISE

Nesta parte do trabalho, o objetivo é pensar a estrutura sintática das resultativas, tendo em mente a base de dados (e as generalizações dela apreendidas), bem como as questões levantadas nos capítulos precedentes.

Uma generalização empírica fundamental, descrita no capítulo 1, é a de que o sintagma resultativo sempre predica do  $DP_{ACC}$  (que pode se realizar como pronome reflexivo/anáfora), e nunca do sujeito da sentença. Essa generalização engloba as resultativas ‘transitivas’, ‘intransitivas (inergativas)’ e ‘ambíguas’. Nas resultativas ‘inacusativas’, a propriedade denotada pelo sintagma resultativo predica do sujeito de superfície, que é assumido ser gerado na posição de sujeito da *Small Clause* (SC), assim como o  $DP_{ACC}$  nas resultativas ‘transitivas’, ‘intransitivas (inergativas)’ e ‘ambíguas’.<sup>1</sup>

No capítulo 2, a combinação [DP + AP/PP/NP], que expressa o resultado da ação, foi assumida como sendo um constituinte do tipo SC, cuja estrutura interna é tomada (cf. capítulo 3) como um RP (*Relator Phrase*). Como base para derivar a

---

<sup>1</sup> As generalizações empíricas foram retomadas na seção 1.8 do capítulo 1.

---

generalização de que o sintagma resultativo sempre predica do DP<sub>ACC</sub>, foi exposta a teoria em Hoekstra (1988, 1992, 2004) de que a SC é sintaticamente irmã de V (cf. capítulo, seção 2.2.2). O autor apresenta argumentos empíricos e teóricos, que servirão de base e inspiração para a análise proposta nesta tese.

O capítulo 3 seguiu investigando a instanciação da SC no ‘esqueleto’ da sentença, i.e. a SC enquanto complemento do verbo matriz ou adjunto do VP. A seção 3.2.5, do capítulo 3, colocou as considerações para se assumir a SC como complemento do verbo, e não como adjunto do VP. Entre elas está a impossibilidade de o sintagma resultativo se referir ao sujeito (‘argumento externo’) da sentença, diferentemente das resultativas do coreano (cf. seção 3.2.4, capítulo 3). A análise da SC resultativa enquanto complemento é corroborada pelos dados do inglês, holandês (Shim & den Dikken (2008)) e alemão, que mostram uma ordem rígida entre SCs resultativas e predicados depictivos em uma mesma sentença (cf. seção 3.2.2, capítulo 3). Outra generalização capturada pela configuração sintática SC complemento do verbo é o fato de haver apenas um resultado final por evento, em resultativas. Assumindo a SC como adjunto, teríamos a questão de como evitar que a configuração sobregere dados.

Dito isso, a análise será subdividida em três eixos, interligados entre si. O primeiro deles analisa a questão temática, i.e. a atribuição de papel temático do verbo para o DP em resultativas ‘transitivas’, ‘ambíguas’ e ‘inacusativas’. A segunda questão a ser abordada se refere ao que Hoekstra chamou de licenciamento aspectual da resultativa. Em seguida, a proposta é pensar a descrição estrutural das resultativas.

## 5.1 A questão temática

### 5.1.1 Resultativas ‘transitivas’, ‘intransitivas’ e ‘ambíguas’

Uma das questões apontadas no capítulo 1 diz respeito ao estatuto temático do DP<sub>ACC</sub> enquanto theta-marcado ou não pelo verbo matriz. Em termos descritivos, as resultativas foram classificadas como ‘transitivas’, ‘intransitivas’ (inergativas) e ‘ambíguas’ – fazendo referência à possibilidade de o DP<sub>ACC</sub> poder ou não ser interpretado como argumento (semântico) do verbo. É importante lembrar que essa descrição não tinha estatuto teórico em termos da assunção acerca da atribuição de papel temático ou não do verbo matriz ao DP sujeito da SC. Assim, a proposta agora é investigar o quanto dessa possível marcação temática é relevante sintaticamente, ou seja, se é preciso prever alguma marcação temática para o DP<sub>ACC</sub> enquanto argumento do verbo na descrição estrutural (para as resultativas em que tal constituinte possui interpretação de argumento interno de V).

Segundo a teoria proposta em Hoekstra (1988, 1992, 2004), o verbo matriz não tem relação temática com o sujeito da SC tampouco com a própria SC,<sup>2</sup> sendo o licenciamento da SC feito em termos aspectuais.<sup>3</sup> Quando existe a possibilidade de interpretação do sintagma Acc como argumento do verbo (nas resultativas ‘transitivas’ e nas ‘ambíguas’), tal interpretação é fruto do nosso conhecimento de mundo (ou da pragmática, conforme sugerido em Kayne (1985)). Empiricamente, Hoekstra sustenta essa argumentação (a que o autor se referiu como *shadow interpretation* ou *shadow effect*) com base no fato de que, em uma resultativa ‘transitiva’, a transitividade do verbo pode ser cancelada. Um exemplo pode ser visto no dado em (01):

(01) I have painted my fingers black and blue when I painted the walls.<sup>4</sup>

<sup>2</sup> Kratzer (2005), ao analisar o verbo matriz das resultativas como sendo sempre intransitivo, também assume que V não tem relação temática nem com o DP<sub>ACC</sub>, nem com o constituinte [AP DP], que expressa o resultado da ação. Para a autora, em resultativas ‘transitivas’, o verbo estaria se comportando intransitivamente. Já para Hoekstra (1988, 1992, 2004), a questão não se coloca em termos de o verbo ser intransitivo ou não, mas sim em relação a suas propriedades aspectuais (i.e. não possuir um ponto final inerente), sendo que de qualquer modo V não atribui papel-theta de argumento interno.

<sup>3</sup> O licenciamento aspectual da SC foi descrito na seção 2.2.2.3 e 2.2.2.4 do capítulo 2 e será retomado na seção 5.2.

<sup>4</sup> Exemplo de Hoekstra (1988:117). A interpretação é: ‘Quando eu pintei as paredes, meus dedos ficaram roxos/contundidos.’



Vejamos mais alguns dados, desta vez do alemão.

- (02) a. Er hämmerte das Metall flach.  
Ele martelou o metal plano  
'Ele deixou o metal achatado, martelando.'
- b. Wenn er das Holz über dem Metall hämmert, hämmert er das Metall flach.  
Quando ele a madeira sobre o metal martela, martela ele o metal plano  
'Quando ele martela a madeira, que está sobre o metal, ele achata o metal.'
- Contexto: o sujeito, ao martelar uma tábua de madeira, que está sobre uma superfície de metal irregular/curvada, acaba deixando o metal plano. Nesse contexto, podemos dizer:*
- c. Er hat das Metall flach gehämmert, ohne das Metall zu hämmern.  
Ele teve o metal plano martelado, sem o metal INF<sup>5</sup> martelar  
'Martelando, ele deixou o metal achatado, mas sem martelar o metal.'
- (03) a. Er goss die Tulpen flach.  
Ele regou as tulipas plano  
'Ele deixou as tulipas achatadas, regando.'
- b. Als er seine Blumen gegossen hat, goss er leider die Tulpen ein Stockwerk unten vom Nachbar flach.  
Quando ele suas flores regado teve, regou ele infelizmente as tulipas um andar abaixo do vizinho plano  
'Ao regar suas flores, infelizmente ele achatou as tulipas do vizinho um andar abaixo.'
- Contexto: o sujeito mora no segundo andar, e ao regar suas flores, que ficam na beirada da janela, acabou regando sem querer também as tulipas da beirada da janela do vizinho do andar de baixo, e como resultado dessa 'regação' desastrada, acabou tombando/achatando as tulipas do vizinho. Nesse contexto, podemos dizer:*
- c. Er hat die Tulpen flach gegossen, ohne die Tulpen zu giessen.  
Ele teve as tulipas achatado regado, sem as tulipas INF regar  
'Numa ação de regar, ele deixou as tulipas achatadas, sem no entanto regar as tulipas.'
- (04) a. Er wischte den Tisch sauber.  
Ele passou-pano a mesa limpo  
'Ele deixou a mesa limpa, passando pano.'

<sup>5</sup> A glosa INF se refere ao marcador de infinitivo em sentença encaixada infinitiva.

- b. Er wischte den Tisch sauber als er das Spitzentuch gewischt hat.  
 Ele passou-pano a mesa limpa quando ele a toalha-de-renda passado-pano teve.  
 ‘Ele deixou a mesa limpa ao passar pano na toalha de renda.’

*Contexto: o sujeito estava passando pano na toalha de renda. Sendo de renda, a toalha tinha muito buracos. Assim, a mesa acabou ficando limpa. Nesse contexto, podemos dizer:*

- c. Er hat den Tisch sauber gewischt, ohne den Tisch zu wischen.  
 Ele teve a mesa limpo passado-pano, sem a mesa INF passar-pano  
 ‘Numa ação de passar pano, ele deixou a mesa limpa, mas sem passar pano na mesa diretamente.’

Os dados em (a) em (02)-(04) são exemplos prototípicos da literatura para resultativas ‘transitivas’. Os dados em (b) foram construídos no sentido de cancelar a interpretação transitiva do verbo, o que foi demonstrado ser possível. Neste sentido, a resultativa ‘ambígua’ também teria a interpretação transitiva como consequência do nosso conhecimento de mundo. Recapitemos um dado:

- (05) a. Hans hat seine Hand kaputt gehämmert.  
 Hans teve sua mão machucada martelado  
 b. Hans hammered his hand sore.

*leitura 1:* ‘Hans martelou sua (própria) mão, que ficou machucada por conta disso.’ **leitura transitiva**

*leitura 2:* ‘Hans martelou *algo*, e porque ele fez isso (durante horas), sua mão ficou machucada.’ **leitura intransitiva**

Assumindo a não existência de marcação temática do DP<sub>ACC</sub> pelo verbo, então a leitura disponível na descrição estrutural é somente a leitura 2: ‘Hans martelou *algo*, e porque ele fez isso (durante horas), sua mão ficou machucada’. A interpretação de *algo* como sendo ‘a (própria) mão de Hans’ é resultado do *shadow effect*. Ou seja, temos uma ‘ambiguidade aparente’.

No nível de análise relevante, i.e. descrição estrutural, portanto, a resultativa não seria nem transitiva nem ambígua. O efeito de transitividade ou ambiguidade não se dá nem no nível sintático nem no semântico, mas sim no nível pragmático. De acordo com essa análise, assumida doravante nesta tese, as resultativas ‘ambíguas’ ou ‘transitivas’ assim o são apenas de forma aparente, como efeito da pragmática.

Se a interpretação do DP<sub>ACC</sub> como argumento do verbo é, de fato, pragmática ou atribuída ao nosso conhecimento de mundo, a previsão então é de que tal interpretação possa ser cancelada, *sempre* – obviamente dentro de algum contexto que permita a interpretação relevante (intransitiva). Os dados em (02)-(04) corroboram essa argumentação.

Ainda nessa linha de raciocínio, um ponto que fica em aberto é onde seria então descarregado o papel temático do verbo (de argumento interno, entendido com *algo*), em (05), por exemplo.<sup>6</sup> Poderíamos supor que se trata de um fenômeno mais abrangente da gramática, como o que acontece em sentenças com verbos tipicamente transitivos usados ‘intransitivamente’. Vejamos o paradigma, com exemplos do alemão:

- (06) a. Sonntags isst der Hans sehr viel.  
Aos-domingos come o Hans muito.  
‘Hans come bastante aos domingos.’
- b. Sonntags isst der Hans seinen Teller leer. (*resultativa*)  
Aos-domingos come o Hans seu prato vazio  
‘Aos domingos, Hans esvazia seu prato, comendo a comida do prato.’

Em ambas as sentenças, não está expresso *o que* o João come propriamente; fica no entanto subentendido – segundo nosso conhecimento de mundo – que João come *algo passível de ser comido*.<sup>7</sup>

Assumindo que existe apenas uma entrada lexical para o verbo *comer* - tanto a versão ‘transitiva’ quando a ‘intransitiva’ - a questão de onde é descarregado o papel temático nas sentenças em (06) permanece formalmente.

Uma alternativa de análise possível é uma configuração sintática em que DP<sub>ACC</sub> possa receber um segundo papel temático do verbo.<sup>8</sup> Mas, na falta de motivação

<sup>6</sup> Nas análises de Kratzer (2005) e Hoekstra (1988, 1992, 2004), nos casos em que na resultativa ‘transitiva’ o verbo está se comportando intransitivamente (para Kratzer) ou o verbo não atribui papel-theta de argumento interno (para Hoekstra), existem as questões de (i) se assumir duas entradas lexicais para o mesmo verbo (para Kratzer) ou (ii) onde é então descarregado o papel theta de argumento interno do verbo (para Hoekstra, e também para a análise defendida nesta tese).

<sup>7</sup> Nota-se que esse processo de ‘intransitivização’ de transitivos (ou algum tipo de ‘dethematização’/‘absorção’ de papel-theta interno) não é observado em inacusativos (em que V atribui papel-theta interno), como mostram os dados agramaticais do alemão, do inglês e do PB:

- (i) a. \*Es fliegt viel sonntags.  
b. \*There/it flies a lot on Sundays.  
Expl. voa muito aos-domingos.  
*Sentido pretendido:* ‘Voa-se muito aos domingos.’  
c. \*Chega tarde sempre que tem reunião no escritório.

A questão será retomada na seção 5.4.2.

empírica para tanto, não vejo o porquê de a descrição estrutural precisar prever alguma marcação temática do verbo para com o DP<sub>ACC</sub>. Porém, existindo algum dado em que a interpretação transitiva não possa ser cancelada, a linha de argumentação em termos pragmáticos/*shadow effect* precisaria ser revista.

### 5.1.2 Resultativas inacusativas

A questão temática também se coloca para as resultativas inacusativas, i.e. atribuição ou não de papel temático de argumento interno de V<sub>inacusativo</sub> para o DP (sujeito da SC). Conforme apontado na seção 1.6 do capítulo 1, é possível a formação de resultativas inacusativas nas línguas objeto de estudo. Em algumas resultativas desse tipo, fica claro que o verbo não tem relação temática com o DP (sujeito da SC), como em (07):

- (07) a. Meine Jacke ist nass geregnet.  
 Minha jaqueta é molhado chovido  
 ‘Minha jaqueta ficou molhada por ação da chuva.’

Nas resultativas, a análise de Hoekstra (1988, 1992, 2004) toma o verbo inacusativo como também não tendo relação temática com a SC (ou o sujeito dela). Quando a leitura de argumento interno é possível, tal interpretação também é atribuída ao *shadow effect*. Esse seria o caso de resultativas como em (08):

- (08) a. Die Teller sind kaputt gefallen.  
 Os pratos são estragado caído  
 ‘Os pratos caíram e ficaram quebrados por conta da queda.’  
 b. Das Flugzeug ist in Stücke geflogen.  
 O avião é em pedaços voado  
 ‘O avião voou e ficou em pedaços.’

---

<sup>8</sup> A possibilidade de recebimento de múltiplos papéis temáticos para um mesmo DP é assumida nos trabalhos de Hornstein (1999, 2001), Boeckx & Hornstein (2003, 2004, 2006), Hornstein & Polinski (2010), Boeckx, Hornstein & Nunes (2010) e Rodrigues (2004a, 2004b, 2010). A seção 5.4.2 retoma essa abordagem.

A análise de Hoekstra generaliza e toma todos os verbos inacusativos como selecionadores de uma SC complemento (a construção sendo resultativa ou não). A seção 2.2.2.5 (capítulo 2) apresenta evidências empíricas para a argumentação/generalização do autor. No entanto, na seção 2.3.2 do capítulo 2, questionei as consequências de uma assunção/generalização desse tipo para a gramática como um todo. Não pretendo investigar os verbos inacusativos de maneira geral, de forma que deixo essa questão em aberto. Relevante, para esta tese, é assumir ou não que o verbo inacusativo nas resultativas não tem relação temática com o sujeito da SC, mesmo em sentenças como (08), assim como assumido para as resultativas ‘transitivas’, ‘intransitivas’ e ‘ambíguas’.

Tomando o verbo inacusativo (em (08), por exemplo) como não atribuidor de papel temático para argumento interno, novamente se coloca a questão de onde é descarregado o papel temático de argumento interno de verbos inacusativos que participam de resultativas, como *voar* e *cair* (cf. (08)). Lembro que a mesma questão foi colocada para resultativas ‘transitivas’ e ‘ambíguas’, onde levantei a possibilidade de que se poderia tratar de um fenômeno maior da gramática.

Crucialmente, para as resultativas inacusativas a exemplo de (08), parece um tanto mais complicado assumir a leitura de argumento interno (do DP sujeito da SC/ sujeito de superfície) como um efeito pragmático. Nas resultativas ‘transitivas’ e ‘ambíguas’, a leitura de argumento interno do verbo é passível de ser cancelada (a exemplo do que foi feito nas sentenças em (01), (02)b, (03)b e (04)b). Já nas resultativas inacusativas como em (08), mesmo em um contexto pragmático favorecedor, ainda assim não é possível eliminar a leitura do DP como argumento interno de V, conforme vemos em (09).

(09) *Contexto: em uma mesa, havia pratos. Acima dos pratos, fixado no teto, havia um lustre. O lustre (por conta de estar mal fixado) se solta e cai em cima dos pratos, resultando em os pratos ficarem quebrados.*

- a. \*Die Teller sind kaputt gefallen.  
Os pratos são estragado caído  
*Sentido pretendido: ‘Os pratos ficaram quebrados por conta da queda (do lustre, no contexto sugerido).’*

*Contexto: um avião rodava sobre a pista (sem decolar), quando um urubu voou para dentro de uma das turbinas do avião. O avião, por conta dos danos na turbina, ficou estragado (mas felizmente não aconteceu nada de grave porque o avião ainda não estava voando).*

- b. \* Das Flugzeug ist kaputt geflogen.  
 O avião está estragado voado  
*Sentido pretendido:* ‘O avião ficou estragado por conta do vôo (do urubu, no contexto sugerido).

Ou seja, para que a leitura do DP enquanto argumento (interno) do verbo fosse cancelada, seria preciso que *algo* caísse e, como consequência disso, [os pratos] ficassem [quebrados]; ou então que *algo* voasse e, como consequência disso, [o avião] ficasse [em pedaços] – diferentemente do que se entende nas resultativas em (08) e demonstrado em (09).

Os fatos indicam, provavelmente, que resultativas inacusativas (em que o DP se comporta como argumento interno de V) tenham uma descrição estrutural diferenciada das ‘demais resultativas’. Entende-se aqui como ‘demais resultativas’ as ‘transitivas’, ‘intransitivas’, ‘ambíguas’ e ‘inacusativas’ (em que o DP não se comporta como argumento interno de V), sendo que elas teriam a descrição estrutural em que V não atribui papel-theta ao DP sujeito da SC. Porém, a descrição estrutural das resultativas ‘transitivas’, ‘intransitivas’ (inergativas), ‘ambíguas’ e ‘inacusativas’ (em que o DP não se comporta como argumento interno de V) não é a mesma, uma vez que, para as últimas, justamente por se tratarem de inacusativas, não há atribuição/checagem de Caso Acc.

Assim, as descrições até agora usadas em termos de resultativas ‘transitivas’, ‘intransitivas’ (inergativas) e ‘ambíguas’ não têm estatuto teórico no nível de análise relevante, i.e. sintático e semântico. Poderíamos pensar em chamar essas resultativas de ‘intransitivas’; no entanto, não acredito que essa terminologia seja propriamente adequada, pois se compromete com a intransitividade do verbo. Conforme apontado nesta seção, existe uma questão formal para as resultativas ‘transitivas’, que é a de onde seria descarregado o papel temático do verbo, sem no entanto se afirmar que o verbo estaria se comportando intransitivamente. Dessa forma, chamarei de agora em diante as resultativas ‘transitivas’, ‘intransitivas’ (inergativas) e ‘ambíguas’ apenas de *resultativas*.

Para as resultativas inacusativas, será feita a distinção entre aquelas em que V não atribui papel-theta interno (assim como nas resultativas) e aquelas em que V, ao que tudo indica, tem uma relação temática com o DP sujeito da SC/ sujeito de superfície.

## 5.2 Projeção aspectual AspP

O licenciamento da SC resultativa é analisado em termos aspectuais em Hoekstra (1988, 1992, 2004). As seções 2.2.2.3 e 2.2.2.4, do capítulo 2, trazem a abordagem do autor. Resumidamente, a ideia é que a SC é ligada ao verbo matriz por meio de uma relação temporal-aspectual entre V e SC. Empiricamente, o verbo precisa ter determinadas condições aspectuais (denotar uma *atividade*, i.e. eventualidade com estágios sem um ponto final inerentemente especificado) e a SC traz a contribuição aspectual, denotando, ou preenchendo, o ponto final que está ‘aberto’ no verbo matriz.

Vale lembrar que o licenciamento de uma SC resultativa não pode ser o mesmo de construções de SC canônicas (com verbos como *consider* e *find*, por exemplo, mesmo quando esses selecionam uma SC complemento devido a exigências lexicais)<sup>9</sup>. Ou seja, a SC complemento em resultativas precisa de alguma diferenciação da SC complemento do verbo em SC canônicas. Adicionalmente, não são todos os verbos que podem participar de uma resultativa; verbos estativos e de percepção, por exemplo, não participam da construção (conforme exemplificado na seção 2.2.2.2, capítulo 2).

Para formalizar o licenciamento da SC resultativa, Hoekstra (1992) propõe uma teoria de modificação baseada em Higginbotham (1985) (cf. seção 2.2.2.4, capítulo 2). A SC resultativa, sendo um predicado, tem um papel de evento (*e-role*). O predicado matriz, enquanto verbo de atividade, tem uma posição aberta ( $t_n$ ). O *e-role* da SC serve de argumento à posição aberta  $t_n$  do predicado matriz. Ou seja, o *e-role* da SC é saturado por meio de uma operação de *theta-binding* entre o *e-role* da SC com o  $t_n$  do predicado matriz. A questão que se coloca, nesse ponto, é como se dá a formalização da composicionalidade semântica.

Sintaticamente, para as SCs, Guéron & Hoekstra (1995) propõem uma projeção AgrP, que é associada ao núcleo do predicado secundário (cf. seção 3.2.3, capítulo 3)<sup>10</sup>. Nas SCs (complemento) resultativas, a projeção AgrP (irmã do verbo) é integrada à

<sup>9</sup> Conforme colocado na seção 2.2.2.2, capítulo 2, nas sentenças em (i) (SC canônicas), *John* não se torna *foolish* como consequência da ação verbal; tampouco *the song* torna-se *known* por meio do verbo:

(i) a. \*I consider John foolish. (*leitura resultativa*)  
b. \*I find the song known. (*leitura resultativa*)

<sup>10</sup> A representação está repetida em (i)

(i) a. We considered John foolish.  
b. <sup>AGRP</sup> [John<sub>i</sub> AGR [<sup>AP</sup> t<sub>i</sub> foolish]]

---

estrutura de evento da matriz, sendo o objetivo da projeção de Agr fornecer uma configuração sintática em que a relação de predicação possa ser licenciada. Conforme exposto na seção 3.2.3 (capítulo 3), os autores assumem a SC como um rótulo para uma projeção AP/PP (por exemplo).

Diferentemente, neste trabalho, assumo a SC como um RP (den Dikken, 2006), em que o núcleo funcional R intermedia a predicação. Por meio do RP, a noção de predicação é definida sintaticamente e licenciada pelo próprio RP. Mesmo assim, para resultativas, den Dikken (2006) sugere – porém não desenvolve – a ideia de que haveria uma projeção AspP entre a SC resultativa e o verbo matriz.

A questão que ficou em aberto, na seção 3.2.3 (capítulo 3), é se precisamos de fato assumir uma estrutura funcional AspP acima de RP, e quais as consequências dessa hipótese. Nas resultativas (em línguas ocidentais germânicas) não parece existir evidência fonológica para Asp. Porém, quando essas resultativas coocorrem com verbos de partícula aspectual, a partícula pode ser tomada como evidência fonológica para Asp (seguindo den Dikken, 1995).

A seção 4.2.3 (capítulo 4) discutiu a questão da coocorrência entre verbos de partícula e sintagmas resultativos. Apesar de haver restrições nessa coocorrência, apresentei uma base empírica que sugere a possibilidade desse tipo de construção. Portanto, a formação de resultativas com verbos de partícula aspectual pode ser tomada como motivação empírica para a existência de uma projeção AspP acima da SC, em que o núcleo Asp seria preenchido pela partícula (den Dikken, 1995).

Tomando como base a teoria de Hoekstra (1988, 1992, 2004), a SC resultativa precisa ser licenciada em termos aspectuais. Nesse sentido, entendo que uma projeção AspP teria a função de licenciar a SC resultativa em termos aspectuais.<sup>11</sup>

Dessa forma, conforme sugerido em den Dikken (2006) e tomando como ponto de partida a teoria de licenciamento aspectual em Hoekstra (1988, 1992, 2004), para a descrição estrutural da resultativa, partirei da hipótese de que existe um núcleo aspectual acima da SC resultativa. De acordo com essa hipótese, em resultativas em que coocorrem verbos de partícula, o núcleo Asp é preenchido pela partícula aspectual; nas demais resultativas, Asp é fonologicamente nulo. O desenvolvimento dessa estrutura sintática será o assunto da seção 5.4.

---

<sup>11</sup> O meu uso do termo aspecto, nesta tese, faz referência ao aspecto interno do evento (*inner aspect*), no sentido de aspecto lexical (relacionado às classes aspectuais ou *Aktionsarten* e caracterizado por propriedades lexicais), em que também se encontra a oposição de télico a atélico.



---

Antes, porém, a seção 5.3 procura esboçar uma possibilidade de composicionalidade semântica segundo tal configuração sintática.

### 5.3 Sobre a composicionalidade semântica

A estrutura sintático-semântica das resultativas tem sido descrita como um evento introduzido por um verbo que denota uma ação, e o estado resultante da ação é denotado pela combinação de um sintagma adjetival/preposicional e um DP<sub>ACC</sub>.<sup>12</sup>

Além disso, Hoekstra (1988) se vale da noção de afetação para fazer uma importante generalização sobre resultativas (cf. seção 1.1, capítulo 1), i.e. o DP (na SC resultativa/complemento) é necessariamente interpretado como um ‘objeto afetado’, em que ‘objeto afetado’ é entendido como “ (...) *an expression referring to an entity which exists independently from the action mentioned by the verb rather than coming into existence through the action.*” (Hoekstra, 1988:117).<sup>13</sup> A ideia do autor é contrastar a interpretação de *affected object* com *effected object*, em que a última é entendida como uma entidade que passa a existir como decorrência da ação verbal. A ambiguidade entre *affected object* e *effected object* é observada em ‘*John paints a house*’, em que o objeto [a house] pode ser entendido como afetado ou criado. Já tal ambiguidade não se coloca em resultativas (por ex.: *John paints the house yellow*), em que a única interpretação possível para o objeto é a de afetado (a casa pré-existia à ação verbal e passa a ser amarela em decorrência dessa ação).

Na resultativa, o sintagma adjetival/preposicional denota o estado da entidade denotada pelo DP sujeito da SC. Sintaticamente, DP e sintagma adjetival/preposicional estão em uma relação de sujeito-predicado, por meio da qual o predicado atribui uma propriedade ao sujeito. Foi assumido (cf. seção 3.1.5, capítulo 3) que o (núcleo do) predicado (AP/PP) da SC atribui um papel temático ao DP sujeito/SC. Adicionalmente, conforme a generalização apontada por Hoekstra (1988) e o próprio sentido que se depreende da resultativa, temos o DP como um objeto afetado pelo verbo, mesmo o DP não sendo argumento (interno) de V.<sup>14</sup> Para exemplificar, retomemos um dado:

<sup>12</sup> Nas resultativas inacusativas, o DP sujeito da SC se torna o sujeito de superfície e recebe Caso Nom.

<sup>13</sup> ‘Afetação’ é entendida aqui (intuitivamente) como *uma mudança observada em um participante de evento*, conforme Beavers (2008).

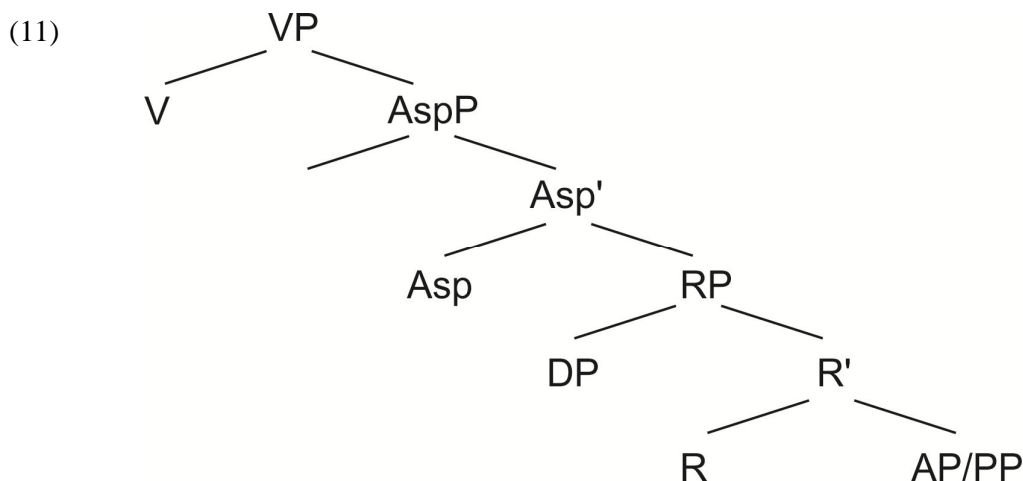
<sup>14</sup> Conforme a base empírica, lembro que o verbo foi assumido como não sendo atribuidor de papel temático interno, exceto em algumas resultativas inacusativas (cf. seção 5.1, capítulo 5).

- (10) Er hat das Taschentuch naß geniest.  
 Ele teve o lenço molhado espirrado  
 ‘Ele molhou o lenço, espirrando sobre ele./ Ele espirrou, molhando o lenço.’

O DP [o lenço], sujeito da SC, adquire o estado [molhado], denotado pelo AP, predicado da SC. O verbo é o desencadeador da ação, que resulta no estado [o lenço molhado], denotado na SC. Além disso, podemos entender que o DP [o lenço], que não é argumento do verbo, é afetado pela ação [espirrar], mesmo que em determinados contextos essa afetação possa ser interpretada como não proposital e até mesmo accidental. Em outros termos, o resultado da ação é expresso pela SC [o lenço molhado], sendo que o DP [o lenço] adquire o estado denotado pelo AP [molhado] como consequência da afetação que sofre pelo verbo.

O objetivo desse raciocínio todo é indicar que a afetação (do verbo para com o DP) e a atribuição de propriedade (decorrente da relação de sujeito do DP com o predicado AP/PP) são duas relações nas quais o DP participa em uma resultativa. A composicionalidade semântica proposta vai procurar contemplar essas duas propriedades do DP na resultativa.

A descrição estrutural (abaixo do VP), a partir da qual será esboçada a composicionalidade semântica, está representada em (11):



Em (11), temos um verbo que toma como complemento uma projeção funcional AspP. O núcleo Asp, por sua vez, toma como complemento uma SC (instanciada como um RP). A justificativa para a proposta de uma projeção AspP está baseada no licenciamento aspectual das resultativas conforme Hoekstra (1988, 1992, 2004), em que

o verbo de atividade se combina a uma SC complemento resultativa, de forma que a SC especifica um ponto final em aberto no conteúdo lexical do verbo. O verbo de atividade apresenta estágios e não tem um ponto final definido; a SC entra justamente para preencher esse ponto final em aberto. Empiricamente, a assunção se baseia no fato de que somente verbos de atividade participam de resultativas.

Teoricamente, a formalização do licenciamento aspectual da resultativa é dada em Hoekstra (1992) por meio de uma semântica que envolve saturação de papel de evento (*e-role*) (com base em Higginbotham (1985), cf. seção 2.2.2.4, capítulo 2). Resumidamente, a SC resultativa fornece um *e-role* que é ligado (*bind*) ao ponto/estágio  $t_n$  (sempre presente e em aberto) no verbo de atividade. Diferentemente, nesta tese, está sendo postulada uma projeção funcional AspP por meio da qual é licenciada a resultativa; essencialmente, o licenciamento nesse caso se dá sintaticamente, à medida que AspP faz a intermediação entre o verbo (de atividade) e a SC (=RP) resultativa.

Nesse ponto, a questão é como se esboçaria a composicionalidade semântica segundo a estrutura representada em (11). Vamos às denotações dos primeiros sintagmas que entram na composicionalidade, tomando como exemplo o dado em (10):

- (12) a.  $[[DP]] = [[o\ lenço]] = \exists x \mid x = [o\ lenço]$   
 b.  $[[AP]] = [[molhado]] = \lambda x \exists s [state(s) \ \& \ molhado(x)(s)]$   
 c.  $[[RP]] = [[(o\ lenço)\ molhado]] = \exists s [state(s) \ \& \ molhado(o\ lenço)(s)]$

A denotação do RP se dá por meio da combinação, via aplicação funcional, do do DP com o AP. Assume-se que R é semanticamente vácuo, portanto a denotação de R' é tomada como a mesma do (seu filho) AP. Vejamos agora a denotação do núcleo Asp:

- (13)  $[[Asp]] = \lambda P_{\langle st \rangle} \lambda x \lambda e_a [afetação(x)(e_a) \ \& \ P_{(s)} \ \& \ t_{e_a} = t_s]$

O núcleo Asp introduz uma variável de relação de predicação ' $P_{(s)}$ ' (que será preenchida pelo RP), em que 's' (subscrito) caracteriza a relação de predicação como um *estado*. Adicionalmente, na denotação de Asp, temos uma variável de evento ' $e_a$ ', em que 'a' (subscrito) caracteriza a ação como uma *atividade*. A variável 'x' representa a entidade afetada por meio do evento ' $e_a$ ', e a ideia é que a essa entidade 'x' seja a mesma que entra na denotação do DP sujeito da SC. Na denotação de Asp, lê-se ' $t_{e_a}$ '

como uma propriedade aspectual do verbo de atividade, e ‘ $ti_s$ ’ como uma propriedade aspectual da relação de predicação ‘ $P_{(s)}$ ’ (o ponto inicial do estado, digamos). Tomando como base a análise de Hoekstra (1992), ‘ $tn_{ea}$ ’ representa o ponto/estágio (sempre presente e em aberto) no verbo de atividade, que é igualado ao ponto/estágio ‘ $ti_s$ ’, codificando a contribuição aspectual que a relação de predicação (a SC, representada por um RP) traz ao evento, i.e. conferir-lhe telicidade.

Combinando Asp e RP, temos a denotação de Asp', em (14). O próximo passo é a combinação de Asp' a ‘x’, formando a projeção AspP, em (15):

$$(14) \quad [[\text{Asp}']] = \lambda x \lambda e_a [\text{afetação}(x)(e_a) \ \& \ [\text{state}(s) \ \& \ \text{molhado}(\text{o lenço})(s)] \ \& \ tn_{ea} = ti_s]$$

$$(15) \quad [[\text{AspP}]] = \lambda e_a [\text{afetação}(\text{o lenço})(e_a) \ \& \ [\text{state}(s) \ \& \ \text{molhado}(\text{o lenço})(s)] \ \& \ tn_{ea} = ti_s]$$

A denotação do verbo está representada em (16). Da combinação de V e AspP, temos a extensão do VP, em (17):

$$(16) \quad [[V]] = [[\text{espurrar}]] = \exists e_a [\text{action}(e) \ \& \ \text{espurrar}(e)]$$

$$(17) \quad [[VP]] = [[(\text{espurrar}(\text{o lenço molhado}))]] = \exists e_a [\text{action}(e_a) \ \& \ \text{espurrar}(e_a) \ \& \ \text{afetação}(\text{o lenço})(e_a) \ \& \ [\text{state}(s) \ \& \ \text{molhado}(\text{o lenço})(s)] \ \& \ tn_{ea} = ti_s]$$

Uma questão que se coloca, segundo a proposta de composicionalidade esboçada, é o que garantiria que a entidade ‘x’ na denotação do DP seja a mesma da entidade ‘x’ na denotação de Asp. Em outros termos, a questão é como barrar que os referenciais de ‘x’ do DP e de ‘x’ de Asp não sejam os mesmos, sobregerando dados, a exemplo de (18):

- (18) \*Er hat das Taschentuch seine Mutter böse geniast.  
 Ele teve o lenço sua mãe zangado espurrado  
*Sentido pretendido:* ‘Ele espirrou, afetando o lenço, de forma que sua mãe ficou zangada como resultado da ação de espirrar que afetou o lenço.’

A princípio, a composicionalidade semântica tal como apresentada não barra dados do tipo (18). Mesmo que nas denotações de Asp e DP tenha sido usada a variável ‘x’, a rigor o núcleo Asp não teria como prever que seu ‘x’ seja [o lenço], denotado em

RP. Na extensão de Asp há lugar para uma entidade afetada ‘x’ e uma variável de relação de predicação ‘ $P_{(s)}$ ’, sendo que não parece possível que a semântica de Asp ‘enxergue’ o que serve como argumento de predicado dentro da relação de predicação P. Ou seja, não é a denotação de nenhum dos nódulos terminais que garante que ‘x’ de  $\lambda x$  em Asp seja o mesmo ‘x’ dentro de  $P_{(s)}$ .

Por outro lado, a sintaxe impede que (18) seja possível, uma vez que o DP afetado [o lenço] não recebe papel temático; adicionalmente, temos dois DPs competindo para receber/checar Caso: o DP sujeito da SC e o DP afetado.<sup>15</sup> Em outros termos, é a sintaxe que garante a não sobregeração de dados, por meio do Critério Theta e do Filtro de Caso (Chomsky, 1981).<sup>16</sup>

Tomemos agora uma resultativa inacusativa em que V atribui papel-theta interno. Nessa situação, precisamos prever na denotação de V a presença de um argumento interno, que precisa ser a mesma entidade ‘x’ na denotação de Asp e na denotação do DP.<sup>17</sup> Em relação à sobregeração de dados para essas inacusativas, questão semelhante às demais resultativas é levantada, sendo que para as inacusativas (em que V atribui papel-theta interno) não podemos impedir, com base no Critério Theta, que dados a exemplo de (19) sejam gerados.

(19) \*Die Lampe ist den Teller kaputt gefallen.

O lustre é o prato quebrado caído

*Sentido pretendido:* ‘O lustre caiu e quebrou o prato/ O lustre caiu, sendo que a queda do lustre afetou o prato, que por sua vez ficou quebrado.’

A geração de dados como (19) é novamente barrada pela sintaxe, uma vez que o DP afetado [o prato] não tem como receber/checar Caso Acc.

Uma outra questão em relação à configuração em (11) e especialmente à denotação do núcleo Asp diz respeito às construções com verbos de partícula de uma maneira geral e para além das resultativas. A seção 4.2.2 do capítulo 4 apresentou

<sup>15</sup> Mesmo que alguma análise alternativa trate afetação como uma espécie de papel temático (nesse caso o Critério Theta é respeitado), a agramaticalidade seria por violação do Filtro de Caso.

<sup>16</sup> Ao preenchermos ‘x’ de  $\lambda x$  em Asp com [o lenço], e ao preenchermos ‘x’ de  $\lambda x$  no AP também com [o lenço] (formando o RP que vai preencher P), novamente poderíamos questionar: o que garante que não se trata de dois ‘lenços’ diferentes? Considerando que a sintaxe da construção assume a partir do DP sujeito da SC (i) uma operação de cópia, ou (ii) movimento (deixando um vestígio indexado ao antecedente), ou (iii) *remerge*, os mecanismos sintáticos subjacentes à construção asseguram que a identidade do argumento ‘x’ dentro de  $P_{(s)}$  seja a mesma do argumento ‘x’ em Asp. Essa mecânica será exposta na próxima seção.

<sup>17</sup> Relembrando: a sintaxe/descrição estrutural das resultativas e resultativas inacusativas em que V atribui papel-theta interno será explorada na próxima seção.

exemplos de *complex particle constructions*, em que as partículas verbais aparecem não somente em resultativas, mas também em outras construções como as de complemento duplo. Adicionalmente, a seção apresentou exemplo de *simplex particle constructions*, em que não há presença de um predicado adicional (além do verbo).<sup>18</sup> Resultativas à parte, para as *complex particle constructions* é possível propor uma configuração como em (11); inclusive é essa a proposta em den Dikken (1995).<sup>19</sup> Já para as *simplex particle constructions*, teríamos um DP complemento de Asp, ao invés de um RP (como em (11)).

Dito isso, retomemos a denotação de Asp em (13): um núcleo que introduz uma variável de relação de predicação, uma variável de evento (de atividade) e uma entidade afetada. Claramente, essa denotação não é adequada para além das resultativas, como as outras construções citadas aqui: *complex* e *simplex particle constructions*.<sup>20</sup> No entanto, parece que a mesma partícula que coocorre em resultativas também participa dessas outras construções. Nesse sentido, tomando como base o quadro teórico da Morfologia Distribuída (MD),<sup>21</sup> podemos pensar que se trata dos mesmos itens de vocabulário, subespecificados para determinados traços. De acordo com a MD, os mesmos itens de vocabulário podem preencher núcleos diferentes, a depender dos traços que o núcleo possui.

O conjunto dos traços do nóculo terminal Asp de (11) – uma resultativa – não seria igual aos outros conjuntos de traços de núcleos preenchidos por partículas aspectuais em outras construções que envolvem esses itens de vocabulário. Podemos supor, porém, que o núcleo Asp de (11) compartilha determinados traços com outros núcleos preenchidos por partículas aspectuais. Teríamos, dessa forma, subtipos de Asp, que podem ser preenchidos por partículas. Esses subtipos de núcleos Asp compartilham traços (e por isso podem ser preenchidos pelos mesmos itens de vocabulário), mas têm traços que os distinguem entre si, permitindo que as partículas participem em mais de um tipo de construção.

<sup>18</sup> O exemplo apresentado na nota 5 da seção 4.2.2 foi o seguinte:

(i) They looked (up) the information (up).

<sup>19</sup> O autor não usa os rótulos como os colocados aqui em (11), mas a proposta de (11) é inspirada em den Dikken (1995); a diferença básica é que (11) tem um RP na posição da SC complemento de Asp – lembrando que RP é fruto da teoria em den Dikken (2006).

<sup>20</sup> Não é meu objetivo dar conta de todas as *complex* e *simplex particle constructions* e seu comportamento sintático brevemente ilustrado na seção 4.2.2.

<sup>21</sup> Sobre os fundamentos do quadro teórico da MD, ver Halle & Marantz (1993) e Marantz (1997).

Na próxima seção, o trabalho segue com a proposta de explorar questões sintáticas segundo a configuração estrutural colocada em (11) e a composicionalidade semântica esboçada.

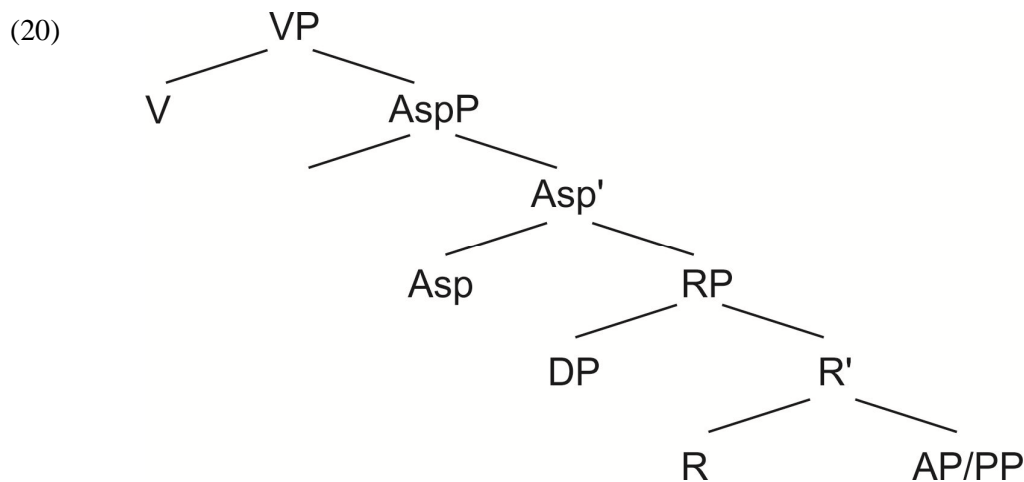


## 5.4 Sintaxe

### 5.4.1 Descrição estrutural

A proposta para a descrição estrutural das resultativas toma o resultado da ação no constituinte [DP AP/PP], que expressa uma relação de predicação entre DP e AP/PP: o sintagma resultativo (AP/PP) denota o estado alcançado pelo DP por meio da ação verbal. Assume-se que [DP AP/PP] formam uma SC, instanciada como um RP em posição de complemento.

O verbo matriz, que supostamente não é atribuidor de papel temático nem para a SC (=RP) nem para o DP sujeito dela,<sup>22</sup> tem como complemento uma projeção AspP, cujo núcleo Asp seleciona uma SC (=RP). Para o inglês, temos a representação em (11), repetida em (20):



Em resultativas com verbos de partícula, o núcleo Asp é preenchido pela partícula aspectual. Na ausência de partícula aspectual, Asp é fonologicamente nulo. Em ambos os casos, Asp é assumido estar sempre presente, uma vez que o é responsável pelo licenciamento da construção.

<sup>22</sup> As resultativas inacusativas, em que o DP sujeito da SC se comporta como argumento de V, serão consideradas na seção 5.4.2.

O DP, na borda da fase RP, move-se para Spec/AspP. Evidência para tal movimento é encontrada em construções com verbos de partícula, cuja ordem (amplamente mais aceita) é a V + DP + PRT + AP/PP, como vemos no dado em (21):<sup>23</sup>

- (21) a. They painted the barn *up* **red**.  
 b. They painted [the barn]<sub>i</sub> *up* *t<sub>i</sub>* **red**.

Em den Dikken (1995), o movimento do DP para Spec/AspP é obrigatório (o autor considera uma SC o que estou chamando aqui de AspP). Conforme exposto na seção 4.2.2 do capítulo 4, a partícula núcleo da SC (aqui assumida como AspP) é ergativa e não atribui papel-theta para argumento externo, tornando sua posição de Spec um *landing site* para movimento. A partícula *up*, sendo uma categoria funcional e não lexical, não L-marca seu complemento – lembrando que, nessa abordagem, a L-marcação é definida como marcação-theta por um elemento lexical (Chomsky, 1986). Assim, o complemento da partícula (a SC resultativa) é considerado uma barreira, impedindo que se estabeleça uma relação para checagem de Caso entre o verbo e o sujeito da SC resultativa. Por esse motivo, o constituinte [the barn] precisa se mover para Checar Caso (em uma configuração ECM).

A questão, agora, é como justificar o movimento do DP em uma teoria minimalista como a assumida neste trabalho. Segundo a teoria em *Phase Extension* (den Dikken, 2006), AspP não é uma fase pois não estabelece uma relação de predicação. Nesse sentido, DP em Spec/RP está visível para operações fora da fase RP (como checagem de Acc, por exemplo). AspP poderia vir a se tornar uma fase quando do movimento (de núcleo) de R para Asp: nesse caso, a fase se estenderia de RP para AspP. AspP sendo uma fase, somente seu Spec (borda da fase) estaria visível para operações fora de AspP, e o DP permanecendo em Spec/RP estaria ‘trancado’ na fase AspP. O movimento do DP poderia, nessa situação, ser motivado para fins de checagem de Caso. Novamente, qual seria a motivação do movimento de R para Asp?<sup>24</sup>

<sup>23</sup> Para o dado em (i), é possível encontrar julgamentos em que a partícula em posição pré DP<sub>ACC</sub> é considerada marginal.

(i) They painted <’\*up> the barn <up> **red** <\*up>.

Como hipótese de trabalho, vou considerar como posição gramatical a encontrada em (21). A partícula em posição final é agramatical.

<sup>24</sup> Nas línguas objeto de estudo, R é assumido ser fonologicamente nulo. Nesse sentido, uma possibilidade a ser investigada são resultativas em que o núcleo R seria fonologicamente preenchido, em alguma outra língua que apresente o fenômeno. R tendo material fonológico (possibilidade hipotetizada na seção 3.1.4 do capítulo 3), a investigação empírica seguiria no sentido de verificar o comportamento sintático de R -

---

Para as resultativas sem a presença de partícula aspectual, não há evidência para o movimento do DP de Spec/RP para Spec/AspP, sendo que, teoricamente, o DP em Spec/RP estaria visível para operações de fora de RP.

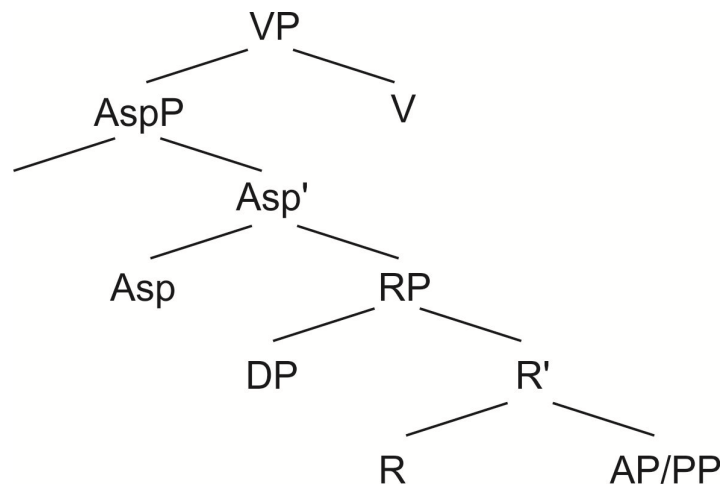
Retomando a questão de qual seria a motivação para o movimento do DP para Spec/AspP, recorro à generalização da interpretação de afetação que esse DP sempre apresenta nas resultativas, conforme exposto na seção anterior (cf. seção 5.3). Hipotetizando que a interpretação de afetação do DP se constrói em uma relação com o núcleo Asp, poderíamos ter uma motivação para o movimento do DP para Spec/AspP: o núcleo Asp contribui com o estado final (=RP) de um evento denotado no VP, e esse estado final afeta o DP que está no seu especificador.

Na seção 5.3, foi proposta uma denotação para Asp em que esse núcleo introduz uma variável de relação de predicação, uma variável de evento (de atividade) e uma entidade afetada, fazendo com que a presença do DP (que representa a entidade afetada) em Spec/AspP seja necessária para preencher uma variável na denotação de Asp.

Assim, proponho que a interpretação de afetação seja construída estruturalmente em Spec/AspP, sendo que a consequência dessa proposta é o movimento obrigatório do DP para Spec/AspP, mesmo em construções em que a partícula não esteja presente (i.e. Asp é fonologicamente nulo).

O alemão e o holandês foram considerados, para efeitos deste trabalho (cf. seção 3.2.1.3, capítulo 3), como línguas *V-final*. A questão a seguir é onde instanciar a partícula. A princípio, existem duas opções. A primeira delas é seguir o que parece ser o padrão de ordem das línguas (núcleo-complemento) e tomar a partícula à esquerda de RP, como em (22):

(22)



Nesta configuração, é preciso prever algum movimento de Asp, de forma que a partícula ocupe a posição final. Vejamos alguns dados do alemão. A posição possível para a partícula está representada em negrito.

- (23) a. Sie malten <\*an> die Scheune <\*an> rot **<an>**.  
 Eles pintaram PRT o celeiro PRT vermelho **PRT**  
 'Eles pintaram e o celeiro ficou todo/completamente vermelho.'
- b. Sie haben <\*an> die Scheune <\*an> rot **angemalt**.  
 Eles tiveram PRT o celeiro PRT vermelho **PRT**-pintado.  
 'Eles pintaram e o celeiro ficou todo/completamente vermelho.'

Em (23)a, o verbo matriz exibe o comportamento V2 da língua: V se move para I, e I se move para C, carregando consigo V, e o sujeito se move para Spec/CP. Em (23)b, na presença de verbo auxiliar, V permanece na posição de origem: a final. Na primeira estrutura, a partícula está em posição final, e, na segunda, está à esquerda do verbo em posição final. Para a configuração em (22) prever a ordem conforme (23), é preciso assumir o movimento de Asp para V. Adicionalmente, para (23)a, é preciso assumir o movimento de V para I, sem que V carregue consigo Asp. Ou seja, em (22), assume-se o movimento de Asp para V, e, posteriormente, para (23)a, é preciso ainda assumir a excorporação de V.

O movimento de núcleo de Asp para V formaria um núcleo complexo;<sup>25</sup> sendo que um posterior movimento de um elemento de dentro desse núcleo complexo (excorporação) é tradicionalmente assumido como ilícito (Marit, 2002; Backer, 1988; Lieber, 1992). Ou seja, uma vez formado um núcleo complexo, ele só poderia se mover como um todo.

Adicionalmente, considerando o movimento de núcleo como adjunção, um posterior movimento de núcleo hospedeiro é problemático por razões estruturais, sobretudo se levarmos em consideração que se trata de movimento de apenas um segmento de categoria (Kayne, 1994)<sup>26</sup>. Nessa teoria, o c-comando é restrito a categorias (e não a segmento de categoria). Um núcleo  $X^0$ , ao qual outro elemento  $Y^0$  foi adjungido, não pode ser movido, pois o núcleo hospedeiro  $X^0$  passa a contar como segmento de categoria. Um segmento de categoria sozinho não está disponível para c-comando, portanto um traço de segmento de categoria não pode ser regido por antecedência.<sup>27</sup>

De acordo com essa abordagem, em (22), Asp se adjunge a V, e V passa a ser uma categoria de dois segmentos. A excorporação de V (o núcleo hospedeiro) seria o movimento de apenas um segmento da categoria V, uma vez que Asp adjungido a V ficaria *stranded* – como mostra o dado (12)a com a partícula (Asp) em posição final e V em posição V2. Segundo Kayne (1994), o problema estrutural dessa configuração, i.e. excorporação de V, é o traço de V não ser regido.<sup>28</sup>

A maior problemática da excorporação, nessa discussão e para além da GB, diz respeito a se fazer uma operação sintática em um segmento de categoria, independentemente de se assumir ou não a teoria de antissimetria conforme Kayne (1994). É nesse sentido que mover um segmento de categoria é incoerente com uma série de suposições elementares dentro do sistema, como, por exemplo, a suposição de

<sup>25</sup> Um exemplo de formação de núcleo complexo é o movimento de V para I, formando V+I, seguido do movimento de V+I para C – característico de línguas V2.

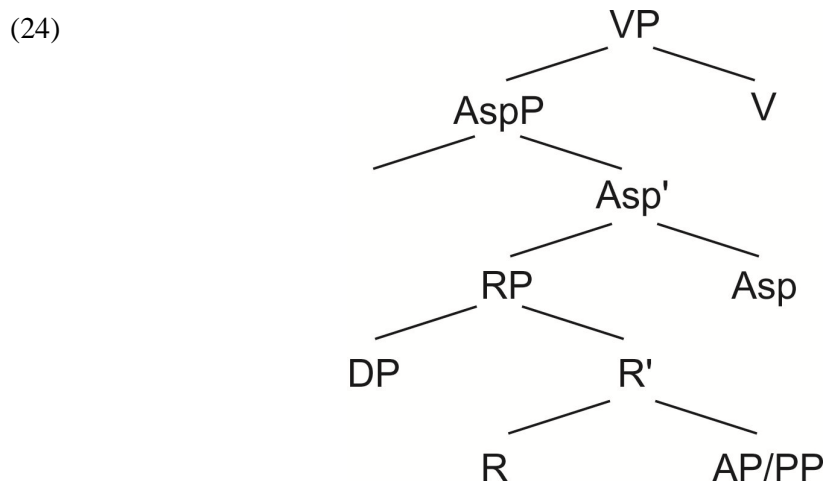
<sup>26</sup> Embora Kayne (1994) admita que o movimento do núcleo não hospedeiro seja possível em termos de *successive cyclic head movement*.

<sup>27</sup> No entanto, o movimento do núcleo não hospedeiro  $Y^0$  seria possível, uma vez que seu irmão  $X^0$ , sendo segmento de categoria do núcleo hospedeiro  $X^0$ , não bloqueia a regência por antecedência do traço do núcleo  $Y^0$ . Nesse caso, Roberts (1991) assume que a excorporação de  $Y^0$  é lícita. Mesmo assim, o movimento de  $Y^0$  é controverso. Para a excorporação em termos de *successive cyclic head movement*, Marit (2002, seção 2.3.2) aponta as consequências empíricas dessa abordagem. A autora conclui a excorporação como uma operação ilícita, mesmo nos casos em que o elemento excorporado não é o hospedeiro, i.e.  $Y^0$ . Lembro que, no caso das resultativas, a discussão está em mover o núcleo hospedeiro V (=X<sup>0</sup>), e não o núcleo adjungido Asp (=Y<sup>0</sup>).

<sup>28</sup> A questão é que o elemento movido precisa c-comandar seu vestígio, sendo, para tanto, preciso haver uma relação de c-comando – relação essa que não se estabelece.

que somente categorias estão disponíveis para sofrer determinadas operações. Um exemplo é a operação *Agree*, dependente de c-comando, que é calculado entre categorias, e não segmento de categorias.

Além da configuração em (22), para a geração de Asp, uma segunda possibilidade é assumir a partícula verbal (Asp) como em posição final, assim como o verbo. A representação é vista em (24):



Nessa configuração, não é preciso assumir o movimento de Asp, nem a excorporação de V. No dado em (23)b, a partícula aparece adjacente ao verbo, como um prefixo verbal. No entanto, essa caracterização da partícula como prefixo verbal não necessariamente evidencia o movimento de Asp para V.<sup>29</sup>

Relevante, para essa tese, é o comportamento sintático da partícula como um constituinte sintático autônomo: na análise, trata-se de um item de vocabulário que preenche Asp – o núcleo responsável por licenciar a resultativa. Empiricamente, podemos ver outras construções resultativas (versões de (23)a) em que a partícula não aparece adjacente ao verbo:

- (25) a. Malen Sie die Scheune bitte rot **an!**  
 Pinte o-senhor o celeiro por-favor vermelho **PRT**  
 ‘O senhor por favor deixe o celeiro vermelho, pintando-o!’
- a'. \***Anmalen** Sie die Scheune bitte rot!  
**PRT**-Pinte o-senhor o celeiro por-favor vermelho

<sup>29</sup> Não havendo movimento de Asp para V, a sugestão é que se trata de uma convenção ortográfica a partícula enquanto prefixo verbal.

- b. Es ist leicht, die Scheune rot **anzu**malen.  
 Expl. é fácil o celeiro vermelho **PRT-ZU**-pintar  
 ‘É fácil deixar o celeiro vermelho, pintando-o.’
- b'. \* Es ist leicht, die Scheune rot **zu**anmalen.  
 Expl. é fácil o celeiro vermelho **ZU-PRT**-pintar

Em (25)a, uma construção imperativa, temos o verbo frontado e a partícula em posição final; se o verbo carregar consigo a partícula, o dado é agramatical (cf. (25)a'). Em (25)b, o marcador de infinitivo [zu] aparece entre partícula e verbo, necessariamente (cf. (25)b').<sup>30</sup>

Nas resultativas, portanto, assumo a não incorporação de Asp em V, sobretudo porque, assumindo-se essa incorporação, é preciso assumir adicionalmente a posterior exorporação de V quando esse apresenta comportamento V2, ou quando a partícula não está adjacente ao verbo (cf. (25)a).<sup>31</sup> Conforme já argumentado, a exorporação (principalmente do núcleo hospedeiro) levanta questões importantes e independentes da análise das resultativas.<sup>32</sup>

Assim, a representação em (24) parece ser a menos ‘custosa’ para as línguas V-*final* (alemão e holandês). Os dados do alemão e do holandês, diferentemente do inglês, não evidenciam o movimento do DP de Spec/RP para Spec/AspP, uma vez que a posição da partícula é (i) final ou (ii) adjacente ao verbo (esse em posição final). No entanto, com base na hipótese de que a interpretação de afetação do DP<sub>ACC</sub> é dada estruturalmente em Spec/AspP, assumo para essas línguas o movimento do DP<sub>ACC</sub> de Spec/RP para a posição de especificador da projeção funcional aspectual, unificando as

<sup>30</sup> Den Dikken (2003:27) aponta a seguinte generalização empírica para línguas ocidentais germânicas e escandinavas: “*particles and incorporated nouns can be carried along under V2 iff they can felicitously follow the infinitival marker (surfacing between the infinitival marker and the verb stem)*”. Ou seja, os dados em (25)b-b' corroboram a generalização: a partícula antecede o marcador de infinitivo [zu] e não pode ser carregada com o verbo quando esse está em posição V2.

<sup>31</sup> Adicionalmente, não me parece haver fenômenos morfofonológicos relevantes que evidenciem a incorporação de Asp em V. No entanto, uma vez se argumentando que essa incorporação de núcleo a núcleo é realizada e tem consequências morfofonológicas, suposições desse tipo precisariam ser devidamente demonstradas. Assim, na ausência de evidências morfofonológicas relevantes, o ônus da prova recai sobre quem propuser que há incorporação com reflexos na morfofonologia da língua. Por hora, a hipótese nula é de que a incorporação não ocorre – hipótese essa adotada nesta tese.

<sup>32</sup> Den Dikken (2003) (e referências ali citadas) argumenta e demonstra empiricamente que as línguas ocidentais germânicas OV (e seus dialetos) desafiam as análises quando se trata de construções de verbos de partícula. O autor discute vários casos (inclusive no inglês) em que as partículas mostram autonomia sintática em relação ao verbo, analisando-as como constituintes sintáticos autônomos (i.e. a partícula é núcleo de uma projeção máxima, e não subconstituente de elementos lexicais), independentemente da maneira como são grafadas (como afixos verbais ou não).

análises do inglês, alemão e holandês. Em outros termos, o movimento do DP para Spec/RP é assumido como obrigatório, e sua motivação é a codificação da afetação.

As representações em (20), para o inglês, e (24), para alemão e holandês, são as hipóteses de descrição estrutural para resultativas, uma vez que parecem dar conta dos dados. No entanto, parte-se da assunção de que alemão e holandês são línguas *V-final*, apesar de o valor do parâmetro de ordem ser núcleo-complemento.

#### 5.4.2 Descrição estrutural para as inacusativas

A seção 5.1.1 analisou o verbo das resultativas ‘transitivas’, ‘intransitivas’ (inergativas) e ‘ambíguas’ como não atribuidor de papel temático ao DP sujeito da SC ou à própria SC, fazendo com que, no nível de análise relevante, os rótulos ‘transitiva’, ‘intransitiva’ e ‘ambígua’ não tivessem estatuto teórico – assim, essas estruturas são chamadas apenas de *resultativas*.

Conforme apontado na seção 5.1.2, para as resultativas inacusativas, existem aquelas em que V não tem relação temática com o DP sujeito da SC/sujeito de superfície. Nessas, a descrição estrutural abaixo do VP é a mesma das resultativas. A diferença estaria acima do VP, em que, para as inacusativas, não está prevista estrutura para atribuição/checagem de Caso acusativo.<sup>33</sup>

Adicionalmente, em resultativas inacusativas, existem os dados em que V parece estabelecer uma relação temática com o DP sujeito da SC (cf. seção 5.1.2). Se de fato o DP sujeito da SC se comporta como argumento interno do verbo, então a proposta é pensar uma descrição estrutural em que essa atribuição de papel temático seja possível.

Assumo para as resultativas inacusativas as mesmas condições de licenciamento (aspectual) das demais resultativas; a análise prevê, portanto, uma projeção AspP irmã de V. A evidência, embora rara, está em verbos de partícula inacusativos em resultativas, a exemplo de (26)b - dado do alemão com seleção do auxiliar *sein* (atestando a inacusatividade) e verbo de partícula:

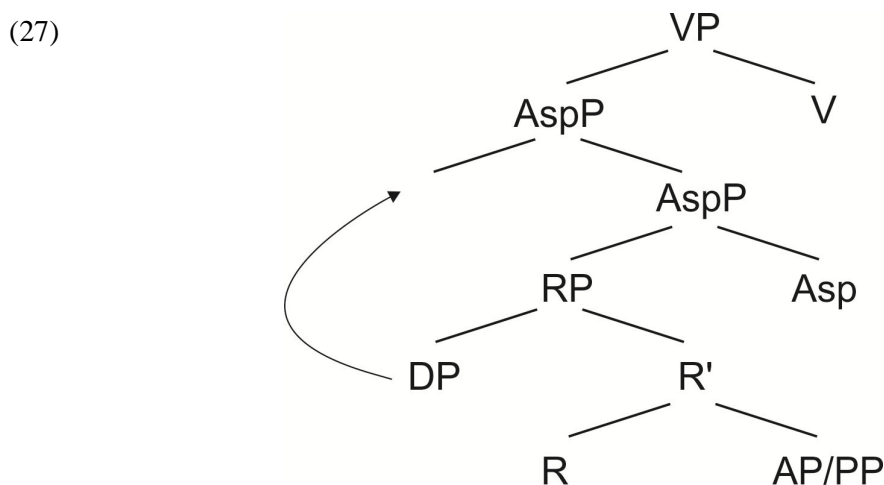
---

<sup>33</sup> Retomarei a estrutura acima no VP na próxima seção.



- (26) a. Die Teller sind **um**gefallen.  
Os pratos são PRT-caído  
'Os pratos tombaram.'
- b. Die Teller sind in Stücke **um**gefallen.  
Os pratos são em pedaços PRT-caído  
'Os pratos tombaram e ficaram em pedaços.'

Assim, para as línguas *V-final*, a estrutura (abaixo do VP) proposta pode ser vista em (27):



A estrutura para resultativas inacusativas (com V atribuidor de papel-theta) em (27) difere da estrutura em (24), proposta para resultativas, no nível da configuração de AspP. Em (24), a projeção máxima AspP domina imediatamente a projeção intermediária Asp'. Diferentemente, em (27), AspP é uma categoria única com dois segmentos – seguindo as definições padrão de categoria, segmento e dominância, providas dos trabalhos de May (1985) e Chomsky (1986).<sup>34/35</sup> É importante frisar que existe apenas uma categoria AspP, tanto em (24) quanto em (27), a diferença sendo que a posição antes concebida como Spec de AspP (em (24)) é adjunto em (27). Em ambas

<sup>34</sup> Para uma pesada crítica a essa abordagem padrão de dominância e adjunção, ver Pullum (1989). Para uma resposta à crítica, ver Chomsky (1990) e Guimarães (2010). Para uma formalização matemática precisa dessa concepção de c-comando, dominância e adjunção, ver Frank & Vijay-Shanker (2001) e trabalhos subsequentes.

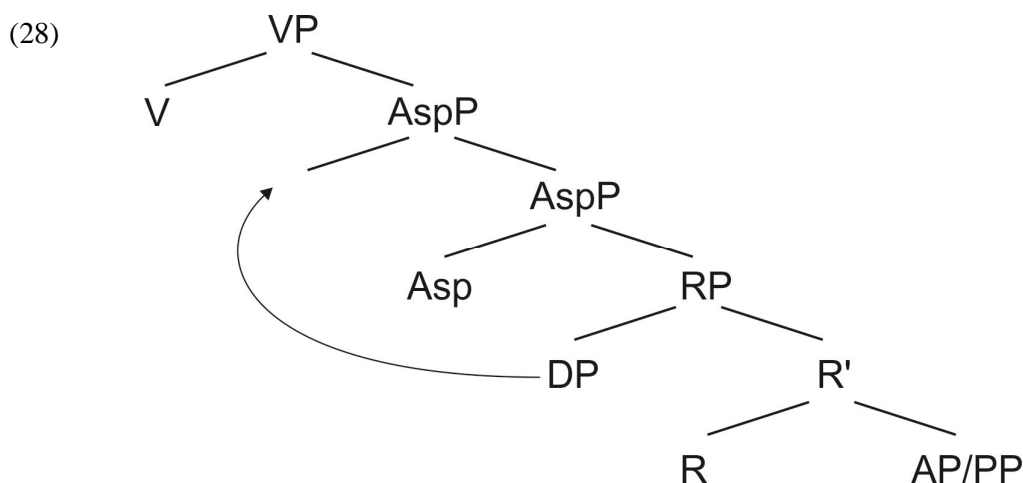
<sup>35</sup> Apesar de eu não estar assumindo inteiramente Kayne (1994), em que não há projeções intermediárias e todos os especificadores são na realidade adjuntos, esse tipo de configuração estrutural se parece com as de Kayne (1994). A diferença significativa é a de que eu não assumo que tal configuração deva existir em todos os lugares em cada gramática, haja vista a configuração proposta para as resultativas (em que V não atribui papel-theta ao DP sujeito da SC).

as estruturas, o Spec de AspP ou o adjunto a AspP c-comandam assimetricamente o núcleo Asp e o complemento de Asp.

Em (27), assume-se o movimento do DP para a posição de adjunto a AspP, posição em que o DP c-comanda Asp e RP. Crucialmente, para os propósitos desta tese, o DP adjunto a AspP c-comanda V: a menor categoria que domina o DP/adjunto é o VP, e não AspP, uma vez que somente um dos dois segmento de AspP domina o DP. Nessa configuração, DP e V se c-comandam mutuamente, em que o c-comando de V para o DP é trivial e o c-comando do DP para V é o resultado do que se conhece como “super c-comando”.

O “super c-comando” é, na realidade, um epifenômeno, pois não se trata de mais uma espécie de relação de comando, mas sim de uma consequência do c-comando comum obtido em estruturas de adjunção, segundo as teorias e trabalhos desenvolvidos e defendidos em Kayne (1994), Moro (2000), Barrie (2006) e Guimarães (2010).<sup>36</sup>

A vantagem da configuração em (27) é que o DP se torna (o segundo) irmão de V, podendo receber o papel temático de argumento interno do verbo inacusativo. Para o inglês, a estrutura recebe a mesma análise e pode ser visualizada em (28):



Nas resultativas inacusativas em que V atribui papel-theta ao DP, representadas em (27) para alemão/holandês e (28) para inglês, o movimento do DP (da posição de sujeito de RP para adjunto a AspP) é motivado, pode-se dizer, para fins de recebimento/atribuição de papel temático. O verbo inacusativo, tendo um papel temático

<sup>36</sup> Para exemplos de trabalhos que estudam fenômenos da gramática (relativas e ilhas) com base na noção de “super c-comando”, ver Kato & Nunes (2009), Gavioli-Prestes (2012) e Guimarães (2012).

a ser descarregado, precisa de um DP na configuração apropriada que possa receber o papel de argumento interno de  $V_{\text{inacusativo}}$ . Adicionalmente, esse movimento é necessário para codificar estruturalmente a interpretação de afetação do DP junto ao núcleo Asp.

Uma questão que se coloca, nesse ponto, é como o sistema computacional barra a possibilidade de adjunção a AspP no caso dos outros verbos e só a permite para certos inacusativos. Esse tipo de pergunta, inclusive, poderia ser tomada como uma ‘desvantagem’ decorrente de uma análise não unificada para todas as resultativas.

Nesse ponto, gostaria de lembrar uma questão empírica interessante. É possível a ‘intransitivização’ dos verbos ‘transitivos’ que participam de resultativas (a exemplo dos dados colocados em (06)a-b, seção 5.1.1). Qualquer que seja o mecanismo da gramática que permite esse tipo de ‘intransitivização’ de transitivos (ou algum tipo de ‘dethematização’/‘absorção’ de papel-theta interno), o mesmo não é permitido para os inacusativos que selecionam argumento interno, i.e. o papel-theta interno de um inacusativo não pode ser ‘absorvido’.<sup>37</sup> Além disso, lembro aqui que a leitura de argumento interno do verbo pode ser cancelada para resultativas ‘transitivas’, mas não para determinadas resultativas inacusativas (conforme os testes feitos na seção 5.1.1, para verbos transitivos, e na seção 5.1.2, para certos inacusativos). Assim, podemos entender como necessária a atribuição de papel-theta interno dos inacusativos em verbos que têm esse papel temático a atribuir. Consequentemente, a adjunção também seria necessária para criar a configuração em que tal atribuição seja possível.

Veamos agora a possibilidade de adjunção em ‘transitivas’ ou para a interpretação transitiva de uma resultativa ‘ambígua’. A adjunção a AspP, a princípio, abriria a possibilidade de atribuição de papel-theta interno, uma vez que o verbo transitivo está em uma configuração em que é possível a atribuição desse papel temático. No entanto, havendo tal adjunção, o sistema seria capaz de prever como gramaticais dados de resultativas com verbos ditos obrigatoriamente transitivos (*\*The bombing destroyed the residents homeless*, ver seção 1.2.2, capítulo 1). Apesar de a questão acerca da participação de verbos obrigatoriamente transitivos em resultativas ser controversa por razões empíricas (i.e. sua dificuldade de testagem, seção 1.2.2, capítulo 1), não vejo como vantagem que o sistema configuracional faça a previsão de que verbos obrigatoriamente transitivos formem resultativas. Esse raciocínio estando no caminho certo (i.e. a adjunção a AspP nesse ambiente sobregera dados), teríamos uma

<sup>37</sup> Ver exemplos na nota 6, seção 5.1.1 deste capítulo.

razão empírica para que o sistema não permita a adjunção a AspP para ‘transitivas’ ou para a interpretação transitiva de uma resultativa ‘ambígua’.

Formalmente, resta a questão teórica acerca dessa proibição. Especulativamente, a condição de adjunção a AspP somente para certos inacusativos teria relação com a impossibilidade de ‘dethematização’/‘absorção’ de theta interno em certos inacusativos de uma maneira geral e para além das resultativas.

Já sobre a possibilidade de adjunção a AspP nos ambientes com verbos intransitivos ou inacusativos sem papel-theta interno, essa adjunção não parece contribuir (uma vez que V não tem papel-theta interno a descarregar), mas também não parece atrapalhar (a posição de segundo irmão do verbo não é temática, mas o DP já recebeu papel-theta (do núcleo) do predicado).

Sobre a atribuição de papel-temático ao DP, temos um outro ponto a ser mencionado. Considerando que o DP sujeito da SC primeiramente recebe papel-theta do predicado/sintagma resultativo, então esse DP receberia dois papéis temáticos: do predicado da SC e do verbo matriz (inacusativo).<sup>38</sup>

O Critério Theta (Chomsky, 1981), dentro da teoria de Princípios e Parâmetros, estabelece que um NP (DP) recebe um e apenas um papel temático. Na seção 2.3.3, do capítulo 2, coloquei a possibilidade, levantada por Hoekstra (2004), de haver dupla atribuição de papel temático ao DP em resultativas ‘transitivas’. Sem motivação empírica, o autor não persegue tal possibilidade – lembrando que a ideia de Hoekstra era a de defender que uma possível dupla atribuição de papel-theta não inviabilizaria a análise da SC complemento do verbo em resultativas. Pois bem, haja vista o que foi argumentado acerca de atribuição de papel temático ao DP em resultativas nesta tese, acredito que existe a motivação empírica para se assumir uma dupla atribuição de papel-theta ao DP em resultativas inacusativas (cujo DP se comporta como argumento interno de V).

Teorias mais recentes desenvolvidas a partir do Programa Minimalista (Chomsky, 1995) assumem a possibilidade de múltipla atribuição de papéis temáticos a um mesmo DP/NP, sendo Hornstein (1999) e Hornstein (2001) os trabalhos precursores dessa abordagem. A Teoria de Controle por Movimento (Hornstein, 1999, 2001; Boeckx & Hornstein, 2003, 2004, 2006; Hornstein & Polinski, 2010; Boeckx, Hornstein &

---

<sup>38</sup> Se alguma análise alternativa tratar afetação como uma espécie de papel temático, nesse caso o DP receberia três papéis-theta. Vale lembrar que nesta tese o núcleo Asp é tido como funcional: portanto não é atribuidor de papel-theta e projeta especificador – em conformidade com a arquitetura de gramática assumida (segundo den Dikken, 2006).

Nunes, 2010; Rodrigues, 2004a, 2004b, 2010) toma controle (a relação anafórica entre o PRO da Teoria de Ligação e seu antecedente) como uma instância de movimento. Em uma cadeia de movimento, conforme assumida pelos autores, um mesmo DP (NP) tem a possibilidade de receber mais de um papel temático ao longo da derivação.

A Teoria de Controle por Movimento, por sua vez, incorpora a Teoria de Movimento por Cópia (Chomsky, 1995; Hornstein, 1995, 2001; Nunes, 1995, 1999, 2001, 2004; Corver & Nunes, 2007), em que o movimento é o resultado das operações de *Copy* e *Merge*. A essas operações se seguem mecanismos de pronúncia e apagamento de cópias que se encontram em relação de cadeia.

Segundo a Teoria de Controle por Movimento, o resíduo do movimento é uma cópia, e não um vestígio. O controle que ocorre entre a cópia de cima e da baixo é uma relação anafórica, sendo que tal relação se segue naturalmente do fato de que os elos da cadeia de movimento são todos eles cópias de um mesmo constituinte com o mesmo índice referencial.<sup>39</sup> Na cadeia de movimento com múltiplas cópias, o *default* é que apenas a cópia mais alta – a que c-comanda todas as outras – seja pronunciada, i.e. tenha seu material fonológico realizado em PF. As outras cópias têm seus traços fonológicos apagados entre *Spell-Out* e *PF*.<sup>40</sup>

Dessa forma, um mesmo DP, ao se mover (*Copy+Merge*) para posições temáticas, vai ‘coleccionando’ papéis temáticos ao longo da cadeia. Dito de outro modo, cada papel temático recebido pelo DP ao longo da derivação é carregado junto com o DP.

Para as resultativas inacusativas (em que V atribui papel-theta interno), com esse tipo de abordagem, é possível analisar o DP sujeito da SC como receptor de dois papéis temáticos ao longo da derivação. O primeiro papel-theta é atribuído pelo sintagma resultativo (AP/PP) ao DP na sua posição de origem (sujeito de RP). Ao se mover para adjunto de AspP, o DP está em uma nova posição temática, em que recebe o papel temático de argumento interno do verbo inacusativo.

Para a análise proposta nesta tese às resultativas, à primeira vista, acredito serem compatíveis tanto a assunção de movimento nos termos ‘tradicionais’ (em que o

<sup>39</sup> Essa mecânica sintática resolve a questão apontada acerca da composicionalidade semântica proposta (seção 5.3), exemplificada com o dado (18), em que a denotação dos nódulos terminais não garante a correferencialidade das entidades denotadas por 'x'.

<sup>40</sup> Segundo Nunes (2001, 2004), há condições ‘especiais’ em que múltiplas cópias são pronunciadas. Existem, adicionalmente, análises em que as cópias mais baixas são pronunciadas com morfologia específica/diferenciada (ver, por exemplo, Hornstein (2001), Guimarães & Mendes (2013) e Trautwein (2013)).

---

constituente movido deixa um vestígio) quanto nos termos da Teoria de Movimento por Cópia/Teoria de Controle por Movimento. Assim, parece-me que fazer uma distinção nesse sentido não interfere de maneira fundamental na proposta de análise.

A próxima seção segue com a discussão da estrutura sintática, olhando agora para a estrutura acima do VP.

### 5.4.3 Sobre a descrição estrutural acima do VP

A proposta de descrição estrutural, até agora, concentrou-se na sintaxe abaixo do VP, uma vez que parece ser esse o local ‘chave’ da formação da resultativa. Com base no comportamento dos dados, foi assumida uma estrutura abaixo do VP ligeiramente diferente para *resultativas inacusativas em que V atribui papel-theta interno* e *resultativas de uma maneira geral* (‘transitivas’, ‘intransitivas’, ‘ambíguas’ e inacusativas em que V não atribui papel-theta interno) – chamadas aqui apenas de *resultativas*. A motivação para essa ligeira diferença nas estruturas é acomodar o recebimento de papel temático do DP em resultativas nas quais o verbo tem um papel-theta interno a atribuir.

Em relação à estrutura acima do VP, conforme já indicado, prevê-se que nas resultativas inacusativas (independentemente de V atribuir papel-theta interno ou não) não haja lugar na estrutura para a checagem de Caso Acusativo. Portanto, o DP em Spec/RP recebe/checa Caso Nom acima do VP, apresentando-se como sujeito de superfície. Já para as resultativas ‘transitivas’, ‘intransitivas’ e ‘ambíguas’ é preciso prever na estrutura (acima do VP) o local para a checagem de Caso Acc. Nesta tese, assumo que o ‘argumento externo/sujeito’ do verbo é projetado em projeção funcional acima do VP, seguindo as análises propostas em Kratzer (1996) e Chomsky (1995). Adicionalmente, essa assunção está de acordo com a proposta em den Dikken (2006), de que categorias lexicais não projetam especificador (conforme exposto na seção 3.1.1, capítulo 3).

Vale notar que, empiricamente, os dados de resultativas estão de acordo com a generalização de Burzio (1986), i.e. a atribuição de Caso Acusativo está condicionada à atribuição de papel-theta externo (pelo verbo), necessariamente. Assim, para uma

sentença com verbo inacusativo, não existe o papel temático de agente nem atribuição de Caso Acc. Nesse sentido, é de se esperar que em uma resultativa inacusativa não seja possível a presença de um DP<sub>ACC</sub>, como de fato exemplificam os dados negativos do alemão em (29):

(29) a. \*Hans starb Marie traurig  
Hans morreu Marie triste  
*Sentido pretendido:* ‘Hans morreu, deixando a Marie triste’.

b. \*Hans ist Marie zornig eingeschliefen  
Hans é Marie zangado adormecido  
*Sentido pretendido:* ‘Hans adormeceu, deixando a Marie zangada’.

Segundo a generalização de Burzio, nos verbos em que há a presença de papel-theta externo, também há a atribuição de Caso Acc – e essa assunção também vale para os verbos intransitivos, i.e. verbos que atribuem uma função-theta ao sujeito e não subcategorizam um objeto. Uma implicação da generalização, tal como formulada, é de que verbos intransitivos são capazes de atribuir Caso Acc (diferentemente dos inacusativos) – embora nem sempre utilizem essa capacidade. Tal implicação é observada nos dados com objetos cognatos, que podem ocorrer com verbos intransitivos (inergativos) mas não com inacusativos, a exemplo de (30):

(30) a. O Luís dormiu um sono reparador.  
b. \*O Luis desmaiou um perder de sentidos prolongado.<sup>41</sup>

Nas resultativas ‘transitivas’, ‘intransitivas’ e ‘ambíguas’, não se assume nesta tese a intransitividade do verbo como condição *a priori*, no entanto, assume-se que o verbo não atribui papel-theta interno, havendo sempre, além do DP<sub>ACC</sub>, a presença de um argumento sujeito/Nom.<sup>42</sup> Nesses dados, o sujeito Nom recebe o papel-theta agente (sendo o sujeito Nom concebido como argumento externo do verbo ou de projeção funcional acima do VP). Havendo então esse argumento Nom, e adicionalmente um DP<sub>ACC</sub>, as resultativas ‘transitivas’, ‘intransitivas’ e ‘ambíguas’ seguem a generalização de Burzio.

<sup>41</sup> Os dados são de Raposo (1992:369).

<sup>42</sup> Excluem-se dessa afirmação as resultativas na forma passiva, que não apresentam o argumento ‘agente’ Nom – como é de se esperar segundo as características desse tipo de construção.

Uma maneira de implementar essa generalização é obtida na análise de  $\nu$ -leve de Chomsky (1995, capítulo 4). Nela, o argumento agente/sujeito é introduzido por uma projeção acima do VP, nucleada por  $\nu$  ( $\nu$ -leve), em que o sujeito é gerado no primeiro especificador de  $\nu$ -leve (o especificador mais baixo). Como hipótese, o Caso Nom é checado em Spec de TP, e as relações de concordância entre sujeito e verbo são intermediadas em T (sem uma projeção AgrS para tanto). O Caso Acc é checado no segundo especificador de  $\nu$ P (o especificador mais alto). A questão da localidade se resolveria considerando a base do axioma em Chomsky (1995, p.355). Se o sujeito é gerado no primeiro Spec de  $\nu$ P, ele não pode se mover para o segundo Spec de  $\nu$ P porque o recebimento de papel-theta e a checagem de Caso não acontecem no âmbito de uma mesma projeção, i.e. estão em uma espécie de “distribuição complementar”, segundo Chomsky (1995, p.312-313). Isso torna o DP sujeito da SC o único constituinte possível de ser movido para o segundo Spec de  $\nu$ P para checar Caso Acc.

Para resultativas inacusativas, não haveria uma projeção  $\nu$ -leve na estrutura; portanto não haveria a posição de papel temático de agente (primeiro Spec de  $\nu$ P) nem a posição para checagem de Caso Acc (segundo Spec de  $\nu$ P), prevendo a agramaticalidade de dados como em (29).

Na análise de den Dikken (2006), apresentada na seção 3.1.1 (capítulo 3), a relação entre sujeito e predicado é mediada estruturalmente pelo núcleo R(elator). Esse núcleo pode ser tomado como  $\nu$ -leve (de Chomsky, 1995),<sup>43</sup> cuja presença é justificada pela necessidade de checagem de Caso Acc. Assim, o sujeito é gerado em Spec/ $\nu$ P, projeção do núcleo R instanciado como  $\nu$ , cujo complemento é o VP. O núcleo  $\nu$  tem um traço de Caso, que é checado contra o traço de Caso do objeto do verbo. Já em construções com verbos inacusativos, não há necessidade de uma projeção  $\nu$ P, sendo que a mediação da relação sujeito-predicado é feita por T.

Para a descrição estrutural das resultativas acima do VP, tomarei a análise como em den Dikken (2006) (e em consistência com a arquitetura de gramática assumida nesta tese), com alguma assunção adicional referente à atribuição de papel temático.

Conforme colocado na seção 3.1.5, capítulo 3, argumentei sobre a possibilidade de atribuição de papel temático do (núcleo do) predicado ao sujeito em uma configuração RP. A posição tomada foi de que essa atribuição é possível, dependendo das características lexicais desse núcleo – inclusive em predicções verbais. Dessa

---

<sup>43</sup> Lembrando que, nesse caso, o estatuto do  $\nu$ -leve é puramente funcional, i.e.  $\nu$ -leve não atribui papel-theta.



---

forma, uma vez  $v$  (núcleo de  $vP$ ) sendo concebido nos moldes de um  $R$  (núcleo de  $RP$ ) e se assumindo a possibilidade de atribuição de papel temático do (núcleo do) predicado ao sujeito nessa configuração, a necessidade da projeção  $vP$  também poderia ser tomada como uma consequência do verbo ter um papel-theta de agente a descarregar, e não o poder fazer dentro da projeção  $VP$  – uma vez que, enquanto núcleo lexical,  $V$  não projeta especificador, segundo o axioma postulado em den Dikken (2006) e assumido nesta tese. O  $DP$  que recebe o papel-theta de agente, vale lembrar, é concebido estruturalmente como especificador de  $v$ , e não como especificador de  $V$ ; uma vez o  $DP$  recebendo papel-theta de  $V$  (quando  $V$  tiver essa característica lexical), então poderíamos entender o  $DP$  como argumento de  $V$ .<sup>44</sup>

Para o holandês e o alemão (quando essas línguas exibem o comportamento  $V2$ ), é preciso lembrar que  $V$  se move para  $I$ , e  $I$  se move para  $C$ , carregando consigo  $V$ ; adicionalmente, o sujeito/ $Nom$ , de sua posição de origem, move-se para  $Spec/TP$ , e de lá para  $Spec/CP$ .

A próxima (e última) seção apresenta os diagramas arbóreos, resumizando a análise proposta para resultativas nesta tese.

#### 5.4.4 As representações estruturais

O objetivo desta seção é sumarizar a configuração estrutural das resultativas proposta nesta tese, representando-a por meio de diagramas. A rigor, trata-se de mais de uma configuração estrutural.

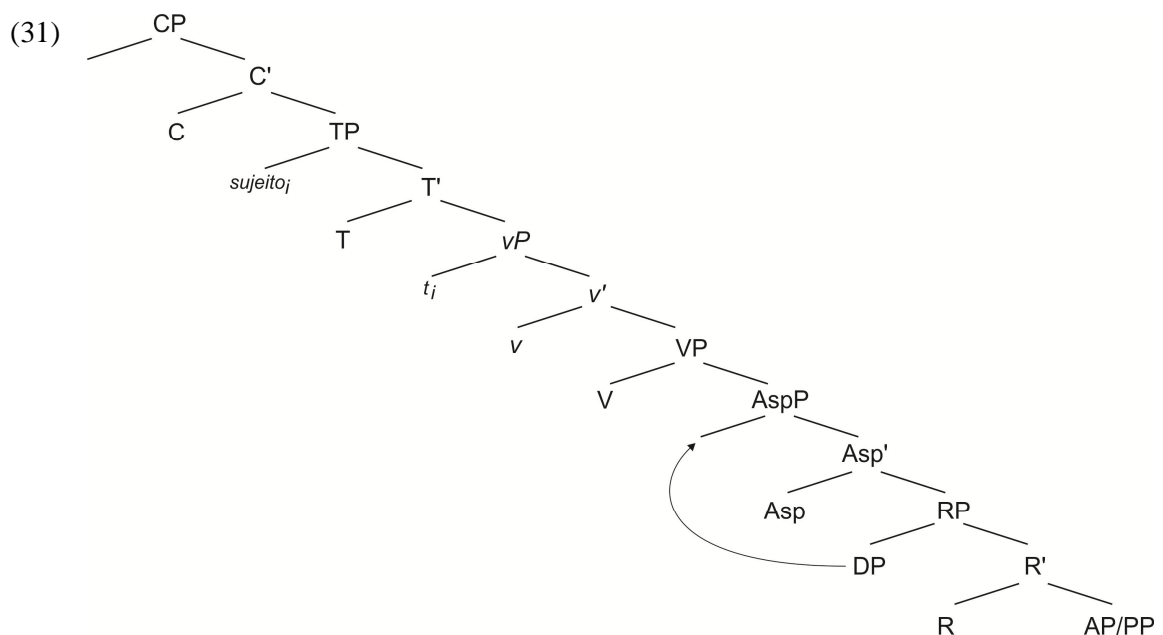
Pensando na ordem dos constituintes, podemos dividir as representações em dois grupos: inglês e alemão/holandês. No inglês, o parâmetro de ordem está fixado em o valor núcleo-complemento, sempre. Já para o holandês/alemão, apesar de o parâmetro de ordem dessas línguas ser considerado núcleo-complemento, elas foram tomadas nesta tese como línguas *V-final*; o núcleo  $Asp$  também é concebido como sendo gerado em posição final (conforme argumentado na seção 5.4.1 deste capítulo).

---

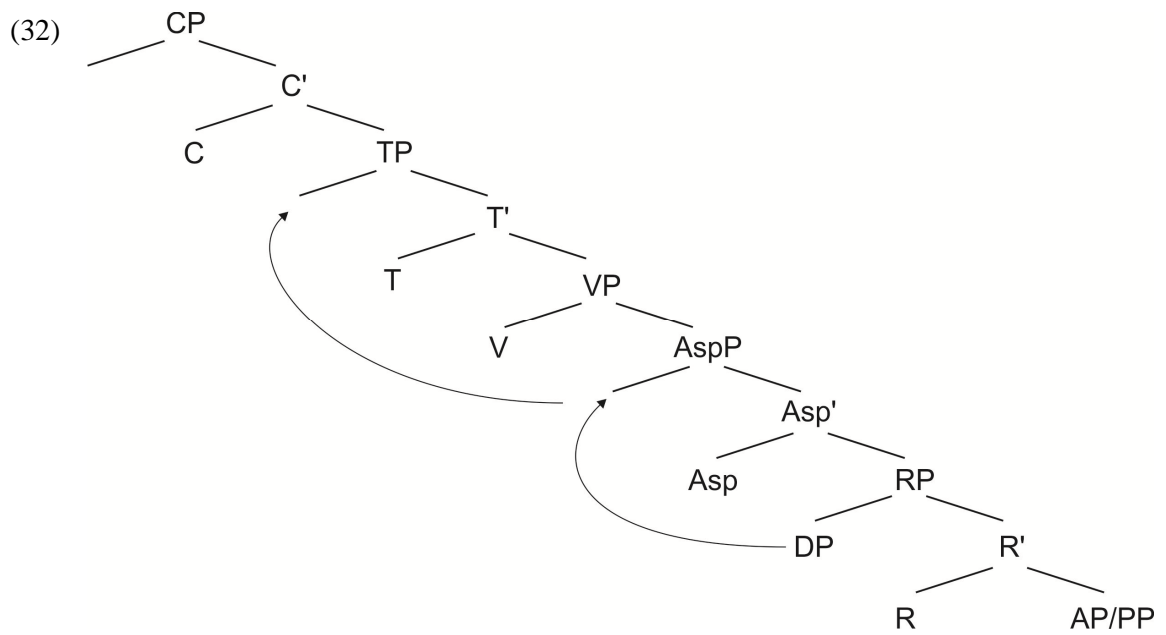
<sup>44</sup> Nesse caso, na denotação de  $V$  (quando da composicionalidade semântica) precisaria haver um lugar para papel-theta agente, o que forçaria uma revisão da extensão de  $V$  em (16), seção 5.3.

Em cada um dos grupos, é preciso prever três tipos de descrição estrutural, a saber: (i) resultativas ‘transitivas’, ‘intransitivas’ e ‘ambíguas’, (ii) resultativas inacusativas em que V não atribui papel-theta interno e (iii) resultativas inacusativas em que V atribui papel-theta interno. Apesar de as resultativas dos dois primeiros grupos terem a mesma descrição estrutural abaixo do VP (em que V não atribui papel-theta interno), é preciso fazer a distinção estrutural devido à configuração acima do VP, uma vez que somente para o primeiro grupo se concebe um *locus* para a checagem de Caso Acc. No terceiro grupo, não há estrutura para agente/Caso Acc, porém é preciso prever (abaixo do VP) a atribuição de papel-theta interno do verbo para o DP<sub>ACC</sub>.

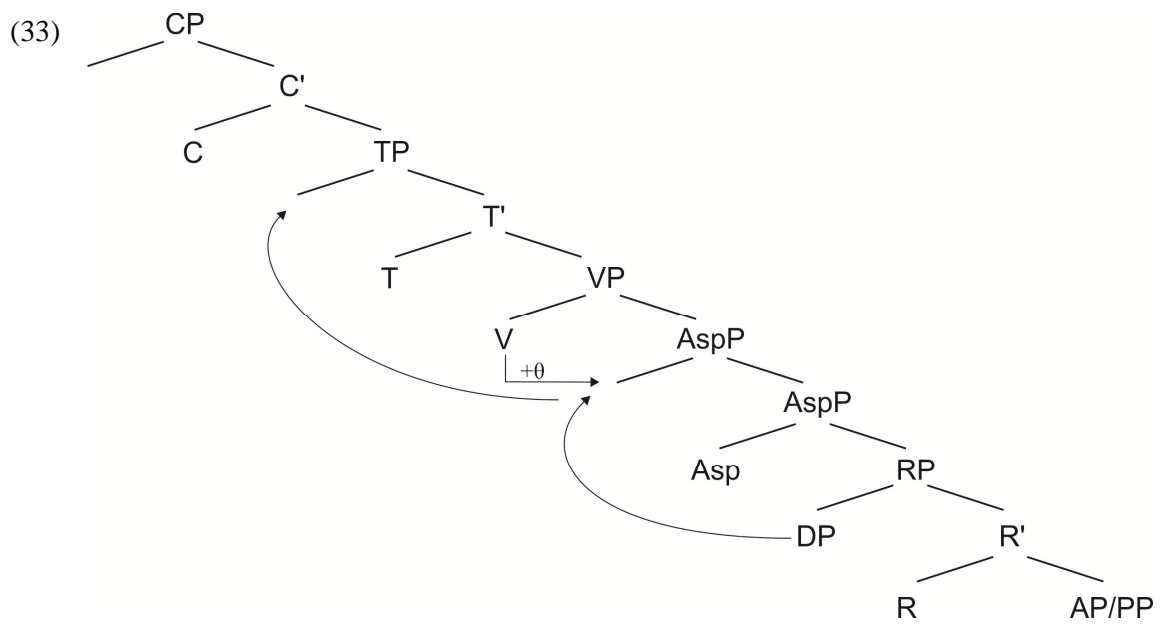
Ao todo, serão seis representações; vamos então a cada uma delas. Em (31), temos a representação (simplificada) das resultativas do inglês (i) ‘transitivas’, ‘intransitivas’ e ‘ambíguas’.



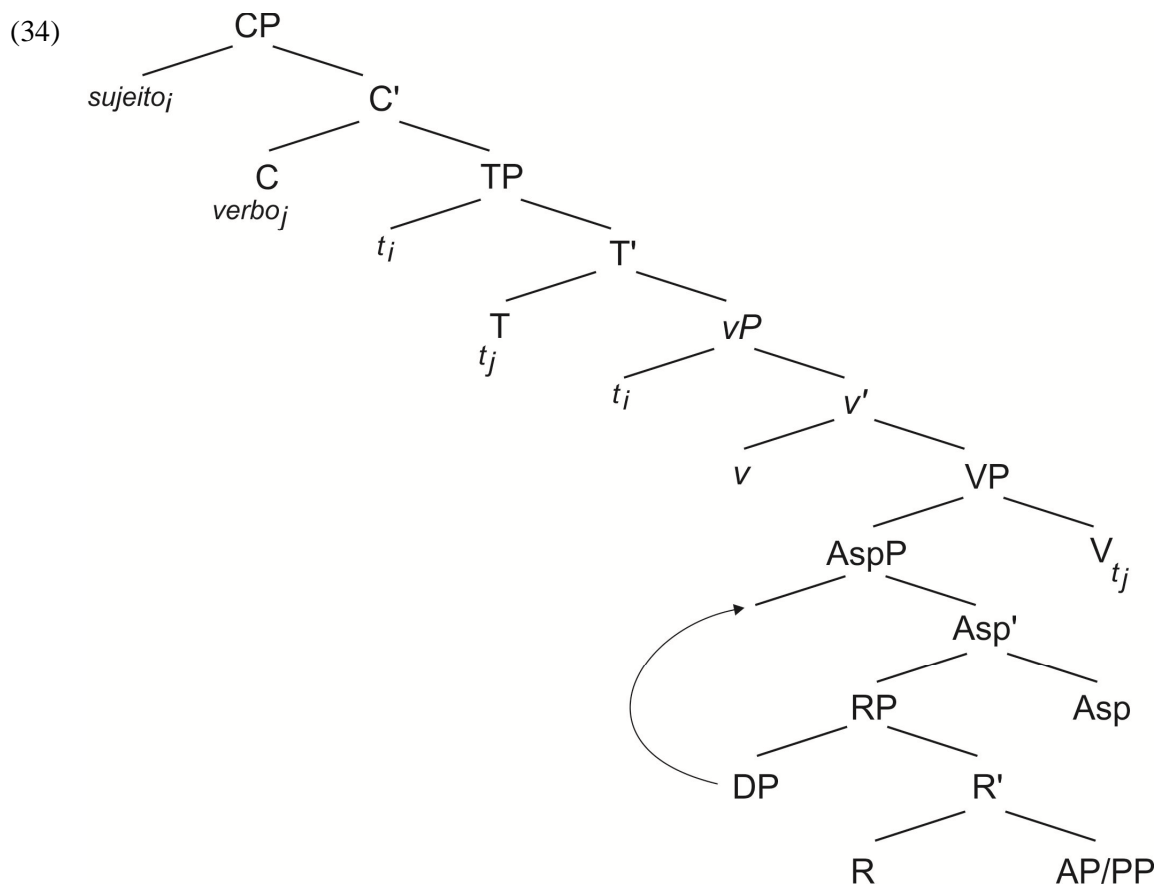
Em (32), segue a descrição estrutural para as resultativas do inglês (ii) inacusativas em que V não atribui papel-theta interno.



O diagrama em (33) representa as resultativas do inglês (iii) inacusativas em que V atribui papel-theta interno.

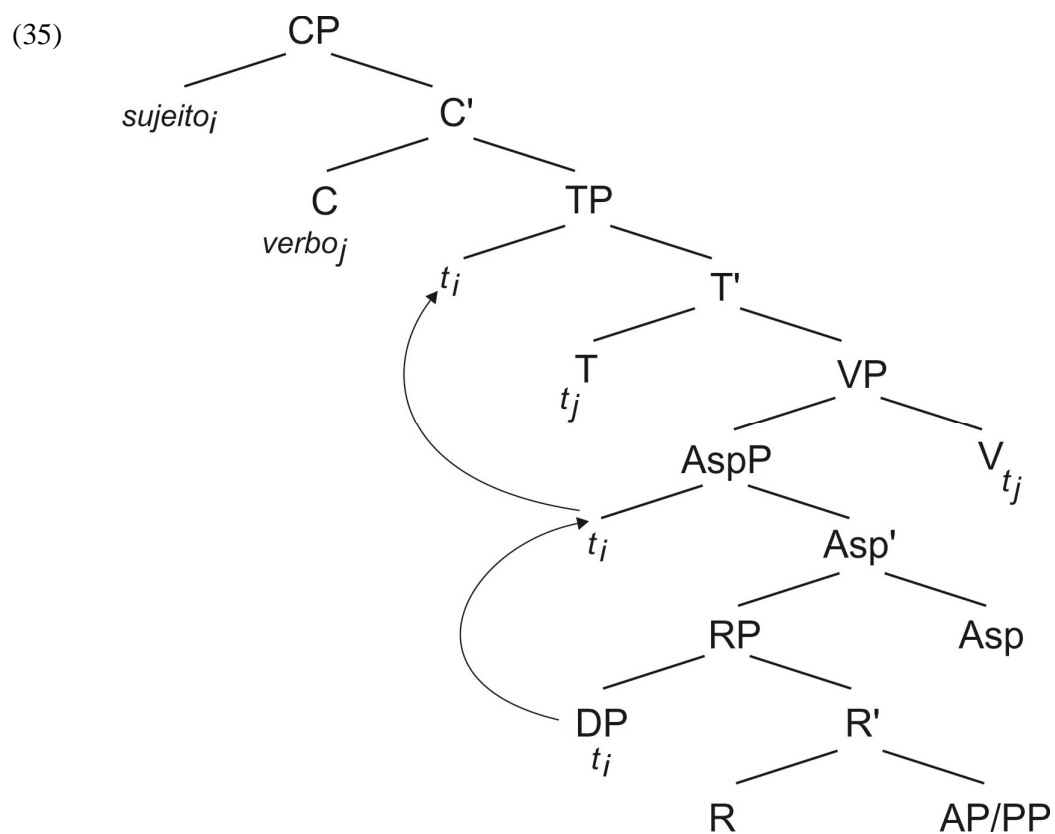


Em (34), temos a representação, também simplificada, das resultativas do alemão/holandês (i) ‘transitivas’, ‘intransitivas’ e ‘ambíguas’.<sup>45</sup>

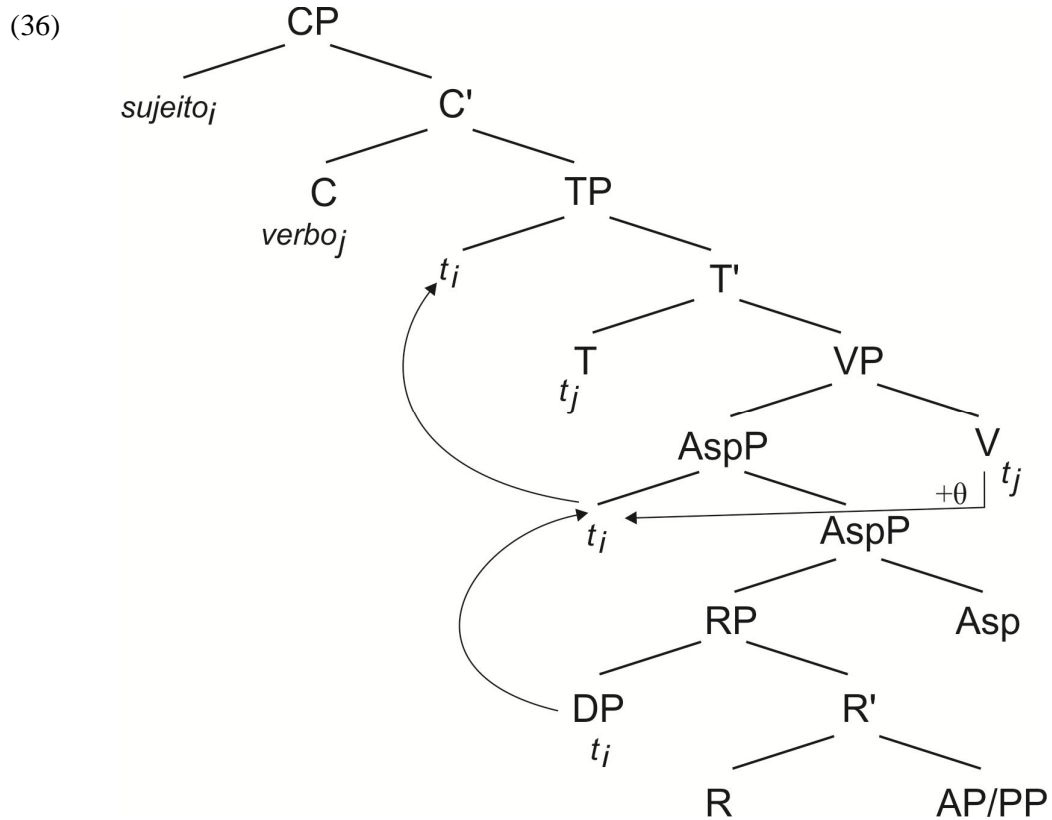


A descrição estrutural para as resultativas do alemão/holandês (ii) inacusativas em que V não atribui papel-theta interno está representada em (35).

<sup>45</sup> Os diagramas representam as construções sem verbos auxiliares. Na presença de um verbo auxiliar, a estrutura é essencialmente a mesma; salvo o V principal, que se mantém dentro do VP, e o verbo auxiliar, que é gerado em T e se move para C.



Finalmente, o diagrama arbóreo em (36) ilustra as resultativas do alemão/holandês (iii) inacusativas em que V atribui papel-theta interno.



Em todas as representações, é previsto o movimento do DP de Spec/AspP para Spec/TP, seguindo a hipótese de que a interpretação de afetação é dada estruturalmente em Spec/AspP. Nas resultativas inacusativas em que V atribui papel-theta interno (as subdivididas no item (iii)), o movimento (também) é motivado para recebimento de papel-theta interno do DP (sujeito da SC) pelo verbo.

---

## CONSIDERAÇÕES FINAIS E DESDOBRAMENTOS

Esta tese de doutorado investigou as construções resultativas nas línguas ocidentais germânicas: alemão, inglês e holandês. Essa investigação, pautada em levantamento empírico, abordou questões principalmente sintáticas, mas também algumas questões morfológicas e semânticas, na tentativa de uma compreensão mais acurada do objeto de estudo.

Uma das perguntas-chave que nortearam toda a pesquisa diz respeito a quais seriam os mecanismos sintáticos (morfológicos e semânticos) que geram a interpretação causativa de ação com estado resultante sobre um DP, gerada a partir da sequência: [V DP AP/PP]. A questão é sobretudo intrigante do ponto de vista da estrutura argumental do verbo: na grande maioria dos casos, o DP que sofre a ação verbal não é subcategorizado, digamos, pelo verbo – e talvez esse tenha sido um dos muitos motivos que fizeram desse tema um assunto tão debatido na literatura. O comportamento do DP como não argumento semântico do verbo, e por vezes como argumento, foi ponto central da pesquisa, referido como se tratando de uma questão temática.

Outra questão igualmente interessante diz respeito à variação paramétrica em relação à formação de resultativas. Existe uma assunção – poderíamos dizer que até bem estabelecida na literatura técnica – de que línguas românicas não formam resultativas ‘genuínas’, diferentemente das línguas foco de estudo da tese, i.e. alemão, inglês e holandês. Essa assunção foi retomada e investigada empiricamente neste trabalho, tomando-se como língua representativa do grupo românico o português brasileiro. Existem, nessa língua, dados que se confundem com resultativas (as chamadas resultativas adverbiais e pseudoresultativas); existem, no entanto, outros dados que demandam, na minha opinião, uma investigação empírica mais cautelosa antes de serem excluídos do que se chama aqui resultativas. Para esses dados, inclusive, é preciso uma abordagem específica – ainda por ser feita.

Sendo as resultativas um tema tão recorrente na literatura, a pesquisa também investigou as generalizações empíricas existentes acerca do fenômeno, corroborando algumas e refutando outras. As abordagens feitas até então, a meu ver, careciam de uma cobertura empírica mais ampla e robusta acerca do tema – provavelmente justificada

pelos propósitos a que se destinavam. Um dos intuitos desta tese, portanto, foi o de reunir um conjunto robusto e mais exaustivo de dados que pudesse dar uma maior cobertura empírica do fenômeno, para desta forma poder se estabelecer (ou questionar) generalizações.

Assim, o primeiro capítulo da tese apresentou a maior parte dos dados a serem analisados, descrevendo as propriedades das construções resultativas. Com esse suporte, as generalizações sobre resultativas já propostas na literatura foram revisitadas e submetidas a exame minucioso. Adicionalmente, o capítulo 1 fez uma comparação (empírica) das resultativas nas línguas foco da tese com as línguas românicas, tomando o PB como exemplo e reforçando a assunção de que não são formadas resultativas nessas últimas línguas. Nesse aspecto, ilustrou-se a variação paramétrica com dados do italiano e do japonês.

O capítulo 1 também investigou uma questão morfológica referente ao núcleo do AP, mostrando que determinadas generalizações feitas com base na morfologia do adjetivo em resultativas são, no mínimo, controversas. Para ilustrar a complexidade da questão morfológica, foram trazidos dados de resultativas em outras línguas (mandarim, finlandês, húngaro e norueguês).

O capítulo 2 se deteve na análise da sequência [DP<sub>ACC</sub> sintagma-resultativo]<sup>1</sup>, mostrando que o sintagma resultativo pode ser de base AP, PP e, bem mais restritivamente, de base NP. Resultativas de base VP (infinitivo) são impossíveis – restrição essa que permanece sem explicação. As análises de resultativas em Kratzer (2005) e Hoekstra (1988, 1992, 2004) foram retomadas e servem de base para a análise desta tese – sobretudo a última. A primeira hipótese de trabalho é feita, em que se assume a sequência [DP<sub>ACC</sub> AP/PP] como um constituinte do tipo *Small Clause*, a representação da relação sujeito-predicado entre DP<sub>ACC</sub> e AP/PP. A partir da análise de Hoekstra e do comportamento empírico dos dados, assume-se uma segunda hipótese: a de que a integração da SC com o verbo matriz é dada por meio de um licenciamento lexical-aspectual.

O capítulo 3 coloca a estrutura interna da SC, tomando-a como na análise proposta em den Dikken (2006). Nela, as relações de predicação são mediadas por um núcleo funcional R(elator), *placeholder* para qualquer núcleo que intermedie relações de sujeito e predicado. A SC, então, é tomada como um RP, projeção do núcleo R. Em

---

<sup>1</sup> Vou me referir a esse DP como Acc, mas se deve ter em mente que em inacusativas o DP da sequência tem Caso Nom e se manifesta como sujeito de superfície.



---

seguida, foi esboçada a teoria de localidade (*Phase Extension*) adotada na tese (den Dikken, 2006, 2007a, 2007b), subjacente à proposta RP. O capítulo segue com a investigação de como o RP se instancia no esqueleto estrutural da sentença; investigou-se a possibilidade do RP ser tomado como um adjunto do VP ou como um complemento do verbo. Com base no suporte empírico nas línguas ocidentais germânicas e na comparação com os dados de resultativas do coreano, concluiu-se que a possibilidade mais plausível seria de que o RP é complemento de V, evitando inclusive a sobreposição de dados pela análise.

O capítulo 4 inicia discutindo as construções locativas, com o objetivo de excluir esse tipo de dado do escopo do trabalho, apesar de uma eventual semelhança que se possa averiguar entre resultativas e locativas. Em seguida, foram apresentadas as construções de verbos de partícula em que se apresentam predicados adicionais, entre eles o sintagma resultativo. São três os objetivos de levantar a análise e os dados: o primeiro deles é mostrar empiricamente a possibilidade de coocorrência de verbos de partícula e sintagmas resultativos. O segundo objetivo foi o de apresentar indícios mais consistentes para a organização interna das construções resultativas a partir do exame da ordem dos constituintes nesse contexto. O terceiro e último objetivo foi o de apresentar base empírica para a hipótese de que a partícula seria a realização fonológica de um núcleo funcional de natureza aspectual, proposto para a descrição estrutural das resultativas no capítulo 5.

O capítulo 5 apresenta uma proposta de análise para as resultativas estudadas na tese. Após uma longa discussão sobre a questão temática, o quinto capítulo inicia com um posicionamento em relação à questão, a saber: exceto para algumas inacusativas, o DP<sub>ACC</sub> não é theta-marcado pelo verbo. Novamente, essa hipótese acerca da atribuição de papel temático tem como suporte novos testes empíricos, chamados de cancelamento de transitividade (inspirados em Hoekstra (1988)).

A análise segue com a proposta de que o verbo pode selecionar como complemento uma projeção aspectual AspP, que tem a função de licenciar a resultativa. Para que o licenciamento ocorra, o verbo precisa ter determinadas condições lexicais-aspectuais. O núcleo Asp pode ser nulo ou fonologicamente manifesto – nesse último caso, é a partícula aspectual (apresentada no capítulo 4) que preenche o núcleo. Asp, por sua vez, seleciona um RP como complemento.

A partir dessa configuração, é esboçada uma possibilidade de composicionalidade semântica em relação à estrutura sintática. Com base na

característica sempre presente em resultativas de que o DP<sub>ACC</sub> é objeto afetado pelo verbo, a denotação de Asp é hipotetizada como sendo chave para essa interpretação. A última seção do capítulo 5 investiga os desdobramentos sintáticos da configuração. Entre eles, estão as questões de ordem de constituintes e a estrutura acima do VP.

A análise desenvolvida no capítulo 5 prevê um sintagma de natureza aspectual (AspP) entre V e SC (assumida como tendo estatuto teórico de um RP). Argumentou-se pela necessidade das projeções AspP e RP (i) como forma de prever uma posição sintática para uma partícula de natureza aspectual, (ii) para licenciar a resultativa em termos aspectuais e (iii) para dar conta da ordem dos constituintes. Para pesquisa futura, seria interessante pensar em testes de quantificadores flutuantes, reconstrução em LF e escopo como forma de sustentar a necessidade das referidas projeções.<sup>2</sup>

A investigação sobre resultativas não se encerra nesta tese – muito pelo contrário. Várias questões ficaram em aberto e há potencial para se levantar outras tantas. Entre as potenciais questões dignas de nota, está uma a respeito de quais seriam os traços envolvidos na combinação de um verbo (de atividade) com um Asp (assumindo que *Merge* externo também seja guiado por traços, segundo Chomsky (2008)).<sup>3</sup> Seriam esses traços aspectuais? Ora, AspP se configura como um tipo de argumento de natureza aspectual à medida que confere telicidade ao evento. Nesse sentido, o verbo pode aparecer sem AspP, mas AspP precisa estar ligado a um verbo de atividade para formar uma resultativa.

Eu gostaria ainda de colocar mais uma questão – talvez a mais intrigante de todas: o que condiciona a variação paramétrica entre as línguas, especificamente entre as línguas ocidentais germânicas e as línguas românicas? Uma possibilidade a ser investigada poderia tomar como ponto de partida a presença ou não na língua de um núcleo Asp. Se a hipótese levantada nesta tese estiver na linha certa, o núcleo Asp é a chave para a formação de resultativas, e ele pode ser fonologicamente realizado por uma partícula verbal. Nesse sentido, as línguas românicas não apresentam verbos de partícula. No entanto, é importante notar que uma tentativa de análise nessa direção também precisaria, a meu ver, levar em conta outras línguas que apresentam resultativas (como finlandês, húngaro e norueguês, por exemplo), e que apresentam questões em relação à complexidade morfológica do adjetivo em questão. Trata-se, de saída, de uma questão empírica.

<sup>2</sup> Agradeço a Cilene Rodrigues (c.p.) por sugerir estes tipos de teste.

<sup>3</sup> Agradeço a Marcus Vinicius da Silva Lunguinho (p.c.) por me apontar essa questão.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABNEY, S. **The English noun phrase in its sentential aspect**. Doctoral dissertation, MIT, 1987.
- ASADA, Y. *Secondary Predication in Japanese and Aspectual Structure*. **Proceedings of the 2nd International Conference on East Asian Linguistics**, 2009.
- ASADA, Y. *Against the complex predicate analysis of secondary predication*. **Proceedings of ConSOLE XVII**, p.53-76, 2012.
- BACH, E. *The algebra of events*. **Linguistics and Philosophy** 9, p. 5-16, 1986.
- BAKER, M. **Incorporation: a theory of grammatical function changing**. Chicago: University of Chicago Press, 1988.
- BARBOSA, J. W. C. **A estrutura sintática das chamadas “construções resultativas em PB”**. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.
- BARRIE, M. J. M. **Dynamic antisymmetry and the syntax of noun incorporation**. Tese (Doutorado). Universidade de Toronto: Toronto, 2006.
- BEAVERS, J. **On affectedness**. Unpublished ms., University of Texas, Austin, 2008.
- BIBERAUER, T.; HOLMBERG, A.; ROBERTS, I. *Disharmonic word-order systems and the Final-over-Final-Constraint (FOFC)*. In: BISETTO, A.; BARBIERI, F. (eds). **Proceedings of XXXIII Incontro di Grammatica Generativa**, 2007.
- BOECKX, C.; HORNSTEIN, N. *Reply to “Control is not movement.”*. **Linguistic Inquiry** 34: 269–280. Cambridge, MA: MIT Press, 2003.
- BOECKX, C.; HORNSTEIN, N. *Movement under control*. **Linguistic Inquiry** 35: 431–452. Cambridge, MA: MIT Press, 2004.
- BOECKX, C.; HORNSTEIN, N. *The virtues of control as movement*. **Syntax** 9: 118–130, 2006.
- BOECKX, C., HORNSTEIN, N.; NUNES, J. **Control as Movement**. Cambridge University Press: Cambridge, 2010.
- BOWERMAN, M. Paper presented at workshop on language acquisition at NIAL, 1990.
- BOWERS, J. *The syntax of predication*. **Linguistic Inquiry** 24, 591-656, 1993.

- 
- BURZIO, L. **Italian Syntax**: a government and binding approach. Dordrecht: D. Reisel Publishing Company, 1986.
- CAMARA JR., J.M. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes. 1970.
- CARDINALETTI, A.; GUASTI, M. T. *Small clauses: some controversies and issues of acquisition*. In: CARDINALETTI, A.; GUASTI, M. T. (Ed.). **Syntax and Semantics**. London & New York: Academic Press, p. 1–23, 1995.
- CARLSON, G. *A Unified Analysis of the English Bare Plural*. **Linguistics and Philosophy** 1, p. 413-457, 1977.
- CARREIRA, M. B., KNÖPFLE, A. *Uma análise teórico-empírica de predicação secundária*. In: **Estudos Linguísticos**, São Paulo, 42(1): p.182-194, jan-abr 2013.
- CARRIER, J.; J. H. RANDALL. *The Argument Structure and Syntactic Structure of Resultatives*. **Linguistic Inquiry** 23(2), p.173-234, 1992.
- CHOMSKY, N. **Lectures on government and binding**. Dordrecht: Foris, 1981.
- CHOMSKY, N. **Barriers**. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1986.
- CHOMSKY, N. *On formalization and formal linguistics*. **Natural language & Linguistic theory**, v. 8, no 1, p. 143-147, 1990.
- CHOMSKY, N. *Some notes on economy of derivation and representation*. In: **Principles and parameters in comparative grammar**. Robert Freidin (ed.). p. 417-454. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1991.
- CHOMSKY, N. *A minimalist program for linguistic theory*. In HALE, K.; KEYSER, S.J. (eds.). **The view from Building 20**. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1993.
- CHOMSKY, N. **The Minimalist Program**. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1995.
- CHOMSKY, N. *Minimalist inquiries: the framework*. In: Roger Martin, David Michaels, and Juan Uriagereka (eds.). **Step by Step**: Essays on Minimalist Syntax in Honor of Howard Lasnik, p. 89–155. Cambridge, MA: MIT Press, 2000.
- CHOMSKY, N. *Derivation by phase*. In: Michael Kenstowicz (ed.). **Ken Hale: A Life in Language**, p. 1–52. Cambridge, MA: MIT Press, 2001.
- CHOMSKY, N. *On Phases*. In: FREIDIN, R.; OTERO, C. P.; ZUBIZARRETA, M. L. (Eds.). **Foundational Issues in Linguistic Theory**: Essays in Honor of Jean-Roger Vergnaud. pp. 133-166. Cambridge, MA: MIT Press, 2008.
- CHOMSKY, N.; LASNIK, H. *The theory of principles and parameters*. In: JACOBS, J. et al. (eds.). **Syntax: An international Handbook of Contemporary Research**. Berlin: de Gruyter, 1993.

- 
- COLLINS, C. **Local Economy**. Cambridge, MA: MIT Press, 1997.
- CORVER, N.; NUNES, J.. **The Copy Theory of Movement**. Amsterdam: John Benjamins, 2007.
- DAVIDSON, D. *The Logical Form of Action Sentences*. In: **The Logic of Decision and Action**. Nicholas Rescher (ed.), p. 81-95. Pittsburgh: University of Pittsburgh Press, 1967.
- DÉCHAINÉ, R. **Predicates across Categories**: Towards a Category-Neutral Syntax. Unpublished doctoral dissertation, University of Massachusetts, Amherst, 1993.
- DIKKEN, M. Den. *Secundaire predicatie en de analyse van small clauses*. **GLOT** 10, p. 1-28, 1987.
- DIKKEN, M. Den. **Particles**: On the Syntax of Verb-Particle, Triadic and Causative Constructions. Oxford: OUP, 1995.
- DIKKEN, M. Den. **When particles won't part**. Ms., CUNY Graduate Center, 2003.
- DIKKEN, M. Den. **Relators and Linkers**: the Syntax of Predication, Predicate Inversion, and Copulas. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 2006.
- DIKKEN, M. Den. *Phase Extension: Contours of a theory of the role of head movement in phrasal extraction*. **Theoretical Linguistics** 33, p.1–41, 2007a.
- DIKKEN, M. Den. *Phase Extension: A reply. Reaction to commentaries on 'Phase Extension: Contours of a theory of the role of head movement in phrasal extraction'*. **Theoretical Linguistics** 33, p.133–163, 2007b.
- DIKKEN, M. Den; HOEKSTRA, E. *No Cause for a Small Clause? (Non )Arguments for the Structure of Resultatives*. In: **Groninger Arbeiten zur germanistischen Linguistik** 37, p.89–105, 1994.
- DOWTY, D. **Word Meaning and Montague Grammar** — The Semantics of Verbs and Times in Generative Semantics and in Montague's PTQ. Dordrecht: Reidel Publishing Company, 1979.
- EMONDS, J. **A Unified Theory of Syntactic Categories**. Dordrecht: Foris, 1985.
- FABB, N. A. J. **Syntactic Affixation**. MIT Ph.D. dissertation, 1984.
- FOLLI, R.; GILLIAN, R. *Prepositions and Results in Italian and English: An Analysis from Event Decomposition*. In: Henk Verkuyl, Henriette De Swart & Angeliek Van Hout (eds.), **Perspectives on aspect**, 81-105. Dordrecht: Springer, 2005.
- FOLTRAN, M. J. G. D. **As construções de predicção secundária no português do Brasil: aspectos sintáticos e semânticos**. Tese de Doutorado – Universidade de São Paulo, 1999.

- 
- FONG, V. *Resultatives and depictives in Finnish*. In: **Generative Approaches to Finnic and Saami Linguistics**, Diane Nelson and Satu Manninen (eds.). Stanford: CSLI, 2003.
- FRANK, R.; VIJAY-SHANKER, K. *Primitive C-Command*. **Syntax**, 4. p.164-204. 2001.
- GAVIOLI-PRESTES, C. M. **Fatores determinantes na classificação de orações subordinadas como relativas livres**. Dissertação de mestrado. 112f. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.
- GEUDER, W. **Oriented adverbs: Issues in the lexical semantics of event adverbs**. Doctoral Dissertation, Universität Tübingen, 2000.
- GUÉRON, J.; HOEKSTRA, T. *The temporal interpretation of predication*. In: CARDINALETTI, A.; GUASTI, M. T. (Ed.). **Syntax and Semantics**. San Diego: Academic Press, p.77-107, 1995.
- GUIMARÃES, M. *How Much Formal(ized) Should Generative (Transformational) Grammar Be?*. Trabalho apresentado no VIII Workshop on Formal Linguistics, Universidade de São Paulo, August 6th & 7th, 2010.
- GUIMARÃES, M. **Super C-comando, Adjuntos e (Não-)Binariedade: soluções e problemas**. PUC/RJ: Apresentação de Trabalho/Palestra. 2012.
- GUIMARÃES, M.; MENDES, G. *Interação entre foco, morfologia e controle em PB: Evidências adicionais para a Teoria de Controle por Movimento*. **Revista Linguística/Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro**. Volume 9, n. 1, p.158-187, 2013.
- HAEGEMAN, L. **Introduction to Government & Binding Theory**. 2nd ed. Oxford: Blackwell, 1994.
- HALE, K.; KEYSER, S. J. **On Argument structure and the lexical expression of syntactic relations**. MIT, 1993.
- HALLE, M.; MARANTZ, A. *Distributed Morphology and the Pieces of Inflection*. In: HALE, K.; KEYSER, S. (eds.). p.111–176. **The View from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger**, Cambridge, MA: MIT Press, 1993.
- HEYCOCK, C. *The internal structure of small clauses*. **Proceedings of NELS 25**, p. 223–238. Amherst, MA: GLSA, 1994.
- HOEKSTRA, T. *Small clause results*. **Língua** 74, p.101-139, 1988.
- HOEKSTRA, T. **Small Clauses Everywhere**. Ms., University of Leiden, 1991.
- HOEKSTRA, T. *Aspect and theta-theory*. In: ROCA, I. M. (ed.). **Thematic structure: Its role in grammar**. Dordrecht: Foris, 1992.

- 
- HOEKSTRA, T. *Small clauses everywhere*. In: **Arguments and Structure: Studies on the Architecture of the Sentence**. Sybesma, R.; Barbiers, S.; Dikken, M. Den; Doetjes, J.; Postma, G.; Wyngaerd, G.Vanden. (eds). Berlin: Mouton de Gruyter, 2004.
- HOEKSTRA, T.; LANSU, M; WESTERDUIN, M. *Complex verbs*. In: **Arguments and Structure: Studies on the Architecture of the Sentence**. Sybesma, R.; Barbiers, S.; Dikken, M. Den; Doetjes, J.; Postma, G.; Wyngaerd, G.Vanden. (eds). Berlin: Mouton de Gruyter, 2004.
- HOEKSTRA, T.; MULDER, R. *Unergatives as copular verbs: Locational and existential predication*. **The Linguistic Review** 7, p. 1–79, 1990.
- HONG, S-M. **Exceptional Case-marking and Resultative Constructions**. Doctoral Dissertation, University of Maryland at College Park, 2005.
- HORNSTEIN, N. **Logical Form: From GB to Minimalism**. Oxford: Blackwell, 1995.
- HORNSTEIN, N. *Movement and control*. **Linguistic Inquiry** 30(1): p. 69-96, 1999.
- HORNSTEIN, N. **Move! A Minimalist Theory of Construal**. Oxford: Blackwell, 2001.
- HORNSTEIN, N.; POLINSKI, M. **Movement Theory of Control**. Amsterdam: John Benjamins, 2010.
- HUANG, C.-T. J.. **Logical Relations in Chinese and the Theory of Grammar**. Ph.D. thesis, Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, MA, 1982.
- HIGGINBOTHAM, J. *On semantics*. **Linguistic Inquiry** 16 (4), p.547-593, 1985.
- HIGGINBOTHAM, J. **Tense, Aspect, and Indexicality**. Oxford University Press Inc., New York, 2009.
- JESPERSEN, O. **The Philosophy of Grammar**. New York: Norton, 1924.
- KATO, M.; NUNES, J. *A Uniform Raising Analysis for Standard and Non Standard Relative Clauses in Brazilian Portuguese*. In: Nunes (ed.) **Minimalist Essays on Brazilian Portuguese Syntax**. p. 93-120. Amsterdam: John Benjamins, 2009.
- KAYNE, R. **Connectedness and binary branching**. Dordrecht: Foris, 1984.
- KAYNE, R. *Principles of particle constructions*. In: Jacqueline Guéron and Hans-Georg Obenauer, (eds.). **Grammatical Representation**, p.101–140. Dordrecht: Foris, 1985.
- KAYNE, R.S. **The Antisymmetry of Syntax**. Cambridge: MIT Press, 1994.
- KIM, S.; MALING, J. *Resultatives: English vs. Korean*. **Japanese/Korean Linguistics** 7: 363-379, 1998.
- KISS, K. É. **The Syntax of Hungarian**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

- 
- KNÖPFLE, A. **A estrutura sintática das resultativas adjetivais no alemão: uma proposta a partir de Kratzer (2005)**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010a.
- KNÖPFLE, A. *Tense features and their effect on extraction from adjuncts in German adjectival resultatives*. Abridged article presented in: **VIII Workshop on Formal Linguistics**, São Paulo, 2010b.
- KNÖPFLE, A. *Resultativas adjetivais e o estatuto nu do adjetivo*. In: **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 19, n. 1, p. 115-142, 2011.
- KRATZER, A. *Stage-Level and Individual-Level Predicates*. NSF Grant Report, BNS 8719999, UMASS, 1989.
- KRATZER, A. *Stage Level and Individual Level Predicates*. In: **The Generic Book**. G. Carlson and F.J. Pelletier (ed.). Chicago: University of Chicago Press, 125-175, 1995.
- KRATZER, A. *Severing the external argument from its verb*. In: ROORYCK, J.; ZARING, L. (Eds.). **Phrase structure and the lexicon**. Dordrecht: Kluwer, p.109-137, 1996.
- KRATZER, A. **The Event Argument and the Semantics of Verbs**. 2003.
- KRATZER, A. *Building resultatives*. In: MAIENBAUM, C.; WÖLLSTEIN-LEISEN, A. (eds.). **Event arguments in syntax, semantics, and discourse**. Tübingen: Niemeyer, 2005.
- LARSON, R. *On the double object construction*. **Linguistic Inquiry** 19, p.335-391, 1988.
- LARSON, R. *Double objects revisited: reply to Jackendoff*. **Linguistic Inquiry** 21, p.589-632, 1990.
- LASNIK, H.; URIAGEREKA, J. **A course in GB syntax**. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1988.
- LEVIN, B.; RAPPAPORT HOVAV, M. **Unaccusativity: at the syntax-lexical semantics interface**. Linguistic Inquiry Monograph 26. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1995.
- LEVINSON, L. **The roots of verbs**. Doctoral Dissertation, New York University, 2007.
- LEVINSON, L. *Arguments for pseudo-resultative predicates*. In: **Natural Language and Linguistic Theory**, Volume 28.1, 2010.
- LEWIS, D. *Causation*. **Journal of Philosophy** 70, p.556-567, 1973.
- LIEBER, R. **Deconstructing morphology**. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.



- 
- LOBATO, L. *Afinal, existe a construção resultativa em português?* In: NEGRI, L.; FOLTRAN; M. J.; PIRES DE OLIVEIRA, R. (orgs.). **Sentido e Significação**. São Paulo: Contexto, 2004.
- MARANTZ, A. *No Escape from Syntax: Don't Try Morphological Analysis in the Privacy of Your Own Lexicon*. In: Dimitriadis, A.; Siegel, L.; Surek-Clark, C.; Williams, A. (eds.). p.201–225. Proceedings of the 21<sup>st</sup> Penn Linguistics Colloquium. Philadelphia: UPenn Working Papers in Linguistics, 1997.
- MARIT, J. **Syntactic Heads and Word Formation**. Oxford Studies in Comparative Syntax. Oxford University Press, 2002.
- MATEU, J. *Conflation and incorporation processes in resultative constructions*. V. Demonte & L. McNally (eds.). In: **Telicity, Change, and State: A Cross-Categorical View of Event Structure**. Oxford: Oxford University Press, to appear.
- MATUSHANSKY, O. *On the internal structure of case in finno-ugric small clauses*. **Finno-Ugric Languages and Linguistics** Vol. 1. No. 1-2, p.3-43, 2012.
- MAY, R. **Logical form**. Cambridge, MA: MIT Press, 1985.
- MORO, A. **Dynamic Antisymmetry**. (Linguistic Inquiry Monograph, 38). Cambridge, MA: MIT Press, 2000.
- MULDER, R. **The Aspectual Nature of Syntactic Complementation**. Unpublished doctoral dissertation, University of Leiden/HIL, 1992.
- MÜLLER, S. **Complex Predicates: Verbal Complexes, Resultative Constructions, and Particle Verbs in German**. Stanford: CSLI Publications, 2002.
- NAPOLI, D. *Secondary resultative predicates in Italian*. **Journal of Linguistics** 28, p.53–901, 1992.
- NEELEMAN, A. **Complex Predicates**. Unpublished doctoral dissertation, University of Utrecht, 1994.
- NEELEMAN, A.; Van de KOOT, H. *Bare resultatives*. **Journal of Comparative Germanic Linguistics** 6: 1, p.1-52, 2002.
- NUNES, J. **The copy theory of movement and linearization of chains in the minimalist program**. Doctoral dissertation. University of Maryland, 1995.
- NUNES, J. *Linearization of chains and phonetic realization of chain links*. In: Samuel David Epstein and Norbert Hornstein (eds.). **Working Minimalism**. Cambridge, MA: MIT Press, 217–249, 1999.
- NUNES, J. *Sideward movement*. **Linguistic Inquiry** 31(2), p. 303–344, 2001.
- NUNES, J. **Linearization of Chains and Sideward Movement**. Cambridge: MIT Press, 2004.

- 
- NUNES, J.; URIAGEREKA, J. *Cyclicity and extraction domains*. **Syntax** 3, p. 20–43, 2000.
- PARSONS, T. **Events in the semantics of English**. Cambridge, MA: MIT Press, 1990.
- PARTEE, B.; TER MEULEN, A.; WALL, R. **Mathematical Methods in Linguistics**. Dordrecht: Kluwer, 1993.
- PESETSKY, D. **Zero Syntax, vol. 2: Infinitives**. Unpublished manuscript, MIT, 1991.
- PESETSKY, D. **Zero Syntax**. Cambridge, Mass: MIT Press, 1995.
- PULLUM, G. K. *Formal linguistics meets the Boojumn*. **Natural language & Linguistic theory**, v. 7 (1), p. 137-143, 1989.
- RAPOSO, E. P. **Teoria da gramática: a faculdade da linguagem**. Lisboa: Caminho, 1992.
- RIZZI, L. *Null objects in Italian and the theory of pro*. **Linguistic Inquiry** 17, p. 501–557, 1986.
- RIZZI, L. **Relativized Minimality**. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1990.
- ROBERTS, I. *Excorporation and minimalily*. **Linguistic Inquiry** 22, p. 209-218, 1991.
- RODRIGUES, C. **Impoverished Morphology and A-movement out of Case Domains**. PhD dissertation, University of Maryland, 2004a.
- RODRIGUES, C. *Thematic Chains*. **DELTA**. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada (Online), v. 20, p. 122-147, 2004b.
- RODRIGUES, C. *Possessor Raising through Thematic Positions*. In: Horsnteins, N.; Polinsky, M.. (Org.). **Control as Movement**. p. 119-146. John Bejamins: Amsterdam, 2010.
- ROSS, J. R. **Constraints on Variables in Syntax**. Ph.D. thesis. Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, MA: 1967.
- ROTHSTEIN, S. **The Syntactic Forms of Predication**. Doctoral dissertation, MIT, 1983.
- ROTHSTEIN, S. *Predicates and Their Subjects*. **Studies in Linguistics and Philosophy** 74. Dordrecht: Kluwer, 2001.
- ROTHSTEIN, S. **Structuring events: A study in the semantics of lexical aspect**. Blackwell, Oxford, 2004.
- ROTHSTEIN, S. *Two puzzles for a theory of lexical aspect: the case of semelfactives and degree adverbials*. In: DÖLLING, J.; HEYDE-ZYBATOWAND, T.; SHAEFER, M. (eds.) **Event Structures in Linguistic Form and Interpretation**. p. 175-198. Berlin: Mouton de Gruyter, 2008.

- 
- SCHEIN, B. *Small clauses and predication*. In: CARDINALETTI, A.; GUASTI, M. T. (Ed.). **Syntax and Semantics**. London & New York: Academic Press, p. 49–76, 1995.
- SELLS, P. *Composing Resultatives in Japanese and Korean*. Presented at Cuny, The Graduate Center, Linguistics Colloquium, October, 2012.
- SHIM, J. Y; DIKKEN, M. Den. *The Tense of Resultatives: The Case of Korean* (presented at NELS38 and JK17, 2007). In: **Proceedings of NELS 38**. Amherst: GLSA, 2008.
- SIMPSON, J. **Finnish essive and translative**. Unpublished manuscript, MIT, Cambridge, Mass, 1981.
- SIMPSON, J. *Resultatives*. In: L. Levin, M. Rappaport and A. Zaenen (eds.), **Papers in Lexical-Functional Grammar**, 143–157. Bloomington, In: Indiana University Linguistics Club, 1983.
- SNYDER, W. *On the nature of syntactic variation: evidence from complex predicates and complex word-formation*. **Language 77**, 324-342, 2001.
- SPENCER, A. **Morphological Theory**. Oxford: Blackwell, 1993.
- STEINBACH, M. **Middles in German**. Doctoral Dissertation, Humboldt University, 1998.
- STOWELL, T. **Origins of phrase structure**. Unpublished doctoral dissertation — MIT, 1981.
- STOWELL, T. *Subject across categories*. **The Linguistic Review**, v. 2, p. 285–312, 1983.
- STOWELL, T. *Small clause restructuring*. In: FREIDIN, R. (Ed.). **Principle and parameters in comparative grammar**. p.182–218. Cambridge: MIT Press, 1991.
- STOWELL, T. *Remarks on clause structure*. In: CARDINALETTI, A.; GUASTI, M. T. (Ed.) **Syntax and Semantics**, v. 28, p. 271–286, 1995.
- SYBESMA, R. **The Mandarin VP**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1999.
- SZABOLCSI, A. *Strong vs. Weak Islands*. In: EVERAERT, M.; VAN RIEMSDIJK, H. (eds.), **The Blackwell Companion to Syntax**, Volume IV:479–531. Oxford: Blackwell, 2006.
- TAKEZAWA, K. *Secondary Predication and Locative/Goal Phrases*. In: **Japanese Syntax in Comparative Grammar**. Nobuko Hasegawa (ed.), p.45-77. Tokyo: Kurosio, 1993.

- 
- TRAUTWEIN, M. M. **Dependências morfossintáticas entre núcleos verbais em sequência e a dupla realização do sujeito: auxiliares como verbos de controle.** Dissertação de Mestrado – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.
- TRUSWELL, R. **Events, Islands, and Cyclicity.** Syntaxlab, Cambridge, 2007a.
- TRUSWELL, R. *Extraction from Adjuncts and the Structure of Events.* **Lingua**, 117, p.1355-77, 2007b.
- WASHIO, R. *Resultatives, Compositionality and Language Variation.* **Journal of East Asian Linguistics**, Volume 6, Number 1, p. 1-49, 1997.
- WILLIAMS, E. *Predication.* **Linguistic Inquiry** 11, p.203–238, 1980.
- WYNGAERD, G. Vanden. *Raising-to-Object in English and Dutch.* **Dutch Working Papers in English Language and Linguistics** 14, 1989.
- VENDLER, Z. **Linguistics in philosophy.** Ithaca, NY: Cornell University Press, 1967.
- ZELLER, J. *How Syntax Restricts the Lexicon: Particle Verbs and Internal Arguments.* **Linguistische Berichte** 188, 459–492, 2001.
- ZWART, J. W. *Nonargument Middles in Dutch.* **Groninger Arbeiten zur germanistischen Linguistik** 42, p.109–128, 1998.